



A. ERY...

ANTROPOLOGI

AP

Armando Piovesan
São Paulo, 31/3/60

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE HIGIENE E SAÚDE PÚBLICA
CADEIRA DE TÉCNICA DE SAÚDE PÚBLICA

A N T R O P O L O G I A

Dr. Armando Piovesan
Assistente
1959

ÍNDICE

	<u>Página</u>
ANTROPOLOGIA	1 - 6
ANTROPOLOGIA FÍSICA	7 - 30
O homem como animal	7 - 10 -
Evolução humana	10 - 18
Raças humanas	19 - 25 -
Eugenia	26 - 30 -
ANTROPOLOGIA CULTURAL	31 - 175
<u>Considerações gerais sôbre a cultura</u>	31 - 46
Conceitos de cultura	31 - 33 -
Diversidade do comportamento humano	33 - 35
A cultura não é transmitida pela herança	35
Importância da cultura na determinação do comporta- mento emocional, na percepção sensorial e na memó- ria	35 - 39
A cultura tem influência sôbre os instintos	39 - 43
Cultura material e não material	43
Natureza da cultura	43 - 45
Cultura e sub-cultura	45 - 46
<u>Estrutura da cultura</u>	47 - 56
Traço cultural	47 - 48
Complexo cultural	48 - 49
Padrão cultural	49 - 56
Área cultural	56
<u>Relativismo cultural</u>	57 - 66
Valor	60 - 62
Símbolos	62 - 63
Etnocentrismo	65 - 66
<u>Integração cultural</u>	67 - 74
<u>Dinâmica cultural</u>	75 - 89
Causas da mudança cultural	78 - 85
Invenções	81 - 81
Difusão cultural	81 - 85
Aculturação	85 - 86
Evolução cultural	86 - 88
Origem dos elementos culturais	88 - 89
<u>Sociedade e cultura</u>	90 - 110
Sociologia e psicologia animais: estudo comparativo	93 - 106
Sociedades animais	94 - 99
Inteligência e aprendizagem: estudo comparativo entre o homem e o animal	99 - 100
Conceito de inteligência e de ato intelligen- te	100

	<u>Página</u>
Terminologia médica popular	179 - 186
Alguns exemplos	187 - 212
Grupo I	187 - 196
Abusões	187 - 188
Feitiçaria	188 - 189
Medicina caipira	189 - 193
Medicina preventiva	193 - 194
Pingaterapia	194 - 195
Benzeduras	195 - 196
Simpatias	195 - 196
Grupo II	197 - 212
Etiologia	197 - 203
Doenças naturais	197 - 199
Doenças sobrenaturais	199 - 203
Tratamento	203 - 207
Doenças naturais	204
Doenças sobrenaturais	204 - 207
Obstetrícia de folk	207 - 208
Pediatria de folk	209
Morte	209
Saúde	209 - 210
Medicina preventiva	210 - 212
A medicina de folk dificultando o trabalho sani- tário	212 - 214
Valor da medicina de folk	214 - 217
Profissionais da medicina de folk	217 - 228
Profissionais da medicina de folk, do ponto de vista lega	218 - 221
Exercício ilegal da medicina	218
Charlatanismo	218 - 219
Curandeirismo	219 - 221
Os mais importantes profissionais da medici- na de folk brasileira	221 - 228
Curandeiros	221 - 225
Farmacêuticos-curandeiros	225 - 227
Curiosas	227 - 228

	<u>Páginas</u>
<u>Antropologia aplicada à saúde pública</u>	229
▲ saúde pública como atividade social	229 - 238
Influência da cultura sobre o comportamento do indivíduo face à saúde e à doença	238 - 243
Algumas dificuldades de natureza social encontradas na execução de programas sanitários	244 - 258
1. Falta de tato e diplomacia	244 - 246
2. Perda de tempo	245
3. Desconhecimento da medicina de folk	246
4. Desprêzo pela medicina de folk	247 - 250
5. Conflito medicina científica x medicina de folk	250 - 253
6. Medicina preventiva e medicina curativa	253 - 254
7. O problema da comunicação	254 - 255
8. Conflitos de padrões culturais	255 - 258
Orientação antropológica para o trabalho de saúde pública.....	258 - 276
1. Os conceitos antropológicos são aplicáveis na prática sanitária	259 - 260
2. Os nomes dados às coisas têm pequeno valor	260 - 261
3. O sanitarista é um agente de mudança cultural.....	262
4. Direito à cultura	262 - 263
5. O conhecimento deve preceder a ação	263 - 265
6. Como entrar com novas idéias	265 - 267
7. Como atrair e manter o interesse popular	267 - 268
8. Que fazer com a medicina de folk?	268 - 273
9. Alguns aspectos educativos	273 - 275
Utilização da antropologia cultural no campo da saúde pública	276 - 287
1. A antropologia e o administrador de saúde pública	276 - 279
2. Funções do antropólogo no campo da saúde pública	279 - 287
a. Considerações gerais sobre o trabalho do antropólogo	279 - 280
b. Investigação antropológica em saúde pública	280 - 286
(1) Quanto à natureza da investigação	281
(2) Quanto ao objeto de estudo	281 - 282
(3) Quanto à faseologia do programa de saúde pública	283 - 286
c. O antropólogo como assessor.....	286
d. Adestramento do pessoal	286 - 287
3. Considerações finais	287
REFERENCIAS	288 - 291

A N T R O P O L O G I A

Aulas proferidas pelo Dr. Armando Piovesan, Assistente da Cadeira de Técnica de Saúde Pública, nos Cursos da Faculdade de Higiene e Saúde Pública, em 1.959.

A Antropologia, em seu sentido etimológico, significa "ciência do homem" ou "estudo do homem".

Este conceito, por ser muito amplo, é pouco preciso, nada informando sobre o campo ou campos específicos de estudo da Antropologia. Entretanto, éle se justifica, em parte, pelo fato da Antropologia ser a ciência que estuda o homem sob uma grande multiplicidade de aspectos.

Outra característica distintiva da Antropologia, é ela se ocupar do estudo do homem, tanto do ponto de vista biológico como social. Naturalmente, outras ciências, sociais e biológicas, também estudam o homem, porém o fazem de ângulos muito restritos. Já, a Antropologia, combina em uma só disciplina essa dupla abordagem, centrando seus problemas no homem, como membro do reino animal, e no homem, como membro de uma sociedade; não apenas estuda todos os homens sobre a terra, como também os vê sob perspectiva histórica, indagando a origem do organismo humano e sua evolução até a forma e estrutura atuais, e o início e as transformações por que passaram as civilizações até chegarem aos dias atuais.

Uma vez que a Antropologia cuida de tantos e tão variados aspectos do homem, poder-se-ia indagar se ela não incorreria no risco de perder sua unidade, por efeito da variedade de objetivos. Realmente, a Antropologia se preocupa com todos os problemas humanos, seja diretamente ou por meio das outras disciplinas que também estudam o homem, mas integra todos esses conhecimentos através do conceito de cultura. Enquanto o economista, por exemplo, procura ver seu problema como um sistema isolado de idéias e comportamentos, o antropólogo estuda a economia dentro da cultura total, apreciando suas relações com outros aspectos da vida humana.

Relativamente a qualquer outra ciência, a Antropologia adota uma maior objetividade e maior relatividade de ponto de vista, ou seja, considera que os tipos de comportamento que diferem dos nossos não são necessariamente inferiores ou menos lógicos, mas representam soluções alternativas para problemas humanos comuns.

Pelas razões citadas parece ser conveniente que se mantenha o conceito literal da Antropologia como a "ciência do homem", isto é, de disciplina sintetizadora de todos os conhecimentos, sobre o homem.

Ramos da Antropologia- Os dois ramos principais da Antropologia são:

Antropologia física
Antropologia cultural

1- Antropologia física- A Antropologia física estuda o homem como animal, focalizando problemas relativos à sua origem e evolução orgânica, sua posição e relações com outros animais, a natureza e significação das diferenças raciais, as influências recíprocas entre o homem e o ambiente natural, e a eugenia.

2- Antropologia cultural- A Antropologia cultural ocupa-se do estudo da origem das civilizações e suas transformações até os dias presentes. Interessa-se tanto pelas civilizações dos homens primitivos, da Idade da Pedra, como dos habitantes das grandes cidades atuais. As civilizações, modernas ou passadas, são, em última análise, as resultantes dos procedimentos desenvolvidos pelo homem para enfrentar seu meio natural e seu ambiente social.

Comumente, a Antropologia cultural é sub-dividida em 3 ramos:

Arqueologia
Etnologia
Linguística

Cada uma destas ramos cuida de objetos específicos e distintos, tendo, como resultado, desenvolvido metodologias próprias.

(a) Arqueologia- A Arqueologia, também chamada Arqueologia pré-histórica ou pré-história, trata das primitivas civilizações, já desaparecidas, ou de fases passadas das civilizações atuais. Seu estudo cobre um período muito longo, aproximadamente um milhão de anos. Como em geral, não conta com os recursos dos documentos escritos, utiliza-se de restos materiais, tais como de cavernas que serviram de morada, ferramentas e armas de guerra, pinturas, esculturas, ruínas de templos antigos, utensílios diversos etc. Estes achados permitem descrever alguma coisa a respeito das civilizações

antigas, mas a maior parte permanece inacessível ao arqueólogo, como a linguagem, a vida familiar, a organização política e as crenças religiosas.

- (b) Etnologia- A Etnologia começa onde a Arqueologia termina e, entre ambas, não existe uma demarcação nítida. Para o estudo das civilizações passadas conta, geralmente, com a palavra escrita. Estuda todos os povos que habitam a terra, tanto no Ártico, como nos desertos e florestas africanas, nas ilhas do Pacífico Sul, como nos grandes centros urbanos. Entretanto, por vários motivos, o trabalho do antropólogo tem se concentrado no estudo dos chamados povos "primitivos".

A Etnologia mostra que os modos de vida dos diferentes povos variam no espaço e no tempo, sendo que cada um é caracterizado por peculiaridades distintivas.

Quando a Etnologia apenas narra os costumes dos povos, diz-se que ela realiza um trabalho descritivo; toma o nome, então, de Etnografia.

Conhecendo os costumes dos diferentes povos, pode-se perceber suas semelhanças e diferenças, e daí inferir leis ou princípios válidos para todos os grupos humanos; o mesmo objetivo é alcançado quando o estudo se refere à história de cada povo isoladamente, pois neste caso vai-se conhecer o que se manteve inalterado e o que se modificou no tempo, quanto aos modos de vida. Utilizando-se desta dupla abordagem, horizontal ou espacial (comparações entre os povos atuais) e vertical ou temporal (história de cada povo), pode a Etnologia, desenvolver um corpo de doutrinas ou de teorias, o que justifica sua inclusão entre as ciências. Em nosso curso, daremos ênfase ao estudo da Etnologia teórica, que é referida comumente apenas como Etnologia.

- (c) Linguística- A linguística, também chamada lingüística comparada, estuda a linguagem humana, tanto dos homens antigos como dos atuais, dos povos que possuem escrita e daqueles que não a possuem. Está interessada, principalmente, na linguagem em si, na sua origem, desenvolvimento e estrutura, e no papel desempenhado pela linguagem nas sociedades humanas.

Aplicações da Antropologia

Embora já houvesse tentativas antigas de aplicação da antropologia, esta utilização só foi reconhecida após a guerra de 1.914-18.

As primeiras aplicações foram dirigidas para a administração dos povos coloniais; neste sentido, tem sido muito usada pelos franceses, ingleses e holandeses, e, mais recentemente, pelos Estados Unidos e Brasil, no serviço de proteção aos índios. O que se visa nestes casos, com a aplicação da Antropologia, é que a administração dos povos nativos se faça com um mínimo de distúrbios para as suas vidas.

Aos administradores cabe decidir se devem manter a relação dominante - subordinado, naturalmente, preservando o quanto possível seus modos de vida, ou se devem ajudar os povos a desenvolver um status de independência e de igualdade dentro de um mundo moderno e industrializado.

Muito mais recentemente, os antropólogos vêm empregando seus conhecimentos e recursos em uma grande variedade de situações práticas, como na descoberta e remoção das causas de fricção entre patrão e empregado na indústria, na elevação do padrão de vida de povos economicamente sub-desenvolvidos, na melhoria da educação e da saúde.

Tôdas as vêzes que se procura empreender um programa de melhoria dos povos, sob êste ou aquêle aspecto, o responsável pela sua execução deve estar atento para as possíveis consequências colaterais, às vêzes, desastrosas. As sociedades humanas se mantem em estado de equilíbrio, que pode ser rompido por efeito de uma ação extrínseca. Por tal razão, os responsáveis por programas a serem desenvolvidos junto a povos nativos, devem estar consciêntes das responsabilidades que assumem ao procurarem mudar as vidas e o futuro de outros sêres humanos.

Por êsse motivo, nem todos os antropólogos concordam com as intervenções deliberadas nos modos de vida de outros povos. Sustentam mesmo que não há tal direito, pois todos os povos devem ter o privilégio de continuar com seus costumes, sem serem molestados pelos de fora. Do mesmo modo que os povos têm o direito à religião ou à saúde, deveriam ter o direito aos seus modos de vida, ou seja, à sua cultura.

Como se vê, ambos os pontos de vista apresentam argumentos ponderáveis, de um lado a intervenção na cultura alienígena com o fim de melhorar as condições de vida dos povos e, de outro, a não intervenção, em obediência ao "direito à cultura". Deve-se, em cada situação concreta, decidir por uma ou outra atitude, estudadas as possíveis repercussões colaterais de qualquer programa visando alterar, no todo ou em parte, o sistema de vida dos povos. Um exemplo esclarecerá melhor o que foi exposto. Os esquimó matam os velhos, abandonando-os em lugar êrmo, atendendo à crença de que o indivíduo passa para uma outra vida com a fôrça que tinha ao morrer.

-5-

Suponhamos que, movidos por um sentimento religioso ou outro qualquer, conseguíssemos que os esquimó amparassem os velhos, como ocorre com a maioria das sociedades. Em consequência, muitos indivíduos pouco produtivos ou incapazes para o trabalho seja pela idade ou por doença, sobreviveriam; isto poria em risco a sobrevivência de todo o grupo. Sob tais condições, parece claro que não temos o direito de interferir nesse costume esquimó. Contudo, se a par da proteção aos velhos, garantíssemos maior segurança econômica aos esquimó, por exemplo, melhorando-lhes os recursos para a caça aos animais, não haveria o perigo mencionado; neste caso, estaria perfeitamente justificado o aludido programa de amparo ao velho esquimó.

Concluindo, podemos dizer que o papel do antropólogo deve ser o de auxiliar os povos a se ajustarem a um mundo industrial, respeitando o quanto possível as respectivas culturas.

Relativamente à Antropologia aplicada aos programas de saúde pública teremos oportunidade de dedicar maior atenção a este assunto mais adiante. Por ora, diremos que a utilização dos recursos antropológicos pela saúde pública ganhou impulso e ampla repercussão somente após o término da segunda guerra mundial.

O antropólogo pode participar dos programas de saúde pública desde o seu planejamento ou apenas durante a fase de execução. Neste último caso, o antropólogo exerce um papel chamado "corretivo", pois só é solicitado para reatar ou melhorar as relações cliente-centro de saúde, perturbadas por qualquer motivo. Um exemplo: O INCAP (Instituto de Nutrição da América Central e Panamá), em 1.949, iniciou vários estudos experimentais sobre nutrição em 5 localidades indígenas da Guatemala, consistindo os projetos na administração diária de cápsulas às crianças e, em certas comunidades, de uma refeição ligeira; além disso, as crianças eram submetidas a exame médico periódico, com determinação do peso e altura, e tomada de amostras de sangue. Em uma das localidades, a população reagiu desfavoravelmente a esse programa, fundamentada principalmente nas seguintes crenças ou atitudes: (1) a administração de alimentos às crianças constituía um insulto, visto significar que a família não podia proporcionar-lhes a alimentação necessária; (2) as crianças eram engordadas para serem comidas nos Estados Unidos, pois acreditavam que os norte-americanos eram canibais; (3) o exame de sangue era feito para determinar se as crianças estavam suficientemente fortes para serem comidas, já que pelo sangue seria possível se conhecer essa condição do organismo.

-6-

Para que o programa pudesse prosseguir, foi necessário pedir a colaboração de um antropólogo, o qual, depois da investigação que empreendeu, descobriu as causas acima referidas. É preciso notar que os verdadeiros motivos não foram revelados ao pessoal do INCAP, o que freqüentemente acontece em situações similares, êstes só notaram a "recusa" da população em colaborar com o programa. Reconhecidas as razões, foi possível prestar os esclarecimentos à população, os quais, no caso presente, consistiram principalmente em desligar o programa da fantasia "canibalista"; com isto, a equipe sanitária pôde prosseguir seus trabalhos.

Além do trabalho "corretivo", o antropólogo pode colaborar com os programas sanitários desde o início, isto é, desde seu planejamento, realizando estudos prévios da população; nestas condições seu trabalho será muito mais eficiente. Pode, também, treinar o pessoal da equipe nos conceitos e técnicas principais da Antropologia e, em especial, transmitir-lhes conhecimentos sobre a cultura local, se fôr necessário; ainda mais, pode acompanhar a execução dos projetos.

Mesmo reconhecendo-se a valiosa colaboração do antropólogo às atividades sanitárias, não se conclua daí que êle deva integrar toda e qualquer equipe sanitária; esta afirmação se deve às seguintes principais razões :

- (1) Acarreta aumento da despesa;
- (2) A pesquisa antropológica é demorada;
- (3) A Antropologia é ciência nova e não possui esquemas gerais e infalíveis para modificar o comportamento humano;
- (4) O antropólogo está sujeito ao erro, como qualquer outro profissional;
- (5) Os antropólogos geralmente se especializam em determinado campo ou com culturas de determinadas regiões; será preferível contar, então, com o concurso daqueles com experiência em saúde pública e com as culturas locais.

Em resumo, podemos dizer que é realmente bastante útil a colaboração da Antropologia à saúde pública, mas o emprêgo do antropólogo nos projetos deve ser feita com discernimento das vantagens e desvantagens de sua utilização, face à maior ou menor necessidade que se tem dêsse profissional. A indicação do antropólogo estará tanto mais justificada quanto maior a magnitude do programa e mais marcantes as diferenças entre a cultura da população e a da equipe sanitária.

Antropologia física

A Antropologia física estuda os aspectos biológicos do homem. Neste campo examinaremos as seguintes questões:

- O homem como animal
- Evolução humana
- Raças humanas
- Eugenia

1- O homem como animal

Todos os homens atuais, compreendendo mais de dois bilhões e seiscentos milhões de indivíduos, pertencem a uma só espécie: Homo sapiens. Esta espécie, apesar de ter desenvolvido uma cultura, o que a torna ímpar entre os organismos vivos, não deixa de ser um espécime animal e nem se liberta das leis biológicas.

A prova fundamental de que todos os seres humanos atuais pertencem a uma só espécie está no fato de darem, pelo cruzamento, produtos férteis.

Apesar das diferenças físicas entre os homens, seus organismos obedecem a um plano estrutural comum a um grande número de animais; assim, são eles organizados em sistemas, estes em órgãos, os órgãos em tecidos e estes constituídos de unidades chamadas células. Além das semelhanças anatômicas, atestam a condição animal do homem, o funcionamento de seus órgãos, a sua morfologia embriológica, as reações sorológicas, os tipos sanguíneos, os espécimes fósseis ancestrais do homem etc.

Se observarmos os animais, verificaremos que há espécies que são bastante diferentes entre si, como uma ave e um leão; outras são muito semelhantes entre si, como o cavalo e o burro. Em ambos os casos estamos distinguindo uma espécie animal da outra pela observação de suas diferenças anatômicas e, do mesmo modo, estamos determinando seus graus de relação pela reconhecimento das semelhanças também anatômicas. Este processo de identificar os animais pelas semelhanças anatômicas, e que nos conduz à classificação zoológica, é o mesmo usado pelos cientistas para igual fim.

O processo utilizado pelos cientistas para estabelecer graus de relação entre espécies diferentes obedece ao mesmo critério que frequentemente usamos para fixar o parentesco entre os homens. Assim, irmãos e irmãs são de parentesco mais íntimo, pois se originam de pais comuns; os primos são parentes mais distantes, tendo ancestrais comuns duas ou mais gerações atrás. Do mesmo modo, a intimidade das relações entre as espécies vai depender da distância

em que se situam, relativamente a ancestrais comuns; naturalmente, quando falamos em parentesco entre espécies, mesmo as mais próximas, o tempo não é medido em anos ou decênios mas em milhares ou milhões de anos. Quanto mais distintas as espécies, mais distante no tempo está o parentesco comum. Falando em termos de Genética, quanto mais próximos os parentes, mais gens em comum eles apresentam.

Com relação ao homem, ele é essencialmente semelhante aos outros animais, osso por osso, órgão por órgão. Essas semelhanças se tornam mais numerosas com os chimpanzés e gorilas.

Os seres vivos, inclusive o homem, são relacionados entre si, e daí classificados, com base na forma e estrutura de seus organismos.

Quando se fala em comparações de forma e estrutura, torna-se necessário distinguir entre homologias e analogias.

As homologias são semelhanças estruturais e são devidas a gens comuns. Quanto mais íntimas forem as homologias entre duas espécies, maior afinidade elas apresentam e mais próximas se encontram do ancestral comum. Mostram homologias essencialmente completas o cão e o lobo, o cavalo e o burro, o boi e o búfalo. São bastante numerosas as homologias entre o homem e o gorila e chimpanzé. Para espécies muito distanciadas, como elefante e baleia, as semelhanças se referem apenas aos padrões básicos mas diferem profundamente nos detalhes. A classificação dos seres vivos é feita de acordo com as homologias.

As analogias são semelhanças de função e não indicam relação ou parentesco entre os animais. As estruturas análogas são produzidas por gens completamente diferentes e indicam apenas uma relação de adaptação a exigências similares do meio. O morcego e as aves têm em comum o fato de voarem; no entanto, as aves voam com asas e os morcegos com membranas, as primeiras correspondem apenas aos membros anteriores, enquanto as dos morcegos incluem os membros anteriores e posteriores.

Classificação dos animais- O estudo das semelhanças e diferenças estruturais e de forma, exibidas pelos animais, vai possibilitar dispô-los em certa ordem, a classificá-los.

Examinando os animais; constatamos que eles se apresentam em grupos de indivíduo com semelhanças morfológicas, fisiológicas e embriológicas muito acentuadas, reproduzem-se entre si e dão descendência fértil; estes indivíduos compreendem uma espécie.

Um conjunto de espécies afins chama-se gênero. Os gêneros, por sua vez, são agrupados em famílias, estas em ordens, as ordens em classes etc. A medida que se progride nesta ordem, as espécies de cada grupo tendem a ser cada vez mais diferentes.

Sabe-se que existe mais de um milhão de espécies diferentes de seres vivos, os quais são divididos em dois grandes reinos, animal e vegetal; estes são subdivididos em "phyla", classes, ordens, famílias, gêneros e espécies, podendo haver categorias intermediárias entre as enumeradas.

Se considerarmos a classificação do ponto de vista da evolução, concluiremos que os seres vivos atuais são o produto final de várias linhas evolutivas, e que os organismos mais semelhantes têm uma origem comum mais recente, isto é, são "parentes" mais próximos. Se hoje podemos dividir as espécies existentes em grupos bem definidos, isto se deve em parte ao fato dos seres intermediários terem desaparecido. Se todas as espécies que já existiram ainda estivessem vivas atualmente, não teríamos grupos bem definidos de animais e vegetais, mas sim uma série contínua de formas intermediárias ligando os vários tipos de seres, apenas com diferenças muito pequenas.

O homem e seus "parentes" mais próximos, os "apes", são animais vertebrados colocados na classe dos mamíferos, ordem dos primatas, sub-ordem Anthropeidea, grupo dos Catarríneos, ou macacos do Velho Mundo.

Os Catarríneos apresentam 3 famílias, duas das quais são: Simiidae e Hominidae. Fazem parte da família Simiidae, o gibão, orangotango, chimpanzé e gorila. A família Hominidae inclui um só gênero - *Homo* - e uma só espécie - *Homo sapiens* -.

Dos Simiidae, também conhecidos como apes, termo inglês que não tem correspondente em português, dois habitam a África - chimpanzé - e gorila - e dois a Ásia - gibão e orangotango - São todos muito semelhantes ao homem em estrutura e fisiologia principalmente os chimpanzés e gorilas, sendo que os registros fósseis mostram que nossos próprios ancestrais convergem com os deles à medida que retrocedemos no tempo. Isto, entretanto, não significa que o homem descenda de qualquer dos apes existentes, pois os apes fósseis eram muito mais avançados na direção do homem que qualquer dos apes modernos. Em outras palavras, os apes atuais e os homens devem ter tido a mesma origem remota, porém, hoje, podem ser considerados produtos terminais de linhas divergentes de evolução; os apes atuais são nossos parentes próximos, mas não nossos ascendentes.

Entre homem e apes há grande semelhança estrutural, pois possuem mais ou menos o mesmo número de ossos e a disposição e formato destes são semelhantes. Diversas outras característ.

-10-

cas indicam a íntima relação existente entre ambos. Assim, os apes possuem os grupos sanguíneos encontrados entre os homens, sofrem das mesmas doenças, podem procriar em qualquer tempo, são capazes de expressar várias emoções por movimentos faciais, apresentam visão diurna, às côres e estereoscópica. Além das citadas, muitas outras semelhanças existem.

Contudo, o homem não é um ape e isto se deve, não tanto às diferenças estruturais qualitativas, que são muito pequenas, mas principalmente às diferenças de grau. Dentre essas, três assumem particular importância: postura ereta, oposição do dedo polegar em relação aos outros dedos e desenvolvimento do cérebro.

Enquanto a capacidade do cérebro humano é a maior, em média 1.540 cm³, o gorila tem 510 cm³, o chimpanzé 400 cm³, o orangotango 395 cm³ e o gibão 128 cm³. É característica geral o aumento progressivo do cérebro à medida que passamos dos mamíferos inferiores aos superiores.

Essas e outras diferenças entre homens e apes são suficientes para justificar o reconhecimento de uma família separada para o homem, a família Hominidae.

2- Evolução humana

A evolução humana, sendo um capítulo da evolução dos seres vivos em geral, obedece aos mesmos princípios que presidiram e presidem a ocorrência desta.

A evolução pode ser conceituada como fato e como teoria.

Evolução como fato compreende as modificações que ocorreram nos organismos vivos, plantas ou animais, desde seu aparecimento até as estruturas atuais.

Do ponto de vista doutrinário, a evolução é uma construção teórica que tem por fim explicar a origem e a natureza das modificações operadas nos seres vivos.

A Antropologia física estuda, como evolução, apenas a relativa ao Homo Sapiens.

As ideias sobre a evolução humana são antigas, mas foi somente com Charles Darwin, em 1.859, com a "Origem das Espécies", que foram postas em termos cientificamente aceitáveis. A teoria de Darwin causou grande controvérsia quando foi enunciada, porque admitiu que os seres vivos não foram criados abruptamente, ao mesmo tempo e nas formas atuais, mas se desenvolveram etapa por etapa, em períodos muito longos, a partir de outros tipos mais simples; relativamente ao homem, ele teria se desenvolvido a partir de formas inferiores de animais.

Embora não tratando separadamente como assuntos distintos, a "A Origem das Espécies" cuida de dois aspectos:

- (1) Prova o fato da evolução, isto é, afirma que a evolução realmente ocorreu, no sentido de que animais e plantas tiveram origem comum, diferenciando-se paulatinamente de seus ancestrais. Este ponto de vista dinâmico, aceito até hoje, substituiu o então prevalente, da imutabilidade das espécies.
- (2) Apresenta uma teoria sobre a evolução, cujo ponto central é a seleção natural. Para formular sua teoria da seleção natural, Darwin se apoiou em dois conceitos:
 - (a) nos efeitos da seleção artificial das variações que ocorriam entre animais domésticos e plantas cultivadas;
 - (b) no conceito derivado de Malthus, da competição em um mundo superpovoado.

Para Darwin assim se processaria a evolução orgânica: Os indivíduos são diferentes entre si, alguns mais adaptados que outros para serem bem sucedidos na luta pela vida. Como os recursos alimentares crescem em ritmo inferior ao aumento da população de cada espécie, haveria a seleção natural dos indivíduos por efeito da competição que se processaria entre eles. Nessa luta sucumbiriam os menos aptos. Os sobreviventes, que são os mais aptos, transmitiriam suas características à progênie e, assim, cada nova geração estaria melhor adaptada ao meio. Através de modificações da mesma espécie, porém em sentidos diversos, surgiriam indivíduos de espécies diferentes da de seus ancestrais, ocorrendo, então a formação, de novas espécies, o que é conhecido como especiação. Este processo de seleção seria análogo ao usado pelos jardineiros, horticultores e criadores de gado, para intensificação artificial de certas qualidades desejadas.

São objeções principais à teoria darwinista:

- (a) Não explica a origem das variações. Para Darwin, a evolução seria um processo de mudança contínua. Em abôno de Darwin é justo que se assinala que a descoberta dos princípios de genética tiveram divulgação só em 1.900, embora date de 1.866 a publicação dos trabalhos de Mendel. Hoje as variações são explicadas pelas mutações, as quais emprestam à evolução característica de processo brusco e descontínuo, ao invés de lento e contínuo.
- (b) A luta entre indivíduo da mesma espécie raramente é observada, havendo, pelo contrário, solidariedade e mútuo apoio.
- (c) Poucas são as variações que redundam em vantagem para o indivíduo.

Assim, a teoria darwinista se ressent de falhas decorrentes do desconhecimento dos princípios de Genética. Além disso, Darwin

aceitou a teoria de Lamarck para explicar as mudanças evolutivas que tinha dificuldade em atribuir à seleção natural. Segundo Lamarck, os caracteres adquiridos são transmitidos aos descendentes ou, em outras palavras, o meio produz variações herdáveis que adaptam o organismo às condições particulares de cada meio. Essa teoria está hoje abandonada, pois que sabemos não serem herdáveis os caracteres adquiridos; o meio pode alterar muito as qualidades dos indivíduos, porém, são afetados apenas os tecidos somáticos do corpo e nunca as células germinativas.

A teoria darwinista, escoimada de seus erros pela contribuição da Genética moderna, se sucedeu o neo-darwinismo, cujas explicações sobre a evolução dos seres vivos é hoje aceita.

Neo-darwinismo- Segundo a compreensão atual da teoria da evolução, os dois processos básicos são a seleção e a mutação, sendo causas contributórias as modificações do meio e a segregação.

Sob condições naturais, os seres vivos estão sujeitos a um processo de seleção - seleção natural -, pelo qual os que apresentam maior capacidade de viver e de se reproduzir nas condições de seu ambiente, são preservados para perpetuar a espécie, geração por geração; este processo é a resultante inevitável da tendência de cada espécie se multiplicar a uma taxa que excede a capacidade do meio.

A luta pela vida que se estabelece, raramente tem características de combate; antes de uma luta, trata-se de competição para as necessidades vitais, principalmente de alimento. Assim sendo, o agente selecionador dos seres vivos é o meio natural de cada espécie, e a principal condição para a seleção é a capacidade de sobreviver e se reproduzir em competição com outros seres que procuram se utilizar do mesmo meio.

De tempos em tempos e de modo imprevisível, surge uma mutação. Por mutação entende-se a mudança que ocorre nos gens, em consequência da qual surge um novo fator hereditário; a mutação é o único processo que quebra a imutabilidade dos gens, mas o gen mutante goza da mesma estabilidade do que lhe deu origem.

As mutações ocorrem espontaneamente e são absolutamente imprevisíveis, não apenas quanto à época do aparecimento, como também, quanto ao gen que sofrerá essa mudança; do mesmo modo, não se sabe em que sentido e em que grau se dará essa alteração.

-13-

Pouco se sabe a respeito da causa das mutações. Observou-se, no entanto, que seu aparecimento pode ser acelerado pela exposição dos organismos a certas radiações, como dos raios X, radium, bomba atômica e de hidrogênio, ou ao tratamento com certos agentes químicos, como a mostarda nitrogenada, ou ainda, com o aumento da temperatura.

O fenômeno da mutação é o responsável pela evolução dos seres vivos e pelo aumento do número de suas variedades.

Excetuando a influência das radiações e outras, o meio não exerce nenhuma interferência nas mutações, a não ser no sentido de permitir ao indivíduo se desenvolver na nova direção ou, então, de eliminá-lo, por lhe ser prejudicial. Por exemplo, uma criança que apresente uma mutação que a torna mais suscetível a determinada doença comum em seu ambiente, terá menor oportunidade de alcançar a maturidade e propagar o novo traço hereditário. Outros exemplos, agora no sentido favorável, são os relativos aos germes e insetos que se tornaram resistentes a antibióticos e inseticidas, respectivamente.

De modo geral, as mutações que oferecem maior vantagem ao seu possuidor, têm maior probabilidade de serem incorporadas à constituição genética da espécie. Contudo, nem todas as mutações que aparecem são fixadas pela espécie, pois há as que são letais e as que desaparecerem por acaso, por serem muito acentuadas ou por não oferecerem vantagem ao seu possuidor.

Pela ação da mutação e da seleção natural novas espécies têm surgido, com ou sem o desaparecimento das formas que lhes deram origem. A resultante final é o aumento progressivo do número de espécies e a diversificação cada vez mais profunda destas; assim de um ancestral comum, aparecem, sucessivamente, espécies diferentes, gêneros diferentes etc.

A par da ação seletiva do meio e das mutações contribuem também, para que se efetive a evolução, o fator segregação e as modificações operadas no meio.

Se o meio fôsse estável, cada ser vivo alcançaria, pela seleção natural e, ao cabo de muitas gerações, a melhor adaptação que sua constituição genética o permitisse. Entretanto, mesmo os ambientes considerados estáveis experimentam modificações, às vezes bastante profundas, como as quatro glaciações sofridas por vasta região do hemisfério setentrional desde há um milhão de anos. Em consequência das modificações do meio, algumas espécies tendem a desaparecer e outras a diminuir ou aumentar de número.

Quando o meio oferece condições adversas a uma espécie, ela pode se extinguir ou se rarefazer, permanecendo vivos apenas alguns núcleos isolados. Este isolamento, ou segregação, é muito importante para dar origem a novas espécies, pois não havendo o cruzamento durante muitas gerações entre núcleos segregados, as mutações de um grupo não podem se propagar a outros. Assim, continua e gradualmente, esses grupos vão se tornando muito diferentes, até resultarem em espécies diferentes.

Em suma, a seleção natural, com seus concomitantes mutação, mudança do meio e segregação, agindo através do tempo, determinou a ocorrência deste processo interminável de diversificação a extinção; por ele, as espécies têm aumentado progressivamente de número e têm se diferenciado constantemente, sendo o homem atual uma de suas resultantes finais.

Reconstituição da linha da evolução humana

A teoria evolucionista é hoje aceita pela imensa maioria dos cientistas, porque se fundamenta em sólidos princípios. Essa teoria pode ser demonstrada experimentalmente mas, com maior grau de certeza, pode ser comprovada pelos achados paleontológicos.

A Paleontologia dirige sua atenção particularmente para o estudo dos remanescentes esqueléticos; ela vai nos exhibir restos fósseis de formas preexistentes de vida, dentre as quais hominídeos ou pré-hominídeos.

Na base dos achados fósseis, das concepções doutrinárias e com um pouco de imaginação, podemos reconstituir a linha de evolução geral, com maior ou menor precisão. Contudo, a reconstituição da linha evolutiva humana está mal esboçada, pois os espécimes fósseis até agora encontrados estão longe de representar a totalidade dos que devem ter existido e, ainda mais, muitos são incompletos, o que dá margem a controvérsias de interpretação e abre tremendos intervalos na linhagem evolutiva que se pretende reconstituir.

A pesquisa de fósseis é muito morosa e incerta, sendo possível que muitos estejam definitivamente perdidos, já que a fossilização requer condições muito especiais.

Entretanto, mesmo à base dos fragmentários achados paleontológicos, é possível reconhecer-se a origem comum do homem e dos outros antropóides, e as sucessivas transformações por que passaram os remanescentes esqueléticos em direção humana.

Deixando de lado uma discussão sôbre a origem da vida e a evolução dos seres vivos em geral, nos ocuparemos apenas da origem próxima do homem.

Costuma-se atribuir ao Mioceno (período que data de 19 a 7 milhões de anos), a época provável de separação, a partir de ancestral comum, de duas linhas evolutivas, uma conduzindo ao homem e outra ao chimpanzé e gorila. Os primeiros espécimes que tomaram a orientação humana, certamente não eram hominídeos, mas sim apes.

Embora não possuamos, até agora, fósseis pliocênicos para indicar o desenvolvimento e a orientação da evolução humana, presume-se que no período Plioceno, que data de 7 a 1 milhão de anos, existiram os primeiros hominídeos, embora pouco numerosos.

No período seguinte, Pleistoceno (de 1 milhão a 20.000 anos atrás), já é bastante extensa a documentação fóssil, por ela evidenciando-se que na primeira metade desse período, diferentes espécies de homens existiram. Alguns destes persistiram, com pequenas modificações, até o fim do Pleistoceno, sendo os Neandertais (Homo neandertalensis) os últimos sobreviventes e que, provavelmente, teriam sido exterminados pelo Homo sapiens.

Na reconstituição da evolução humana, a tendência atual é não se reconhecer que ela tenha obedecido a um fator direcional ortogenético, como quer Weindenreich, segundo o qual, os espécimes fósseis são colocados todos ao longo de uma só linha evolutiva. Ao contrário, a interpretação mais aceita é a de que a evolução humana obedeceu às mesmas normas da evolução geral, isto é, de que a disseminação da espécie, seguida de segregação, conduziu à diferenciação de várias espécies e raças de homens. A maioria das espécies humanas desapareceu, persistindo duas linhas apenas. A mais conservadora foi representada pelo Homem de Neandertal e a mais progressiva pelo Homo Sapiens. Prevaleceu esta última, tendo os Neandertais desaparecido. Em outras palavras, seguindo, o ponto de vista mais aceito, diremos que os fósseis colocados na linha direta da evolução que conduziu ao homem atual, coexistiram com vários outros hominídeos que foram por eles exterminados e que devem ser encarados como seus colaterais.

Parece certo que a espécie Homo Sapiens deve existir há 250.000 anos, sendo que outras espécies de homens existiram antes e algumas estiveram presentes até o fim do Pleistoceno.

Enquanto se considera a Ásia como o lugar mais provável de origem dos hominídeos, há tendência atual em se reconhecer a África como o berço de desenvolvimento do Homo Sapiens. Não há qualquer indício de idêntica evolução nas Américas, parecendo que quando o homem aqui apareceu, já estava plenamente desenvolvido, devendo ter penetrado no Novo Continente pelo Nordeste da Ásia, entre 10 e 30 mil anos atrás.

Beals e Hoijer apresentam uma tentativa de classificação dos homens fósseis, abaixo reproduzida, com a ressalva de que ela não inclui todas as formas conhecidas:

- 1- Meganthropus palwojavanicus
- 2- Gigantanthropus blacki (possivelmente do mesmo gênero do Meganthropus)
- 3- Pithecanthropus
 - (a) modjokertensis
 - (b) erectus (diversas variedades)
- 4- Sinanthropus pekinensis (possivelmente, do mesmo gênero ou da mesma espécie, do Pithecanthropus)
- 5- Homo
 - (a) soloensis
 - (b) africanthropus
 - (c) rhodesiensis
 - (d) heidelbergensis
 - (e) neanderthalensis (diversas variedades)
 - (f) sapiens:
 - (1) Galley Hill, London, Swanscombe e Fontchevade
 - (2) Cro-Magnon, Grimaldi, Predmost, Brünn, Chancelade
 - (3) Ofnet e outras formas Mesolíticas e Neolíticas
 - (4) Wadjak, Keilor e Talgai
 - (5) Oldoway, Boskop, Springbok e Fish Hoek.

Capacidade craniana- Com base nos estudos feitos dos antepassados dos hominídeos, constata-se que o homem é o membro mais evoluído da série biológica. Entre as várias características que o colocam nessa posição, destaca-se a capacidade craniana como uma das mais distintivas. Alguns valores médios são abaixo registrados.

	<u>cm³</u>
Orangotango	395
Chimpanzé	400
Gorila	510
Pithecanthropus	860
Sinanthropus	1.050
Homo soloensis	1.100
Neandertais	1.400
Cro-Magnon e Afalou	1.660
Homem moderno (europeu)	1.450

*homem atual

De um modo geral, o homem atual apresenta um cérebro mais desenvolvido que suas formas ancestrais e que os apes, fato que confirmaria seu maior nível mental em relação aos demais. Contudo, o Homem Cro-Magnon, Afalou e outras variantes, mostram valores maiores que os dos homens modernos. Isto poderia indicar ter ocorrido, a partir desses ancestrais, redução do volume craniano.;no entanto, apresenta-se uma outra explicação, a de que tais valores apenas traduziriam as médias dos crânios maiores e mais espessos, os quais tiveram maior chance de conservação que os pequenos e delicados.

Futuro da evolução humana- Pode-se afirmar que a evolução humana ainda está ocorrendo, porém assume aspectos diferentes da que já se processou, o que se deve a várias razões :

- 1- As mutações são agora menos frequentes, por serem mais estáveis as condições climáticas, as temperaturas menos elevadas e as radiações menos intensas;
- 2- O cruzamento hoje é muito mais intenso que antigamente, quando os povos viviam em acentuado grau de isolamento; este fato acarreta, para os homens atuais, menor possibilidade de fixação de traços mutantes;
- 3- Hoje o meio físico e social agem muito menos intensamente no processo seletivo. Atualmente, sob esse aspecto, a influência é mais negativa que positiva, pelas seguintes razões:
 - (a) Tem se intensificado a proteção aos indivíduos de menor vigor físico e mental, através do saneamento e dos serviços de assistência médica e social;
 - (b) Até há pouco tempo, a guerra eliminava os mais capazes, os mais perfeitos;
 - (c) As populações de status social, econômico e intelectual mais baixos, tendem a ter mais filhos.

Relativamente às bombas atômicas e de hidrogênio e, na base dos estudos feitos em Nagasaki e Hiroshima, não há por temer efeitos desastrosos ou prejudiciais para o homem, no sentido de produzir indivíduos com graves defeitos hereditários. Provavelmente, seus efeitos se limitarão apenas ao aumento da ocorrência de mutações, podendo estas ser desfavoráveis, como também favoráveis.

A Igreja e a teoria evolucionista- Para os cristãos, o mundo teria sido criado abruptamente há alguns milhares de anos, tendo o homem, desde o início, sua forma atual.

-18-

Há, então, discordância entre a teoria darwinista ou neo-darwinista e a Igreja, que poderia ser sanada, segundo alguns, desde que se entendesse os "dias" da Bíblia, como períodos de duração indefinida.

A Igreja Católica, que reagiu intensamente às idéias de Darwin, logo após estas terem sido divulgadas, classificando-as de "falácia científica", hoje desenvolve uma tendência para admitir ou, pelo menos, de não se opor à teoria evolucionista.

O padre Antonio Charbel, professor de Exegese da Faculdade de Teologia, da Universidade Católica, e do Instituto Pio XI, em entrevista publicada na imprensa de São Paulo, em 1.958, declara:

"De fato, a Igreja não se opõe à doutrina evolucionista, enquanto esta investiga a origem do corpo.

Entretanto, para que a Igreja não se oponha a essa teoria é preciso que se admitam dois pontos essenciais: que Deus tenha criado a matéria - no sentido próprio do termo, ou seja, com origem do nada - e nela tenha infundido princípios vitais que, de acordo com leis também reguladas por Deus, chegassem a promover a atuação de todas as virtualidades inseridas inicialmente na matéria; e que, no momento em que um corpo orgânico, já em alto grau de evolução, estivesse preparado para receber uma última adaptação de seu organismo para ser a sede da alma, Deus tenha criado esta que, de nenhum modo, pode resultar de uma evolução".

Raças humanas

Os homens atuais pertencem todos a uma só espécie - Homo sapiens - embora exibam diferenças no aspecto, na cor e em outros traços físicos. O fato de darmos grande realce às diferenças entre os homens decorre principalmente da nossa familiaridade com os traços humanos; na realidade, traços físicos como cor da pele e dos olhos, textura do cabelo, forma do nariz e outros, são secundários em relação àqueles relativos à estrutura corpórea. Tanto pela estrutura - esquelética, muscular ou visceral - como pelo comportamento fisiológico ou humoral, a semelhança entre os homens é acentuatadamente grande. Se se fizesse entre os outros animais um estudo igualmente intensivo, obedecendo a o mesmo critério, ficaríamos surpreendidos, em alguns casos, ao verificarmos que a distribuição das variações entre os indivíduos da mesma espécie excederia de muito a que se encontra entre os animais. Em abono desta afirmação é suficiente que nos lembremos das discrepâncias acentuadas que ocorrem entre os cães, bois, gatos e galinhas.

Excetuando os casos de gêmeos idênticos, não encontramos dois homens que apresentem idênticos característicos físicos. Contudo, sabemos também que grupos humanos se assemelham entre si com relação a vários traços, e que diferem de outros grupos que lhes são estranhos. Costuma-se referir tais grupos como raças.

Conceito de raça. Numa linguagem popular, é comum emprestar-se interpretações errôneas à expressão raça, que tomada no sentido de definir características corpóreas ou culturais - principalmente referentes à linguagem e à religião-, de nacionalidade ou de localização geográfica, quase sempre tendo por motivo, sentimentos nacionalistas, morais, religiosos e intelectuais, ou simplesmente preconceitos. Ouvimos, frequentemente, referências à raça branca, raça judia, raça latina ou raça irlandesa, assim denominadas, respectivamente, em função da cor da pele, religião, linguagem e localização geográfica.

Tais conceitos não têm nenhuma validade científica.

O único conceito correto de raça é o biológico: "raças são as divisões principais da espécie humana, portadoras de características físicas distintivas, transmitidas hereditariamente."

-2-

Como se vê, essa definição é calcada no genótipo, pois que as características físicas a serem consideradas nas distinções raciais, devem ser transmitidas pela herança. A maioria dos antropólogos físicos concorda com tal definição. Contudo, no momento, não possuímos recursos para conhecer as características genotípicas, exceto as referentes aos grupos sanguíneos; mais difícil, a inda, é o reconhecimento dos gens recessivos, que não se tornam aparentes.

Por isso, embora se concorde em que a classificação racial deva ser fundada com base nas características herdáveis, as que hoje são adotadas se baseiam no fenótipo, o que, naturalmente, padece dos defeitos de seu caráter adaptativo. Sabe-se, também, que as classificações raciais feitas na base dos grupos sanguíneos apresentam uma distribuição absolutamente diversa das que são usadas e consagradas historicamente. Assim, enquanto não se dispuser de maiores recursos para se estabelecer classificações fundamentadas nas características genéticas, o que seria ideal, deve-se a dotar as classificações convencionais dos fenótipos.

Nestas condições, torna-se necessário o conhecimento daqueles fatores, mesológicos e culturais, que podem atuar sobre o homem, modificando-lhe as características físicas que servirão de base classificatória, os quais não deixam, contudo, de ser expressão de fatores genéticos. Em relação aos fatores culturais, citaremos alguns exemplos:

Entre os Tanala, de Madagascar, há dois grupos que diferem acentuadamente na cor da pele, embora semelhantes quanto às outras características físicas e culturais. Há o clã vermelho e o clã preto, o primeiro assim chamado porque sendo pardos claros, o rubor é visível. Se uma criança escura nasce no clã vermelho acredita-se que será feiticeira, ladra, culpada de incesto ou leprosa, e será morta. O mesmo ocorrendo com o outro clã, e os casamentos se efetuando preferivelmente dentro do mesmo clã, todas as variantes socialmente indesejáveis são eliminadas, o que permite a estabilização de cada clã quanto à cor da pele e sua diversificação recíproca.

As práticas culturais podem, ainda, alterar a estrutura do corpo, seja moldando a forma do crânio da criança pela sua colo-

cação em uma fôrma, seja furando o lobo da orelha ou o lábio inferior, ou então, moldando os pés das moças da classe elevada, como ocorria entre os antigos chineses.

Origem das raças. Não sabemos como surgiram as raças atuais e nem quais foram suas modificações subseqüentes. É possível, no entanto, que tenham atuado, nos primeiros tempos, fôrças que conduziam ao isolamento dos povos e, posteriormente, tenha ocorrido o inverso, isto é, a miscigenação. Nas condições primitivas, de segregação, atuaram os processos de mutação e seleção, produzindo a diversificação dos grupos de indivíduos que viviam separados no espaço. Entretanto, pouco a pouco, outro processo entrou em jogo, o da miscigenação, e que vem crescendo até os dias atuais; hoje, pode-se afirmar, não há povos isolados. O cruzamento entre os indivíduos trouxe a mistura dos caracteres hereditários e, conseqüentemente, dos traços físicos. Portanto, falar-se em raça pura é um mito, mesmo para povos que vivem em condições de relativo isolamento.

Crîtérios de classificação racial. Já fizemos referência ao fato de que, embora o critério válido seja o hereditário, o que se emprega até o momento é o baseado nas características fenotípicas.

Os traços físicos que podem diferenciar os homens são, teoricamente, tão numerosos quanto o quisermos. Contudo, um número relativamente pequeno de tais características é utilizado, porque muitas ou sofrem intensamente a influência do ambiente ou não podem ser medidas com exatidão, e daí devem ser desprezadas. Entre os caracteres colocados nessa situação e que, portanto, não devem ser usados, citamos a cor da pele, com base na qual as raças eram antigamente denominadas branca, preta, amarela e vermelha.

Nenhum traço físico é suficiente por si só, pra definir uma raça, porque qualquer um deles se distribui independentemente dos outros aspectos. Assim, por exemplo, enquanto na África ocidental a pele escura é associada com cabelo encarapinhado, na Austrália encontra-se indivíduos de pele escura e cabelos compridos e ondulados; tomando-se a forma da cabeça como base de classificação, colocaremos no mesmo grupo dolicocefalo, tanto os nórdicos

como a maior parte dos negróides. Concluiremos, então, que quanto maior o número de critérios empregados na classificação racial, tanto melhor.

Classificação racial. Não há uniformidade, entre os vários autores, na classificação racial. Além disso, nenhuma das classificações é suficientemente perfeita para incluir todos os grupos humanos, os quais ou ficam à margem da classificação ou recebem a designação de "duvidosos" quanto à sua posição.

No entanto, os antropólogos concordam em que há pelo menos três grandes divisões da espécie humana: raça caucasóide, negroides e mongolóide; podem ser considerados como representativos, respectivamente, o europeu, o negro e o chinês.

Estes grandes grupos são sub-divididos, mas não entraremos nestes detalhes.

Problemas raciais. Como problemas raciais, que seriam melhor chamados problemas étnicos (culturais), compreende-se questões levantadas geralmente em torno de certos aspectos, aos quais se quer emprestar, erradamente, uma significação de diferença racial.

Vários problemas raciais, geralmente apoiados em uma atitude etnocêntrica, têm explicação histórica, pois só foram suscitados quando se processou o contato mais efetivo entre os povos de raças diferentes; despertou-se, então, a consciência de ambos os grupos para as diferenças. Como esses contatos se processaram geralmente com predomínio de um grupo sobre outro e, considerando-se que nessa época estava em voga o conceito evolucionista de Spencer aliado a um desconhecimento de genética e de técnicas para a caracterização racial, as desigualdades foram interpretadas como sendo o testemunho da superioridade de uma raça sobre a outra.

Outros problemas raciais são devidos ao uso incorreto da palavra raça, seja para designar linguagem, religião, nacionalidade, cultura ou outro aspecto qualquer.

Estes conceitos falsos sobre a superioridade racial, ou preconceitos raciais, têm sido a causa de inúmeros conflitos sociais e têm servido de justificativa para a escravidão dos povos; muitas pessoas morreram ou sofreram, morrem ou sofrem ainda, por essa atitude.

Antes de passarmos a discutir alguns destes problemas, é necessário que se afirme que até hoje não se pôde provar que nenhuma raça, grupo étnico ou nacionalidade é melhor que outro, por herança, no caráter ou na qualidade. As diferenças são sempre culturais.

(1) Raça e capacidade física - Pelo fato do "branco" ter subjogado outras raças, procurou-se encontrar explicações para essa pretensa superioridade. Assim, teria êle maior capacidade inata de luta, ou então, qualidades mais elevadas de resistência, força e adaptabilidade físicas. Contra o primeiro argumento é suficiente lembrar que antes do atual domínio do "branco", foi êle subjogado por povos de outras raças; além disso, o domínio que exerce no momento, é devido ao seu equipamento técnico e científico melhor, que por sua vez é produto da cultura. Relativamente ao segundo argumento, também pode êle ser destruído se nos recordarmos que a superioridade física, sob qualquer aspecto, está relacionada com o ambiente, por efeito da seleção natural. Assim, o caucasóide colocado num meio de intenso calor e umidade, e alta prevalência de malária, como em regiões da África Ocidental, leva nítida desvantagem em comparação com o nativo.

Entre nós constatamos a vantagem que os japoneses apresentam na luta pela vida, trabalhando durante uma jornada mais longa e tendo contra si condições desfavoráveis de vida e alimentação mais precária; o mesmo ocorre com o chinês nos Estados Unidos. Em ambos os casos, a vantagem apresentada pelos orientais decorre das condições milenares de vida de sua raça, o que lhes conferiu enorme resistência.

(2) Raça e inteligência - Tem-se afirmado que certas raças são, pela herança, mais inteligentes que outras, o que seria comprovado pelos resultados dos testes psicológicos aplicados, os quais freqüentemente mostram valores mais altos para um grupo, comparativamente a outro.

Aponta-se freqüentemente, como exemplo, os resultados dos testes aplicados aos recrutados para o serviço militar norte-americano, durante a primeira guerra mundial, compreendendo 93.973 brancos e 18.891 negros americanos. Os resultados obtidos pelos

brancos foram sensivelmente superiores aos dos negros, o que foi atribuído ao maior nível intelectual dos primeiros. No entanto, os negros do norte conseguiram valores mais altos que os brancos do sul, o que invalida a conclusão anterior. A interpretação que se impõe é de que os fatores ambientais, consideravelmente superiores no norte, exercem influência apreciável sobre o nível mental; assim, a escolaridade e outros fatores exercem uma influência estimulante sobre a inteligência.

Sabe-se que a inteligência transmite-se pela herança, porém o seu nível será determinado pela conjugação do componente genético com os fatores do meio; é impossível avaliar-se, em cada caso, o grau de influência da herança e do ambiente.

De outro lado, os testes só dão resultados válidos quando aplicados às pessoas de cultura para as quais foram preparados; essa vinculação entre teste e cultura é tão íntima que fica prejudicado qualquer julgamento quando o teste é aplicado a uma cultura diferente, pois os resultados obtidos nestas condições são sempre inferiores aos registrados pelos indivíduos familiarizados com a prova.

A conclusão que se teria é que, enquanto não se puder eliminar o fator cultural, também não se pode afirmar que uma raça tenha quociente intelectual superior a outra, embora não fique afastada a possibilidade de haver tais diferenças.

(3) Raça e realizações culturais - É comum atribuir-se aos europeus a "criação" das maiores civilizações conhecidas na história; suas civilizações seriam bem superiores à dos africanos, dos índios norte-americanos ou sul-americanos, ou de outros povos. Como argumento aponta-se que sua tecnologia está tremendamente evoluída em comparação a dos negróides e mongolóides. Contudo, basta recorrer à história antiga para se ver que este domínio tecnológico e científico do caucasóide foi precedido de uma situação inversa; assim, no ano 3.000 antes de Cristo as civilizações de tecnologia mais avançada estavam fora da Europa, no Egito, na Mesopotâmia, na China e na Índia.

(4) Raça e nacionalidade, linguagem e cultura.- Referindo-se à nacionalidade é comum ouvir-se dizer "raça anglo-saxônica", "raça germanica", "raça japonesa", "raça francesa", ou então, quanto a linguagem, é frequente haver referências como "raça latina", "raça semita", "raça anglo-saxônica". Relativamente a certos grupos culturais, também é costume dizer-se "cultura do negro" ou "cultura judia".

Restringindo-se o termo raça ao seu conceito biológico, não há razão para serem usadas as expressões acima indicadas, pois em nenhuma delas há um determinante genético, donde não haver qualquer conexão entre nacionalidade, linguagem e cultura, e raça.

(5) Preconceito racial - Vimos que não há nenhuma relação entre raça e cultura. No entanto, fora do campo científico, acredita-se haver tal relação, sendo o fato conhecido como racismo ou preconceito racial.

O racismo, ou seja, a crença de que um grupo é inatamente superior e destinado a dominar as "raças inferiores" é acontecimento muito novo na história.

O preconceito racial pode levar à discriminação e segregação, ou assumir formas mais drásticas, como a escravização ou o extermínio do povo considerado inferior, a exemplo do que ocorreu na Alemanha, na época do nazismo.

Como exemplos de preconceito racial pode-se citar a atitude do norte-americano para com o negro, judeus e asiáticos, do inglês sobre o indiano, do alemão sobre o judeu.

À base dos conhecimentos atuais, pode-se afirmar que o racismo é apenas um conjunto de opiniões e atitudes estereotipadas, completamente falsas, que um grupo mantém sobre outro. Ainda mais, o chamado preconceito racial, muitas vezes, nem é racial, isto é, não se enquadra nas características do que conhecemos como raça. Assim, os judeus dos Estados Unidos são uma mistura de diversas raças, tanto quanto os não judeus; os chamados negros americanos são, às vezes, menos escuros do que muitos caucasóides. O mito da pureza da raça ariana, invocado pelo nazismo para exterminar milhões de judeus, não tem nenhum significado científico, já que o povo alemão é tão impuro como qualquer outro, do ponto de vista racial, e também porque o termo ariano designa um grupo de línguas e não uma raça.

Para se compreender melhor o que se entende por preconceito racial é interessante acompanhar a análise do problema do negro nos Estados Unidos, feita por Gunnar Myrdal, em "An American Dilemma". De acordo com Myrdal, o preconceito racial aparece quando o medo de competição econômica, política, religiosa ou outra, leva um grupo a discriminar um outro, segregando-o. Continuando por algum tempo, a discriminação e a segregação levam o grupo contra o qual são dirigidos, a uma situação de inferioridade social e econômica; desta maneira, o grupo inferiorizado passa a viver em condições de miséria e promiscuidade, tem menor possibilidade de instrução, política e ocupacional, a doença e criminalidade tornam-se mais frequentes, etc. Estes efeitos da discriminação são tomados, por sua vez, como evidência de sua inferioridade racial e daí, intensifica-se a discriminação sob o pretexto de que uma "mistura de raças", seja biológica ou social, conduziria a degradação racial e moral do grupo dominante.

A discriminação racial só pode terminar a partir do grupo dominante, quando este mudar sua atitude e permitir mais liberdade ao negro. Interrompido este círculo vicioso de causa e efeito, a melhoria da vida e do status social do negro faria com que, paulatinamente, cessasse o preconceito.

Eugenia

A Eugenia foi fundada pelo inglês Sir Francis Galton, em 1.883, quando ainda não havia se desenvolvido a Genética. No entanto, esse estudo ganhou impulso nos Estados Unidos e daí estendeu-se a outros países, ganhando a máxima intensidade na Alemanha, em 1.934, quando o Estado procedeu à esterilização obrigatória de todos os doentes hereditários.

Por Eugenia entende-se as medidas aplicadas em favor da melhoria dos seres humanos, através do encorajamento da reprodução dos estoques "desejáveis" e desencorajamento ou prevenção da reprodução dos estoques "indesejáveis".

Quando Galton lançou o movimento em prol da eugenia, prevaleciam conceitos errados sobre a herança de vários traços e, também, a divisão das raças em "superiores" e "inferiores"; além disso, não se distinguia o que era devido à má herança ou ao mau ambiente. As primeiras medidas eugenicistas eram, além de mal fundadas, extremistas, pois propugnavam pela eliminação dos incapazes. Nestas condições, encontraram grande oposição, o que trouxe reflexos até hoje, pelo menos no que se refere à má compreensão do problema.

Apesar da moderna eugenia ser mais conservadora e baseada no conhecimento científico, existem ainda vários problemas por resolver, dentre os quais destaca-se a definição do que é desejável e não desejável, e se estas características aparecem por influência da herança ou simplesmente do meio. Pais de melhor situação social e mais inteligentes, o são por ação genética ou do meio? Frequentemente se chama de socialmente indesejável a pessoa de status econômico inferior, enquanto um próspero industrial será classificado como socialmente desejável. A definição do que é socialmente desejável ou indesejável é estabelecida em termos ideais, os quais variam não só de classe para classe e de sociedade para sociedade, como também, em uma sociedade, no decorrer do tempo.

O bom desenvolvimento físico e mental do indivíduo é produto das possibilidades hereditárias e das condições do ambiente. Uma criança que nasce com genes que lhe darão uma altura de 1.80 m., poderá ficar muito aquém dessa dimensão se lhe faltar uma alimentação adequada. Do mesmo modo, perder-se-á um bom músico se a criança portadora dessa aptidão em alto grau, não encontrar ambiente próspero para desenvolvê-la.

Se é verdade que as pessoas de melhor status social são também as mais aptas, mais capazes e inteligentes, e de melhor saúde, então a sociedade atual está se defrontando com um problema que tenderá a conduzir a espécie humana à degradação. Esta situação seria devida a um fenômeno que se tem constatado, pelo menos entre os povos de cultura euro-americana, de que as pessoas de melhor condição social têm menos filhos do que as de status inferior.

A eugenia pode ser examinada sob dois aspectos, chamados eugenia negativa e eugenia positiva, a primeira visando a diminuição dos "não aptos" e a última, o aumento do número de indivíduos "aptos".

(1) Eugenia negativa - refere-se ao conjunto de medidas que têm por fim reduzir ou evitar o nascimento de indivíduos "não aptos", considerando-se como tais, os deficientes mentais acentuados, os criminosos ou degenerados. Exceto para os mentalmente incapazes de decidirem por si, nos demais casos os futuros pais é que tomariam a iniciativa de por em prática as medidas que se fizessem necessárias.

A eugenia negativa pode ser executada pelo controle do nascimento ou pela esterilização.

a) Controle do nascimento - A prevenção ou limitação da reprodução sofre muitas restrições, não tanto pelas suas finalidades, mas pelos meios utilizados.

Assim, o Papa Pio XII, em Declaração de novembro de 1951, sancionou o controle da concepção nos casos em que há forte probabilidade de que seja produzida uma criança geneticamente defeituosa, ou quando os pais já tenham o número máximo de filhos que possam educar e proporcionar condições satisfatórias de saúde e de conforto, ou ainda, quando a gravidez já constitua um esforço supremo as forças da mulher.

No entanto, a Igreja católica permite apenas o controle "natural", seja pela abstinência das relações sexuais ou pelo seu confinamento ao chamado "período de segurança" do ciclo menstrual; opõe-se ao controle pelos meios "artificiais", mecânicos ou químicos.

A maioria dos protestantes, judeus, indianos, budistas e maometanos não se opõe a essa restrição.

Em vários países, como Índia, Japão e Porto Rico, existem programas governamentais de controle de nascimento, com o fim de restringir o crescimento demográfico.

b) Esterilização - Consiste em processo definitivo de controle do nascimento, através da laqueadura da trompa de Falópio ou do cordão espermático. Tal prática é permitida em alguns países da Europa, principalmente os escandinavos, e em 27 Estados norte-americanos, embora nem todos a realizem. É aplicada, entre outros, nos casos de deficientes mentais ou insanos, nos casos de graves defeitos hereditários e, em alguns Estados norte-americanos, principalmente Califórnia e Indiana, para criminosos habituais, criminosos sexuais habituais e "degenerados", embora nesses casos não se possa provar que o mal seja hereditário.

Nos Estados Unidos Unidos, de 1907 a janeiro de 1955, foram feitas 57.218 esterizações eugênicas legais, 34.282 em mulheres e 22.936 em homens.

As principais falhas imputadas à esterilização são as seguintes:

- Os defeitos hereditários mais frequentes são devidos a gens recessivos, múltiplos ou parcialmente dominantes, portanto, aparentes em pequena proporção de casos;
- Nos defeitos ligados ao sexo, como a hemofilia e a cegueira à cor, que incidem muito mais frequentemente nos homens, com a esterilização destes ainda fica o problema do portador, representado pela mulher.

Um programa de esterilização está sujeito a várias objeções:

- Medo, como no período nazista;
- Possibilidade de muitos defeitos virem a ser controlados posteriormente, como aconteceu com o diabetes;
- Muitas pessoas podem apresentar defeito sob um aspecto, como cegueira ou surdez, e ser geneticamente superior em outros;
- Oposição religiosa.

Entretanto, já estão se desenvolvendo meios terapêuticos de controle temporário da concepção.

(2) Eugenia positiva - Compreende as medidas de melhoria da espécie humana por meio do aumento da proporção de pessoas sadias, inteligentes, capazes e úteis.

Embora não se possa rotular todos os casos como medidas eugênicas, algumas providências que certos países estão tomando contribuem para se alcançar os objetivos acima citados ou, então, reduzir a proporção de defeituosos. Entre essas medidas que estão sendo executadas, de características gerais, incluem-se a elevação do padrão de vida, a proteção precoce da mãe e da criança, melhoria da instrução e dos conhecimentos relativos a higiene, seguros sociais, etc.

Dentre os recursos propriamente eugênicos e que vêm sendo aplicados, citamos o tratamento para a esterilidade e a inseminação artificial.

a) Tratamento da esterilidade - Em um terço dos casos consegue-se vencer a esterilidade de casais considerados a ter filhos "aptos".

b) Inseminação artificial - Trata-se de processo cuja utilização é discutida e aplicado nos casos em que a mulher é fértil, e o marido estéril, ou mais raramente, quando há risco hereditário para o lado paterno.

Esse processo consiste na injeção intra-vaginal de espermatozoides de outro homem que não o marido, sendo que os "doadores", cuja identidade é conservada em segredo pelo médico, são cuidadosamente selecionados.

samente selecionados, geralmente jovens colegiais de cor, aparência, raça e grupo sanguíneo semelhantes ou idênticos ao do marido. Para aplicação desse processo há duas exigências para o marido, a de que consinta na prática e que aceite a criança como seu filho.

Presume-se que três milhões, pelo menos, de casais norte-americanos não têm filhos, e que um milhão não o tenha por esterilidade do marido. Até agora, nos Estados Unidos, foram concebidas 40.000 crianças desse modo, o que dá uma média anual de dois a três mil. Portanto, fazem uso desse método apenas 0,2 a 0,3% dos casais, o que é atribuído às seguintes razões:

- Psicológicas - Geralmente o marido se opõe, mas uma vez que consinta raramente ocorre conflito do casal.
- Religiosas - Enquanto as autoridades protestantes tem aprovado o método e as judias não se opuseram, o Papa Pio XII, em 1949, considerou-o "ilícito e imoral" e o Arcebispo inglês de Canterbury também condenou-o.
- Problemas legais - Os Tribunais ainda não firmaram ponto de vista sobre a legalidade da inseminação artificial.

Possibilidades futuras da eugenia - Já se prevê a possibilidade de armazenamento do esperma por muitos anos, através de seu congelamento rápido, com subsequente uso pela inseminação artificial. Constituir-se-iam, assim, "bancos de semen", onde o esperma de grandes homens poderiam gerar centenas de filhos mesmo depois de sua morte. Na Universidade Estadual de Iowa, em 1954, foram relatados quatro casos de crianças concebidas através da inseminação artificial após prévio congelamento e armazenamento do esperma.

Outra possibilidade é a das futuras mães conceberem filhos sem, contudo, terem que conduzir a gestação em seu ventre. O ovo, depois de formado, seria transplantado para o útero de uma outra mulher, a mãe substituta, (proxy mother) que levaria a gestação até o seu termo. Estas experiências tem sido realizadas em animais, como vacas e fêmeas de cães, coelhos e ratos, com a finalidade de fazer com que fêmeas premiadas ou de bom "pedigree" possam produzir muitos rebentos, mais do que se condizissem as gestações.

Para as mulheres que podem conceber mas que são incapazes de manter a gestação por deficiência dos genitais ou pela ocorrência de doenças graves, o processo possibilitaria que elas tivessem filhos.

Esses avanços atuais da técnica, que se mostraram bem sucedidos para os animais, abrem possibilidades para que no futuro possam ser produzidos homens de qualidades superiores, desde que vencidas também as barreiras culturais. Contudo, se apresem

ta um outro problema que, até o momento, não encontra solução satisfatória. Qual o tipo de homem superior a ser gerado? Quais as qualidades que precisaria ter? As "boas qualidades" humanas, consideradas isoladamente, dependem antes de um complexo de gens, muitos dos quais nem são conhecidos. Reunir numa só pessoa, um físico forte e saudável, sem predisposições morbidas, beleza, inteligência superior, bom caráter, grande talento e outras qualidades, não só é tarefa impossível de ser realizada, como também fica na dependência da definição do que é ideal em cada um dos traços enumerados.

Se considerarmos que outras forças muito mais atuantes, sociais ou culturais, ou mais iminentes, como as bombas atômicas estão presentes, parece utopia o controle eugenico na base da plena potencialidade atual.

(Este artigo sobre Eugenia é um resumo extraído do livro de Amram Scheinfeld, The Human Heredity. Handbook, Ph.1956).

ANTROPOLOGIA CULTURAL

Antropologia cultural é o ramo da Antropologia que estuda o homem como ser social.

O objeto de estudo da Antropologia cultural é a cultura.

Em nosso curso teremos oportunidade de abordar os seguintes assuntos:

- Considerações gerais sobre cultura
- Estrutura da cultura
- Relativismo cultural
- Cultura e sociedade
- Aprendizagem da cultura
- Integração cultural
- Cultura e personalidade
- Dinâmica cultural.
- Medicina de folk e aplicações da Antropologia à saúde pública.

CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A CULTURA

Conceitos de cultura - Numa linguagem popular, quando se fala em cultura tem-se em vista as formas de erudição ou de refinamento do homem moderno. Quando o homem é versado no campo da ciência, da música, da literatura, da filosofia, ou outro qualquer, diz-se que ele é culto.

Os historiadores frequentemente usam o termo cultura para designar o desenvolvimento especial alcançado por certos povos em campos como o artístico e intelectual. A frase "cultura grega" se aplicaria apenas às atividades dos gregos versados, hábeis na arte e na literatura.

Os conceitos usados pelos antropólogos não coincidem com nenhum dos citados, sendo mais amplos que estes e incluindo-os. São muitas as definições científicas de cultura, distinguindo-se entre si quanto à ênfase que dão a um ou outro aspecto. Em trabalho publicado em 1952 com o título "A Critical Review of Concepts and Definitions", A. L. Kroeber e Clyde Kluckhohn analisam 164 definições de cultura, distribuindo-as nos grupos seguintes: descritivas, históricas, normativas, psicológicas, estruturais e genéticas.

Não cabe em nosso curso uma discussão sobre as diferentes abordagens do conceito de cultura; adotaremos o conceito de que "cultura são todas as manifestações de vida de um povo", ou, mais especificamente, "cultura são os modos de agir sentir e pensar de um povo".

Para os antropólogos são sinônimos cultura, civilização e tradição.

Estas definições incluem não só o conceito popular de cultura, como também todos os conhecimentos, crenças, arte, moral, lei, língua, costumes e outras capacidades adquiridas pelo homem como membro de uma sociedade.

Neste sentido, todos os povos têm cultura, por mais simples ou rudes que nos possam parecer. Não se justifica daí que se negue a atribuição de cultura a qualquer povo ou pessoa, ressalvado, naturalmente os casos de indivíduos incapazes de aprender o modo de vida de seu povo, como ocorre com os privados de suas faculdades mentais ou sensoriais.

Ainda mais, os cientistas sociais não só reconhecem que todos os povos têm cultura, como condenam os juízos de valor atribuídos a culturas diferentes. Não se deve estabelecer hierarquias ou níveis de culturas, como a dizer "a cultura do povo A é superior à cultura do povo B", como também, deve-se evitar chamar os povos de vida mais simples que a nossa, de selvagens, bárbaros, atrasados ou primitivos, pois que tais denominações encerram um juízo depreciativo; embora não se tenha ainda encontrado um termo ideal para designá-los, convém chamá-los de "povos não letrados", pois que assim se estará assinalando apenas a falta de uma linguagem escrita.

Na Primeira Reunião Brasileira de Antropologia, realizada no Rio de Janeiro, de 8 a 14 de Novembro de 1953, foi aprovada uma Convenção para a grafia dos nomes tribais.

Entre os vários itens aprovados destacamos:

- Os nomes tribais se escreverão com letra maiúscula, facultando-se o uso de minúscula no seu emprego adjetival;
- Os nomes tribais de origem portuguesa ou oportuguêsa dos morfologicamente, terão a grafia portuguesa e a flexão portuguesa, mas também se escreverão com letra maiúscula.
- Os nomes tribais de outras origens não terão flexão portuguesa de número ou gênero, quer no uso substantival, quer no adjetival.

Isto significa que os nomes tribais estrangeiros devem sempre ser escritos no singular.

Em geral o antropólogo tem se dedicado ao estudo dos povos não letrados, mas o seu campo de trabalho não se limita a estes; pelo contrario interessa-se por todos os povos, atuais e passados.

O estudo dos não letrados atendeu ou atende a vários fins: -

(1) Não eram conhecidos, ou pior do que isto, tinham-se até o século passado, idéias errôneas a seu respeito; eram considerados à luz de um conceito evolucionista então prevalente, povos atrasados ou primitivos, representantes atuais de estágios pelos quais passaram os mais evoluídos, os europeus e os americanos.

(2) Todos nós vivemos dentro de uma sociedade e nessas condições, aprendemos tão bem a nossa cultura que não temos consciência dela. Por exemplo, não comemos cobra porque isso nos repugna; achamos natural esta repulsa. No entanto, outros povos comem e gostam de cobras; Os índios do Brasil comem formigas e larvas de insetos; O leite é recusado por povos da Ásia sul-oriental, os indianos não comem carne de vaca; Na África oriental só se come carne de vaca quando esta morre naturalmente; os maometanos não comem carne de leitão e nós não comemos filé de cachorrinhos ou costeletas de porco, apreciados por eles. A repulsa que temos ou que outros povos têm por certos alimentos, não é natural mas aprendida.

Estudando diferentes culturas, o antropólogo ganha muito maior objetividade para conhecer a sua própria cultura, por-

que torna-se consciente das diferenças existentes e compreende que se os povos desenvolveram culturas diversas foi porque deram tratamentos diferentes a problemas humanos comuns.

(3) Conhecendo as culturas de todos os povos, poderemos fazer generalizações válidas para a humanidade o que é uma das qualidades da ciência. A Antropologia faz estas generalizações ou induções; com base nas semelhanças que observa no comportamento humano, elabora um corpo de princípios ou conceitos aplicáveis a todos os seres humanos e que constitui a teoria antropológica. Teremos oportunidade de examinar, nas aulas futuras, alguns destes conceitos

Diversidade do comportamento humano

Embora o Antropólogo possa formular conceitos a partir de pontos comuns que encontre entre culturas diferentes, não há dúvida que se pode afirmar não haver duas culturas iguais. Realmente cada cultura é única em cada época, isto é não só ela é diferente de qualquer outra em determinado momento, como também, é diferente de si própria através do tempo. Em outras palavras, a cultura é dinâmica, isto é tem continuidade histórica; além disso, a grande variedade cultural reflete a adaptabilidade do organismo humano aos vários tipos de comportamento, a capacidade inventiva da mente humana e certo condicionamento das variações do ambiente físico nas diversas partes do globo.

Mais de mil culturas já foram descritas pelos antropólogos e sociólogos; alguns exemplos serão apresentados para ilustrar o fato dos homens terem encontrado diferentes soluções para os seus problemas comuns que são em termos concretos a obtenção de alimento e da saúde, a procriação, o abrigo e defesa contra os inimigos

1-Ornamentação e feminina

Nas nossas sociedades as mulheres usam cosméticos para realçar as cores naturais da face. Em outras sociedades, a ornamentação feminina é obtida por meios diferentes, como através de discos de madeira colocados nos lábios distendidos; botões ou pedras de madeira que perfuram a face; anéis pendurados no nariz; desenhos pintados nas faces; óleos, pétalas de flores, argolas e outros materiais sobre a pele

2 - Direito entre os povos não letrados

Tanto os delitos como as sanções aplicados aos culpados variam conforme as sociedades.

São considerados delitos públicos nas sociedades não letradas: o incesto (casamento ou relações sexuais entre pessoas para as quais essas relações são proibidas) a feitiçaria ou magia negra, o desrespeito repetido aos costumes da tribo e várias formas de sacrilégio.

Relativamente aos delitos privados geralmente são constituídos pelos assassinios, ferimentos, roubos e adultério. A sanção nestes casos é tanto restitutiva como repressiva. Por exemplo, em algumas tribos africanas exige-se que o ladrão restitua a pessoa, por ele roubada o valor em dobro do que lhe tirou. Entre tribos australianas, a um indivíduo que sofreu injúria de outro, pode, por acerto, dos mais velhos, ser dado o direito de obter satisfação atirando-lhe lanças, em parte não vital do corpo, como a coxa. Entre os Yurok, do norte da Califórnia, pela morte de um indivíduo deve pagar-se uma indenização ao parente próximo; após uma sentença ou uma guerra cada contendor deve pagar pelos que morreram do outro lado. Entre os Ifugao, nas Filipinas, a pessoa que pratica feitiçaria contra um de seus próprios parentes é morta pela sua parentela; do outro lado, não são punidos os incestos entre os irmãos, o parricídio e o fratricídio. Os esquimós raramente lutam e quando o fazem, a luta toma a forma de um jogo em que entram o ridículo e a presença de espírito; o assunto se resolve na presença de todo o grupo por meio de respostas satíricas em forma de canção improvisada e de acordo com os regulamentos. O auditorio decide pela vitória e derrota de cada um dos membros em litígio.

3 - Comportamento

Entre os Navajo e muitos outros povos um homem não deve falar ou mesmo olhar para a mãe de sua esposa. Com os Crow da planície norte-americana, um homem é obrigado a agradecer com alguns de seus parentes e não deve mostrar zanga quando seus parentes o humilham em público. Os Trobriander da Milânésia não exigem que um homem sustente, eduque ou discipline seus filhos; estas funções pertencem a o tio das crianças, especificamente, ao irmão da mãe. Na tribo Karriera, da Austrália, um indivíduo pode se casar somente com um parente, como primo pelo lado do irmão de sua mãe ou da irmã de seu pai.

4 - Alimentação

O gosto pelos alimentos não tem nada de "natural", é aprendido.

Um grupo de aldeões entre os Lepcha, do Sikkim, eram comedores de serpentes mas, no momento, comem animais mortos e podres que encontram na floresta; eles preferem que tal alimento esteja mole mas não bichado.

Do mesmo modo, os Vedda, do Ceilão, têm uma nítida preferência pela caça "mole"; apreciam ainda a madeira apodrecida, que comem misturada com mel, cortiça, folhas, e frutas.

Os esquimós do Ártico vivem quase que exclusivamente de carne e peixe, em contraste a muitos índios mexicanos cuja dieta é baseada, na maior parte, em cereais e hortaliças.

O leite e seus derivados são considerados alimentos de luxo entre os Baganda da África oriental, enquanto que para os povos da África ocidental são tidos como não comestíveis e, provavelmente, venenosos.

O peixe é usado como alimento por muitas tribos de índios americanos, porém os Navajo e Apache os consideram repugnantes e impróprios para consumo humano.

Certas tribos da América do Sul ficam com náuseas ao experimentarem comer peixe enlatado.

Há, também, variações na maneira de combinar os alimentos. Os judeus ortodoxos não combinam carne e laticínios na mesma refeição, mas comem separadamente. Um costume similar se observa entre os esquimós, os quais exigem que os alimentos do mar sejam mantidos bastante separados dos alimentos obtidos dos animais terrestres; além disso, devem ser servidos em pratos diferentes.

A CULTURA NÃO É TRANSMITIDA PELA HERANÇA

Seguindo a linha da evolução humana notamos que, a par de inúmeras modificações físicas, ocorreu o aumento do tamanho e da complexidade das estruturas que formam o cérebro. Ao mesmo tempo que ocorriam mudanças corporais do hominídeo, de símiescas para humanas, passou ele a desenvolver uma cultura. Com a utilização da linguagem, que também é um componente da cultura, esta passou a ser transmitida de geração a geração e desta maneira a cultura chegou aos dias atuais.

É evidente, portanto, que a cultura é uma manifestação biológica, porque foi criada, modificada e transmitida pelo homem, que é um animal; o próprio caráter da cultura é determinado pela conformação anatômica e fisiológica do homem.

Contudo, a cultura não se transmite pela herança, ou seja, o homem não nasce com nenhuma vocação ou predisposição para determinada cultura. Na realidade a cultura é aprendida, e não tem qualquer relação com as raças humanas. Um filho de pais brasileiros, nascido no Brasil, porém criado no Japão, falará o japonês, pensará como japonês, terá os costumes dos japoneses e, se vier para o Brasil posteriormente, terá a mesma dificuldade de aprender a língua e costumes brasileiros, embora exiba as características físicas dos brasileiros e seja, pela nacionalidade, brasileiro.

IMPORTÂNCIA DA CULTURA NA DETERMINAÇÃO DO COMPORTAMENTO EMOCIONAL

NA PERCEPÇÃO SENSORIAL E NA MEMÓRIA

Na definição apresentada de cultura como "os modos de agir, sentir e pensar de um povo" não há necessidade de se salientar o item "agir", isto é, as manifestações do comportamento humano, seja em relação às coisas como aos seus semelhantes, pois é notória a diversidade que os homens apresentam quanto aos seus hábitos ou costumes. É na parte "sentir" e "pensar" que as diferenças culturais não são muito aparentes ou muito conhecidas das pessoas não preocupadas com assunto de Antropologia.

Examinemos agora, a influência da cultura na determinação do comportamento emocional, na percepção sensorial e na memória. Deixaremos para mais tarde o estudo do problema dos valores, que será visto na aula sobre o relativismo cultural e o problema

da personalidade.

1-Comportamento emocional

As nossas reações emocionais são determinadas por uma base fisiológica; sobre ela atuam fatores culturais, os quais moldam o comportamento emocional segundo orientação prevalente em cada cultura.

De acordo com Mlineberg, a influência da cultura sobre o comportamento emocional pode se fazer sob 3 vias distintas: tendo parte na determinação da situação em que a emoção pode aparecer; condicionando a intensidade do comportamento emocional explícito; influenciando a maneira pela qual as emoções se manifestam

a - Quanto à situação: - Entre os Marngin, da Austrália, a mãe mata um dos gêmeos porque ele faz com que ela se sinta uma cadela, por ter tido uma ninhada de filhos; neste caso o nascimento de gêmeos é uma fonte de vergonha, ao contrário, para uma tribo negra do Congo, a mãe de gêmeos é objeto de honra e veneração durante toda sua vida.

A morte é uma fonte de pesar, não somente para nós mas provavelmente para a maioria das culturas conhecidas. Há casos entretanto, em que a morte é motivo para alegria; entre os habitantes das ilhas Fidji, os indivíduos ficam ansiosos por morrer antes de se tornarem muito velhos, pois acredita-se que passarão para uma vida eterna com incapacidades físicas e mentais, que tinham por ocasião da morte. Por esta razão, um filho cumpridor de seus deveres, matará seus pais, na convicção de que está lhes prestando o maior favor possível. O mesmo comportamento e crença existe entre os esquimó, sendo o pai abandonado em lugar ermo, para morrer; se os filhos não o fizerem espontaneamente o velho esquimó pedirá que façam ou então ele próprio, procurará a morte.

b - Quanto à intensidade: - As culturas diferem muito na quantidade de expressão emocional permitida.

A educação dos meninos chineses inclui o auto-controle como fator importante. Aconselha-se a uma menina chinesa: "Não mostre sua infelicidade facilmente e não sorria facilmente" e, "Não mostre seus dentes quando sorrir". Os meninos são ensinados muito precocemente que é mal educação mostrar cólera e ser tempestuoso.

Tal educação é corroborada pelo fato dos chineses se rezar de opinião que não se justifica a exibição de cólera e que a afecção só pode ser mostrada em estrita intimidade. Contudo, insistem na manifestação pública de certas formas de tristeza. Um conselho para as meninas diz: "Se seu pai ou sua mãe está doente, não se afaste de seu leito. Não o perca tempo nem para se despir. Experimente todos os remédios você mesma. Pega aos deuses por eles. Se acontecer alguma desgraça chore amargamente". Dos homens, esperava-se também que mostrassem abertamente seu pesar.

c - Quanto a maneira - São bem conhecida e as mudanças fisiológicas que acompanham as emoções, como as referentes à pressão arterial, pulsação, respiração, etc. Contudo, experiências levadas a efeito por Foley falam a favor da determinação cultural e social da expressão das emoções ou, pelo menos, de alguns de seus aspectos.

Uma criança que se feriu, gritará na presença de um adulto com quem simpatize; ficará quieta se não houver ninguém perto para ouvi-la. Como adultos fazemos expressão de interesse mesmo quando estamos aborrecidos e mostramo-nos entristecidos quando ouvimos uma notícia má, sobre alguém, mesmo que não seja nosso parente ou amigo íntimo.

As lágrimas, embora pareçam ser um sinal universal de tristeza, podem surgir sob condições não relacionadas com essa emoção. Entre os habitantes das ilhas Andaman e os Maoris da Nova Zelândia, lágrimas são derramadas quando duas pessoas se encontram depois de longa ausência, ou quando a paz é feita entre dois partidos em guerra.

As expressões de cólera entre os chineses mostram-se bastante diversas das nossas, tanto que um leitor de novelas chinesas, não familiarizado com essas expressões, não as entenderia facilmente. Encontra-se na literatura, por exemplo, frases como estas, "seus olhos tornaram-se redondos e abriram-se largamente" ou "ele estava tão colérico que, muitas vezes desmaiou de raiva".

Tão estranho quanto isso seria para o chinês, ler que as senhoras europeias desmaiavam com muita frequência; um escritor assinala que havia livros que ensinavam a maneira correta de desmaiar elegantemente.

No que diz respeito à alegria e à felicidade, o sorriso e o riso parecem ser uma expressão universal. No entanto entre os japoneses antigos, o sorriso era a expressão apropriada para um empregado repreendido por seu patrão e, também, para o caso de um inferior forçado a relatar suas infelicidades a um superior. Não há dúvida de que devem ter surgido desentendimentos entre europeus e orientais porque os primeiros eram incapazes de entender o sentido do sorriso dos chineses e japoneses.

2 - Fatores culturais na percepção sensorial

À primeira vista parece que a percepção sensorial é um fenômeno exclusivamente fisiológico. No entanto, já se possuem muitas provas de que os fatores culturais também exercem influência na percepção sensorial.

Entre os Trobriand, a idéia da semelhança entre pais e filhos é controlada pela cultura. Tal semelhança é encarada como natural e correta, e considerada como sempre existente. É uma grande ofensa insinuar que o filho se parece com a mãe e, ainda, mais sério, sugerir que se parece com a irmã. Considera-se também natural que os irmãos não se pareçam uns com os outros. Aliás os Trobriand, a não deixarem de notar qualquer semelhança entre irmãos

e irmãs, estão de acordo com um fato conhecido em Psicologia, de que nos vemos aquilo que estamos procurando ver.

Um estudo feito entre 60 grupos diferentes de índios americanos mostrou que nenhuma cultura divide o espectro da mesma maneira. As variações na descrição das cores se referem não só ao número das que são reconhecidas como também ao intervalo que cada cor ocupa na escala cromática tomada em comprimento de onda. Assim o matiz que chamamos azul pode ser descrito como sendo um dentre 5 cores diferentes do azul, em outras culturas.

Interessante também é a experiência de Zillig mostrando que as atitudes sociais podem determinar o que se vê.

Zillig verificou que em cada sala de aula havia crianças que eram queridas e crianças que eram malquistas pelas outras. Tomou um igual número de crianças destes dois grupos e fez-las ficar de pé na frente da classe, e fazer exercícios de ginástica, sob sua direção. A pesquisadora havia previamente instruído as crianças "queridas" a fazerem erros e tinha treinado as "malquistas" a seguirem exatamente as instruções do exercício. No fim da experiência pediu à classe que indicasse qual o grupo que tinha realizado os exercícios corretamente; a maioria dos votos foi para o grupo popular. Zillig acredita que, ao julgar pelas conversas com as crianças, elas efetivamente "viram" as diferenças como as relataram.

Em relação com a audição, gosto, cheiro e cor podem ser aplicadas considerações semelhantes.

Fragman diz, relativamente às modificações culturais sobre as impressões sensoriais: "Num sentido muito literal, tendemos a observar mais segundo a maneira de nossa própria natureza do que fotograficamente, segundo as propriedades do mundo exterior. Este fato explica não somente por que indivíduos de diferentes classes da sociedade não podem pensar, sentir e crer do mesmo modo mas também por que eles não podem, em princípio, nem mesmo perceber igualmente".

3 - Fatores culturais interferindo na memória.

Ainda aqui, a par do substrato anatômico e fisiológico que torna possível e limita a memória, entram em jogo fatores culturais que a modificam.

Em outra parte da experiência de Zillig, já citada, um grupo de mulheres e de homens ouviram uma série de afirmações sobre a natureza das mulheres, algumas favoráveis e outras desfavoráveis. Uma semana depois foram convidados a registrar de memória as afirmações que tinham sido apresentadas. Os resultados mostraram que as mulheres se lembravam mais que os homens dos itens que as favoreciam.

Esta e outras experiências com o mesmo objetivo mostram o quanto é frequente o erro ao relatar o que efetivamente se viu, ouviu ou leu. Tais resultados tem grande importância para a Psicologia jurídica, já que a fidelidade de uma testemunha de

penderá não apenas de sua honestidade, mas de sua capacidade de relatar corretamente o que testemunhou.

Afirma-se que certas tribos da África do Sul possuem uma memória notável. Bartlett, no entanto, verificou que essa capacidade não é superior à dos brancos. O que acontece é que essas tribos se recordam extraordinariamente bem de certas coisas, como do gado, pela sua grande importância econômica e social.

A acuidade sensorial superior dos povos não letrados não é devida a uma capacidade inata mais desenvolvida, mas ao trei no especial ou a experiência maior.

A CULTURA TEM INFLUÊNCIA SÔBRE OS INSTINTOS

As teorias sobre a natureza humana, que davam ênfase aos instintos, estiveram muito em voga depois da publicação de Darwin "A Origem das Espécies". Nessa ocasião, todo o comportamento humano era atribuído aos instintos: se o homem anda como seus amigos, é o instinto gregário que atua sobre ele; se passeia sózinho, é o instinto anti-social; se briga, é o instinto combativo; se é deferente com os outros, é o instinto de rebaixamento de si mesmo.

Muita crítica se levantou à teoria dos instintos, e essa palavra acabou sendo banida do vocabulário científico. A única exceção é a teoria de Freud que fala no instinto sexual, instinto agressivo, instinto de auto-preservação e outros.

Entretanto, se o termo instinto desapareceu, isto não significa que o mesmo aconteceu com o seu conceito o qual permanece com denominações diferentes, tais como impulsos, motivos, desejos, necessidades ou tendências.

Otto Klineberg estudou diversos dos chamados instintos sob um triplo critério:

1 - sua continuidade com outras espécies animais

2 - sua base bioquímica ou fisiológica, e

3 - sua universalidade, no sentido de ser comum a todos os indivíduos ou a todas as sociedades.

Pelos resultados deste trabalho, embora suas conclusões não possam ser tomadas em caráter definitivo, pode-se avaliar até que ponto a cultura determina ou modifica o chamado comportamento instintivo.

Klineberg distribuiu os "instintos" ou "motivos" estudados em 4 grupos:

1º grupo: - Motivos absolutamente imperiosos, nos quais os fatores culturais têm uma parte em sua expressão, mas não são responsáveis por sua existência; são: fome, sede, sono, necessidade de repouso, eliminação de dejectos e outros.

2º grupo: - motivos com base fisiológica definida, encontrados em todas as sociedades, mas que admitem exceção na maneira de sua expressão. Também podem deixar de aparecer em certas circuns

tâncias. São: impulsos sexual, materno e de auto-preservação. Tais impulsos são renunciados nos conventos, nos infanticídios e nos suicídios, respectivamente

1-Instinto sexual: - Apesar da indubitável base orgânica deste instinto, ele é modificado pela cultura.

Em nossa sociedade há muitas proibições ou tabús sexuais, mas em Buka, na Melanésia, os tabús relativos a comida são muito mais sérios que os sexuais: duas pessoas da mesma geração aparentadas por casamento, e de sexo oposto, podem dormir na mesma chaga mas não podem comer na presença uma da outra,

O Antropólogo Lowie fez o seguinte comentário: "Um intérprete Crow uma vez criticou-me pela indecência dos caucasianos que ousam reprovar os índios pela frouxidão de moral, enquanto eles próprios são despidos de vergonha ao ponto de falar livremente com suas próprias irmãs"

Relativamente às relações sexuais, há o tabú de incesto que é, segundo o autor, controlado unicamente pela cultura. Parece que o tabú do incesto é universal, mas apresenta-se de modo diferente conforme as culturas. Assim, em uma tribo da Melanésia, o incesto entre mãe e filho é considerado uma grande contaminação mas o de pai e filha não é tomado muito seriamente. Em uma outra, há numerosas mulheres a quem um homem chama "irmã", ainda que do nosso ponto de vista não haja relação biológica alguma entre elas; o tabú contra estas "irmãs" é tão severo quanto contra as verdadeiras irmãs. O próprio tabú de incesto de Freud, chamado complexo de Édipo (desejo reprimido de matar o pai e casar com a mãe), um dos fundamentos da teoria dos instintos da psicanálise, sofre radical modificação cultural. Assim nas ilhas Trobriand, na Melanésia, de família matrilinear, o desejo é de casar com a irmã e matar o tio materno. Isto assim acontece porque nessa sociedade o pai tem relação exclusivamente social com seus filhos; ele é seu amigo mas não tem nenhuma autoridade. Toda a autoridade sobre as crianças, está nas mãos do irmão mais velho da mãe. Por outro lado, o tabú mais rígido dessa sociedade é entre irmão e irmã, que são separados em tenra idade e que jamais ficam juntos, qualquer que seja o grau de intimidade que mantenham.

2-Instinto maternal - Neste caso também existe o impulso, mas fatores sociais e culturais podem modificá-lo.

Nas ilhas Murray era prática comum adotar uma criança, sendo o arranjo, em alguns casos, feito antes do nascimento.

O infanticídio entre os não letrados é muito comum. Às vezes é praticado apenas quando as condições econômicas eram tão más que tornava impossível criar todas as crianças, como ocorria na China.

Nas ilhas Murray era considerado correto ter o mesmo número de meninos e meninas na família, os filhos excedentes sendo mortos. Em tribos de índios nômades do Brasil, são mortos os filhos que nascem dentro de intervalos de 3 ou 4 anos.

3-Instinto de auto-preservação - Esse instinto pode desaparecer no caso do suicídio. O acabar com a própria vida é determinado por fatores sociais e culturais, como por fatores individuais.

Em algumas sociedades, o suicídio é muito comum, enquanto que raro em outras, ou mesmo desconhecido. Nos povos da Austrália central e ocidental, por exemplo, jamais se registrou um caso de suicídio, enquanto que era muito frequente em certas tribos do norte da Sibéria. Muito provavelmente, a cultura que mais estimulou o suicídio foi a do Japão com o conhecido Hara-kiri.

3º grupo - Motivos com base fisiológica indireta, que têm continuidade com outras espécies animais; e que ocorrem com grande frequência no homem, mas admitem exceções tanto nos grupos como nos indivíduos. São: - agressividade, fuga e auto-afirmação.

a) - instinto de agressividade: -

O mais importante deles é o instinto de agressividade, um dos impulsos principais da teoria psicanalítica. Embora a agressividade esteja presente nos animais, parece não haver um mecanismo fisiológico que o determine; além disso, apesar de sua ampla distribuição entre os homens, não é universal, pois fatores culturais a modificam.

Há por exemplo, comunidades em que o combate é praticamente desconhecido. Entre os índios da Colômbia Britânica as disputas eram reguladas pelo "potlatch"; se dois homens tem uma rixa um deles deve dar um "potlatch" ou festa, no qual o objetivo é destruir a maior quantidade possível de bens. Em consequência o rival fica humilhado. Entre os esquimó, um homem injuriado, usualmente compora uma canção satírica, zombando do seu inimigo e o convidava para uma resposta cantada em público.

b) - Instinto de fuga: -

O problema da fuga é muito semelhante ao da agressividade.

c) - Instinto de auto-afirmação: -

Relativamente ao problema da auto-afirmação, não há nenhuma base fisiológica direta e é difícil avaliar sua existência entre os animais. Parece certo que a dependência e a inferioridade de crianças são muito mais pronunciadas em nossas sociedades que em outras. Entre muitos índios americanos é habitual encarar a criança como completamente dona de qualquer propriedade que se lhe tenha dado.

Se um homem branco deseja comprar algo pertencente a um indiozinho, os pais deixam a criança para decidir se vende ou não e sobre o seu preço.

Outro fato relatado é que as crianças raramente são punidas em muitas comunidades; este e outros aspectos do desenvol

vimento da criança dariam provavelmente como resultado um sentimento de inferioridade muito menos marcado e, em termos adlerianos (de Alfred Adler) conseqüentemente, menor impulso de superioridade.

4º grupo: - Motivos sem nenhuma base fisiológica conhecida, mas que ocorrem com certa frequência. São eles primariamente, meios para atingir certos fins, mas podem tornar-se fins em si mesmos. São: instintos gregário, paterno, filial, aquisição e submissão.

a) Instinto gregário: -

Sempre existe a interação entre os seres humanos mas sua extensão é muito variável. Certas tribos do Saara e de Madagascar, como também os índios Jibaro do Equador vivem em grande isolamento, geralmente confinados a grupos de indivíduos ou de famílias.

b) Instinto paterno: -

Refere-se ao desejo dos pais terem filhos. Sua base fisiológica é somente indireta, através do impulso sexual.

O desejo de ter filhos é muito disseminado entre os seres humanos, mas certos fatores sociais e culturais nos ajudam a compreender este desejo sem necessidade de apelarmos para o instinto. Entre esses fatores cita-se: a força da opinião pública; estimulação pelo subsídio; o fato de ser encarado como índice de riqueza, a exemplo do que acontece com os Esquimó; o encorajamento pelas crenças religiosas tais como a dos chineses (é necessário ter filho para que estes queimem incenso em sua memória).

Quando a riqueza é expressa em termos do número de filhos, há casos em que o marido reclamará todos os filhos de sua mulher, mesmo quando sabe que ele não é o pai.

c) Instinto filial: -

É a atitude afetiva dos filhos para com seus pais. Deve ser entendido como conseqüência da cuidado e afeição que os pais mostraram para com seus filhos.

d) Instinto de aquisição: -

É encontrado mesmo nos animais. Sofre exceção entre os homens. Uma dessas exceções ao instinto de aquisição ou de propriedade se encontra nos índios Kalgang, do Brasil; quando um caçador abate um tapir, ele dá todo o animal a um parente próximo; e este divide o animal, dá uma parte ao caçador e guarda a maior porção para seu próprio uso.

e) Instinto de submissão: -

Este instinto deve ser encarado lado a lado com o seu oposto, o de auto-afirmação. É muito frequente a atitude de submissão entre os homens. A explicação mais provável é a de que o comportamento submisso é um meio para um fim, isto é, nós nos submetemos para obtermos proteção, segurança econômica ou qualquer ou-

tra vantagem.

Do exposto, podemos concluir que a condição biológica para a manifestação do comportamento chamado instintivo, diminui do 1º para o 3º grupo, sendo inexistente no 4º; inversamente, a influência da cultura se faz sentir cada vez mais pronunciadamente nesses grupos, na ordem apresentada.

O autor, mesmo reconhecendo as bases orgânicas dos motivos incluídos no 1º grupo e a imperiosidade de sua manifestação, prefere não usar o termo instinto, por razões que não menciona.

CULTURA MATERIAL E NÃO MATERIAL

O homem produz ferramentas e outros instrumentos de trabalho, fabrica e utiliza uma série quase infinita de objetos, como mesas, cadeiras, espelho, máquinas de escrever, toalhas, papel, roupas, etc. Estes objetos materiais, que são usados de modo convencional, farão parte da cultura?

Segundo a definição que apresentamos para cultura, tais artefatos ou produtos de ação do homem não estão nela incluídos.

Para melhor entender este assunto, acompanhemos um exemplo. Consideremos uma cadeira. Houve tempos em que a cadeira não existia, até que alguém a imaginou em sua mente segundo um certo padrão, construiu-a e dela se utilizou para se sentar. Outros indivíduos aprenderam este padrão e prosseguiram construindo cadeiras com a finalidade de servirem de assento para os homens. Pois bem, a cadeira e outros objetos que resultaram da tecnologia humana são chamados, frequentemente, de cultura material. Os padrões, os modelos, a arte e a técnica adotadas pelo homem para confeccionar os artefatos materiais, o significado e a utilização que deles faz, denominam-se, em contraposição, cultura não material. Fica entendido, no entanto, que, a rigor, não existe cultura material; trata-se de mero expediente verbal.

É evidente que a cultura material não pode ocorrer independentemente da cultura não material, pois esta é que empresta significado àquela. Assim, uma cadeira colocada à frente de uma pessoa em cuja cultura não existe esse objeto, pensará que ela sirva para fazer fogo, para secar a carne, para ornamentar uma pequena tenda ou para agressão; agirá em relação à cadeira de modo diferente, de acordo com o significado que tenha a ela emprestado.

NATUREZA DA CULTURA

Assunto muito discutido em Antropologia é o referente à natureza da cultura. A questão que se apresenta é a seguinte: A cultura é independente do homem ou ela só tem realidade psico-

lógica, isto é, só existe como uma série de idéias na mente dos indivíduos? Do ponto de vista filosófico, é este mais um exemplo da velha polêmica entre o realismo e o idealismo.

Herskovits, que discute muito bem este problema diz que a tomada isolada de qualquer dessas posições cria uma falácia lógica, que só poderá ser evitada adotando atitude eclética face a esse problema.

Examinemos cada ponto de vista separadamente.

1ª AFIRMAÇÃO: - A cultura pode ser estudada sem levar em conta o homem.

São argumentos favoráveis a esse ponto de vista:

(1) A cultura continua de geração em geração, independentemente do intervalo de vida de cada pessoa. Os homens sempre mudam: nascem, vivem e morrem.

A cultura, ao contrário é formada por um corpo sólido de costumes que sofre mudanças devidas ao seu próprio passado histórico. Haveria um verdadeiro determinismo cultural, para o qual o homem seria mero acidente. Assim, a palavra "sim" significa uma resposta afirmativa a uma pergunta, desde tempos muito anteriores a qualquer presente.

(2) Nenhum homem conhece toda a cultura de seu grupo. Para corroborar esta afirmação é suficiente nos lembrarmos que os homens não sabem a respeito das tarefas femininas ou então, que ninguém conhece sobre todas as profissões ou especialidades.

Portanto, a cultura, é mais do que qualquer indivíduo possa ser.

(3) No dizer de Kroeber, a cultura é uma entidade super-orgânica, isto é existe em si e por si atuando na vida dos homens, os quais, não são senão instrumentos passivos sob seu domínio. Kroeber diz "A marcha da história, ou como se diz, os progressos da civilização, é independente do nascimento dos diversos indivíduos. O efeito concreto de cada indivíduo sobre a civilização é determinado pela própria civilização". Cita o caso de Darwin, que formulou a doutrina da evolução pela seleção natural; essa doutrina foi descoberta paralelamente por Wallace que trabalhava no outro lado do globo. Se Darwin tivesse nascido mais tarde, Wallace teria tido essa primazia, e se Wallace tivesse morrido precocemente, outro a teria descoberto.

2ª AFIRMAÇÃO - A cultura só tem realidade psicológica, só existe na mente do homem.

São argumentos favoráveis a esse ponto de vista:

(1) A cultura não pode subsistir sem o homem.

(2) O homem aprende sua cultura tão bem, que a maior parte de sua conduta passa a ser automática; se as circunstâncias se modificarem, ele tomará consciência dos seus

próprios costumes ou hábitos. Assim, por exemplo, um homem que viva em cultura onde se dorme sobre esteira achará intolerável dormir em colchão macio. Contudo, apesar da conduta ser automática em sua maior parte, não quer dizer que os homens sejam autômatos, pois todas as culturas permitem variações individuais.

(3) A cultura tem significado para as pessoas que vivem de acordo com ela. É o homem que dá sentido a tudo que o cerca, sua conduta é simbólica. Portanto, o homem é o elemento ativo da cultura.

Herskovits procura conciliar esses dois pontos de vista, pois os argumentos de cada um, de per si, são realmente bastante impressionantes.

Tão profunda é a influência da cultura sobre o indivíduo, que a ela tem que se conformar; tão suave é a linha histórica que se pode traçar quando se acompanha as mudanças culturais ao longo do tempo, que se torna difícil não considerar a cultura como uma coisa fora do homem, que o domina, levando-o, querira ou não, para um certo destino.

De outro lado, encontramos que os indivíduos de cada grupo agem, sentem e pensam de maneira comum, o que se deve ao fato de terem aprendido as mesmas coisas; nós é que resumimos as semelhanças de comportamento e queremos objetivar essas semelhanças que chamamos cultura, em algo super-organico, fora do homem. O erro consiste nesta passagem do que é inerente ao homem para uma realidade que lhe é extrínseca.

Portanto, a cultura é uma abstração que resulta da regularidade do comportamento dos seres humanos; do mesmo modo que não vemos a gravidade mas só a queda dos corpos, a cultura também não tem existência objetiva. É uma construção mental que usamos para guiar nosso pensamento e para nos ajudar na análise. Isto não quer dizer, entretanto, que neguemos (Herskovits) a utilidade de se estudar a cultura como se ela tivesse existência objetiva.

CULTURA E SUB-CULTURA

Embora comumente, ao se falar em cultura, se tenha em vista determinada sociedade, os antropólogos também aplicam o termo cultura a grupos maiores que uma só sociedade. Assim, o termo cultura pode ser usado para denotar os modos de vida comuns a toda a espécie humana, para grupos de sociedades entre as quais há certos grau de interação (cultura ocidental, cultura oriental, cultura europeia, cultura francesa, cultura brasileira, cultura Zulu, etc) e para determinadas sociedades.

Costuma-se chamar sub-cultura àqueles modos especiais de comportamento característicos de segmentos de sociedades mais complexas, em geral urbanizadas.

RESUMINDO: - Cultura é um conceito, uma abstração feita a partir do comportamento humano e que não se confunde com atos do comportamento ou artefatos.

Todos os povos possuem uma cultura, que é única e distintiva, e que não deve ser comparada com qualquer outra, quando se usa um critério valorativo.

Enquanto os animais, incluindo os apes, exibem grande regularidade no comportamento, o homem não, o que se deve ao fato de seu comportamento ser ditado pela cultura.

Embora a cultura dependa da existência de uma base anatômica e fisiológica para que possa se manifestar, ela de maneira alguma é transmitida pela herança biológica, mas sim pela aprendizagem.

A cultura não só determina a nossa conduta em relação ao ambiente natural, aos artefatos que resultam da tecnologia humana e a interação com os outros seres humanos, como também modifica as reações humanas (nervosas, psicológicas e sensoriais), que são controladas por mecanismos biológicos. Em consequência a própria personalidade é determinada, em sua maior parte, pela cultura. Os nossos ideais, os nossos valores e a nossa filosofia de vida sofrem um condicionamento cultural.

Por meio da cultura o homem animal se humaniza e com ela tem a posse de um instrumento para conseguir se adaptar à sua situação total, material, social e sobrenatural.

Estrutura da cultura

A cultura é um sistema funcionante indivisível, como o é o organismo humano. No entanto, para efeito de estudo é admissível que se divida a cultura em partes, a exemplo do que também se faz com aquêle.

Este tipo de análise oferece grande vantagem ao antropólogo, que assim poderá melhor estudar e compreender a cultura, entidade bastante complexa.

Geralmente descreve-se a estrutura da cultura em termos de traço, complexo, padrão e área. Trata-se de uma progressão lógica, em que o elemento traço, a menor unidade que se pode distinguir, combina-se com outros traços para formar um complexo. Os complexos e traços se acham orientados segundo determinados padrões. A distribuição de padrões similares em uma dada região constitui uma área cultural.

Traço cultural

Kroeber diz que traço cultural é o mínimo elemento definível da cultura. Para Herskowitz é o mínimo elemento identificável da cultura.

O conceito de traço cultural tem sido empregado principalmente para o estudo da cultura material, talvez por ser esse o aspecto mais acessível. Contudo, ele se aplica também à cultura não material.

Exemplos de traços culturais: (1) material - mesa, giz, camisa, fuzil, garfo, rádio etc.; (2) não material - chute na bola, aperto de mão, ato de dar um laço no sapato, sinal da cruz, as letras do alfabeto etc.

A idéia de traço cultural como a menor unidade da cultura parece relativamente simples. Mas, pelo fato da cultura estar tão bem integrada e suas partes tão inextricavelmente entrelaçadas, resulta na prática ser muito difícil identificar ou definir o menor elemento que a constitui.

Um exemplo servirá para mostrar essa dificuldade e como ela deve ser enfrentada. Tomando-se de uma casa, um conjunto de uma mesa e seis cadeiras da sala de jantar, poderemos dizer que este conjunto representa uma unidade dentro da sala de jantar. Contudo, embora o grupo mesa - cadeiras constitua uma unidade quando pensamos nele como um conjunto, o fato de ser representado por unidades físicas separáveis já nos diz que a unidade não deveria ser o agregado mas cada uma das peças isoladas. Mas, perguntamos, seria a mesa uma unidade em si mesma? Responderíamos, não, pois é formada de sub-unidades tais como peças de madeira que foram reunidas, cola, pregos e verniz. Continuar neste processo de análise, pois todos esses elementos também são decomponíveis, chegaríamos até o átomo (com o que ainda não concordariam os físicos) para encontrar o traço cultural.

Este exemplo nos mostra que o conceito de traço cultural não pode ser delimitado em termos absolutos. Vemos, de outro lado, que a unidade pode mudar de lugar; assim, a mesa é uma unidade do conjunto, este é uma unidade da sala de jantar, esta, uma unidade da casa, e assim sucessivamente.

Portanto, a forma que adota um traço em determinado momento dependerá de seu contexto, antes do que de qualquer qualidade intrínseca.

A mesma dificuldade existe para a caracterização dos traços de cultura não material. Quando uma pessoa vai a igreja, tira o chapéu e se mantém em atitude de respeito, estamos descrevendo um traço ou um complexo cultural ?

Complexo cultural

Complexo cultural é um conjunto de traços culturais dentro de um contexto cultural ou, em outras palavras, é uma reunião ou agregado de traços culturais relacionados entre si.

Geralmente, a relação entre os traços de um complexo tem caráter integrativo, o que confere unidade ao complexo. O elemento integrativo pode ser um impulso, um objetivo, uma necessidade, um motivo, um valor. Como exemplos poderíamos citar: os vários elementos de cultura material e não material que integram o cultivo do café, os sons das linguagens que são combinados em palavras e sentenças e outras formas complexas de expressão, o ato de chutar a bola quando combinado com outros atos de comportamento que formam o complexo que conhecemos pelo nome de jogo de futebol, o conjunto dos objetos e condutas que se reúnem para constituir uma aula.

Muito interessante são os complexos de virgindade e de virilidade, estudados e descritos por Emilio Willems em artigo intitulado "A Estrutura da Família Brasileira", publicado em Sociologia, Vol. XVI, nº 4, outubro de 1.954.

- (1) Complexo de virgindade. Neste complexo, o motivo central é que a mulher solteira deve ser virgem e depois de casada deve ser fiel ao marido. Em torno deste motivo há um conjunto de traços culturais, que passaremos a descrever; alguns traços já estão passando por um processo de mudança, principalmente nos grandes centros urbanizados.

A moça não deve sair só, mas em grupos de duas ou três, e deve evitar lugares e horas que possam levantar suspeitas ao seu comportamento. É perigoso para a reputação da moça ser ela vista em companhia de diferentes homens e em circunstâncias que sugiram intimidade. Se os pais e irmãos têm conhecimento do defloramento da moça ficam envergonhados, podem perder status e serem levados à vingança. Para a mulher, a perda da virgindade pode significar-lhe prejuízo nas oportunidades de casamento ou, se este realizado, poderá ser anulado, pois esta sanção é garantida pelo Código Civil. A maior parte dos homens se recusa a aceitar uma mulher como esposa sabendo ter sido ela deflorada por outro homem.

O casamento não liberta a mulher das restrições pré-mariais; pelo contrário, nas grandes cidades perde algumas das liberdades de que gozava antes do casamento. Assim, deve ela evitar todas as situações em que um homem possa cortejá-la. Se a mulher for encontrada com outro homem, mantendo relações sexuais ou em situação que indique essa intenção, poderão, ela e o amante, ser mortos pelo marido encolerizado, que assim agirá para vingar-se da honra ultrajada. Se o marido não se utiliza de medidas radicais contra a infidelidade da esposa, receberá a designação de "corno manso", que é um dos piores insultos que a sociedade lhe dirige.

- (2) Complexo de virilidade. O motivo principal deste complexo é que o homem deve ser viril, para o que concorrem os seguintes traços:

O homem deve ter relações precocemente, já na adolescência. Por isso desde logo se interessa pelo conhecimento das questões sexuais e aprende que o exercício regular destas é saudável e necessário. O conceito de castidade é repudiado entre os homens.

Mesmo depois de casado o homem se considera livre para manter relações extra-conjugais: Diz Emílio Willems: "Um homem tipicamente brasileiro" tem o senso de honra e de respeitabilidade altamente desenvolvido em relação à sua família que ele tende a manter de acordo com as austeras regras da tradição. Assim, qualquer que seja sua conduta fora do lar, o marido e pai brasileiro é capaz de desempenhar papel de guardião de u'a moralidade rigorosa, quanto à sua família. Por outro lado, sua família, especialmente sua esposa, ignora ou pretende ignorar as liberdades do marido. Há uma forte tendência para não levar "essas coisas", a sério, a menos que elas interfiram na contribuição que o homem dá ao sustento e à direção do lar. Baseados em numerosos dados cremos que, com poucas exceções, as mulheres solteiras mostram pouca preocupação pelas ocasionais infidelidades de seus futuros esposos. A maioria delas, porém, não agrada a perspectiva de ser forçada a compartilhar o marido com uma amante".

Como se vê a sociedade brasileira é essencialmente casta, pois enquanto adota padrões severos, com sanções igualmente sérias, em relação à mulher, é prodigamente liberal com o homem, que está livre de quaisquer restrições ou sanções quanto ao seu comportamento sexual.

Padrão cultural

Quando falamos em padrão cultural temos em vista a orientação dos traços e complexos culturais; são os "caminhos" seguidos pelos costumes, idéias, crenças e atitudes do grupo ou do parte do grupo.

Em geral o padrão cultural enumera um consenso de pessoas. Assim, quando dizemos que um homem ao entrar no elevador tira o chapéu, queremos indicar que todos os homens tiram e não apenas. Entretanto, neste exemplo, o consenso não é unânime, pois alguns homens não tiram o chapéu ao entrar no elevador. Já o uso de calças por parte dos homens é um consenso unânime.

O padrão cultural, pode ter um aspecto formal ou um aspecto psicológico. Nos dois exemplos vistos, os padrões apenas se referiam à forma. As janelas de nossas igrejas são de vidro colorido; é outro exemplo de padrão cultural apresentado quanto à forma, isto é, quanto ao seu aspecto objetivo. Neste outro exemplo, "o padrão de conduta nas igrejas exige que se fale em voz baixa", o padrão cultural envolve valores psicológicos. É evidente que geralmente estes dois aspectos dos padrões estão presentes simultaneamente quando analisamos a conduta individual.

Portanto, poderíamos dizer que os modos de conduta que descrevemos para uma sociedade, ou seja, seus padrões culturais, representam generalizações dos modos de vida de todos ou de alguns membros daquela sociedade. Quando dizemos a um estrangeiro que se apresenta em nossa sociedade "nós costumamos fazer assim", estamos enunciando um padrão cultural.

Apesar dos padrões culturais serem normas de ação, nem todos o obedecem rigidamente e há os que não o seguem. Por exemplo, no padrão da conduta euro-americana, o homem tira o chapéu na presença de uma mulher que conhece, mas esta ação pode ser realizada de maneiras diferentes: pode fazer uma reverência, pode levantar o chapéu levemente ou só tocar na aba; outros não têm chapéu estão demasiadamente ocupados para se preocuparem com essa etiqueta ou são descuidados nas suas "maneiras". Cada indivíduo, ao realizar este ato simples, revela uma variação individual de um procedimento cultural comum. Esta flexibilidade na execução do padrão e a tolerância para com a sua inobservância, são possíveis neste caso porque o padrão não é rígido.

Os padrões atuam no sentido de limitar a um mínimo a confusão que teríamos para encontrar soluções na nossa conduta diária. Uma coisa tão elementar como a técnica de levar o alimento à boca está regulada, obedece a um modelo ao qual nos devemos adotar e que, ao segui-lo, o transmitimos aos nossos descendentes. Ao acomodar nossa atitude a esse modelo ou padrão, ficamos competentes nesse elemento da cultura e de tal modo aprendemos bem, que esse hábito passa a ser automático. Para termos a sensação de quanto automático é a técnica de comer com colher e garfo é suficiente procurarmos comer com palitos, como é hábito entre os japoneses. O nosso tráfego é feito com utilização da "mão direita"; se fôssemos para a Inglaterra, provavelmente ficaríamos confusos ao termos que dirigir na "mão esquerda", pois este padrão não nos é familiar. O ato de um homem beijar outro é visto como efeminado em nossa sociedade mas, provavelmente, ficaríamos admirados ou sem saber o que fazer se fôssemos beijados por outro homem. Na França, pois esta é uma forma de mostrar apreço naquela sociedade. Qualquer um de nós já teve oportunidade de ver como um "caipira" ficou atordoado para atravessar uma rua de São Paulo muito movimentada;

-5-

nós mesmos sentimos dificuldades em atravessá-la quando acompanhados de uma criança pequena.

Quando a cultura não tem um padrão para uma situação, os indivíduos não sabem como agir e gera-se a confusão, como acontece por ocasião de um incêndio no cinema, nos naufrágios, terremotos ou no início de uma revolução. Cada indivíduo terá que pensar e agir por si próprio e o resultado é a confusão e a indisciplina, acompanhadas de lesões para os indivíduos, ou perdas de vida.

Os padrões culturais têm também valor de previsão das atitudes e comportamentos das outras pessoas; é suficiente, para isso, que se conheça a cultura das pessoas com quem está em interação. Em nossa sociedade esperamos que as pessoas permaneçam caladas e reverentes na igreja, que o comerciante abra seu estabelecimento às 8 horas, que o ônibus para no ponto, que o pai ampare seus filhos e proteja a honra de sua esposa, que os veículos andem do lado direito da estrada, que o condutor de um automóvel responda ao sinal vermelho e nos permita cruzar a rua sem perigo, que o chefe de cozinha de um restaurante não nos envenene, que u'a mão aberta nos ofereça um aperto de mão e não uma bofetada etc.

O fato de toda a cultura estar padronizada permite que as expectativas convencionais das atitudes e comportamentos dos indivíduos sejam conhecidas e previsíveis e, em última análise, seja possível a vida social que, por consequência, é organizada.

Como dissemos, o padrão cultural tem uma base psicológica e foi Sapir um dos primeiros a demonstrar esse aspecto; realmente, o padrão cultural tem um elemento unificador, que é a compreensão. Cada padrão é interpretado e os indivíduos agem baseados na interpretação dada. Alguns exemplos esclarecerão o que foi dito. Entre nós, o nascimento de gêmeos é encarado com sentimento duplo por parte dos pais, mas geralmente é interpretado em termos dos fatores financeiros envolvidos. Contudo, os Ju-Ju do delta do Níger têm tão diferentes interpretações a esse acontecimento: (a) a mulher pode ter cometido adultério e os gêmeos indicam pais diferentes; (b) um dos gêmeos pode representar um espírito mau, com o qual a mãe associou-se e entrou em seu corpo; (c) o nascimento de gêmeos pode ser mau presságio, porque em tempos passados ele foi seguido de calamidades como morte, pragas, seca e fome. O pai sente e age de acordo com a interpretação comum do seu grupo. Uma tempestade é interpretada em nossa cultura como o resultado da interação do calor, umidade e cargas elétricas da atmosfera, e o indivíduo pensa e age de acordo com estes aspectos físicos naturais na mente. Na Colômbia Britânica, a mesma situação é interpretada como sendo devida às batidas das asas de uma sobrenatural e gigantesca ave trovejante, enquanto que na Grécia antiga era considerada como manifestação de ira de Zeus. Na Tailândia, o mesmo remédio serve para o reumatismo e, para o sofrimento causado pelo desaparecimento do marido.

-6-

Desta maneira, é impossível dizer o que um indivíduo está fazendo a menos que se conheça e se saiba interpretar os padrões que orientam sua conduta. Qualquer pessoa que duvide, deve experimentar relatar as ações de um grupo de nativos entregues a uma atividade, da qual ele não possua a chave cultural; a possibilidade de acertar é praticamente nula. Exemplos deste tipo de erro são comuns. Recorda-se o prazer que os primeiros exploradores dos Kikuyus da África Oriental sentiam quando eram escoltados até o chefe da tribo pelos guerreiros. Não imaginavam que este fato era uma medida militar ou sinal de hostilidade. O trato amistoso desse povo adotava forma inteiramente diferente.

Como dissemos, os padrões culturais são normas para a ação. No entanto, vemos que as pessoas de determinada cultura exibem, geralmente, variabilidade no comportamento. Se existe esta variabilidade podemos falar em padrão? Padrão seria o que sabemos que deve ser feito ou o que realmente fazemos? Vejamos um exemplo, para melhor esclarecer o assunto.

Nas cidades grandes, principalmente nos Estados Unidos, todos sabem que há certos sinais de tráfego e que exigem a parada do carro nos cruzamentos; o motorista deve olhar cuidadosamente para ambas as vias antes de prosseguir. Contudo, uma pesquisa feita por Fearing e Krise, compreendendo a observação do comportamento de 1.541 motoristas face a um sinal de parada, deu os seguintes resultados: 5,1% parou o carro sobre a linha de parada ou além dela; 11,5% diminuiu a marcha para 1-3 milhas por hora; 45,1% diminuiu para 3 - 6 milhas por hora; 35,0 diminuiu para mais de 6 milhas por hora e 3,2% ignorou completamente o sinal. Este exemplo nos indica que há dois tipos principais de padrões, os quais são denominados por Kluckhohn padrões ideais, aqueles que definem o que fazer ou dizer em situações particulares, e padrões de comportamento, os quais derivam da observação de como as pessoas se comportam. Os padrões ideais representam os "musts" (padrões imperativos) e os "shoulds" (padrões optativos).

Os padrões culturais não preconizam sempre a mesma forma de comportamento para todos os indivíduos de uma sociedade. Desde a infância as pessoas são dirigidas para interesses diferentes conforme o sexo; assim, os meninos e as meninas têm vestuário, corte de cabelo, brinquedos e atitudes diferentes. O adolescente não se interessa pela conversa de adultos e nem de crianças menores. Os adultos homens, quando em conversa, se separam das mulheres; uns falam sobre o futebol, outros sobre política, esporte, excursão de caça e pesca, enquanto as mulheres falam sobre a alimentação para recém-ascidos, empregadas domésticas, vestidos, etc. Devido à mudança cultural os interesses de gerações diferentes também são diversos, o que pode dar lugar à mútua irritação de pais e filhos, quanto ao gênero de música, roupa, maior ou menor grau de liberdade etc. Indivíduos de profissões ou classes diferentes também podem adotar hábitos ou interesses diversos quanto ao modo de falar, de comer, de trajar, de conduta para com a esposa, gô

-7-

to pelo mobiliário, uso das horas de ócio etc. Em tôdas as sociedades há estas diferenças, dependendo o seu grau de tamanho e especialização da sociedade.

Para este tipo de apreciação dos padrões culturais, é muito útil a divisão adotada por Ralph Linton. Este antropólogo divide os padrões culturais em três grupos:

- (1) Universais: são os padrões comuns a tôda a sociedade, como a linguagem, o vestuário, a morada, a forma de família, os padrões ideais para as relações sociais etc.
- (2) Especialidades: São os padrões compartilhados por grupos de indivíduos, como vimos nos exemplos acima. As especialidades mais importantes são geralmente as relacionadas com a divisão segundo os sexos e as profissões.
- (3) Alternativas: são padrões diferentes, alternativos, obedecendo a um mesmo fim; cabe ao indivíduo optar por um ou outro. Assim, por exemplo, em nossa sociedade podemos escolher o tipo de religião, podemos utilizar indiferentemente qualquer um dos diversos meios de locomoção (cavalo, automóvel, bicicleta, avião, trem), podemos optar por um determinado estilo de pintura etc.

Os sociólogos usam, com bastante freqüência, certos termos que são numa linguagem antropológica, conhecidos como padrões culturais. Entre outros são os seguintes: folkways, mores, moda, tabús e sanções.

- (1) Folkways (The ways of a folk). São os padrões de comportamento de nossa vida diária, geralmente realizados de modo inconsciente pelo grupo. Incluem coisas como o aperto de mão, o "bom dia" que damos como cumprimento, o uso do lápis para escrever, o uso de gravata, o ficar na fila etc. Geralmente os folkways não têm significação moral e não apresentam grande importância para a existência do grupo, porém às vezes exercem poder coercitivo sobre os indivíduos, como por exemplo, a etiqueta que deve ser observada no traje para um banquete ou baile, ou então o protocolo seguido nas cerimônias.
- (2) Mores (singular mos, não usado). São os costumes e outras rotinas da vida, considerados essenciais para a felicidade e bem estar gerais. Os mores exercem grande pressão para que os indivíduos se conformem com eles, sendo as transgressões punidas com sanções severas, que poderão consistir na segregação do indivíduo da sociedade ou na decretação de sua morte. Como mores podem ser incluídos o regime de casamento, o respeito pela vida e propriedade alheias, o acatamento à autoridade, os tabús sexuais, obediência aos rituais religiosos e o uso de vestes na nossa sociedade. Um dos característicos importantes dos mores está no fato de poderem ser defendidos pela moral. Os mores têm sempre razão e qualquer tentativa para mudá-los abruptamente é sempre inútil. Isto não quer dizer que eles não mudem. Mudam, sim,

-8-

mas vagorosamente tanto que, o que era lícito em um época, não ser em outra. Por exemplo, na Idade Média era contra os mores o indivíduo interessar-se por dinheiro, sendo mesmo considerado pecado pelos cristãos; no antigo Egito era desejável o casamento entre irmãos para perpetuar a nobreza real; há menos de um século ainda tínhamos a escravidão no Brasil; antes as mulheres estavam proibidas de fumar, de praticar desportos, de usar maiô na praia e de frequentar Universidades.

Nem sempre os mores fazem prescrições negativas; podem, às vezes, obrigar à ação positiva. Por exemplo, nas sociedades onde os tribunais de justiça são inadequados, uma ofensa pode requerer vingança, mesmo que a pessoa encarregada dêse ato seja poeta ou tenha horror ao sangue, ou acredite no mandamento "não mataras"; se assim não proceder será desprezado pelos seus, isolado, ou tido como covarde. Uma situação semelhante, em nossa sociedade é a que se refere ao marido traído pela esposa, que será ridicularizado e alcunhado "corno manso" se não tomar as medidas que a sociedade espera em tais ocasiões.

Os mores podem fazer com que se olhe com bons olhos o incesto, que se ache boa a carne humana, que se pratique o infanticídio, que se mate os assassinos ou inimigos de guerra ou que os velhos esquimó sejam abandonados para morrer.

- (3) Moda. São padrões que se transformam ou são substituídos por novos padrões com relativa facilidade; variam ao capricho da sorte. O vestuário feminino é um exemplo de moda.
- (4) Tabús. São mores que indicam proibições, aquilo que não pode ser feito. Em parte, os mores são ditados por temores místicos aos espíritos, mas também incluem medo ou receio quanto a certos alimentos, à guerra, saúde ou aumento ou diminuição da população.
- (5) Sanções. Para A.R. Radcliffe-Brown, sanção é uma reação por parte de uma sociedade ou de número considerável de seus membros a um modo de comportamento que é por isso mesmo aprovado (sanções positivas) ou reprovado (sanções negativas). Podem ainda distinguir-se as sanções segundo sejam difusas ou organizadas; as primeiras são expressões espontâneas de aprovação ou reprovação pelos membros da comunidade agindo como indivíduos, ao passo que as últimas são ações sociais praticadas de acordo com algum procedimento tradicional e reconhecido.

As sanções são necessárias para que os indivíduos se conformem com os padrões de sua sociedade

Os padrões culturais podem ser tenazes ou, pelo contrário podem ser transformados ou substituídos por novos padrões.

Vários são os fatores que interferem na manutenção dos padrões:

- (1) Tipo de padrão. Os mores são os mais tenazes e as modas as mais suscetíveis às modificações.
- (2) Natureza da cultura. Há sociedades que valorizam o conservantismo, como a dos povos não letrados, enquanto outras dão ênfase à mudança, como as sociedades euro-americanas.

Nas sociedades homogêneas, geralmente as não letradas, a moda é rara e os costumes se repetem durante muitas gerações, o que lhes confere sua natureza estática. No caso dos costumes se repetirem durante muito tempo, a pressão exercida sobre os indivíduos para que se conformem com eles é muito grande. Assim, quando se pergunta a um homem de uma sociedade não letrada, por exemplo, da cultura Caribe, por que pratica o couvade (costume que faz com que o homem se deite e simule o parto quando sua mulher deu à luz uma criança), ele responde que sempre se fez assim.

As culturas euro-americanas são essencialmente dinâmicas, isto é, são muito abertas às inovações. Será que podemos generalizar esta afirmação? A resposta seria não. O que está mais sujeito às modificações é o referente à tecnologia; recebemos muito bem as inovações tecnológicas (máquinas, aparelhos, instrumentos, utensílios etc.), porque nos trazem aumento da produtividade e maior conforto. Mas, em relação à nossa organização política, familiar, social ou outra, somos muito resistentes. Empregamos até alguns termos que traduzem nosso aprêço ou reprovção para novos padrões: o que cria padrões novos com relação às máquinas chamamos de inventor; no entanto, taxamos de revolucionário aquêle que aponta idéias novas na organização política.

- (3) Condições sociais. Se uma sociedade vive em atmosfera de pouca estabilidade econômica, social ou política, há maior dificuldade para os padrões se manterem estáveis. Como exemplo, podemos citar as modificações de diversos padrões que cerceavam a liberdade da mulher, condicionando-a a uma vida reclusa e de subordinação em relação ao homem; na situação modificada a mulher ganhou status praticamente igual ao do homem, chegando mesmo a competir com ele; esta "revolução feminina" ocorreu principalmente durante a 1ª Guerra Mundial e se robusteceu após a 2ª Guerra.

Os padrões culturais nem sempre são úteis aos indivíduos ou à sociedade.

Podem os padrões contrariar as necessidades biológicas, como no caso dos alimentos impróprios ou prejudiciais que os homens costumam consumir. Assim, os indianos comem arroz moído, o que os predispõem ao beribéri; na nossa sociedade descorticamos o arroz e comemos o pão branco em lugar do preparado com trigo integral; ingerimos álcool, café ou chá, que são prejudiciais ou sem qualquer valor; alguns povos deixam de comer alimentos essenciais, como os chineses que não aceitam produtos da carne de vaca ou muitas tribos africanas que não tomam leite.

Outros padrões produzem danos ao organismo humano; entre determinadas classes da sociedade chinesa as mulheres refinadas tinham que dobrar os dedos dos pés das meninas para baixo e enfiar o pé assim dobrado em sapato, pois que as meninas criadas de outro modo eram consideradas inferiores, embora fisicamente fossem superiores.

Algumas vezes, certos padrões culturais podem ser prejudiciais à sobrevivência do grupo. Assim, os japoneses anteriores à Idade Média gozavam de grande prestígio como guerreiros. A guerra devia obedecer a um cerimonial muito complexo e demorado; antes de cada batalha entre os japoneses, dois guerrilheiros se jantavam e contavam seus feitos militares e os de seu povo, sendo que o indivíduo que ouvia tomava grande interesse pela história. Somente depois disto é que brigavam. Quando da luta dos japoneses contra os mongóis, foram por estes derrotados ao pretenderem repetir esse padrão de guerra. Os judeus da Palestina davam atenção especial à religião, seguindo com grande rigor certos preceitos, como o de considerar o sábado dia de guarda. Disto se aproveitaram os romanos para derrotarem os judeus. Os esquimó não caçam fora em certos meses do verão, mesmo que não tenham possibilidade de obter outro alimento; este padrão, que é um tabú, faz com que o grupo todo, algumas vezes, padeça fome.

Área cultural

Área cultural é uma região que se delimita no mapa e na qual as culturas são semelhantes entre si.

O conceito de área cultural deriva da observação das semelhanças culturais exibidas por povos que vivem geograficamente próximos uns dos outros. De fato, é da observação comum que os povos vizinhos possuem culturas mais semelhantes entre si que povos localizados em pontos distantes. Isto ocorre porque os contatos entre povos vizinhos são mais frequentes, o que trás maior intercâmbio de traços, complexos e padrões culturais.

Área cultural é um conceito criado pelo antropólogo, muito útil para seu trabalho, mas que não tem existência real. A delimitação das áreas culturais não coincide com os limites geográficos das unidades políticas ou administrativas.

RELATIVISMO CULTURAL

Relativismo cultural é o conceito mais importante da Antropologia, quando se tem em vista as finalidades práticas.

Para o trabalhador de saúde pública, o conhecimento desse conceito chega a ser mesmo imperativo; do resultado da interação do sanitarista com a população dependerá a maior ou menor eficiência do seu esforço. Para este trabalho interativo é imprescindível que ele se oriente segundo os preceitos que a teoria do relativismo cultural recomenda.

Relativismo cultural é uma filosofia segundo a qual não há nenhum critério absoluto de valor ou de moral. Isto não significa, entretanto, que os valores e a moral não existam em cada sociedade, mas sim que cada sociedade tem seus próprios valores e seu código de ética. Em outras palavras, quando se fala em relativismo cultural se tem em vista: que não há absolutos no comportamento humano, nas crenças, nos costumes, nos valores e nos princípios. O belo e o feio, o bom e o mau, o certo e o errado, o justo e injusto, o honesto e desonesto, o normal e anormal, e outros conceitos equivalentes, são relativos a cada cultura e, dentro de cada cultura, a determinado período histórico. Assim, os ideais de beleza de nossa sociedade atual diferem daqueles de há 50 anos atrás, bem como de muitas outras culturas. O que é moral em uma sociedade pode não o ser em outra; o imoral em nossa sociedade a mulher ter tido experiência sexual antes do matrimônio, enquanto não o é em certos países como os escandinavos. É falta de respeito entre nós dar costas para as pessoas com quem conversamos; em outros lugares, tal comportamento é uma forma de mostrar respeito. Enquanto a modéstia é um traço normal entre os Zuni, é anormal para os Kwakiutl. Deste modo, os valores são relativos no sentido de variarem no espaço e no tempo, porém, para cada grupo e em cada momento, são absolutos.

Todos os povos, em todos os momentos de sua vida, emitiram e emitem juízos de valor, não só para os acontecimentos que ocorrem diariamente, como também para os modos de vida diferentes dos seus. Assim, provavelmente encararíamos como indesejável o regime da poligamia. Contudo, o simples fato de sua existência em algumas sociedades, resistindo a prova pragmática, demonstra a sua eficiência na função de perpetuar o grupo; de outra maneira, tais sociedades não sobreviveriam. Ao estudar a poligamia do ponto de vista das sociedades que a praticam percebemos valores e funções até então desconhecidas ou mesmo ocultos à nossa percepção.

A família dos Dahomey, da África Ocidental, pratica

a poligamia; a unidade familiar é composta do homem e várias esposas. O homem tem sua própria casa, como a tem cada uma das mulheres, o que está de acordo com o procedimento africano de que duas esposas não podem habitar, com sucesso, a mesma casa. Os filhos de cada esposa vivem com sua mãe. Cada esposa passa 4 dias seguidos com o marido, fazendo sua comida, lavando suas roupas e dormindo em sua casa; seus filhos permanecem na cabana da mãe. Durante a gravidez abandona esta rotina e não repete as visitas ao marido, até o desmame do filho, o que leva ao todo 3 a 4 anos. A unidade familiar resultante é cooperativa. As mulheres vendem mercadorias no mercado, fazem vasos e cuidam da horta; são elas que sustentam o marido. Entretanto, o mais importante é o prestígio que a unidade dá a todos os membros da família. Por isso, vê-se, com frequência, que a esposa não só pede insistentemente a seu marido que adquira uma segunda esposa, como o ajuda com empréstimos ou donativos a fazê-lo. A estrutura da família Dahomey é muito complexa, com numerosas ramificações de direitos e obrigações recíprocas. Sua eficiência, no entanto, é patente, na função de criar os pequenos, de proporcionar recursos econômicos e estabilidade. Os valores morais, as responsabilidades do pai para com as esposas e filhos, a divisão do trabalho e outros elementos desse complexo só podem ser entendidos quando considerados dentro dos padrões da cultura do dahomeyano.

Não foi com intenção diferente que Darling, célebre malaricologista que trabalhou no projeto do canal do Panamá afirmou: "Se você deseja controlar os mosquitos deve aprender a pensar como mosquito". Por extensão, esse conselho pode ser levado às populações que desejamos beneficiar com o nosso trabalho sanitário: "Se você deseja ajudar uma comunidade a melhorar sua saúde, deve aprender a pensar como as pessoas dessa comunidade". Em conexão com este assunto, George Rosen, citado por Benjamin D. Paul, em livro editado com o título "Health, Culture and Community", declara: "Um conhecimento da comunidade e sua gente... é tão importante para o sucesso em saúde pública como o é um conhecimento de epidemiologia ou medicina... O primeiro princípio na organização da comunidade é começar com as pessoas tais como são, e com a comunidade tal como é".

Os exemplos e as citações reproduzidos nos indicam que os nossos juízos de valor ou os nossos trabalhos quando dirigidos a populações diferentes, devem ser feitos em termos de sua própria cultura, para o que é necessário o seu conhecimento prévio; esta conclusão que parece óbvia não é seguida geralmente, o que responde pelo fracasso ou baixa eficiência de muitos programas de saúde pública.

Pierre Dorolle, ex-diretor geral da O.M.S., em artigo intitulado "A Etnologia e os Problemas de Saúde", cuja tradução é reproduzida em "Atualidades Médico-Sanitárias", ano X, nº 52, 1954, assim se expressa; "Quando trabalhamos para a eleva

ção das condições sanitárias de um povo, é obrigatoriamente nos-
 se dever o de renunciar às nossas concepções próprias relativa-
 mente ao que concebemos como sendo o bem ou o mal, o melhor ou
 o pior. "Práticas filantrópicas, desastrosamente empreendidas,
 por pessoas inegavelmente também inspiradas pelas melhores in-
 tenções, foram motivos de graves prejuízos". "Felizmente, entre
 tanto, desenvolve-se a compreensão de que o trabalho em prol do
 esmeramento sanitário não pode ser mais um monopólio dos médi-
 cos, dos higienistas ou de seus assessores técnicos". "Se o
 etnólogo é capaz de movimentar-se com confiança no intrincado
 campo dos mitos, dos rituais, tabus, feitiçarias, sortilégios, no
 reino dos temores e angústias...."

Benjamin De Paul, no seu artigo "Contextura Cultural
 da Educação Sanitária", publicado em *Atualidades Médico-Sanita-
 rias*, ano XII, nº 56, de Janeiro-Março de 1956, nos relata o sa-
 guinte caso ocorrido com ele e sua esposa numa comunidade indígi-
 na da Guatemala: Foram chamados para socorrer uma mulher que
 parecia estar morrendo sufocada. O quarto estava cheio de paren-
 tes e amigos que lhes pediram para que fizessem alguma coisa a-
 fim de aliviar o seu sofrimento. O quarto estava tão cheio de o-
 migos barulhentos e de fumaça de cigarro que eles mesmos começa-
 ram a sentir sufocação. Entre outras coisas, o Dr. Paul sugeriu
 que a maioria das pessoas saísse do quarto e deixasse a paciente
 respirar um pouco de ar puro. Este conselho foi ignorado e somen-
 te mais tarde ele percebeu a razão. Quando uma pessoa está muito
 doente, os parentes tem obrigação de ficar no mesmo quarto, pois
 todo o mundo da aldeia sabe que forças do mal espreitam na vizi-
 nhança dos indivíduos gravemente enfermos, esperando o momento
 em que possam se apoderar da vacilante alma humana e, assim,
 causar-lhe a morte. Hesitam entretanto, aproximar-se de pessoas
 sadias, e é, portanto, dever dos parentes manter vigília constan-
 te sobre o doente. Dr. Paul e sua esposa supuseram que a mulher,
 que sofria falta de ar, poderia respirar melhor se os outros
 saíssem do quarto mas, para os aldeões isto significaria aban-
 donar a mulher aos maus espíritos.

Relacionada com esta conclusão, Dr. Paul afirma em
 "Health, Culture and Community": "Evidentemente, então, devemos
 examinar a afirmação de que os bons resultados automaticamente
 levam à convicção; efeitos dramáticos na prevenção ou cura de
 doenças nem sempre tem validade própria. Os fatos não falam por
 si; eles são sempre re-examinados e os significados são dados
 de acordo com os pontos de vista do examinador" "Uma dada ocor-
 rência - uma doença, informação, campanha do DDT - realmente não
 é o mesmo evento para todas as pessoas. Observadores colocados
 em diferentes pontos do espaço social, percebem o mundo segundo
 a perspectiva de sua própria comunidade, classe ou ocupação" Em
 abono dessa ideia, Paul cita que durante campanha de emprego
 do DDT contra os mosquitos da malária, efetuada na zona costei-
 ra do Peru, embora seus resultados tivessem sido favoráveis no
 controle dessa doença, os habitantes não associaram a redução

da prevalência com a pulverização e nem imaginaram que a pulverização tivesse por objetivo os mosquitos. De acordo com a observação popular, o DDT se destinaria a exterminar as moscas; como estas tivessem desenvolvido uma progressiva resistência ao inseticida e, conseqüentemente, aumentassem de número, o que era um acontecimento incômodo para os aldeões, estes ficaram convencidos de que os funcionários das campanhas tinham se tornado desonestos, falsificando o produto.

Ainda do livro "Health, Culture and Community", editado pelo Dr. Paul, retiramos o seguinte trecho de sua Introdução: "Todas as pessoas praticam alguma forma de medicina preventiva, de acordo com seus próprios conceitos de causa e prevenção. As pessoas, assim, avaliam a aceitação de novos conselhos de acordo com a sua própria matriz de compreensão que é culturalmente condicionada. Se se pretender que as informações sejam aceitas inteiramente, devem ser adaptadas de algum modo a esta matriz. O novo elemento deve ser reformulado para torná-lo razoavelmente congruente com a estrutura existente de compreensão, mas no processo de assimilação da informação nova, a estrutura por si mesma é levemente transformada, como o organismo em crescimento que incorpora um pouco de alimento. Para aumentar a probabilidade de sucesso o educador deve modificar a forma de sua mensagem de saúde, de modo que faça sentido para a população a qual se dirige. Para fazer isso bem, o educador deve ser capaz de olhar o mundo do ponto de vista da outra pessoa. O processo reeducativo aplica-se tanto ao que dá como ao que recebe a informação. Para ensinar, o educador sanitário deve ser capaz de aprender".

Pelo fato do homem ter desenvolvido uma cultura ele perdeu seu contato com o mundo natural e social. Mesmo os fatos do mundo físico são discernidos através da tela cultural, de modo que a percepção do tempo, do peso, da distancia e de outras "realidades" estão mediadas pelas convenções criadas pelo homem. Isto equivale a dizer que o homem vive num mundo simbólico, onde as normas e valores sociais funcionam como pontos de referência comuns para indivíduos de uma mesma sociedade. Detenham-nos, por isso mesmo, um pouco mais no exame da questão dos valores e dos símbolos.

VALOR

O conceito de valor é um dos mais apaixonantes da Filosofia, mas não cabe aqui um estudo mais profundo desse assunto.

Há várias classes ou categorias de valor: éticas, religiosas, econômicas, lógicas ou teóricas, estéticas e outras.

Quando reagimos aos objetos ou acontecimentos do nosso meio, nós não só os descrevemos mas os avaliamos; o mundo não

é só o que é, mas o que é bom e mau. Esta tarefa de avaliar as coisas e os acontecimentos é feita com apoio nos valores.

Para o filósofo impõe-se a questão: os valores são atributos dos objetos e atos ou são os seres humanos que dão valor a eles? Usando a terminologia habitual, os valores são "objetivos" ou "subjetivos"? Para exemplificar estas duas posições, lembraremos de Spinoza quando diz: "Nós não desejamos uma coisa porque ela é boa; mas sim "ela é boa porque a desejamos".

Do ponto de vista filosófico parece que é melhor dar uma solução eclética para o problema da natureza do valor, admitindo que este tenha dois aspectos, subjetivo e objetivo. O diamante, por exemplo, não tem valor em si; ele tem valor para alguém e em alguma capacidade. Entretanto as suas qualidades não serão criadas por nós, pois não somos nós que fazemos o diamante duro e brilhante.

Contudo, é preciso ressaltar que os antropólogos geralmente seguem a interpretação subjetivista do valor ao afirmarem que ele varia com diferentes culturas e mesmo com diferentes indivíduos. Assim, um trabalho artístico pode representar um alto valor para um grupo, enquanto para outro é considerado uma coisa horrível. Somos nós, portanto, que damos valor às coisas. Este ponto de vista é criticado pelos que adotam o critério objetivo do valor, mas não é nosso escopo levar mais adiante esta discussão.

A teoria do relativismo cultural traduz apenas uma das maneiras de se encarar o problema do valor mas, embora seja uma posição criticável dentro da Filosofia, é um ponto de vista extremamente útil para o antropólogo, interessado que está em dar ênfase à cultura e não às qualidades ou propriedades intrínsecas dos objetos ou situações.

As sociedades lutam para preservar os seus valores mais importantes; os grupos resistem às mudanças que ameaçam os seus valores.

Uma vez que a cultura de uma sociedade representa uma adaptação às suas necessidades em dada situação, qualquer mudança se lhe apresenta como ameaça aos valores mais arraigados, o que põe em risco a coesão social. Por exemplo; o pagamento das dívidas como forma de honestidade é um alto valor em nossa cultura, porque uma falha ali desmorona a vida social e econômica dos indivíduos, pondo em perigo a organização social. Entretanto, alguns valores de qualquer cultura podem não ser realmente necessários à integridade e segurança da sociedade; podem ter se tornado parte da cultura acidentalmente e seu valor decorre do fato de estarem entrelaçados com outros realmente necessários.

Desde que os valores de uma cultura são estabelecidos

nos indivíduos pelo processo da aprendizagem, não costumamos pensar na lógica dos nossos valores. Nos passamos a agir ou pensar de certo modo e, uma vez que essas respostas estejam automatizadas, é difícil, e mesmo desagradável e indesejável estabelecermos novos modos de agir ou pensar. O bom ou mau, desejável ou indesejável, de uma cultura são geralmente interpretados em termos da configuração total. Assim, o infanticídio feminino (morte de algumas crianças do sexo feminino) é considerado bom entre os Esquimó Centrais, porque certos fatores, como a reduzida capacidade produtiva do meio, a economia baseada na caça e pesca e a alta proporção de mortes de homens, produziram uma configuração cultural em que este padrão é desejável, enquanto que tal prática é considerada crime em nossa sociedade.

SÍMBOLOS

A conduta humana tem sido definida como "conduta simbólica", pois que, através dos símbolos o homem dá sentido à sua vida.

O filósofo Ernst Cassirer, citado por Herskovits em "Man and His Works" escreve: "O homem vive em um universo simbólico. Linguagem, mito, arte e religião são partes desse universo. Constituem os diversos fios que tecem a rede simbólica, a complicada trama da experiência humana.... O homem já não pode enfrentar a realidade diretamente; não pode vê-la, como diríamos, cara a cara. A realidade física parece retroceder à medida que avança a atividade simbólica do homem. Em lugar de tratar com as coisas, o homem está em certo sentido, conversando consigo mesmo. Envolvem-se de tal modo nas formas lingüísticas, nas imagens artísticas, nos símbolos dos mitos ou nos rituais religiosos, que não pode ver ou conhecer nada, se não pela interposição deste meio artificial".

É a cultura que fornece ao homem a chave pela qual ele percebe o mundo. Perceber é interpretar as coisas, é dar sentido às coisas. Desde que as culturas variam, as percepções variam também. Por essa razão é que se explica o fato de que duas pessoas podem perceber os mesmos objetos ou as mesmas situações de modo diferente, o que indica que a percepção é sempre uma interpretação subjetiva, cujo sentido é definido culturalmente. Até para os bens materiais a definição é essencial. Um objeto, como uma mesa só é mesa se for reconhecido como tal. Para um membro de uma tribo isolada da Nova Guiné, a mesa seria tão incompreensível como o simbolismo dos seus desenhos o seriam para nós. Um objeto só entra na nossa vida depois que ele ganhou um significado; o ouro existiu durante muito tempo sem que representasse valor para o homem e só passou a fazer parte do seu mundo quando se lhe "descobriu uma utilidade".

Foi a faculdade de simbolizar que originou a cultura e foi o uso de símbolos que permitiu sua perpetuação. Sem os símbolos não haveria cultura e o homem seria apenas um animal e não um ser humano. A linguagem articulada é a forma mais importante de expressão simbólica. Tiremos a linguagem da cultura e nada nos restará. A linguagem, ao mesmo tempo que é um símbolo, é também veículo para o homem expressar todo o seu simbolismo, ou seja, de transmitir suas experiências a seus companheiros e às gerações seguintes.

Os significados são aprendidos na vida social; derivam deles da experiência comum do grupo, de acordo com as circunstâncias do meio e de interesse cultural. Enquanto temos uma só palavra para designar o camelo, os árabes tem cerca de 6.000 vocabulos; os esquimós tem diversas palavras para neve, o que traduz sua maior preocupação, maior interesse ou maior experiência com ela.

Quando nos colocamos numa cultura estranha logo sentimos que o aspecto mais difícil da cultura é o que diz respeito aos significados, o que só pode ser feito através da verbalização. Este é o problema mais sério para o investigador social. Ao estudar uma cultura estranha, o antropólogo deve procurar "ver-la" com objetividade, isto é, interpreta-la com base exclusivamente nos símbolos e valores dessa sociedade; para tanto, deverá despir-se de sua própria cultura e procurar reorientar-se segundo os padrões locais. Naturalmente, isto não pode ser feito de um modo integral e cada pesquisador chegará mais ou menos perto desta condição ideal, na dependência de sua capacidade inata e treino.

Devido a esses fatos é que muitas vezes precisamos ter cuidado em transferir equipamento cultural de uma sociedade para outra, como é ilustrado pelos exemplos que se seguem: Quando os europeus instalaram na Etiópia, fios de cobre para o telégrafo, estes foram roubados repetidas vezes pelos nativos que os usavam como ornamento pessoal. As garrafas de cerveja são objetos de comércio em certas áreas da América do Sul, onde são quebradas e adaptadas para servirem como pontas de flexa ou flechas. Relógios de bolso e despertadores são procurados pelos caribás como ornamento e brinquedo; são usados pelos homens, amarrados ao pescoço e se divertem ouvindo o seu tique-taque. Para os chineses o lado esquerdo é associado com lugar de honra, o que é contrario às regras de nosso protocolo; quando o Novo Testamento foi traduzido para o chinês, os tradutores tiveram que enfrentar o problema de manter a descrição original, segundo a qual Jesus está sentado ao lado direito de Deus, ou de alterá-la colocando Jesus do lado esquerdo, a fim de conservar o seu lugar de honra.

Desde que negamos a existência de valores absolutos e, em consequência, os conceitos de moral e imoral, de belo e feio, passam a ser relativos, poder-se-ia perguntar se tal filosofia não implicaria na negação de um código ético ou moral; o indivíduo poderia se comportar como bem lhe aprouvesse, procurando obter o máximo de satisfação, mesmo deixando de observar as regras de sua cultura.

É evidente que esta pergunta deve ser respondida negativamente, pois que se os valores são relativos num sentido universal, são absolutos para cada sociedade ou grupo. Ainda mais a filosofia relativista, pelo fato de reconhecer que cada sociedade tem seu grupo de valores, que orienta os indivíduos na sua vida, preconiza a tolerância para as convenções diferentes da nossa. Ao invés de destacar as diferenças culturais, o relativismo procura reafirmar a validade dos padrões para os indivíduos que os obedecem. Até a própria ciência, admitida como o único modo de se chegar a verdade, só é válida para quem nela acredita. Para o antropólogo, tem a mesma consistência a crença de que a tuberculose é produzida por um bacilo (em nossa sociedade) ou pelas maquinações de um feiticeiro (cultura Zulu); ambas as concepções são igualmente válidas para os indivíduos das respectivas sociedades. Fica ressalvado, no entanto, que esta afirmação não implica na negação da superioridade do conhecimento científico sobre o mágico.

Em conclusão, o relativismo cultural, ao destacar os diferentes modos de vida, procura reafirmar os valores de cada cultura e preconizar o respeito mútuo. À luz desta posição não se justifica a utilização de termos depreciativos, de que frequentemente lançamos mão como o de "ignorante". Dentro de cada cultura não há indivíduo ignorante; o que há, é um desconhecimento de certas formas de outra cultura. Assim, tanto é "caipira" o homem da cidade pequena ou da zona rural, como o habitante da metrópole que no campo comportar-se-á como um "caipira do asfalto". Veja-se, por exemplo, o caso do menino Johnnie, relatado por Guerreiro Ramos, em "Sociologia" em artigo intitulado "Pauperismo e Medicina Popular", vol. XIII, nº 3, Agosto de 1951, mostra ele que as pessoas com as quais lidamos não são passivas, pois emitem julgamentos sobre as nossas condutas. O Dr. Jeger, médico novo em uma localidade dos Estados Unidos, fez-se acompanhar de um seu colega mais antigo, Dr. Old Doc, para ver o menino Johnnie na zona rural. Quando lá chegaram observaram que o corpo do menino estava envolvido por uma camada de várias polegadas de esterco de cavalo, sobre a qual um encerado mantinha o calor produzido pelo cobertor. Doc preveniu Jeger, baixinho: "Não diga nada sobre o esterco," e ao saírem disse: "Eu bem vi, meu filho que você estava com cócegas de meter o pé naquilo tudo. Eu também da primeira vez me revoltei com tanta porcaria. Tive também vontade de cortar em pedaços semelhantes imbecis, cheguei mesmo a proibir que continuassem a cobrir os filhos daquela maneira imunda. O resultado foi que não me pagaram. Perdi numerosos clientes e

fui considerado pelo povo como simples idiota".

—°—°—°—

ETNOCENTRISMO : -

O etnocentrismo é um sentimento universal, existente em tôdas as culturas e pelo qual os povos consideram que os seus modos de vida são superiores aos de qualquer outro. O etnocentrismo resulta da solidariedade de cada indivíduo ao grupo ao qual pertence, combinada com um antagonismo aos grupos de fora. Nesse sentido, opera em favor da adaptação individual e da integração social, pois fortalece o ego, identificando-o com o próprio grupo, cujos modos de vida são aceitos implicitamente como os melhores. Todos os indivíduos, consciente ou inconscientemente, praticam o etnocentrismo, e de fato, é um sentimento que nos faz felizes e nos dá sensação de superioridade. Entretanto, o etnocentrismo tem um aspecto desfavorável, quando assume a forma de preconceito racial, quando um grupo impõe seus valores a outro grupo ou ve os valores estranhos como inferiores.

Alguns exemplos são citados abaixo. Os índios Cherokees, dos Estados Unidos, acreditam que o Criador fez o homem a partir de u'a massa; fez três figuras e as colocou no forno, para serem assadas. Sua impaciência era tão grande, que retirou uma figura muito depressa; lamentavelmente, estava meio assada, pálida, de cor desagradável, e dela descendeu o homem branco. Sua segunda figura saiu boa como pensava e lhe agradou sob todos os aspectos; dela descendeu o índio Cherokee. Tanto contentou esta figura, que esqueceu a terceira forma no forno; ela saiu carbonizada e negra. Os norte-americanos julgam-se os mais ricos do mundo, os mais democráticos, os mais livres, os mais avançados tecnologicamente, os que possuem maior padrão de vida, e assim por diante. Embora isto possa ser verdade sob o ponto de vista objetivo, é interessante notar que muitos povos se consideram superiores aos demais nos mesmos aspectos referidos. Mesmo as comunidades tribais se consideram superiores as outras. Muito comum entre estes povos é o fato de adotarem o termo "homem" para eles próprios, estando implícito que os demais não são homens; assim, os caríbas chamam a si próprios "Karinye", ou seja "homens", enquanto que aos outros chamam de "estranhos" ou "inimigos". Quando um Groenlandês ve um estrangeiro, de maneiras delicadas e modestas, geralmente diz "Ele é quase tão bem educado quanto nós", ou "Ele começa a ser homem". Mesmo os miseráveis Vedda, do Ceilão, tem um alto conceito de seu povo e consideram os seus vizinhos com desprezo. Os Hottentot, que vivem em precárias condições de vida material, se consideram como "os homens dos homens". Quando uma pessoa comete uma tolice, os

Chippewa usam a expressão "estúpido como um homem branco".

O antropólogo, quando realiza trabalho etnográfico, isto é, quando descreve a cultura dos povos, deve abandonar o etnocentrismo e procurar ver os modos de vida como os veem os próprios elementos do grupo estudado; em outras palavras, deve viver a vida desse povo, despendo-se de todos os valores de sua sociedade. Como dissemos, por maior que seja a capacidade do antropólogo, nenhum consegue libertar-se do etnocentrismo, pois que esse sentimento está tão integrado na personalidade, que constitui a sua própria base. Uma situação análoga ocorre com qualquer especialista. A especialidade estimula a percepção do indivíduo dentro de uma área restrita de interesse, assim também ocorre com o profissional de saúde pública que geralmente tende a ver o mundo girando em torno da saúde. Com muita propriedade Benjamin Paul diz: "O profissional da saúde pública não faz exceção a esta regra. Com a saúde no centro de seu sistema de percepção, sente, muitas vezes, dificuldade em ver a saúde como o leigo comumente a percebe. Isto pode não ter importância se ele permanecer no laboratório ou atuar como consultor técnico. Entretanto, se ele deseja trabalhar eficientemente com grupos de pessoas, deve superar sua incapacidade treinada e aprender a ver a saúde do ponto de vista do homem da comunidade".

Muito oportunas são também as palavras do Prof. Hugh R. Leavell, escritas à guisa de Prefácio na obra "Health Culture, and Community", já citada: "A aplicação do conhecimento que possuímos sobre saúde pública é o elo mais fraco da cadeia de proteção sanitária. Grande abundância de informações sobre medidas úteis na solução de problemas sanitários tem sido acumuladas pelo uso do método científico de investigação. Possuímos ferramentas tremendamente poderosas, com as quais trabalhamos: o laboratório, o método epidemiológico conjugado com as técnicas estatísticas para estudo de como as doenças afetam massas humanas, nossos complicados e altamente desenvolvidos hospitais, e outras facilidades sanitárias, os trabalhadores sanitários em número de mais de 150 tipos etc.

Apesar disso, os trabalhadores sanitários experientados sabem que não é fácil persuadir o público a utilizar todas as informações sanitárias à sua disposição, a não ser quando elas se originam de alguma epidemia evidente ou outro desastre. É na parte "pública" da saúde pública que estamos fracos; os aspectos "sanitários" parecem, de algum modo, mais simples para nós."

"Grande parte de nosso trabalho sanitário mais recente é feito com o indivíduo. Devemos obter não apenas seu consentimento mas, frequentemente mudança radical de seus hábitos e modos de vida pessoais. Se pretendermos introduzir modificações dessa ordem, deveremos aplicar o que é conhecido como relações humanas"

INTEGRAÇÃO CULTURAL

Vimos que a análise da cultura em seus elementos mais simples, conhecidos como traços complexos, padrões e áreas culturais, devia ser entendida apenas como artifício metodológico. A cultura, na realidade, está sempre organizada em um sistema ou configuração; do mesmo modo que o organismo humano, que também é dividido em partes para efeito de estudo, a cultura deve, igualmente, ser considerada um todo indivisível.

Quando se fala em integração se tem em vista que os elementos constitutivos da cultura estão ligados ou organizados entre si, em tal grau que permita o funcionamento da sociedade. Todas as sociedades apresentam algum grau de integração, pois do contrário perderiam sua unidade como grupo.

A integração tem aspectos estáticos e dinâmicos. Contudo, pelo fato das inter-relações dos elementos de qualquer cultura serem tão complexas, torna-se extremamente difícil estudar a integração do ponto de vista estático. Pode acontecer que elementos sem nenhuma relação aparente entre si quando considerados do ponto de vista estático, estejam, de fato, intimamente ligados pelo ajustamento mútuo a outros elementos, o que geralmente só é percebido quando a cultura é encarada sob o aspecto dinâmico. Em outras palavras, esta circunstância torna-se aparente ao se estudar a integração em processo, pela observação das modificações e ajustamentos que ocorrem entre traços existentes, quando um elemento novo é aceito na cultura. Linton apresenta exemplo esclarecedor a este respeito, referente aos Tanala, de Madagascar.

Os Tanalenses estavam organizados em famílias grupais, que é uma unidade de parentesco consanguíneo, constituída do pai, seus filhos e esposas, e seus netos, todos residindo sob o mesmo teto e subordinados a autoridade do mais velho. Até há mais ou menos 200 anos, a base econômica dos Tanala era o cultivo do arroz seco. Nessas condições, obtinham boa colheita no primeiro ano e regular dentro de 5 a 10 anos, abandonando depois o terreno; este tipo de atividade é conhecido como agricultura itinerante. A aldeia mudava-se para nova localidade e, assim, não poderia haver desenvolvimento da propriedade individual; conseqüentemente, não havia desigualdades acentuadas da riqueza entre as famílias grupais. Não existindo mercado para as sobras, não se tentava cultivar mais terra que o necessário.

Houve introdução do cultivo de arroz pela irrigação; as novas roças foram plantadas em lugares naturalmente úmidos, ao pé dos rios e, mais tarde, adotou-se o sistema de "terraços". A conseqüência imediata desta mudança do processo de cultivo do arroz fez-se sentir sobre a posse da propriedade; da situação em que todos tinham propriedade passou-se para aquela em que parte da sociedade ficou permanentemente sem propriedade. Sob outro aspecto, de uma sociedade sem classes, passou-se para outra em

que havia uma classe de proprietários de terra, o que trouxe enfraquecimento da organização em famílias grupais. A fidelidade à família grupal se mantinha, em parte, devido à interdependência econômica de seus membros e pela necessidade constante de cooperação. Concorreu também para o colapso das famílias grupais, a ida cada vez mais para longe de seus campos, dos "menages" que exploravam a terra pelo método antigo.

A vida, progressivamente mais sedentária, combinada com a dissolução das famílias grupais em seus "menages" componentes ocasionou, ainda, o enfraquecimento dos padrões de isolamento das aldeias, modificações nos padrões de guerra, no valor dos escravos e nas relações para com eles.

Linton concluiu dizendo que a introdução do modo de cultivo produziu uma série de desajustamentos, primeiro nos elementos culturais que estavam em contato mais imediato com ele, depois em outros mais remotos.

Outro exemplo nos é proporcionado por Gillin & Gillin, em "Cultural Sociology", com referência à mudanças sociais ocorridas no vale amazônico, cujo centro é a cidade de Iquitos, no Peru, ocasionadas pela "corrida" em busca da borracha. Embora a borracha fosse conhecida dos índios desde o tempo pré-Colombiano, suas possibilidades econômicas foram "descobertas" em 1882, ao que seguiu-se um "rush" semelhante ao ocorrido com o ouro. Milhares de "caucheros" enxamearam os rios. Peruanos dos Andes tornaram-se experientes trabalhadores das matas, aprendendo a viver na floresta sem os equipamentos dos "civilizados". Iquitos, que tinha sido uma vila à beira do rio e muito distante dos outros centros, floresceu em uma cidade de uns 30.000 habitantes, com magníficos prédios de pedra e cimento, cais, docas, armazéns, teatros, hotéis e bondes. Manaus, o centro brasileiro do comércio da borracha, construiu um dos mais faustosos teatros de ópera da América do Sul. Mas, entre 1915 e 1916, houve a crise da borracha, determinada não pela falta de mercado, porém pela grande destruição dos seringais nativos e não compensada pela reduzida plantação. Os índios, que tinham sido usados como coletores, foram sistematicamente mortos e assim acabou-se a força do trabalho nativo. "Os homens civilizados tornaram-se selvagens, a fim de dominar os bárbaros". Em breve período, cerca de 30.000 índios Witoto, da região do rio Putumayo, foram exterminados. O que restou? Iquitos e sua região se despovoaram. As pessoas que aí permaneceram tiveram que se reajustar entre si para viver de outro modo. Os hábitos metropolitanos desapareceram em face da pobreza e a população, que agora exigia traços de mistura do elemento europeu com o indígena, se adaptou às condições modificadas do meio e desenvolveu gradualmente uma nova cultura.

Por êsses dois exemplos percebe-se que desintegração e integração são processos concomitantes da mudança cultural, durante os quais há uma disforia social, com inquietação e confusão para os indivíduos, perda da eficiência social, aumento do número de conflitos, o que diminui os ajustamentos dentro do grupo. Con-

- 3 -

tudo, a sociedade geralmente sobrevive ao processo desintegrativo e se reintegra em moldes diferentes do anterior.

De um modo geral, os novos elementos são modificados e reinterpretados, a fim de servirem a outras finalidades na cultura receptora. B. Paul assinala que "a pecuária se difundiu para muitas partes do mundo; entretanto, o gado teve diferentes usos e foram-lhe atribuídos diversos significados na China, Índia, África indígena e Ocidente.

Linton cita que os índios Pueblo têm impressionantes indumentárias religiosas e danças mascaradas, referentes a vários aspectos da fertilidade do solo, chuva e obtenção de alimentos. Os Navajo copiaram muitas desses traços, pois podiam facilmente observar e imitar, mas não aceitaram o significado dessas práticas; esses rituais foram dirigidos para a cura de doenças, que era o que lhes interessava profundamente.

No trabalho de Edward Willin, "Water boiling in a Peruvian Town", uma das senhoras passou a aceitar certas noções sobre germes, porém adaptou-as a teoria local de transmissão da doença, pois em termos de sua cultura os micróbios não podem ocorrer na água (não sendo peixes, morreriam afogados). Além disso, afirma que as doenças é que devem produzir os micróbios e não o inverso; como podem tais animais diminutos, sem a proteção da doença, produzir lesões em um adulto?

A penicilina tem sido usada indiscriminadamente pela população brasileira, servindo, em certas áreas, não apenas para determinadas doenças, mas para muitas outras, como se fosse uma verdadeira panaceia.

Os elementos diferem quanto aos seus efeitos desintegrativos sobre a configuração cultural; alguns, como uma nova forma de ornamento ou de um hábito de fumar, uma nova dança ou música, geralmente pouco influem no conjunto da cultura. De outro lado, quando a aceitação do elemento envolve modificações importantes nos mores, pode se desenvolver um processo de alterações que interessam profunda e extensamente a cultura, produzindo-lhe sérios sintomas de desintegração e pondo em risco, muitas vezes, a própria coesão e estabilidade sociais. Em geral, os aspectos referentes as crenças fundamentais e à vida econômica são os que mais freqüentemente produzem alterações de maior magnitude. Além dos exemplos já citados, dos Tanala e das comunidades do vale do Amazonas, lembraremos outros. A introdução das máquinas na indústria, nas fazendas e nos domicílios contribuiu para profundas modificações na organização familiar, na estratificação social, nos métodos de educar as crianças, na distribuição da população e nas nossas instituições políticas. As relações entre empregador e empregado, características dos primeiros tempos, desaparecem na indústria moderna, surgindo novos tipos de instituições, os sindicatos e as greves. Os sentimentos de classe e atitudes, antigamente desconhecidos, aparecem. Antes, parte do trabalho industrial era feito nas casas de família; com o

desaparecimento desta prática, a criança, que colaborava nêsse dever, ficou livre para participar mais intensamente dos grupos de idade e adquirir novos padrões de comportamento. Para não nos alongarmos muito, diremos brevemente que não escaparam a essa influência o status da mulher, a religião e mesmo a moral.

Outra cultura que está recebendo o impacto do sistema econômico ocidental é a China; o processo de mudança cultural por que atravessa esse país interessa não apenas a pequena indústria, mas também o seu sistema de família patriarcal, o status de reclusão da mulher e os padrões de conduta moral.

Linton assinala que em Madagascar, a introdução do cristianismo teve efeitos profundamente desintegrantes; aí, grande parte da vida nativa era influenciada pelo culto original dos antepassados. O medo de desagradar aos antepassados era o principal estímulo para o comportamento socialmente recomendável. Ao ser removido este estímulo, a configuração cultural inteira se rompeu; assim, o roubo, que era quase desconhecido nos tempos pagãos, tornou-se caso comum nos grupos cristãos. O temor ao inferno e a polícia eram substitutivos insuficientes para o temor aos espíritos ancestrais, que tudo sabiam, que premiam o malfeitor com doenças neste mundo e com exclusão da aldeia ancestral na vida futura. Ao entrar na aldeia podia-se dizer se seus habitantes eram cristãos ou pagãos: as aldeias limpas eram pagãs, pois os espíritos ancestrais aprovam a limpeza e punem o desleixo; as aldeias cristãs, onde esta sanção foi destruída, eram geralmente iradas.

Um problema que pode ser colocado é o seguinte: qual o grau de integração necessário para uma sociedade sobreviver? Linton afirma: "Nenhuma cultura, em época alguma, está ou esteve perfeitamente integrada, pelo fato de nenhuma cultura ser estática. Assim, integração torna-se questão de grau". O fato de nenhuma cultura estar perfeitamente integrada, encontra explicação no desenvolvimento a um ritmo desigual, dos diferentes aspectos da cultura. Quando um elemento importante da cultura se modifica muito rapidamente, pode ocorrer falta de ajustamento entre ele e os demais elementos da cultura, causando seria desintegração para a sociedade. Assim, quando o "branco" entrou em contato com os índios dos Estados Unidos, procurou modificar-lhes os seus complexos religiosos pelo cristianismo; no entanto, pelo fato das crenças, sentimentos, comportamentos e atitudes religiosas entrarem em quase todas as suas atividades grupais e, também porque o cristianismo não tinha qualquer conexão com a cultura original, esta se fragmentou rapidamente, pois a integração não pôde ser mantida dentro de um grau mínimo necessário para a sociedade sobreviver. Quando os elementos vitais de qualquer cultura são abalados, a cultura toda pode entrar em colapso.

No trabalho de John Cassel, "A Comprehensive Health Program Among South African Zulus", publicado no livro de B. Paul, já citado, são apontadas as consequências da saída do homem adulto para trabalhar fora da comunidade em que viviam: "A despropor-

cionada razão entre os sexos, nas áreas urbanas e rurais, durante a maior parte do ano, levou a uma crescente promiscuidade, ilegitimidade e enfraquecimento dos laços familiares, em face dos quais, os códigos tradicionais de moralidade são virtualmente impotentes. Esta situação teve efeitos deletérios posteriores, no sentido de aumentar a incidência de doenças venéreas e a delinquência juvenil, além de sujeitar as mulheres a um esforço emocional maior."

Podemos concluir que a cultura de qualquer sociedade é um sistema cujas partes se mantêm em certo equilíbrio instável, exibindo certo grau de integração e, também, certo grau de desintegração. Ela está sujeita, continuamente, a um processo de mudança, mas sempre reage no sentido de alcançar reajustamento às novas condições. Somente quando atingida em seu núcleo, isto é, nos seus valores essenciais, o grau de desintegração assume tal proporção que surge a disforia social (aparecem os problemas sociais, conflitos, maus ajustamentos dos indivíduos, inquietação, etc.) ou mesmo o desaparecimento do grupo. É de Linton, ainda, a seguinte afirmação: "Parece provável que qualquer sociedade poderá fugir à dissolução causada pela introdução súbita de elementos novos, enquanto for capaz de manter a integridade de seu núcleo cultural."

Como dissemos, os elementos culturais devem estar ligados ou organizados entre si, de tal modo ou em tal grau que permitam o funcionamento da cultura. Em outras palavras, diríamos que os traços complexos e padrões culturais devem contar com um grau mínimo de consistência; esta pode se apresentar sob diferentes aspectos:

(1) Consistência no tempo - Significa que o mesmo indivíduo ou grupo não pode realizar dois costumes ao mesmo tempo. Assim, um padrão que exige o trabalho da mãe durante todo o dia na fábrica e espera que, no mesmo horário, faça os trabalhos da casa e cuide dos filhos, é obviamente inconsistente. Na saúde pública, muitas vezes incorremos nesse erro ao recomendarmos às pessoas a execução de práticas sanitárias em horários incompatíveis com seus outros "deveres".

(2) Consistência no lugar - Indica que a mesma pessoa ou grupo não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Um padrão que exija o comparecimento do aluno à aula e, ao mesmo tempo, a um trabalho extra-curricular à clínica hospitalar, estará pobremente integrado, será inconsistente, e trará ao indivíduo um mau ajustamento.

(3) Consistência na seqüência - Há muitos padrões que fracassarão nos seus objetivos, a menos que sejam realizados na seqüência apropriada. Assim, se formos preparar um bolo não poderemos realizar as operações para isso necessárias, em ordem inversa. Este princípio, que parece elementar e, muito frequentemente, contrariado na prática. Certos movimentos reformistas, embora com objeti-

- 6 -

vos altamente desejáveis, falham por não formarem uma seqüência funcional com os costumes do momento; no Brasil, vários fracassos nas tentativas de reorganização dos serviços de saúde pública, ou nas suas práticas administrativas, podem ser explicados por esta via, ou seja, falta de integração das reformas ou dos planos na "realidade".

(4) Consistência qualitativa -- Este princípio nos indica que deve haver adequação entre o elemento novo que se quer introduzir, e a cultura existente; por ele aprendemos que na saúde pública, toda idéia ou técnica nova será aceita mais rapidamente quando existir, na cultura receptora, algo que seja ou pareça ser semelhante ao elemento estranho. Benjamin Paul diz em seu livro "Health, Culture and Community": "A aceitação ou modificação, não é um processo casual, mas depende de como o novo elemento ou idéia é percebida pelos possíveis receptores, de como ele concorda com os valores e pressuposições, e do fato dele ser consistente com o sistema de relações sociais". Em outra parte afirma: "As pessoas, assim, avaliam a aceitação de novos conselhos de acordo com sua própria matriz de compreensão que é culturalmente condicionada. Se se pretender que as informações sejam aceitas inteiramente, devem ser adaptadas de alguma modo a esta matriz. O novo elemento deve ser reformulado para torná-lo razoavelmente congruente com a estrutura existente de compreensão...". Ao agirmos de modo diferente, sem consideração à cultura que pretendemos modificar, ficaremos sujeitos ao indiferentismo ou apatia da população, ou, se insistirmos, pode ela desencadear um movimento hostil ao nosso programa de saúde pública.

A inconsistência qualitativa pode assumir um outro aspecto, denominado "cultural lag" (desfazagem ou retardamento cultural), isto é, há um atraso na velocidade de modificação de uma ou de várias partes de um complexo cultural inter-relacionado, em relação as outras; geralmente, o "cultural lag" se apresenta como modificação inicialmente da cultura material, não acompanhada de modificação simultânea da cultura não material. Exemplos: Embora o progresso científico tenha possibilidade, recentemente, a cura de muitas formas de doenças como a lepra e a tuberculose, a população, no entanto, continua a adotar as mesmas atitudes de medo, suspeita e segregação dos ex-doentes. Os médicos, atualmente, encaminham ao psiquiatra, com muito mais freqüência, pacientes portadores de graus discretos de neurose ou de crianças problemáticas, dado que são reconhecidos os benefícios que poderão receber desse tratamento especializado; contudo, a população ainda vê com suspeição essa conduta, pois acreditam que só os "loucos" são encaminhados ao psiquiatra. No plano individual, um indivíduo pobre e que ganha uma fortuna de repente, logo elevaria seu padrão de vida, porém ficaria preso por muito tempo à sua condição cultural do pobre, quanto à linguagem, às suas "maneiras", às suas crenças, a muitos dos seus hábitos, à sua etiqueta, etc.

- 7 -

Quanto maior o grau de integração, isto é, quanto mais íntima a interdependência dos elementos que compõem uma cultura, tanto maior alcance terão os efeitos de qualquer modificação no conteúdo da cultura. Como diz Linton, "o aumento da eficiência decorrente de um maior grau de integração é contrabalançado por uma perda correspondente da capacidade de alterar a cultura com rapidez e com um mínimo de desconforto para os membros da sociedade". Lembra que, enquanto a cultura Pawnee era extramamente rica, intensamente coerente e bem integrada, a cultura Comanche era, ao contrário, relativamente pobre de conteúdo, cheia de pequenos desajustamentos. Com a chegada dos brancos, profundas modificações foram produzidas no ambiente de ambos os grupos. A cultura Pawnee quase se dissolveu, porque a adção dos novos elementos culturais quase desintegrou a cultura toda. De outro lado, a cultura comanche resistiu bem, não entrando em colapso.

Do que já dissemos, podemos perceber que o problema da integração cultural apresenta dois aspectos:

(1) O ponto de vista funcional, que centraliza sua atenção na inter-relação dos vários elementos de uma cultura, foi considerado pela primeira vez por Malinowski, que assim se expressou: "O ponto de vista funcionalista se propõe a explicar os fatos antropológicos, em todos os níveis de desenvolvimento, por sua função, pelo papel que desempenham dentro do sistema integral da cultura, pela maneira em que estão reciprocamente relacionados dentro do sistema e pela maneira como este sistema está relacionado com seu cenário físico".

Esta teoria nos ensina que, ao examinarmos a estrutura da cultura, não devemos perder de vista a unidade dos modos de vida, ainda que se concentre a atenção em um ou vários de seus elementos.

(2) O ponto de vista configuracional ou temático é uma abordagem psicológica da integração cultural. As relações existentes entre os elementos de uma cultura, sua integração, são mantidas por unidades psicológicas subjacentes. Isto significa que as sociedades estão orientadas para um ou mais objetivos, que é ou são o seu conteúdo ideativo. Por exemplo, na sociedade norte-americana, um de seus valores mais gerais e que influencia a vida de toda a sociedade, é o credo de igualdade, liberdade e fraternidade, que vem desde o tempo da independência desse país; entre os Apache chiricahua, os homens são considerados física, mental e moralmente superiores as mulheres.

Quando os padrões culturais estão organizados ou orientados para que esses objetivos sejam alcançados, diz-se que a sociedade está bem integrada. Interessante é que a nossa sociedade mostrou o mais alto grau de integração durante as duas guerras mundiais do presente século, quando a esmagadora maioria dos indivíduos se concentrou num só objetivo: "ganhar a guerra".

Entretanto, já dissemos também, que nenhuma cultura está ou esteve perfeitamente integrada. Em termos do ponto de vista configuracional, seria equivalente dizer que em nenhuma sociedade há perfeita consistência dos padrões culturais; sempre podemos reconhecer conflitos de padrões, os quais resultam da multiplicidade de interesses e objetivos procurados pelos diferentes grupos de uma sociedade. Assim, por exemplo, enquanto o norte-americano adota o credo de igualdade, liberdade e fraternidade, de outro lado segrega o negro, obstruindo-lhe ou negando-lhe qualquer um dos seus ideais mais amplos. Há conflito entre o desejo de obter a felicidade celestial e os prazeres da vida terrena, entre a política democrática e a intervenção estatal nas empresas privadas. Nos trabalhos dos Cumming, "Mental Health Education in a Canadian Community", editado por B. Paul, em obra já citada, é feita referência à contradição popular de considerar os hospitais mentais como agências de cura altamente eficientes e de outro lado, de classificar como doente mental somente aquelas que tinham sido hospitalizadas. Linton cita que os protestantes norte-americanos do século XIX usualmente tinham três crenças distintas e reciprocamente contraditórias, relativas à situação da alma na vida futura: 1) Os mortos dormiriam até o Juízo final (dogma da Igreja); 2) As almas iriam diretamente para o céu ou inferno por ocasião da morte; 3) As almas podiam apaecer aos vivos, e causar-lhes danos. A incoerência lógica dessas crenças, entretanto, não perturbava o indivíduo.

Continua Linton: "Civilizados e não civilizados podem usar de lógica quando necessário para atingir algum fim particular, mas não a empregam habitualmente para "testar" a coerência recíproca dos elementos culturais ou que foram criados. Esta capacidade de ser incoerente tem sua utilidade, pois permite aos homens alcançar personalidade integrada e, ao mesmo tempo, sobreviver num ambiente instável e que se modifica constantemente. Os raros indivíduos genuinamente coerentes de pensamento e de ação, são sempre uma carga para os seus amigos; e se levar esta tendência à sua conclusão lógica, estão sujeitos a terminar seus dias num asilo."

DINÂMICA CULTURAL

(ou Mudança Cultural)

Nenhuma cultura é estática; todas elas se modificam com o decorrer do tempo. Este fato é constatado mesmo pela pessoa leiga quando, ao se referir aos nossos avós, por exemplo, diz que eles seguem modos "velhos" de comportamento, o que é evidenciado pelas suas roupas, fala e maneiras de agir; a mesma conclusão pode chegar quando recorre a fotografias, jornais ou documentos antigos.

A mudança cultural, que é extensível mesmo às sociedades pré-históricas, é tanto mais nítida quanto maior o intervalo de tempo tomado na história de cada cultura.

Embora esse processo interesse a todos os aspectos da cultura, alguns são mais resistentes à mudança, outros mais facilmente alterados ou substituídos; em geral, as sociedades tendem a aceitar novos padrões de cultura material e a rejeitar elementos intangíveis, tais como os relativos ao código de moral, estrutura da família ou à organização política.

Os sociólogos costumam classificar as sociedades em estáticas e dinâmicas. Por sociedades estáticas entendem aquelas que apresentam mudanças pouco numerosas e que se processam lentamente, e por sociedades dinâmicas, as que experimentam mudanças rápidas e numerosas. No entanto, qualquer sociedade poderá assumir características de estática em um período e dinâmica em outro. A rigor, nenhuma sociedade ou cultura é estática. A distinção referida é arbitrária, pois mudança e estabilidade são expressões relativas e recíprocas, dependendo do ponto de vista do observador, se conservador ou flexível.

De um modo geral, a cultura euro-americana não é mais receptiva às mudanças que as culturas homogêneas. Entretanto, a rápida mudança que é assinalada para a cultura euro-americana não interessa a toda a cultura, mas tão somente aos seus aspectos tecnológicos e material. Pelo fato destes aspectos serem tão importantes para nós, temos a falsa impressão de que a cultura, como um todo, se modifica. Nos demais aspectos, entretanto, a cultura oferece um grau de resistência muito maior às modificações.

Para ilustrar o assunto de que estamos tratando, transcreveremos abaixo um exemplo de mudança da família norte-americana, reproduzido de Gillin & Gillin, em obra citada. Trata-se de uma comparação dessa instituição como era no século XIX e como é nos dias atuais:

Século XIX	Século atual
1. Objetivos:	
a. Produzir e cuidar das crianças	a. Produzir crianças - grande parte dos cuidados são deixados a cargo de especialistas.

Século XIX

Século atual

- | | |
|---|--|
| <p>b. Obter auto-suficiência econômica, pelo menos para a maioria, dos artigos de consumo, através da produção no lar.</p> <p>c. Proporcionar educação religiosa.</p> <p>d. Proporcionar a maior parte da educação secular e treinamento da criança.</p> <p>e. Proporcionar status e treinamento nos papéis sociais das pessoas como membros do grupo.</p> <p>f. Proporcionar as satisfações sociais para os membros - diversões, interação de toda a espécie, etc.</p> | <p>b. A maioria dos artigos de consumo é produzida fora do lar.</p> <p>c. A educação religiosa, em sua maior parte, é obtida fora do lar.</p> <p>d. O treinamento secular e a educação da criança, em grande parte, é obtido fora do lar.</p> <p>e. Proporcionar status e treinamento nos papéis sociais das pessoas como indivíduos.</p> <p>f. Recreação e interações aprendidas ocorrem fora do lar.</p> |
|---|--|

2. Atitudes e comportamento:

- | | |
|---|---|
| <p>a. Desejo de ter grande número de crianças - crianças consideradas como essenciais ao funcionamento da unidade familiar.</p> <p>b. Autoridade patriarcal - disciplina rigorosa.</p> <p>c. Trabalho, principalmente das mulheres e crianças, confinado ao lar.</p> <p>d. Instrução religiosa e atividade no lar - a família participava da igreja como uma unidade.</p> <p>e. Educação nos negócios e comércio, algum treinamento acadêmico formal.</p> <p>f. Orgulho da família como grupo e ênfase sobre os papéis sociais, tais como irmão, irmã, pai, mãe, etc. - identificação do indivíduo com a família.</p> <p>g. Divertimento, corte e outras atividades sociais centradas no lar.</p> | <p>a. Desejo de ter pequeno número de crianças - crianças consideradas como dificultando as atividades individuais.</p> <p>b. Autoridade democrática - individualismo.</p> <p>c. Mais trabalho fora do lar, exceto afazeres domésticos e preparo de alimento.</p> <p>d. Pouca atividade ou instrução religiosa - atividade religiosa individual, quando existe.</p> <p>e. Quase toda a educação é feita fora do lar, em instituições especializadas.</p> <p>f. Ênfase sobre os papéis individuais nos grupos fora da família - indivíduo menos identificado com sua família.</p> <p>g. Divertimentos, etc., tendem a ser obtidos fora do lar.</p> |
|---|---|

Século XIX

Século atual

- | | |
|---|---|
| <p>h. Refeições e sono quase invariavelmente no lar.</p> <p>i. Patronímicas (os membros tomam o nome de família do pai)</p> <p>j. Propriedade herdada na família, a menos que "desejada" de outro modo.</p> <p>k. Mores sexuais "puritanos", pouca educação sexual.</p> | <p>h. Grande parte das refeições e sono fora do lar.</p> <p>i. Patronímicas.</p> <p>j. A mesma.</p> <p>k. Mores sexuais cada vez mais liberais, mais educação sexual.</p> |
|---|---|

3. Traços utilitários:

- | | |
|--|--|
| <p>a. Tendência para: casa grande; nenhuma canalização de água e esgoto, poucas vantagens; equipamento para atividades econômicas como de cozinha, costura, tecelagem, reparos mecânicos, etc.</p> | <p>a. Casa pequena ou apartamento; canalização moderna; vantagens modernas incluindo inventos que economizam tempo nos trabalhos de casa, os quais possibilitam mulheres e crianças trabalhar fora de casa e gozar de descanso - de outro lado, equipamento econômico ausente.</p> |
|--|--|

4. Traços simbólicos:

- | | |
|---|--|
| <p>a. Sala de visitas da família - símbolo do esplendor e afluência da família. Lareira familiar (lareira ou fogão, símbolos da unidade familiar).</p> <p>b. Dormitórios comuns para as crianças e (algumas vezes) berçário familiar.</p> <p>c. Bíblia da família contendo genealogia e história da família.</p> <p>d. Fotografias da família sobre as paredes e no álbum de família.</p> | <p>a. Sala de visitas usada individualmente, ao invés da família como grupo.</p> <p>b. Os dormitórios das crianças tendem a ser separados, dando ênfase ao individualismo - berçário familiar substituído pelas escolas maternais.</p> |
|---|--|

5. Tradição e ritual:

- | | |
|---|--|
| <p>a. Orações familiares</p> <p>b. Brasões e dísticos (relativamente raros na América).</p> | <p>a. Dias da mãe e do pai (tendência para a comercialização).</p> <p>b. Relações sem rituais entre crianças e pais.</p> |
|---|--|

Século XIX

Século atual

- c. Genealogia e história da família.
- d. Ordens paternas, pedidos formais das crianças aos pais.

-Causas da mudança cultural:

Se considerarmos a cultura no seu contexto mais amplo, isto é, interessando a toda a humanidade, somos forçados a concluir que qualquer mudança que nela se opere só pode correr por conta da invenção; assim, um novo aparelho, um termo de gíria, uma nova dança ou modalidade de música, uma forma diferente de culto religioso, ou um novo conceito sobre a teoria atômica, tem sua origem em um ato de invenção realizado por alguém em algum lugar.

No entanto, quando nos referimos a uma determinada cultura, verificamos que ela pode se modificar seja pela invenção ocorrida na própria cultura, como também pela difusão (difusão inter-social) isto é, pela tomada do novo elemento de outra cultura. Portanto, em cada cultura, o processo de dinâmica cultural é devido a causas que surgem na própria sociedade - causas intrínsecas ou invenções - ou em sociedades estranhas - causas extrínsecas ou difusão cultural. Como já salientamos ao estudarmos o problema da integração cultural, o elemento difundido para uma sociedade diferente, geralmente não é aceito na forma e significados originais, mas é modificado e reinterpretado para servir a novos fins.

Linton destaca a maior importância relativa da difusão cultural (difusão inter-social) comparativamente à invenção, no sentido de causar a mudança cultural. Chega mesmo a estimar a contribuição das causas intrínsecas e extrínsecas como sendo, respectivamente, 10 e 90%. A esse propósito, reproduzimos abaixo uma sugestiva descrição de Linton intitulada: "Cem por cento americano", pela qual são apontados os locais de origem de vários elementos da vida cotidiana do americano:

"Apesar do orgulho do americano comum pelas coisas americanas, algumas insidiosas idéias estrangeiras já se infiltraram na sua civilização.

Assim, ao amanhecer, o confiante patriota está vestido de pijama, vestuário originário da Índia, e estendido numa cama - feita segundo um modelo concebido primitivamente na Persia ou na Ásia Menor. Ao acordar olha para o relógio, invenção da Europa medieval, levanta-se às pressas e vai para o banheiro.

Alí deve sentir-se diante de uma grande instituição americana, mas só enquanto não se lembra de que o vidro foi inventado pelos antigos egípcios, o emprego de ladrilhos de cerâmica no chão e nas paredes começou no Oriente próximo e a porcelana na China. Ato

a banheira e o vaso sanitário são cópias de modelos romanos. Contribuição puramente americana é apenas o radiador de vapor no qual esse patriota encosta rapidamente, e sem querer, é claro, a parte posterior do corpo. No banheiro, o americano faz a barba (rito instituído pelos sacerdotes do antigo Egito), lava-se com sabonete inventado pelos antigos gauleses, enxuga-se com uma toalha turva.

Voltando ao quarto, a vítima inconsciente de usos que não são americanos veste roupas cuja forma é derivada dos vestuários de peles dos antigos nomades das estepes asiáticas e fecha-se com botoes cujos protótipos apareceram na Europa no fim da Idade da Pedra. Essa indumentária, muito própria para ser usada ao ar livre num clima frio, é absolutamente incompatível com os verões americanos, as casas com aquecimentos a vapor e os vagões Pullman. Não obstante, as idéias e os hábitos estrangeiros mantêm o infeliz na sua servidão. Põe nos pés revestimentos de couro preparado por um processo inventado no antigo Egito. Por último, amarra ao pescoço uma tira de pano de cores vivas que é um vestígio dos xales que levavam nos ombros os croatas do século XVII. Depois faz uma inspeção final diante do espelho, velha invenção mediterrânea e desce para o desjejum.

Alí a comida e os líquidos são-lhes apresentados em recipientes de louça, que até pelo seu nome comum em inglês - china - denunciam a sua origem. O seu garfo é uma invenção medieval da Itália e a sua colher uma cópia do modelo romano.

Se o patriota adota o chamado "breakfast" americano, o seu café (proveniente de uma planta da Abissínia) será acompanhado de uma laranja, que foi aclimada na região mediterrânea. Tomará depois uma tijela de mingau de cereais, feito de plantas aclimadas no Oriente Próximo. Continuará a refeição com waffles, invenção escandinava, com muita manteiga, a qual foi primitivamente um cosmético no Oriente.

Terminado o pequeno almoço, coloca na cabeça um pedaço moldado de feltro, inventado pelos nomades do Oriente da Ásia e sai na carreira para pegar o trem, que é, não a carreira, mas o trem, uma invenção inglesa. Se estiver ameaçando chuva, levará um guarda-chuva, inventado no Índia. Na estação compra o jornal com moedas inventadas na antiga Lídia. Uma vez embarcado no trem, trata de aspirar a fumaça de um cigarro, inventado no México, ou de um charuto, inventado no Brasil.

Lê as notícias do dia em letras inventadas pelas antigas semitas, impressas por meio de um processo inventado na Alemanha sobre um material inventado na China. Ao mesmo tempo que passo os olhos pelo mais recente artigo, que aponta os terríveis resultados para as instituições americanas da aceitação de idéias estrangeiras, não deixará de dar graças a um Deus hebreu, numa linguagem indo-européia, por ser cem por cento (sistema decimal inventado pelos gregos) americano (de Américo Vesputio, geografo italiano)."

1. Invenções - Por invenção se entende a criação de um novo elemento dentro de determinada cultura. Os antropólogos distinguem invenção e descoberta, mas concordam em que uma demarcação nítida entre ambos os processos é difícil, vaga e arbitrária. Não pretendendo discutir a distinção que comumente se faz entre os dois termos e os problemas envolvidos, limitar-nos-emos a dizer que descoberta é a "percepção de relações previamente não conhecidas, existentes entre os aspectos da natureza, e de sua significação para a vida humana" (Gillin & Gillin) ou "todo acréscimo de conhecimentos" (Linton), e invenção, "o estabelecimento de novas relações para os elementos antigos" (Gillin & Gillin) ou "toda a nova aplicação de conhecimento" (Linton). Para efeito de simplificação usaremos apenas o termo invenção.

Toda invenção pressupõe a existência do inventor e de certa capacidade criadora; exige o exercício de funções racionais e a aplicação dos conhecimentos proporcionados por determinada cultura, em determinada época. Em última análise, os indivíduos são únicos agentes da invenção; as sociedades, tomadas no sentido de grupo, são incapazes de pensar e, portanto, de inventar.

Para o antropólogo, as invenções não se referem apenas aos aspectos tecnológicos da cultura, como popularmente se acredita, mas também aos aspectos religiosos e sociais.

As invenções são de dois tipos principais:

- a. primárias ou básicas
- b. secundárias ou de aperfeiçoamento

As invenções primárias envolvem a aplicação de um novo princípio ou de uma nova combinação de princípios. São chamadas básicas porque podem dar origem a várias outras invenções, que serão as secundárias ou de aperfeiçoamento; estas envolvem apenas a aplicação de um princípio já conhecido.

O arco é exemplo de uma invenção básica; alguém descobriu, provavelmente por acaso, que um pedaço delgado de madeira, curvado pelo estiramento de uma corda entre suas extremidades, se constituiu em fonte de energia, até então desconhecida. Posteriormente, o princípio do arco foi aproveitado para outras invenções, como para impulsionar flexas, para instrumentos musicais, etc.

Do mesmo modo, a invenção do vapor, dos vapores explosivos da gasolina e da eletricidade forneceram novas fontes de energia, que tornaram possíveis as máquinas e veículos modernos.

Excetuando as nossas sociedades nos tempos atuais, em que se procura estimular conscientemente as invenções primárias e secundárias, é pouco provável que o mesmo ocorra com as sociedades não letradas ou tenha ocorrido com as nossas sociedades em fases passadas; em tais casos, é bastante plausível admitir-se que a maioria das invenções humanas tenha sido casual. Além disso, desconhecemos ou conhecemos muito pouco sobre a maioria das invenções; a história do controle e uso do fogo, o arco e suas múltiplas aplicações, as técnicas que constituíram a agricultura e a

- 7 -

domesticação de animais, e muitas outras invenções, são conhecidas muito imprecisamente quanto ao tempo e lugar em que ocorreram. Essas e muitas outras invenções espalharam-se, a partir do lugar de origem, por difusão, até alcançarem sua presente distribuição, sofrendo numerosas modificações e elaborações pelas invenções secundárias.

As invenções básicas, principalmente as tecnológicas, podem ser a causa de rápidas mudanças sociais e culturais, e estimular invenções em outros aspectos da cultura. Por exemplo, o papel e a imprensa aceleraram a disseminação do conhecimento e a descoberta das armas de pólvora, o que colaborou para a construção de grandes estados conquistadores; a invenção do compasso tornou possível o desenvolvimento da navegação, e o subsequente período de exploração, do comércio ultramarino e colonização. Relativamente a outros aspectos da cultura, como religião, linguagem, arte, organização da família, filosofia, etc., as invenções geralmente são recebidas com hostilidade, inclusive por sociedades acentuadamente dinâmicas, como as dos Estados Unidos; mesmo quando aceitos, o seu poder de acarretar modificações na configuração cultural é nulo ou muito reduzido.

2. Difusão cultural - Uma vez inventado um elemento, deve êle ser aceito pela sociedade a fim de ser incorporado à cultura. A passagem dos novos elementos culturais de indivíduo para indivíduo ou de sociedade para sociedade é conhecida como difusão cultural. No entanto, para um bom numero de antropólogos, este processo tem um conceito mais restrito, dizendo respeito apenas à transmissão de elementos culturais de uma sociedade para outra.

Distinguiremos dois tipos de difusão, inter-social e intra-social, conforme a passagem dos elementos culturais ocorra entre sociedades ou entre indivíduos de uma mesma sociedade.

Invenção e difusão são os processos responsáveis pela mudança cultural. Considerando-se que a atividade de saúde pública envolve, a todo o instante, um trabalho de mudança cultural, destaca-se a importância dos conhecimentos destes conceitos, principalmente o de difusão cultural, para o sanitarista.

Tanto a difusão intra-social como a inter-social são influenciadas por diversos fatores, os quais passaremos a examinar.

Segundo Gillin & Gillin, os fatores que interferem na difusão cultural são os seguintes:

- a. Contato e comunicação
- b. Reconhecimento da necessidade ou do desejo
- c. Utilidade e compatibilidade dos novos elementos, e interesse do grupo receptor
- d. Prestígio do introdutor
- e. Força

a. Contato e comunicação:

Os problemas de contato e de comunicação são pertinentes principalmente à difusão inter-social. Para que os elementos de uma cultura se difundam para outra cultura há necessidade de que as respectivas sociedades entrem em contato. Os contatos entre duas sociedades variam desde aqueles que assumem caráter permanente e íntimo até os esporádicos e parciais. Os primeiros são mais raros e deles resulta o que se conhece com o nome de aculturação; os contatos esporádicos e parciais podem ser ocasionados, por exemplo, pelo comércio ou pela fixação, em uma sociedade, de um indivíduo vindo de outra.

Os povos que vivem em relativo isolamento possuem uma cultura mais simples, menos elaborada. Um dos fatores da complexidade de nossa cultura é o aproveitamento que ela faz de elementos de outra cultura e isto se deve ao fato dela manter contato freqüente com outras culturas.

Quer a difusão seja inter-social ou intra-social o processo, em última instância, se passa pelo contato entre indivíduos e, sempre que os indivíduos entram em contato, ou seja, em interação, se apresenta o problema da comunicação. A interação só poderá se completar no momento em que dela resultar alguma espécie de compreensão entre os indivíduos.

Vimos que a cultura apresenta aspectos materiais e não materiais. A difusão dos elementos materiais da cultura ou de suas técnicas é a que se processa com maior facilidade de uma sociedade para outra ou de um indivíduo para outro, pois que será suficiente a imitação do que já foi observado; neste caso, mesmo que a linguagem seja estranha ao observador, pode não se fazer necessário o seu conhecimento. Quando saímos de elementos tão simples como as técnicas e os produtos materiais enfrentamos cada vez mais intensamente o problema da comunicação. A este respeito Linton diz: "Embora seja bem possível descrever e mesmo manifestar por meio de comportamento não verbal um padrão de cultura, como o padrão ideal de casamento, esta expressão é muito menos completa que a obtida em relação a elementos tais como a fabricação de cestos. A mais completa verbalização dificilmente poderá comunicar a série de associações e de reações emocionais condicionadas ligadas ao padrão ideal de casamento e que dentro de nossa própria configuração de cultura fazem dele um padrão significativo e vital. Todas as nossas manifestações expressas a seu respeito são coisas inconscientemente aceitas como sendo certas; mas o indivíduo a que tentarmos comunicar sua significação nada pode saber a seu respeito. Logo quando a barreira constituída pela diferença de língua já tiver sido transposta, é extremamente difícil transmitir esses significados. A dificuldade é ainda maior quando se trata de conceitos que embora fazendo parte de uma cultura, não se manifestam diretamente no comportamento, a não ser pela verbalização. Dizem que um japonês culto tentava compreender a natureza da Santíssima Trindade, e depois de uma longa discussão com um amigo europeu exclamava:

mo: "Ah! Compreendo agora . É uma comissão." Qualquer bom cristão se escandalizaria com esta réplica, pois que a Trindade certamente não é uma comissão. Mas o ponto talvez fique esclarecido, se o leitor imaginar-se tentando explicar a esse estudante japonês exatamente em que e porque ele estava errado."

Ligado ao problema da comunicação está o da compreensão. Quando uma notícia, um fato ou um conselho não é compreendido pelo indivíduo a que se destina, dificilmente ele o aceitará ou dispensará maior atenção. Os elementos culturais são assimilados na medida em que são compreendidos, e são compreendidos na medida em que são assimilados. Em outras palavras, quando um elemento é transmitido de uma sociedade para outra ou de um indivíduo a outro, sua aceitação vai depender da consistência com que seu significado pode ser adaptado a cultura receptora, mesmo que, para tal fim, tenha de sofrer uma interpretação diferente da que possuía na cultura de origem. O seguinte exemplo esclarecerá melhor este assunto. Uma escrivaninha, como objeto material, poderá ser transportada para as Ilhas Andaman, no Oceano Índico. Entre nós, a escrivaninha é um instrumento usado para a leitura e para a escrita. Desde que os andamaneses não possuem a escrita, se a escrivaninha for aceita por eles, terá uma nova função, de acordo com os significados e valores a ela atribuídos. Talvez a escrivaninha seja usada como suporte para a secagem de peixe, ou como plataforma para dormir, ou como lugar para guardar as crianças. Por esse exemplo, fica claro que a escrivaninha tornou-se um novo elemento na cultura andamanesa, porém, embora a forma material desse objeto tenha sido conservada, serviu a outras funções, comportamentos e significados.

Podemos concluir então, que, na difusão inter-social, a transmissão geralmente é incompleta, e que a forma do elemento é aceita com muito mais facilidade que a função, significado e valor. A este propósito Linton afirma: "Na realidade, as técnicas materiais e seus produtos são provavelmente os únicos elementos de cultura que podem ser completamente comunicados. É significativo que são usualmente esses elementos os mais prontamente aceitos e os conservados mais aproximadamente na mesma forma em que foram recebidos".

Quanto aos valores que, muitas vezes, permanecem abaixo do nível da consciência, como os conceitos religiosos, filosóficos ou de moral, dificilmente poderão ser colocados em condições de serem aproveitados por outras sociedades; daí, esta parte da cultura dificilmente será suscetível de difusão.

b. Reconhecimento da necessidade ou desejo:

A aceitação de qualquer novo elemento, tenha ele surgido na própria sociedade ou fora dela, será mais facilmente alcançada quando vier a satisfazer uma necessidade ou desejo da sociedade. As descobertas da penicilina e da televisão foram logo aceitas por

- 10 -

que vieram atender a uma necessidade e a um desejo, respectivamente. Como as necessidades e desejos de cada sociedade são definidos pela sua cultura, é possível que o novo elemento tomado de outra cultura, receba uma função e significado diferentes do primitivo. Assim, quando uma espingarda é apresentada a um grupo que não conhece essa arma, a sua aceitação ou rejeição vai depender, não da associação e funções que lhe são atribuídos na cultura doadora, mas ao emprego possível que terá na cultura receptora.

c. Utilidade e compatibilidade dos novos elementos, e interesse do grupo receptor:

A probabilidade de melhor aceitação de um novo traço cultural está na dependência do emprego e da facilidade com que se poderá adaptá-lo à configuração cultural existente.

A presença ou ausência de elementos prévios na cultura, que já tenham satisfeito as necessidades ou desejos dos indivíduos, diminui ou aumenta a probabilidade de aceitação do novo elemento. Em muitos pontos da Oceania, os nativos aceitaram os ferros das plainas porque podiam ajustar-lhes cabos e usa-los como suas enxós originais, mas recusaram o machado, que é muito mais eficiente, simplesmente porque não gostavam de trabalhar com eles.

Quando a função do novo elemento se opõe à dos existentes na cultura receptora, é quase certo que ele será rejeitado. Assim, a organização social comunista não será aceita facilmente numa sociedade capitalista. A explicação microbiana será refutada numa sociedade que adota uma concepção mágica da doença.

Um outro fator que condiciona a aceitação ou rejeição de novos elementos é o interesse que domina a cultura do grupo receptor. Assim, os índios foram sempre muito receptivos em relação a novos cultos e idéias filosóficas, contanto que não entrassem em conflito muito direto com os padrões pré-existentes, mas manifestaram indiferença quase completa para com as técnicas aperfeiçoadas de manufatura; para eles, o mundo material era tão pouco importante que pequenos progressos na maneira de o controlar não compensaria o trabalho de mudar hábitos já estabelecidos.

d. Prestígio do introdutor:

Na difusão intra-social desempenham papel importante como introdutores de novos elementos culturais os líderes, os quais, pelo prestígio que gozam ou pela posição que ocupam, são imitados pelos demais indivíduos.

Quando se trata de difusão inter-social, o prestígio se refere à sociedade doadora. Entre nós, por exemplo, a França tem um prestígio no campo da moda feminina, a Inglaterra com relação à moda masculina e a Alemanha no campo dos instrumentos óticos e fo-

tografia. Este prestígio não se refere apenas à cultura doadora mas se estende também aos indivíduos dessas sociedades. Entre os não letrados há também tribos que são desprezadas, enquanto que outras são respeitadas. Qualquer traço que provenha de fonte que se admire será considerado seriamente, ao passo que o proveniente de uma fonte desprezada terá de ser acentuadamente vantajoso para merecer aceitação.

e. Força:

Tanto para a difusão intra como inter-social pode ser utilizada a força do Governo ou das autoridades. Raramente a imposição se refere à cultura como um todo; o mais freqüente é a imposição de alguns padrões, como o uso de calças, a religião, a língua e a freqüência à escola. Contudo, se os elementos impostos contrariarem os valores da sociedade, eles serão aceitos apenas superficialmente. Assim, o indivíduo que é compelido pela força a freqüentar a igreja, poderá fazê-lo; contudo, por esse meio, provavelmente, ele não mudará sua crença primitiva e nem deixará de rezar ao seu deus quando estiver sozinho. Além disso, o emprego da força para conseguir mudança cultural conduz geralmente a um maior apego aos modos de vida do grupo subjugado.

Diferença entre difusão intra e inter-social:

Duas diferenças podem ser destacadas:

- a. A resistência à difusão inter-social é geralmente maior devido às barreiras lingüísticas, geográficas e culturais entre duas sociedades.
- b. A difusão inter-social envolve, com mais freqüência, alguma mudança nas funções, valores e significados. Em consequência, as dificuldades para a difusão são maiores, ou ela se processará de modo incompleto. Além disso, pela redefinição que um elemento novo sofre na cultura receptora, a fim de se adaptar aos seus valores, ele pode sofrer modificações na forma original. A pólvora, inventada na China e usada para certas cerimônias, foi integrada no complexo de guerra, na Europa; a agulha magnética, inventada e usada na China como instrumento de adivinhação, tornou-se instrumento de navegação nas mãos dos árabes.

Aculturação:

É uma forma particular de mudança cultural. Por aculturação se entende as mudanças que ocorrem com as culturas de dois povos diferentes, quando estes entram em contato íntimo e prolongado. No momento, todas as tribos de índios norte-americanos são acultura-

- 12 -

das, pois suas culturas originais não são mais puras, dado que foram modificadas pelo contato com a civilização dos brancos.

A maioria dos estudos de aculturação está relacionada com os contatos dos euro-americanos com povos não letrados, em regiões como África negra, Oceania e América indígena. Nestes, e talvez em todos os casos de aculturação, um dos povos, americano ou europeu, geralmente assume posição dominante, daí impõe certas mudanças. Esta imposição pode se processar pela força ou por um predomínio indireto. A força é algumas vezes usada, como no caso de obrigar os povos não letrados a ir à escola e à igreja, a usar roupas, a trabalhar nas plantações ou nos estabelecimentos industriais e a abandonar certas práticas, como o canibalismo, o corte de cabeças, as guerras inter-tribais e a poligamia. Contudo, mais frequentemente, o grupo dominante produz mudanças culturais indiretamente, geralmente por meio do dinheiro ou do comércio de mercadorias; neste caso, o grupo dominante, através do prestígio, status ou riqueza, cria pressão interna sobre seus subordinados, para que adquiram os modos de vida de seus superiores.

O processo de aculturação também pode ocorrer pelo contato amistoso entre dois povos ou pelo contato com imigrantes.

A aculturação nunca é um processo unilateral, conforme muitos pensam erroneamente; as modificações ocorrem em ambas as culturas que entram em contato e não apenas no grupo inferiorizado militarmente ou tecnologicamente. É verdade que a cultura que mais sofre o impacto da aculturação é a que está subjugada, mas a cultura dominante, também é modificada. Entre nós, o interesse pela ópera ou o gosto pela macarronada são devidos aos italianos, o uso do milho ou a prática da lavoura itinerante ao indígena, e certos alimentos e cultos são devidos ao negro.

Evolução cultural:

Em consequência dos primeiros estudos antropológicos dos povos não letrados, iniciados em meados do século 19, surgiu a preocupação por parte de um grupo de estudiosos, de colocar as culturas dos diversos povos segundo uma escala, numa hierarquia evolutiva.

Até então tinha-se noção muito superficial da existência dos não letrados, os quais eram considerados povos degradados e colocados em nível pouco acima dos animais. Prevalecia, nessa época, anterior ao evolucionismo cultural, a teoria da degradação, segundo a qual o homem teria sido criado por Deus como ser "civilizado" e alguns povos, os não letrados, teriam se degradado. No entanto, esta teoria caiu, dando lugar ao evolucionismo cultural, porque os achados arqueológicos evidenciaram que as civilizações europeias tiveram origem a partir de culturas não muito diferentes dos atuais povos não letrados.

- Simultaneamente à publicação do trabalho de Darwin, em 1859, sobre a "Origem das Espécies", surgiram as primeiras obras sobre o

evolucionismo cultural. Embora não se possa negar o impulso que o trabalho de Darwin deu às idéias do evolucionismo cultural, criando-lhe clima favorável para se desenvolver, não pode ser aceito que a evolução cultural seja mera extensão do Darwinismo.

Além de diversos autores alemães, que foram os primeiros a lançar as idéias sobre o evolucionismo cultural, devem ser destacados os nomes de Edwin B. Tylor, Lewis Morgan e Herbert Spencer.

Segundo a teoria do evolucionismo cultural, todas as culturas se desenvolveram de formas simples para complexas e de homogêneas para heterogêneas; além disso, nesse desenvolvimento, teriam obedecido essencialmente à mesma seqüência.

Dos vários esquemas traçados pelos diversos estudiosos sobre a ordenação dos estágios culturais, o mais elaborado e mais conhecido é o de Morgan, que distinguiu três períodos, sendo os dois primeiros subdivididos:

1. selvajaria - inferior
 média
 superior
2. barbárie - inferior
 média
 superior
3. civilização

Para cada um desses estágios, exceto o primeiro, seriam representantes atuais ou históricos: Australianos (selvajaria média); Polinésios (selvajaria superior); índios Iroquois (barbárie inferior); índios Zuñi (barbárie média); gregos homéricos (barbárie superior) e europeus, americanos e asiáticos (civilização). Não haveria representante do estágio de selvajaria inferior, abaixo do qual são colocados os nossos ancestrais pré-hominídeos, sem cultura.

A humanidade teria evoluído, pois, da selvajaria à barbárie e desta para a civilização. Os povos não letrados, para Spencer, seriam o testemunho dos primeiros estágios culturais por que passaram as sociedades mais avançadas.

Os conceitos de evolucionismo cultural até hoje mantêm reflexos nas camadas populares e mesmo em certos meios científicos. Quando dizemos que há povos civilizados e não civilizados ou povos com cultura mais desenvolvida que outros, estamos, na realidade, utilizando a concepção evolucionista.

Com o avolumar dos trabalhos etnográficos e com o refinamento do conceito sobre cultura, o evolucionismo cultural foi sendo refutado e hoje não mais se admite superioridade ou inferioridade cultural, exceto no setor da técnica e do conhecimento científico. Percebeu-se que os autores evolucionistas, quando classificavam as diversas culturas em "etapas", estavam agindo em função do etnocentrismo.

Das diversas objeções apresentadas à teoria do evolucionismo cultural destacaremos duas.

1. O evolucionismo cultural só pode ser aplicado para as culturas que se modificam por si próprias, segundo causas intrínsecas (invenções). Vimos, no entanto, que o processo de difusão inter-social é o principal responsável pela mudança cultural.
2. Herskovits assinala que "nenhuma crítica do evolucionismo cultural expressou jamais sua crítica em termos mais claros que o honrado reconhecimento que fez Tylor da base etnocêntrica sobre a qual se assentava a escala do progresso". Cita Tylor: "O mundo educado da Europa e América estabelece praticamente um modelo, colocando simplesmente suas próprias nações em um extremo da série social e as tribos selvagens em outro, dispondo e resto da humanidade entre êsses limites, segundo fiquem mais ou menos próximos da vida selvagem ou da vida culta".

apesar de hoje não ser mais aceita a teoria da evolução cultural, não se pode negar suas importantes contribuições para os estudos antropológicos, entre as quais se destacam a da formulação do conceito de cultura e o estímulo para as pesquisas de campo, quase desconhecidas até então, pois os estudiosos dependiam de escritos e relatórios de observadores não treinados.

Origem dos elementos culturais:

Vimos que a cultura molda, em grande parte, o comportamento dos indivíduos. De outro lado, os indivíduos também exercem influência sobre a cultura. As fontes ou origens da mudança cultural são duas: (1) Peculiaridades individuais ou excentricidades pessoais, e (2) revolta ou insatisfação contra os modos correntes de vida.

1. Peculiaridades individuais -- As peculiaridades individuais foram descritas por Linton e consideradas por êle como não fazendo parte da cultura: assumem características de variações individuais na conduta ou nas idéias, e podem se originar de várias causas, muitas das quais são classificadas como acidentais. São exemplos de peculiaridades individuais: medo anormal do escuro, dúvida pessoal sobre uma crença religiosa, acidente físico ou doença, frustração por um desejo. Todo o indivíduo, seja êle membro de uma comunidade urbana ou de uma tribo, exhibe peculiaridades desta espécie. A soma total destas diferenças individuais é enorme em qualquer sociedade, mas a maioria delas desaparece com a morte de seus portadores. Entretanto, quando elas possuem uma nítida vantagem ou exercem certa atração para as pessoas, podem ser tomadas pelas outros membros da sociedade e, assim, tornarem-se parte da cultura.

- 15 -

2. Revolta ou insatisfação com os modos correntes de vida - A insatisfação pelos modos correntes de vida pode fazer com que os indivíduos procurem, conscientemente, encontrar substitutos para eles. Tais indivíduos são geralmente conhecidos como excêntricos ou revoltosos enquanto os outros não os imitam.

- - - -

As variações individuais são muito importantes para a dinâmica cultural, pois, em última análise, somente os indivíduos dão origem à cultura e, através de suas interações na sociedade, a cultura é mantida e transmitida às gerações seguintes.

As peculiaridades individuais ou a insatisfação com as normas sociais vigentes são os pontos de partida da mudança cultural. Em qualquer comunidade há sempre um indivíduo que foi o primeiro a inventar ou a adotar um elemento cultural que, se for adotado pela cultura, além de atender ao interesse da sociedade, deve passar por um processo de competição com os elementos já existentes, conforme já explicamos linhas atrás ao nos referirmos aos fatores que interferem na difusão cultural. Assim, por exemplo, o automóvel está tomando o lugar da bicicleta, do cavalo e do boi, como meio de transporte. Da mesma forma, o avião vem sendo cada vez mais utilizado para o mesmo fim, em substituição ao automóvel ou ao trem. Adotando a terminologia de Linton, o novo elemento, uma vez aprovado pela sociedade, passa inicialmente à categoria de alternativas de cultura, ficando lado a lado com os elementos competidores mais antigos. Mais tarde, o novo padrão alternativo pode ir se firmando e, progressivamente, substituirá o padrão mais antigo, de tal modo que passará a ser um Universal ou Especialidade de cultura.

SOCIEDADE E CULTURA

Neste capítulo o nosso objetivo é mostrar as diferenças existentes entre as sociedades humanas e as animais, bem como ressaltar a importância da cultura e dos fatores que a condicionam.

Ao estudante de ciências sociais não passa despercebido que são usados muito frequentemente os termos "sociedade" ou "social" e "cultura" ou "cultural", aos quais nem sempre o indivíduo leigo dá o verdadeiro significado. Vamos entender como cultura "os modos de vida de um povo" e como sociedade "o agregado organizado de indivíduos que seguem um mesmo modo de vida". Em outras palavras, a sociedade é constituída de indivíduos; o modo pelo qual estes indivíduos se comportam é sua cultura.

Êsses termos, embora expressem categorias distintas de fenômenos, são separáveis arbitrariamente, pois que cultura e sociedade são conceitos interdependentes, isto é, do mesmo modo que não há sociedade humana sem cultura, também não pode ser encontrada cultura na ausência de sociedade; na mesma ordem de idéias não se justifica uma discussão sobre quem apareceu primeiro, a sociedade ou a cultura.

Na realidade, quando dirigimos nossa atenção para uma sociedade humana, verificamos que os indivíduos se apresentam organizados em grupos de dois ou mais, que entre eles se passa um processo de estimulação recíproca conhecido como interação social, que exibem certo comportamento e adotam determinadas atitudes e idéias reguladas por normas específicas de cada grupo. Quando focalizamos o sistema de idéias, atitudes e comportamento compartilhados por um grupo, estamos nos referindo ao aspecto cultural. Quando enfocamos o grupo que compartilha um sistema de idéias, atitudes e comportamentos, a nossa referência é para o aspecto social.

Do mesmo modo que cultura e sociedade são dois conceitos arbitrários e referentes à mesma realidade, duas maneiras distintas de "ver" o mesmo quadro, também a Antropologia cultural e a Sociologia só podem ser separadas arbitrariamente, incompleta e imperfeitamente.

A fim de ilustrar a ênfase que se dá à sociedade como grupo, e à cultura como padrão de comportamento e idéias, daremos um exemplo. A família, consistindo de pai, mãe e filhos, existe em todas as sociedades humanas. Em uma sociedade o marido pode ser o detentor da propriedade, em outra a esposa; em uma sociedade o marido pode bater em sua esposa com impunidade, enquanto que em outra, a mulher desfruta de uma posição mais forte; em uma sociedade é exigida absoluta fidelidade, ao passo que em outra são permitidas e mesmo incentivadas as relações sexuais extra-conjugais; a mulher pode ter seus deveres confinados ao trabalho caseiro, ou então deve trabalhar no campo. Em conclusão, a família é universal mas o comportamento de seus membros difere com a cultura da sociedade onde vivem.

Adotando-se o conceito supra referido de sociedade - o agregado organizado de indivíduos que seguem um mesmo modo de vida - implicitamente concordamos com a existência de sociedades animais além das humanas. Este ponto de vista, alias, não difere do conceito popular que admite haver sociedades de animais. Mais adiante descreveremos varias dessas sociedades. Por ora desejamos assinalar sob que aspectos diferem entre si sociedades humanas e animais. A esse proposito é oportuna a citação de Benjamin D. Paul, em "Health, Culture and Community": "Diferentemente dos homens, os insetos sociais põem em ação sua complexa organização, principalmente por meio de impulsos herdados. Se, por exemplo, todos os membros de uma comunidade de formigas perecessem, exceto uma fêmea fertilizada, o sobrevivente solitário seria capaz de reconstruir o edificio social completo em toda sua complexidade original, dentro de um espaço de algumas curtas gerações. Uma sociedade humana não poderia se recuperar de uma catástrofe de modo semelhante, se todas as pessoas desaparecessem subitamente, exceto um casal organicamente intacto, mas sem conhecimento das coisas aprendidas na sociedade. Mesmo que estes dois seres, despojados das qualidades que chamamos humanas pudessem milagrosamente sobreviver e deixar descendentes, eles não poderiam, compreensivelmente, restabelecer uma sociedade que se assemelhasse remotamente a qualquer uma que conhecemos. De acordo com o que sabemos da historia da humanidade, seriam necessárias milhares de gerações para re-descobrir os costumes e o saber necessários para fazer funcionar qualquer sociedade humana atualmente existente. Isto é devido ao fato dos homens, diferentemente dos animais, ordenarem suas vidas e suas relações interpessoais, na maior parte, por meio de sinais socialmente adquiridos."

Como se depreende das considerações apresentadas, a diferença fundamental entre as sociedades humanas e animais decorre da existência de cultura entre os homens e de sua ausência nas sociedades animais. Enquanto a organização social dos animais é regulada por instintos, isto é, por mecanismo biológico e, portanto, herdável, os homens conduzem sua vida social através de regras determinadas, que são aprendidas, cujo conjunto se denomina cultura. Cabe aqui assinalar que alguns autores admitem rudimentos de cultura para certos animais, pois que apresentam regularidade de comportamento, o qual, em alguns de seus aspectos é aprendido. Contudo, o comportamento ou as realizações conseguidas pelos animais superiores, nunca são cumulativas, isto é, eles podem ser repetitivos, mas não são progressivamente mais numerosos através de sucessivas gerações. Ora, admitindo-se para a cultura mais esse outro atributo, de ser cumulativa, não pode subsistir a controversia a respeito das sociedades animais serem também detentoras de cultura; a cultura seria, assim, privativa das sociedades humanas.

Para que possamos reconhecer uma sociedade animal, principalmente nos aspectos que elas apresentam em comum com as humanas, resumiremos algumas das características mais frequentes da vida social, apresentadas por Gillin & Gillin, em "Cultural Sociology":

- 3 -

1. Os indivíduos devem viver regularmente no grupo, seja em caráter permanente ou temporário, seja por tendência inata ou aprendida.
2. Há discriminação entre os membros do grupo (in-group) e os membros de fora (out-group).
3. A discriminação e o reconhecimento dependem de algum tipo de comunicação sensorial. Parece que os insetos reconhecem seus companheiros por meio dos sentidos do olfato e do tato e, talvez, pelos gestos. As aves e os mamíferos o fazem também através de comunicações verbais.
4. A vida social traz uma certa especialização de função ou divisão de trabalho. Entre os animais inferiores esta especialização é freqüentemente associada com polimorfismo.
5. A vida social é caracterizada pela cooperação. Os indivíduos não podem ser egoístas na vida social, devendo fazer alguma espécie de ajustamento com os outros indivíduos.

Se o homem compartilha com muitos outros animais a condição de ser que vive em sociedade apresenta, contudo, alguns aspectos distintivos, entre os quais já demos destaque à cultura, que é uma característica exclusiva das sociedades humanas. Focalizando mais de perto um estudo comparativo entre as sociedades humanas e animais, perceberemos os seguintes aspectos essenciais:

1. A vida social humana se caracteriza pela sua grande diversidade. Está ela organizada em pequenos grupos na floresta, como aqueles dos caraibas, ou em grandes e complexos conglomerados, como nas cidades de Nova York, Tóquio, Londres ou Chicago, em vilas, distritos, cidades nações ou impérios. Os homens podem viver em toscas habitações que os protegem contra o vento, como os negros australianos; em casas sobre árvores, como ao longo da costa da Venezuela; em botes, como em certas partes da Tailândia e China; em cavernas subterrâneas, como em algumas partes da Líbia e Capadócia; em casas de neve, como em certas regiões árticas; em barracas, em cabanas de madeira, em cabanas feitas de galhos de árvores, em casas feitas de cascas de árvores, de couro ou de vidro, ou em arranha-céus. Os homens variam quanto às ocupações e atividades. Do mesmo modo, a estrutura social mostra tremenda variação entre os grupos humanos; os grupos de ricos e pobres que conhecemos não existem em todas as sociedades; em umas sociedades a estratificação da população é feita pelas castas hereditárias, em outras pelas habilidades e interesses. As organizações políticas podem assumir, entre outras, as formas de autocracia, oligarquia, ditadura, democracia ou plutocracia. Algumas sociedades dependem basicamente da caça ou pesca, outras da agricultura. Em certas sociedades o homem pode ter somente uma esposa, em outras quantas quiser; em outras, a mulher pode ter vários maridos.

As sociedades animais, pelo contrário, apresentam, para a mesma espécie, essencialmente o mesmo padrão de vida social. Entre os insetos, por exemplo, diferenças nos tipos sociais ocorrem entre espécies diferentes.

2. Um outro aspecto importante da vida social humana é que ela pode mudar rápida e radicalmente. Realmente, uma das características das sociedades humanas é sua mudança contínua, principalmente nos nossos dias.

De outro lado, as sociedades animais não apresentam, via de regra, mudanças sociais, a não ser em longos períodos de tempo. Nestes casos, geralmente, a mudança na vida social é motivada por modificações na estrutura física hereditária, às vezes tão profunda que dela resulta uma nova espécie. O professor Wheeler, citado por Curburn & Ninkoff, em "sociologia", examinando, no Báltico formiga fósseis do oligoceno inferior, de há 50 a 70 milhões de anos, concluiu que "as formigas... organizavam naquela época suas diferentes castas exatamente do mesmo modo que fazem hoje. As larvas e as ninfas são as mesmas". Assim, as formigas nada aprenderam de importante em 50 milhões de anos; mas, como veremos mais adiante, parece que elas tem pouca necessidade de aprender muito.

Estas observações, acima referidas, nos levam à conclusão de que o homem, relativamente aos outros animais, apresenta um equipamento hereditário, ou instintivo, muito pobre. Diz-se que o comportamento é instintivo (1) quando é dirigido para um objetivo fixo; (2) quando este objetivo é determinado fisiologicamente, e (3) quando o padrão de comportamento é herdado e, portanto, não resultante de aprendizagem. Os organismos providos de muitos instintos não precisam aprender ou "pensar", o que lhes traz grandes vantagens para a vida social. As formigas, por exemplo, conseguiram uma elaborada organização social por adaptação através da herança e não através de um processo de aprendizagem.

Pelo fato do homem ser provido de poucos padrões de comportamento herdáveis, é que se explica a grande variabilidade de formas das sociedades humanas. Com poucos instintos, o homem é forçado ao expediente pouco confortável de aprender seu comportamento.

É um erro supor que todo o comportamento padronizado, quer humano como animal, seja exclusivamente instintivo ou exclusivamente aprendido. O comportamento instintivo está sujeito, em geral, a algum ajustamento em relação às peculiaridades da situação local; de outro lado, o comportamento aprendido tem uma base biológica. Assim, os comportamentos padronizados dos animais, inclusive o homem, se situam ao longo de uma escala entre esses dois extremos. Cada caso particular deve ser referido como sendo principalmente instintivo ou principalmente aprendido.

Sociologia e Psicologia animais: estudo comparativo

Sob a rubrica acima pretendemos abordar os seguintes estudos sobre os animais: (1) vida social, (2) inteligência, (3) aprendizagem, (4) comunicação, e (5) linguagem. A finalidade deste estudo é destacar o que há de comum entre as sociedades animais e as sociedades humanas e assinalar os pontos onde se situam as diferenças.

Desta maneira, acreditamos possa haver mais compreensão da importância assumida pela cultura e linguagem nas sociedades humanas.

1. Sociedades animais

Um estudo sistemático da sociologia animal é completamente novo. Contudo, com o acumular do nosso conhecimento, torna-se cada vez maior a evidencia de que os animais raramente vivem solitários. Tem-se reconhecido que as sociedades animais apresentam muitas analogias com as dos homens, sendo que a maioria dos mecanismos encontrados nestas podem também ser constatados naquelas. São conhecidas há mais tempo e também, foram melhor estudadas, as sociedades de insetos; além disso, apresentam uma semelhança impressionante com as nossas sociedades. De 500.000 espécies conhecidas de insetos, apenas 3% não são "insetos sociais". Dentre os insetos, apresentam maior grau de socialização as formigas, abelhas e térmitas, maior mesmo que as sociedades humanas, tanto que Martindale e Menachesi em "Sociology", referindo-se às abelhas, afirmam: "A colmeia, como um todo, é a espécie mais integrada de insetos comunitários; a vida se desenrola com uma harmonia nunca alcançada pela maioria das sociedades humanas bem entrosadas. Não há uniões trabalhistas entre trabalhadores descontentes, não há revoluções e as rainhas não são depostas e nem decapitadas. Cada inseto assume seu lugar no trabalho comunal, calma e eficientemente, sem qualquer espécie de aprendizagem".

Para justificar esse ponto de vista, aliás compartilhado por muitos estudiosos, permitimo-nos reproduzir uma longa mas interessante descrição a respeito da vida social das formigas, abelhas e térmitas, encontrada na obra de Kroeber, intitulada Anthropology:

"No conjunto, os indivíduos na sociedade de insetos subordinam seu próprio bem estar aquele do grupo, mais do que o fazem a maioria dos seres humanos. Muitas espécies vivem em grandes comunidades de milhares ou de centenas de milhares ou de milhões de indivíduos - tão populosas quanto as grandes cidades. Todas essas comunidades tem uma residência fixa com limites tão definidos como as cidades, da qual os indivíduos saem em busca de alimentos, mas a ela sempre retornam, e onde os jovens são criados. Contudo, todos os membros da colmeia, do pequeno monte de terra ou da cidade são, normalmente, os descendentes de u'a mãe ou "rainha". Uma comunidade citadina entre esses insetos é, portanto, também uma família no sentido biológico estrito. A vida da comunidade gira em torno (1) do cuidado e da alimentação da rainha mãe, uma vez que todo o aumento e restabelecimento da população dela depende, e (2) da alimentação, criação e dos cuidados dos jovens. Os jovens são fracos, como as criancinhas humanas mas, contrariamente a estas, permanecem assim até se tornarem completamente adultos. Eles não podem se alimentar por si próprios, ou moverem-se por si mesmos, ou se livrarem de seus

excrementos; em muitos casos, eles nem podem sair sem ajuda; de suas pupas ou casulos, quando estão em condições de emergir como adultos. Todo o trabalho de alimentação e cuidados da "residência" e acumulação do excesso de alimentos, recai sobre uma parte da população, os trabalhadores estéreis. Entre estes e a rainha mãe ha uma nítida diferença de função e, conseqüentemente, de estrutura corpórea, bem como de impulsos ou instintos. Esta distinção entre a rainha reprodutora e o trabalhador esteril é fundamental para o esquema de ação das sociedades de formigas, abelhas e térmitas. As sociedades humanas podem ter ou não castas; a perpetuação e a existencia das sociedades superiores de insetos se baseia sobre castas. Inversamente, a integração das castas é completa nestas sociedades de insetos: não há nenhuma exploração. Uma comunidade sem rainha e uma rainha sem comunidade (logo após o início de uma colônia) são igualmente condenadas à extinção. Com esta interdependência tão básica de castas, não é de se surpreender que algumas espécies de formigas e muitas térmitas tenham avançado mais, acrescentando castas ou subdividindo-as - principalmente uma casta de soldados para ataque ou defesa, ou ambos. Este exercito profissional pode, ainda, ser diferenciado em corpos agressivos, com poderosas mandíbulas; uma espécie de serviço de lança-chamas ou lança-gases, que esguicha um liquido perigoso, uma divisão de defesa ou portadora de escudos que bloqueia a entrada com enorme audácia. Os trabalhadores, por sua vez, podem ser de dois ou tres tamanhos para os trabalhos internos e externos; ou podem servir como depósito para o mel regurgitado pelos outros membros da colmeia, até que se tornam distendidos como verdadeiros potes de mel ou caixas de armazenagem - um admiravel exemplo de como os animais inferiores, sem cultura, podem alcançar com seus corpos uma finalidade que o homem pode realizar com ferramentas ou artefatos. As castas não são sempre inflexíveis. Certas formigas utilizam seus soldados de grandes mandíbulas para esmagar sementes de casca dura que os trabalhadores podem trazer, mas não conseguem arrebentar. Quando o outono chega e a colheita dessas sementes termina, quando a comunidade marcha para o retiró de inverno e geralmente não mais receia outros insetos inimigos, esses soldados-moedores tornam-se inúteis e representam sorvedouro dos alimentos acumulados da colmeia. Do mesmo modo que os zangões das colmeias, eles são mortos pelos trabalhadores - um exemplo marcante da força super-humana dos impulsos super-integrativos ou totalitários: não somente individuos, mas mesmo classes são sacrificadas para o bem da sociedade.

Um outro aspecto comparativo deve ser mencionado. Contrariamente às abelhas e vespas, todas as formigas e térmitas trabalhadoras são desprovidas de asas: elas realizam seus trabalhos sobre ou sob a terra e, portanto, se locomovem com suas pernas. Entretanto, os machos e fêmeas férteis voam. Esta é uma herança ancestral do seu estoque comum de inseto verdadeiro ou hexápodo e, evidentemente, tem sido retido como vantajoso para a perpetuação da espécie, a qual, por esse meio, pode começar novas comunidades sobre uma ampla area, ao invés de cada nova colônia se juntar com a velha e perecer com e-

- 7 -

la sob o impacto de qualquer seca, enchente ou outra adversidade local. São os trabalhadores e soldados, a massa da comunidade que, entre as formigas e termites, longe da condição original de insetos, se tornaram especializados, desprovidos de asas e inférteis. As fêmeas férteis se cruzam com os machos férteis após um voo de dispersão, do qual, o voo nupcial ou cruzamento aéreo da abelha é uma forma extrema. Não há dúvida que é por causa deste método de cruzamento a larga que os machos e fêmeas férteis retiveram seu olhar ancestral - eles necessitam se encontrar; os trabalhadores tem visão baixa ou são cegos.

Imediatamente após o cruzamento, a fêmea desprende sua asa, agora sem utilidade, descobre uma fenda ou faz um buraco no chão e começa a construir uma família. Entre as formigas, ela faz isso sozinha; entre as termites, com seu companheiro - uma diferença cuja ampla significação veremos daqui a pouco. Ela começa a por ovos, a alimentar as larvas quando elas eclodem, seja com o que ela consegue apanhar ou com sua própria saliva, acrescentando, daqui por diante, certos ingredientes que correspondem a transformações de partes inúteis de seu corpo - músculos alares, lobos óticos e semelhantes. Este é um processo análogo da alimentação láctea dos mamíferos, não na sua fisiologia ou química, que não há dúvida, são muito diferentes nos detalhes, mas no seu mecanismo funcional e nas emoções psíquicas e satisfações de que devem ser acompanhados. Durante todo o período de vida solitária em que procura dar origem a primeira geração de uma família, a futura rainha, embora funcionando temporariamente como trabalhadora, não toma nenhum alimento para si durante meses. Embora a ninhada inicial, quando eclode em formas adultas, seja comumente sub-desenvolvida ou não completa, começa a trabalhar. Procura alimento, aumenta o formigueiro, etc; mas, acima de tudo, começa a alimentar a rainha, que responde pondo mais ovos. Estes, agora abastecidos pelas suas irmãs mais velhas, se desenvolvem em trabalhadores adultos completos e bem desenvolvidos. Somente quando a comunidade é forte - numerosa e bem provida de alimentos - começam a nascer machos e fêmeas férteis, e o ciclo de formar novas colônias pode ser repetido. Isto, entretanto, toma tempo; para uma comunidade alcançar o ponto em que ela pode gerar outras comunidades, se espalhar e manter a continuidade da espécie, são necessários geralmente vários anos. Isto significa que a rainha, ao redor da qual tudo gira, deve ter vida longa, e que os trabalhadores, que podem sobreviver para ajudar a criar inúmeros irmãos e irmãs mais jovens, reforçam tremendamente a colmeia, principalmente durante seu período de voo nupcial. Realmente, sabe-se que as formigas rainhas vivem 15 anos e trabalham de 3 a 4 - longa duração para animais tão pequenos; a indicação para a longevidade das termites é semelhante. Já se mencionou que a combinação de um breve estágio larval e pupal e um longo período de vida adulta determina um padrão favorável para o desenvolvimento de um tipo de sociedade altamente "comunizada" e dotada de instintos, que não depende da transmissão da experiência aprendida;

este padrão se tornou a regra universal entre formigas e térmitas.

Há ainda outros hábitos notáveis das formigas e térmitas: a "agricultura", manutenção do "gado", guerras totais e incursões escravagistas de algumas espécies. Estes hábitos, naturalmente, são de interesse especial pelas suas semelhanças com as instituições humanas. Contudo, a agricultura humana, criação do gado, escravidão e guerra totalitária de exploração são universalmente aceitas como tendo sido inventadas e transmitidas pelo ensino e aprendizagem, isto é, como sendo produtos culturais. É difícil aceitar as correspondentes atividades dos insetos sociais como sendo de natureza cultural, porque as formigas e térmitas não usam e nem produzem ferramentas, e nem parecem possuir aquela parte e condição aparentemente indispensáveis da cultura que nos chamamos linguagem. Faltando estes elementos básicos da cultura, é difícil acreditar que os insetos sociais tenham realmente desenvolvido porções institucionais da cultura. É mais provável que as semelhanças com os homens sejam meras analogias - semelhanças de resultados, antes do que de mecanismos. O mecanismo atual da escravização e domesticação das formigas seria, assim, provavelmente orgânico, congênito e instintivo, diferente das instituições humanas, que são supra-hereditárias, planejadas e transmitidas pela aprendizagem.

Quando consideramos tal mecanismo como orgânico, parece que praticamente todas as questões podem ser resumidas em impulsos e práticas de simbiose, e que a simbiose está disseminada também nos domínios não sociais do reino animal. Há, por exemplo, o caso familiar do caranguejo eremita que tem preferência pela anemona marinha, em cuja casca de caracol habita; se nessa casa não houver a anemona, ele se estabelecerá aí. Este hábito poderia, no fim de contas, ter valor para a sobrevivência da espécie caranguejo eremita, como foi geralmente suposto. Isto, evidentemente, satisfaz a alguma coisa da natureza congênita do caranguejo - faz com que se sinta mais a vontade, "alivia uma tensão". Contudo, ninguém pensaria em admitir que tal prática tivesse sido ensinada ao caranguejo pela sua mãe ou que tivesse aprendido de seus companheiros. A simbiose das formigas com suas formigas escravas, rebanhos de besouros ou cogumelos é, obviamente, mais complexa do que a relação caranguejo-anemona, mas parece não haver razão para acreditar que seja basicamente diferente na qualidade.

Além disso, uma análise mais profunda mostra o quanto são diferentes realmente os trabalhos dos insetos sociais e as práticas sociais humanas: por exemplo, na "agricultura". Antes de ir para o seu voo nupcial, a formiga rainha Atta "toma uma boa refeição de cogumelos". Fertilizada e segura em sua pequena escavação no solo, que é a primeira cova de seu reino, ela regurgita essa massa de cogumelos, que começa a crescer. Ela aduba-

o e põe seus primeiros ovos sobre eles; ao eclodirem, as larvas comem os cogumelos; quando emergem como adultos, o reino da rainha contém tanto uma sociedade de trabalhadores como um jardim de vegetais para manutenção; em consequência, ela se retira com grande pompa, a fim de por ovos para posterior aumento da colônia. O conjunto desta "agricultura" é, evidentemente, em sua origem, um produto secundário de alimentação e reprodução; este produto secundário, tendo valor para a sobrevivência, tornou-se parte do mecanismo de comportamento congênito da espécie. É uma simbiose especial e muito complexa; nada existe nela de costume inventado e aprendido.

Assim, pela gradação dos hábitos de algumas diferentes espécies de formigas que mantêm a escravidão pode-se mostrar que estas começaram a devorar as pupas dos outros formigueiros, depois progrediram no sentido de conduzi-las aos seus "domicílios" para guarda-las e devora-las nas horas vagas e, finalmente, chegaram ao estágio de pouparem as pupas durante um tempo, segundo o qual elas conseguiram eclodir antes de serem devoradas; em consequência disso, o impulso irreprimível das formigas para trabalharem em favor da sua comunidade, fez com que essas "escravas" parecessem "trabalhar" para seus "patrões". Outra linha de desenvolvimento é a parasitria: a rainha fertilizada, em certas espécies, é incapaz de encontrar seu próprio formigueiro. Ela, daí, invade a colônia de outras espécies, mata suas rainhas ou, de outro modo, atrai e seduz seus trabalhadores até que eles a matem; estes, então, tomam o lugar dela - com o resultado de que os trabalhadores passam a criar a ninhada da rainha de fora, ao invés das suas irmãs de sangue. Onde o parasitismo é extremo, como quando a espécie invasora é tão forte, que pode talvez brigar mas não trabalhar, os intromissores são dependentes de seus hospedeiros, para sustento. Mas como estes consistem somente de trabalhadores não reprodutores, e eles finalmente morrem, em consequência do que os patrões também parecem.

A inferência talvez mais significativa que os antropólogos podem tirar do estudo dos insetos sociais é a luz que lança sobre a natureza da sociedade e da cultura. Todos os seres humanos vivem em sociedade e todos têm cultura. Esta co-ocorrência de sociedade e cultura é tão constante no homem que aparecem como dois aspectos de um conjunto de fenômenos. Se não tivéssemos nenhum outro conhecimento, poderíamos facilmente considerar que sociedades e culturas poderiam apenas coexistir. Os insetos sociais mostram que sociedade e cultura são distintas, não apenas conceitualmente, mas no fenômeno da natureza. As comunidades de formigas, abelhas e térmitas não permitem escape a esta conclusão. Embora desprovidas completamente de cultura, de acordo com todas as indicações, elas são tão fortemente unidas, tão socialmente centradas, quanto qualquer sociedade humana - ou mesmo mais. A origem das sociedades, agora reforçadas pela cultura, e que ocorreu em algum lugar do desenvolvimen-

- 10 -

to do homem foi, conseqüentemente, um evento novo e único na história da vida sobre a terra."

Outros animais, além dos insetos, apresentam vida social, como os peixes, aves e mamíferos, cujo mecanismo de ação é basicamente do tipo instintivo. Aspectos semelhantes aos encontrados nas sociedades humanas também são constatados nestes agregados animais, tais como os de dominância e submissão, competição e cooperação, delimitação do grupo (in-group), diferenciação dos indivíduos com base na idade, tamanho, sexo e outros traços, identificação com o in-group em contraposição ao out-group. O exemplo mais notável de dominância e submissão é dado pela descrição de Schjelderup-Ebbe sobre aves de varias classes. Um bom resumo desse processo, que recebeu o nome de "peck-order" (ordem das bicadas), é encontrado na obra de Herskovits "Man and His Works". Segundo esse autor, "há uma ordem definida ou precedência ou distinção social que se apoia em certas condições de despotismo". Cada ave sabe quais as que ela pode bicar e quais a bicarão. De um modo geral, as aves velhas dominam as jovens e os machos as fêmeas. O indivíduo estranho à comunidade, enquanto não for por ela aceito, leva uma vida muito difícil. Pode-se dizer que estes aspectos são bastante contraditórios nas sociedades animais.

O estudo da organização social dos outros primatas, exceto o homem, é bastante interessante, mas deixaremos de apresentá-lo por não pretendermos nos alongar mais sobre este assunto; os que desejarem conhecer mais detalhes poderão recorrer ao livro de Kroeber, "Anthropology" ou ao de Martindale e Monachesi, "Sociology". Diremos apenas que, entre os primatas, à medida que se sobe na escala animal, diminui a ação dos instintos; de um modo geral, o comportamento se situa entre o tipo instintivo e o derivado do hábito.

2. Inteligência e aprendizagem: estudo comparativo entre o homem e o animal

De antemão é necessário que se aponte uma dificuldade encontrada nos estudos de Psicologia Comparada. Ela se prende ao fato de que as atividades mentais dos animais não podem ser conhecidas através do método introspectivo, mas só podem ser apreendidas por meio da observação do comportamento. Deste modo, quando se compara a inteligência ou a aprendizagem dos animais com a dos homens, o investigador baseia o seu estudo em termos de comportamento, ou seja, de ação e reação; fazendo abstração às limitações que são inerentes ao método, tal procedimento nos fornece resultados aparentemente seguros e de apreciável importância.

Embora de repercussão menor para as conclusões que se possam tirar do assunto de que estamos tratando, dois outros impecilhos se

apresentam para o pesquisador: dificuldade de conceituar inteligência e de distinguir perfeitamente inteligência de aprendizagem.

Conceito de inteligência e de ato inteligente - Não é nossa preocupação apresentar os diversos conceitos de inteligência, mesmo porque bons autores de livros de Psicologia fogem à uma definição precisa desse termo. Corroborando esta afirmação, apresentamos uma definição de inteligência, muitas vezes citada, inclusive por Hilgard, em "Introduction to Psychology": "Inteligência é aquilo que um teste de inteligência mede".

Anastasi e Foley, em "Differential Psychology" apresentam duas definições que são por eles mesmos criticadas, uma das quais é aqui citada por nos interessar: "Inteligência é a capacidade de adaptação a novas situações ou de tirar proveito da experiência, o que virtualmente a identifica com a habilidade de aprender".

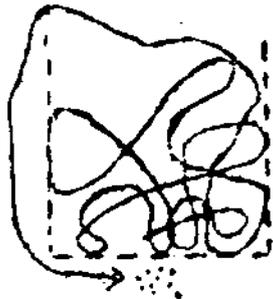
Contudo, para fins práticos, podemos nos esquivar de uma definição de inteligência, procurando compreender o que é um ato ou comportamento inteligente. Dizemos que o homem ou os animais fazem funcionar sua inteligência quando se lhes apresenta uma situação inédita, ou seja, um problema para o qual não hajam aprendido previamente a solução, ou ainda, como assinala Dewey "a inteligência procede por obstáculo". Quando a solução é encontrada, não casualmente, por um processo chamado de ensaios e erros, mas por um mecanismo em que são percebidas as relações essenciais do conjunto, diremos que é um ato inteligente. Se a solução já foi aprendida pelo homem ou animal, seja por experiência pessoal ou porque lhe foi transmitida por outro indivíduo, evidentemente não podemos chamar de ato inteligente. Os testes psicológicos para avaliar nível mental constam de provas que se presumem sejam inéditas para os examinandos.

Debaixo deste ponto de vista podemos demonstrar que os animais que nos cercam apresentam inteligência. Gaston Viaud, em "L'intelligence", diz: "A psicologia experimental mostrou, em primeiro lugar, que existem inúmeros graus de inteligência entre os animais, e que é necessário, certamente, chegar bem alto na escala zoológica para encontrar animais que sejam totalmente incapazes de inventar ações novas para resolverem um problema. Em segundo lugar, a psicologia experimental mostrou que se podia determinar com precisão o nível de inteligência dos animais, submetendo-os a testes ou problemas convenientemente escolhidos."

Köhler, criticando Thorndike, diz que é possível se evidenciar a inteligência animal desde que se lhe apresente um problema adequado ao seu nível mental; muitas das experiências anteriores, que demonstravam a falta de capacidade intelectual dos animais, falhavam por apresentar ao animal problemas fora do alcance de seu raciocínio. Mesmo a galinha mostra não ser desprovida de inteligência quando submetida a provas adequadas.

Relativamente ao nível mental, os animais se dispõem em uma escala, ocupando o chimpanzé, ao que parece, o topo dessa classificação.

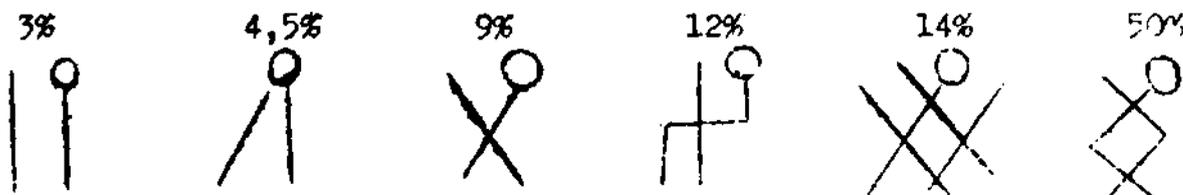
Experiências com animais - Quando se fala em psicologia sobre a inteligência animal, é justo que se destaque o nome de Wolfgang Köhler, psicólogo alemão que trabalhou com chimpanzés entre 1914 e 1920, e publicou "The mentality of Apes". Köhler se contrapõe a Thorndike, cuja doutrina em voga naquele tempo admitia que toda a aprendizagem animal se fazia pelo processo dos ensaios e erros, o qual, em linhas gerais, diz que o animal descobre por acaso a solução do problema que lhe é apresentado; colocado várias vezes diante da mesma situação, dispense cada vez menos tempo para resolvê-la satisfatoriamente. Alguns exemplos: (1) Uma galinha colocada dentro de um anteparo de tela metálica, em forma de U, e existindo na sua frente, do



lado de fora, alguns grãos de milho, investirá de um modo totalmente errático contra a tela, até descobrir, por acaso, a solução correta, que é a de dar as costas para o alvo a alcançar, voltar o anteparo e se dirigir para o alimento através de um movimento unidirecional. Diremos que este não foi um ato inteligente. (2) Um gato colocado dentro de uma gaiola, na qual existe um dispositivo que, tocado pelo animal, faz com que se abra a porta, vai ficar aflito para sair. Faz diversos movimentos erráticos, sem sentido, para fugir da gaiola, até que, acidentalmente, toca na mola que abre a porta. Este também não é um ato inteligente.

Um cão colocado na mesma situação da experiência com a galinha, dá a volta pelo obstáculo e apanha o alimento do outro lado. Este ato de dar a volta é classificado como inteligente, pois significa que o animal percebeu a situação total, isto é, teve uma percepção gestaltica.

Dos experimentos realizados por Köhler com chimpanzés, alguns são aqui mencionados: (1) Um objeto desejado pelo chimpanzé (banana, por exemplo) foi elevado a uma altura que ficava fora do alcance do animal e oscilava como um pêndulo. Dentro da jaula em que se encontrava o chimpanzé foi colocada uma escada, perto da qual passava o objeto. O chimpanzé, após um momento de estudo, subiu pela escada, estendeu a mão e apanhou o objeto. Todo chimpanzé resolve este problema. (2) Foi colocado fora da jaula um objeto desejado pelo animal e ligado a um fio; a outra extremidade desse fio era colocada dentro da jaula, juntamente com outros fios dispostos paralelamente ou cruzados com o primeiro, porém não ligados ao objeto. Nessas circunstâncias, o chimpanzé sempre puxava o fio "certo". Experiência similar foi realizada por Hartlow e Settlage, em 1934, por com antropoides inferiores (*Macacus rhesus*), cujos resultados, expressos em percentagem de erro, são assinalados nas figuras abaixo:



(Copiado de "L'intelligence", de Gaston Viaud)

(3) Colocando um objeto dentro da jaula, mas fora do alcance do animal e, a sua disposição, dois caixotes, o chimpanzé coloca um sobre o outro, a fim de apanhar a isca. (4) Alguns chimpanzés excepcionais conseguem apanhar um objeto colocado fora da jaula, ajustando duas varas de bambu deixadas ao seu alcance, depois de um período em que tentaram apanhá-lo só com o braço ou com o auxílio de uma só vara.

Muitos outros experimentos foram feitos, seja por Köhler ou, posteriormente, por outros autores, com chimpanzés, gorilas, gibões e outros antropóides. Aos interessados recomendamos a leitura de Hooton e Viaud, referidos na bibliografia que apresentamos.

Conclusões sobre a inteligência animal - Todas as experiências que foram conduzidas provam a existência de inteligência nos animais. A este propósito, Köhler, citado em Hooton, conclui: "Os chimpanzés manifestam um comportamento inteligente do mesmo tipo que o dos seres humanos. Este tipo de conduta inteligente estende-se às espécies menos dotadas."

Não difere desta a conclusão de Linton: "É fortemente presumível que as diferenças entre as mentalidades humanas e animal sejam puramente quantitativas."

Para Viaud, "A fronteira que separa os modos de pensamento propriamente humanos dos modos de pensar comuns aos homens e animais, é marcada pela linguagem." Teremos oportunidade de voltar, mais adiante, ao estudo da linguagem. Por ora, transcrevemos algumas palavras de Linton, que nos parecem bastante apropriadas:

"Ninguém pode negar que entre o pensamento humano e o dos Simiidae existem diferenças quantitativas profundas. Os fatos são patentes demais para que seja necessário expô-los. Ao mesmo tempo, mesmo as diferenças quantitativas não devem ser exageradas. A complexidade das atividades humanas normais, comparadas com a dos animais, não nos fornece base exata para medida. Tanto nos homens como nos animais, a maior parte do comportamento é questão de hábito. Tendo aprendido a fazer uma coisa, podemos desde então fazê-la sem ter de pensar a seu respeito. Nossa capacidade de pensar só é posta em ação quando defrontamos situações novas. O homem civilizado pode fazer mais que o selvagem porque teve oportunidade de aprender mais coisas. Todos os testes agora aplicados ao civilizado e ao selvagem parecem mostrar que a capacidade mental inata de um e de outro é aproximadamente a mesma. Do mesmo modo, os homens têm oportunidades melhores de aprender que as dos Simiidae, o que os coloca muito mais à frente. O equipamento mental superior dos homens é responsável pela existência desta abundância de coisas a serem aprendidas, mas a abundância foi produzida por muitos cérebros que trabalharam durante muitas gerações. Sozinho, nenhum espírito poderia criá-la. O filho do homem civilizado, se crescesse em completo isolamento estaria, pelo comportamento, muito mais próximo de um dos simiidae que de seu próprio pai."

São de Linton, ainda, estas palavras: "Tem-se sustentado que a performance superior do homem na solução de problemas deve-se a que os homens dispõem de imaginação e de razão, qualidades de que os animais são desprovidos. Segundo experiências recentes, isto parece improvável. Imaginação é a capacidade de representar no espírito situações que não estão presentes. Razão é a capacidade de resolver problemas sem passar por um processo físico de tentativas e erro. A razão não poderia existir sem imaginação, pois no raciocínio a situação tem de ser compreendida e os resultados de certas ações tem de ser previstos. Fazem-se tentativas e eliminam-se os erros, mentalmente. Se estudarmos do mesmo ponto de vista objetivo o comportamento humano e o animal, parece certo que, se reconhecermos no homem imaginação e razão, devemos reconhecê-las também no animal."

Não apenas os animais se utilizam do método dos ensaios e erros nas suas condutas. O homem e, principalmente a criança, também o empregam todas as vezes que não podem agir inteligentemente, mas, muito frequentemente, tiram proveito dos seus primeiros erros e o comportamento posterior poderá assumir as características de inteligência. O uso da razão, embora também feito pelos animais, o é com muito mais frequência pelo homem; este, além disso, chega com muito maior rapidez a um resultado bem sucedido.

Aprendizagem - No comportamento humano e animal, três aspectos ou tres fatores determinantes são reconhecidos: (1) O comportamento pode ser instintivo; (2) pode ser aprendido com outros indivíduos; e (3) pode resultar da aprendizagem individual.

(1) Comportamento instintivo - O comportamento instintivo é totalmente não aprendido e surge espontaneamente como resultado de uma condição biológica e estimulação do meio. Todos os animais, inclusive o homem, apresentam este tipo de comportamento; no entanto, seu papel é tanto mais importante quanto mais baixa é a situação do animal na classificação zoológica. Nos insetos, os instintos dominam quase ou mesmo todo os aspectos da vida do animal. Neles, praticamente, todo o comportamento é ditado pelo instinto. Uma vespa quando nasce já está equipada com instintos que vão lhe possibilitar a construção do ninho, a caçar aranhas picando-as no ponto exato em que as paralisa sem mata-las, a armazená-las, a botar um ovo entre elas e a fechar o ninho. Quando o filho nasce, a vespa já estará morta; no entanto, a nova vespa repetirá todo esse processo de um modo inteiramente idêntico. O homem, ao contrário, nasce com poucos mecanismos instintivos, o que o coloca na situação de ter de aprender quase tudo. Em consequência, destes dois tipos de comportamento, instintivo e aprendido, decorre que as sociedades de insetos se caracterizam pela uniformidade, isto é, todos os indivíduos da mesma espécie fazem a mesma coisa, ao passo que as sociedades de homens apresentam uma característica que lhes chega a ser distintiva, a intensa variabilidade de seus modos de vida.

(2) Comportamento aprendido com outros indivíduos - À medida que subimos na escala animal constatamos que cresce a capacidade de

- 15 -

aprendizagem, e esta é feita tanto pela experiência individual, como por intermédio de outros indivíduos, geralmente da mesma espécie; neste último caso, a aprendizagem se faz por imitação ou comunicação.

Trataremos agora da aprendizagem através da imitação e deixaremos para mais tarde o problema da comunicação.

Evidentemente, o homem não é o único ser capaz de aprender. Para justificar esta afirmação é suficiente que nos lembremos das coisas espantosas que os chimpanzés podem fazer quando treinados pelo homem; tais espetáculos nos são frequentemente proporcionados pelos filmes norte-americanos. Muito citadas nos livros de Psicologia, de Antropologia e de Sociologia, são as experiências feitas com chimpanzés, utilizando-se aparelhos denominados chimpomat (ou chimp-o-mat). O Dr. Wolfe, do Institute of Human Relations, da Yale University, ensinou chimpanzés a se utilizarem de máquinas que forneciam alimento quando se lhes introduzisse fichas de poquer em uma fenda. As fichas eram de tamanho e cores diferentes, devendo cada uma ser inserida no aparelho adequado; quando fosse necessário, duas fichas deveriam ser introduzidas. Os chimpanzés aprenderam a obter o alimento imitando o instrutor humano e, posteriormente, os outros animais. Ao se reportar a esta experiência, Linton diz: "Estabeleceram entre as fichas e o alimento associações tão fortes, que se esforçam tanto para obter as fichas quanto por obter o próprio alimento. Quando, nos seus alojamentos, onde não existem chimpomats, se espalham fichas entre eles, escolhem as que tem valor e guardam-nas até serem levados à sala onde estão os fornecedores automáticos."

Outros exemplos de aprendizagem animal por imitação: canários colocados no meio de outros passaros, variam seu canto. As aves tem que ensinar seus filhotes a voar, à foca também não sabe nadar ao nascer, tendo que aprender de seus pais. Interessantes são as experiências feitas pelo Dr. Zing Yang Kuo com gatos. Todos nós sabemos que os gatos atacam os ratos por instinto e que as gatas ensinam suas crias a capturar ratos. O Dr. Kuo separou tres grupos de gatas com seus filhotes e fez com que os gatinhos tivessem experiências diferentes na caça ao tradicional inimigo. No grupo em que a mãe caçava ratos na presença dos gatinhos durante os seus primeiro quatro meses de vida, estes se tornavam caçadores de ratos na proporção de 85%; no segundo grupo, em que nos quatro primeiros meses de vida, os gatinhos não tiveram contato com ratos, 45% do grupo se tornou caçador; no grupo 3, em que os gatinhos cresceram em companhia dos ratos, nenhum deles passou a matar ratos da mesma espécie. O autor da experiência chegou mesmo a fazer com que os gatos passassem a comer os ratos. Conclusão: a aprendizagem desempenha papel importante no fato de um gato ser ou não caçador de ratos, e para essa aprendizagem sobressai a importancia dos contatos entre pais e filhos logo no início da vida destes.

(3) Comportamento adquirido pela aprendizagem individual - Ao tratarmos da inteligência animal, citamos alguns exemplos em que os animais colocados diante de um problema cuja solução não fora por ele aprendida, resolveram-no pelo processo de ensaio e erro, isto é,

- 16 -

encontraram a solução casualmente. Uma vez repetido o mesmo experimento, os animais passaram a gastar progressivamente menos tempo, o que vale dizer, aprenderam, por experiência própria, a encontrar a solução adequada.

A este respeito, ainda, Linton cita um experimento feito na Universidade de Wisconsin em que ratos e estudantes do 2º ano ginasial foram submetidos a prova de aprender labirintos. Os resultados não revelaram diferenças importantes nos processos de aprendizagem de ambos os grupos, embora os ratos se mostrassem um pouco melhores quanto a velocidade em aprender. É claro, como assinala Linton, que aprender labirintos constitui uma espécie muito simples de problema, com uma solução dependente de tentativa e erro, e do estabelecimento do hábito, pela repetição.

No entanto, o homem usa com mais frequência um outro meio de resolver os problemas que se apresentam a ele como inéditos, isto é, problemas para os quais não aprendeu, de outros indivíduos, a solução. Lança mão, para tais situações, da razão. Mesmo que tenha tentado resolver um problema pelo processo físico do ensaio e erro, raramente repete o mesmo ato, que o levou ao erro; mentalmente elimina as soluções erradas, até encontrar a correta.

Comparação entre o comportamento humano e o animal - Do que dissemos, conclui-se que a diferença entre os fatores que ditam o comportamento humano e o animal é essencialmente quantitativa, já que todos eles estão presentes tanto no homem como nos animais. Assim, enquanto o instinto domina praticamente todo o comportamento dos insetos e, também é importante para os animais superiores, é de importância reduzida para o homem. Este é chamado uma criatura de hábitos, antes do que uma criatura de instintos. Devido à grande carencia de instintos no homem, ele vem ao mundo totalmente desprotegido, o que o coloca na condição de ter que se sujeitar a um longo processo de aprendizagem; este fato faz com que seu comportamento seja moldado pela orientação de seus pais e de outros indivíduos da sociedade onde vive.

Resumimos, a seguir, a análise que acabamos de apresentar sobre o comportamento humano e animal:

No comportamento animal:

- (1) os instintos desempenham importante função;
- (2) a aprendizagem se faz principalmente através:
 - a) da imitação
 - b) do ensaio e erro
- (3) a razão é muito raramente utilizada para a solução de problemas

No comportamento humano:

- (1) os instintos têm função muito pouco importante
- (2) a aprendizagem se faz:
 - a) pela imitação

- 17 -

- b) pelo processo de ensaio e erro
 - c) principalmente pela instrução deliberada
- (3) a razão é frequentemente utilizada para a solução de problemas.

Até agora deixámos, intencionalmente, de falar sobre o comportamento aprendido através da instrução deliberada. Com isto queremos nos referir à aprendizagem feita pela transmissão de conhecimentos dos indivíduos mais velhos aos mais jovens, através do uso da linguagem. Embora a capacidade de aprender do homem seja superior à do animal somente em grau e não na qualidade, apresenta-se agora um outro elemento, a linguagem, cuja utilização pelo homem o coloca numa situação ímpar em cotejo com os outros animais. De fato, com a utilização desse símbolo vocal, o homem amplia tremendamente a diferença entre ele e os animais, quanto à aprendizagem efetiva e confere a esta diferença um significado supremo: apesar de existirem muitos animais sociais, o homem é o único que possui cultura.

Comunicação e linguagem - Quando contrastamos o comportamento humano e o animal, destaca-se como diferença relevante a importante função desempenhada pela linguagem entre os homens e a pobreza da comunicação entre os animais. A linguagem chega a ser mesmo um dos critérios para diferenciar o homem dos outros animais. Isto não significa, contudo, que o homem seja o único ser capaz de se comunicar com seus companheiros.

Embora a linguagem seja um meio de comunicação, costuma-se distinguir esses dois termos, adotando-se para a linguagem um conceito que a torna privativa dos seres humanos.

Se considerarmos como comunicação a utilização de quaisquer símbolos, tais como sons, gestos ou comportamentos que possam ser "compreendidos", constataremos que a comunicação ocorre entre muitos seres. Assim, por exemplo, os animais sociais são estimulados a voar ao verem os outros correr, como as abelhas que, ao voltarem à colmeia depois da descoberta de um local com bastante alimento, comunicam o fato às demais, fazendo rápidos movimentos circulares sobre a colmeia. Em geral, os mamíferos indicam seu estado emotivo pela postura do corpo, posição das orelhas, expressão das faces e emissão de determinados sons. Um urso bate com a cauda na água quando está assustado e a colônia foge da área de perigo. Um cão transmite perfeitamente sua precaução quando rosna: um latido pode ser amistoso ou hostil. As comunicações entre as aves são também frequentes, valendo-se do canto.

Kroeber define a linguagem como "um sistema de símbolos audíveis capaz de comunicar fatos objetivos." O canto dos passaros, o rugido do leão, o relinchar do cavalo e o gemido do homem expressam condições subjetivas; não dão informação objetiva. Por informação objetiva Kroeber entende, por exemplo, as seguintes: "Há árvores atrás da colina", "Há uma só árvore", "Há somente arbustos", "Houve árvores, mas não há mais", "Se houver árvores, ele poderá se esconder lá", "As árvores podem ser queimadas", etc. Nenhum animal,

a não ser o homem, pode fazer tais afirmações.

Entendemos que a definição de Kroeber não é completa, pois os animais podem transmitir, além das suas emoções, fenômenos que ocorrem no meio, portanto, exteriores a eles e que se revestem de características objetivas. Assim, um animal pode transmitir ao seu filhote como agir em face de uma situação que surge; pelo seu terror e sua pressa em fugir e esconder-se de um homem armado, pode imprimir em seus filhos uma atitude semelhante de medo. Neste caso, o fato objetivo ocorreu, e o animal pode comunicá-lo à sua prole. Contudo, para que tais fatos pudessem ser transmitidos, houve necessidade de estímulo estar presente. Os animais não podem falar do que fizeram ontem ou farão amanhã. No caso exemplificado, se a situação não surgisse, o animal não poderia comunicá-la a seus filhos.

Tendo em vista estas considerações, modificaríamos a definição de Kroeber para a seguinte: "Linguagem é um sistema de símbolos auditíveis capaz de comunicar fatos objetivos, mesmo na ausência de estímulo exterior." Com esta conceituação a linguagem torna-se peculiar ao homem. Se tomarmos a banana de um chimpanzé, ele poderá mostrar sua zanga; se desejar a banana, ele poderá demonstrar fome; se lhe dermos uma banana, poderá mostrar seu contentamento. Entretanto, ele não pode dizer sobre a banana, desde que não seja estimulado por esse alimento.

Outra característica que distingue os sons animais da linguagem, se prende ao fato dos primeiros serem totalmente instintivos, enquanto que a linguagem é aprendida; decorre daí que os sons animais exibem regularidade para a mesma espécie, o que contrasta com a profunda diversidade entre as 2.000 ou mais linguagens existentes. Aliás, sendo a linguagem um dos aspectos da cultura, é natural que ela não fugisse às características desta, entre as quais, a de ser um fenômeno essencialmente variável no tempo e no espaço.

Costuma-se falar em linguagem ativa e linguagem passiva, entendendo-se por linguagem ativa a emissão de sons feita para comunicar ou exigir reação ou resposta. Pela linguagem passiva o animal atende a um comando. Os chimpanzés, os cães e cavalos amestrados dão uma ótima ilustração de linguagem passiva, agindo em perfeita consonância com a ordem emanada do homem. No entanto, esses mesmos animais parecem ter um "vocabulário" ativo muito pobre, se é que possam ser considerados como tais os "ruídos" que emitem. Anatomicamente e fisiologicamente, o aparelho vocal dos chimpanzés é capaz de produzir os sons à maneira dos homens; a diferença, assim, não estaria ligada aos órgãos de fonação mas sim, provavelmente, à insuficiência dos centros nervosos. A linguagem ativa, bastante desenvolvida na espécie humana e rudimentar ou inexistente nos outros animais é, portanto, o fator decisivo da distinção das sociedades humanas e animais. Quando falamos em linguagem simplesmente, com as linhas atrás, queremos indicar a linguagem ativa.

Concluindo, parece que a diferença entre os homens e os animais relativamente à comunicação, não deve ser encarada em termos absolutos, mas num sentido quantitativo; entretanto, é bastante re-

zocável admitir-se também que a comunicação animal, além de bastante rudimentar, pois seu conteúdo simbólico é praticamente inexistente, não tem a capacidade de transmitir abstrações e nem distinguir o passado e o futuro.

- Pela riqueza imensamente maior do conteúdo ideativo da linguagem humana, relativamente a animal, foi possível aos homens se diferenciarem cada vez mais dos antropóides, que guardam com eles semelhanças estruturais surpreendentes; a razão principal desta diversificação entre espécies próximas diz respeito à elaboração da cultura por parte do homem. Sem a linguagem não haveria cultura, principalmente quando entendida como conhecimento cumulativo, pois ela é essencialmente um instrumento da comunicação, não só servindo aos homens para sua interação social, mas também como veículo da transmissão cultural de geração para geração.

Beals & Hoijer, em "An Introduction to Anthropology", referindo-se à importância da linguagem para o homem, afirmam: "Tanto o desenvolvimento da cultura como o hábito de viver e trabalhar em conjunto seria impossível sem a linguagem, provavelmente a mais valiosa posse do homem. A linguagem não apenas capacita ao homem comunicar-se diretamente com seus companheiros e assim realizar mais facilmente o trabalho em cooperação e coordenação, como também lhe permite acumular suas experiências e conhecimentos e transmiti-los às gerações seguintes. O homem, diferentemente dos animais, não é obrigado a aprender tudo o que sabe, pela experiência direta ou pela observação e imitação da ação dos outros."

Os animais não podem transmitir a seus filhos tudo quanto aprendem, pois como já vimos, a aprendizagem é feita apenas quando se apresenta a situação; naturalmente, para os eventos comuns essa oportunidade geralmente ocorre, mas para os acontecimentos raros, o filhote só por mero acaso deixara de enfrentar a situação por si próprio. Em consequência, a experiência dos animais mais velhos não é aproveitada, simplesmente porque carecem eles de um veículo apropriado, a linguagem. Não havendo transmissão da experiência, de geração para geração, os animais tem seus modos de vida estabelecidos, estagnados. Cada geração exige, essencialmente, o mesmo comportamento das gerações da mesma espécie que a antecederam. Em contraposição a isso, as sociedades humanas são fundamentalmente dinâmicas e, no aspecto tecnológico de suas culturas, são progressivas e enormemente enriquecidas com o passar do tempo. Assim, a linguagem, que é parte integrante da cultura, dá a esta uma tal riqueza de conteúdo que o homem passa a se diferenciar dos animais não tanto pelos aspectos biológicos mas, principalmente, pelo comportamento.

A fim de ilustrar a importância da linguagem na determinação do comportamento humano e animal, citaremos uma experiência muito interessante feita pelo Sr. e Sra. Kellog, relatada no livro "The Ape and the Child", cujo resumo pode ser encontrado em Martindale & Monachesi, intitulado "Sociology". A experiência, realizada nos anos de 1931 e 1932, consistiu em criar juntos, seu filho Donald e um filhote de chimpanzé, chamado Gua. No início do experimento, Gua tinha sete meses e meio de idade e Donald, 10 meses. Durante

- 20 -

9 meses o chimpanzé e o menino viveram com o casal, em um lugar isolado da Flórida, sem qualquer contato com outras pessoas e vivendo juntos como uma família. A ambos, os pais de Donald dispensaram o mesmo tratamento, os mesmos cuidados, o mesmo carinho e ensinaram as mesmas coisas. Comiam, dormiam e brincavam juntos. Gua mostrou-se superior a Donald em muitos aspectos: aprendeu a beber água num copo mais depressa, e mais eficientemente, a comer corretamente com colher, a pular corda e a abrir portas; era, também, mais sociável e obediente que Donald. De um modo geral, Gua levava vantagem sobre Donald com relação as atividades motoras, o que se deve, naturalmente, a maturidade mais rápida do ape.

Com onze meses e meio, Donald pronunciava três palavras: "Gya" para Gua, "din-din" para o jantar (dinner) e "daddy" (pai). Além disso, a criança continuamente murmurava certos sons, cantava e sussurrava.

O ape, pelo contrário, não era tagarela como a criança. Nunca vocalizava de um modo completo sem provocação. Emitia certos sons, com significados diferentes: (1) para resistência agressiva; (2) para indicar prazer; (3) para expressar medo ou terror; (4) para expressar certo desagrado.

Os investigadores procuraram ensinar a Gua a pronúncia da palavra "pa-pa" mas, apesar de todo o incentivo dado, incluindo a manipulação dos lábios do ape, não conseguiram a verbalização dessa palavra.

Se, de um lado, foi impossível obter que o chimpanzé fizesse a verbalização por si próprio (linguagem ativa) houve, de outro, considerável progresso na "compreensão" da linguagem (linguagem passiva). Gua aprendeu a inibir várias ações quando eram pronunciadas certas palavras ou frases, como por exemplo, as seguintes: com onze meses, o ape ia até o investigador quando este lhe dizia "Venha aqui"; com onze meses e meio punha as mãos sobre a cabeça quando ouvia "De que tamanho voce é?"; com treze meses, a um "até logo" corria ao investigador para que fosse colocado num carrinho de bebe; aos catorze meses, ao ouvir "peek-a-boo" (brincadeira de esconde-esconde com criança pequena, em que geralmente se pronuncia a palavra "buu" quando a criança está escondida), ele aparecia furtivamente por detrás de cadeiras ou outros objetos, e quando se lhe dizia "Sente-se", ele se sentava; aos quinze meses, quando ouvia "bata palmas", ele se ria e batia palmas; aos dezesseis meses e meio, ao se lhe perguntar "Onde está seu nariz?", ele agarrava seu nariz e ria. Em outras palavras, Gua chegou a "compreender" um grande numero de palavras ou de frases, porem não conseguiu aprender a falar. Quando Donald passou a dominar a linguagem ativa e, então, entrar em comunicação com outros indivíduos, ultrapassou rapidamente a Gua no aspecto de controle do ambiente.

Este trabalho dos Kellogg nos indica que o homem tem uma capacidade de aprendizagem bastante superior à do ape, que isto se deve ao desenvolvimento de uma linguagem ativa e mais, que esta capacidade é inata.

- 21 -

Do que se disse, depreende-se a importância da cultura para as sociedades humanas, bem como do fator que a condiciona - linguagem -; sem esta, não haveria a cultura e sem a cultura o "Homo sapiens" nada mais seria que um Simiidae terrestre, ligeiramente diferente em estrutura e ligeiramente superior em inteligência, mas irmão do chimpanzé e do gorila", reproduzindo palavras de Linton.

Resumindo, os animais, a exemplo do homem, têm vida social, têm inteligência, são capazes de aprender e até de usar certos sons com "significado", os quais poderiam ser catalogados como linguagem. As sociedades humanas são mais complexas e há diversificação muito grande do comportamento, em contraste com a regularidade do animal; o homem faz mais coisas que o animal, e a tendência é para aumentar essa diferença. A inteligência humana é bastante superior à dos animais, o que possibilitou o desenvolvimento de uma linguagem de enormes recursos de comunicabilidade, e esta, o aparecimento da cultura. Desse modo, o comportamento humano passou a ser predominantemente aprendido, ao invés de dirigido por características biológicas, como nos animais.

-

APRENDIZAGEM DA CULTURA

Em Antropologia costuma-se empregar o termo Enculturação para designar a aprendizagem da cultura, tanto no seu aspecto formal, como no informal. Pelo processo enculturativo, e não pelo instinto, o homem não só torna-se familiarizado com as normas de vida de sua sociedade, mas também ajusta-se a ela.

Tanto para o curso de Antropologia como para o de Educação Sanitária, ministrados nesta Faculdade, educação é sinônimo de enculturação. Muitos antropólogos também adotam este conceito lato de educação. No entanto, é preciso que se mencione haver um outro conceito mais restrito dessa disciplina, limitado ao aspecto formal ou deliberado, e que envolve apenas a aprendizagem adquirida nas escolas (primárias, secundárias, superiores, profissionais e vocacionais) ou, mais raramente, fora delas; esta última, que é também conscientemente dirigida, além de ser menos formalizada, é de mais difícil reconhecimento. Reservaremos o nome de instrução a parte formal e deliberadamente conduzida da educação.

Assim sendo, consideraremos como pertinentes à educação ou à enculturação, a aprendizagem que se efetua tanto nas escolas como nas famílias, nos grupos de idade, com os amigos ou com outros indivíduos da sociedade e, ainda, através de meios de comunicação como jornais, revistas, livros, rádio, televisão, cinema e outros.

Entre os povos não letrados, onde os sistemas formais de escola são pouco desenvolvidos ou ausentes, a educação é função dos indivíduos ou dos grupos, os quais não são educadores profissionais; obviamente, tais sociedades não contam com os meios de comunicação publicitária.

O processo enculturativo se estende por toda a vida do indivíduo, do seu nascimento à morte, variando de intensidade conforme a fase de vida em que incide. Três consequências advêm deste processo para o indivíduo:

1. adquire uma personalidade
2. adquire uma cultura
3. alcança a socialização

Examinaremos agora a aprendizagem da cultura e o processo de socialização, ficando para o capítulo "Cultura e personalidade" o estudo da formação da personalidade. É preciso notar que a aprendizagem da cultura e o fenômeno primário, dele decorrendo, simultaneamente, a formação da personalidade e a socialização. Quando se fala em enculturação, geralmente ela é entendida no seu sentido mais estrito, de aprendizagem da cultura, sem se interessar, portanto, pela formação da personalidade e pela socialização.

Além das consequências, para o indivíduo, do processo enculturativo, ocorre, ainda, por sua influência, a estabilidade ou integração da sociedade e a continuidade da cultura.

Os indivíduos, portadores de uma cultura, podem aprender uma outra cultura; a este processo de reaprendizagem da cultura chama-se reenculturação, o qual não deve ser confundido com aculturação (vide o capítulo "Dinâmica cultural").

Enculturação e socialização - Embora teoricamente se possa distinguir esses processos, na prática resulta quase impossível demarcá-los com nitidez, a não ser que se o faça em suas linhas gerais. Por isso, cuidaremos de ambos os assuntos conjuntamente.

Por socialização entende-se o processo de integração do indivíduo em sua sociedade; através da socialização o indivíduo ajusta-se às situações sociais, em que estão envolvidos outros participantes do mesmo grupo, e passa a integrar seus próprios desejos e ideais aos sistemas de valores comuns à sociedade. Evidentemente, em cada caso a socialização será conseguida em grau maior ou menor. Muitos animais também passam por um processo de socialização, pelo qual os indivíduos se adaptam a seus companheiros, e conseguem um status e um papel que ocuparão ou terão de desempenhar durante suas vidas. No entanto, a socialização humana é bem mais complexa que a dos animais, pela existência de cultura entre os homens.

Numa visão panorâmica de ambos os processos, podemos dizer que o homem nasce sem personalidade; possui apenas desejos ou necessidades inatas, que precisam ser satisfeitas. Em nossas sociedades, nos primeiros anos de vida, o indivíduo recebe influência principalmente dos seus pais, sendo-lhe então inculcados os hábitos fundamentais de comer, dormir, falar e de limpeza pessoal. Durante, ainda sua fase de criança, o indivíduo continua a aprender, debaixo agora da influência de outras pessoas ou grupos, até chegar ao estado de adulto. O processo enculturativo que ocorre nas primeiras idades dos indivíduos e que contribui para formar a base de suas personalidades, faz com que aprendam tão bem sua cultura, que a maior parte da conduta do adulto raramente se eleva ao nível da consciência. Os indivíduos nos seus primeiros anos de vida, seja porque não tem capacidade de discernir o que mais lhes convém, seja porque são obrigados a seguir determinados modos de vida, pelo castigo ou pela recompensa, acabam aprendendo a cultura da sociedade onde vivem. Este processo de aprendizagem, pelo fato de ser imposto, oferece diversas vantagens: (1) De um lado, o indivíduo aprende o fundamental de sua cultura, o que vai lhe permitir viver dentro de uma sociedade; aprende tão bem sua cultura que não necessita dedicar-lhe muita atenção ou, em outras palavras, não precisa se esforçar para encontrar solução para a maioria dos problemas ou atividades que ocorrem em sua vida, pois que estas já foram elaboradas pela cultura que aprendeu; (2) para a cultura, ocorre a sua continuidade através de sucessivas gerações; (3) a sociedade vai manter sua integridade, ou seja, sua estabilidade.

A aprendizagem da cultura durante a infância é tão eficiente que a conduta do indivíduo, quando adulto, torna-se mera questão de rotina. No entanto, como toda cultura é dinâmica, o indivíduo, principalmente adulto, se depara a todo instante com novas formas de vida,

originárias da própria cultura ou de fora; cabe-lhe, então, aceitar ou rejeitar os elementos culturais novos ou estranhos. Geralmente esta função é exercida pelos adultos da sociedade, já que, a medida que o indivíduo passa da condição de criança a de adulto, aumenta progressivamente a sua capacidade de aceitação ou rejeição consciente. Por exemplo, se um de nos for viver em uma sociedade onde a maneira de demonstrar respeito a uma pessoa é dar-lhe as costas e se quiser modificar esse costume, substituindo-o pelo que nos é habitual, poderá ser bem sucedido e tornar-se o centro de onde se propagará a modificação ou, então, fracassar se os adultos resolverem rejeitar a inovação. Nesta última hipótese, o indivíduo deverá se conformar com os padrões vigentes na sociedade para onde se deslocou, substituindo o seu modo de mostrar respeito; este processo que, como vimos, chama-se reenculturação, passa-se num nível consciente. Como é fácil concluir, esta é a situação que todo imigrante tem de se defrontar.

Vimos, há pouco, as vantagens oferecidas pelo processo enculturativo que se processa nas primeiras idades. Apresenta ele, no entanto, uma desvantagem muito séria, principalmente para os trabalhos educativos, os quais, rigorosamente, deveriam ser chamados reeducativos; essa desvantagem diz respeito à dificuldade, maior ou menor, encontrada nas atividades sanitárias quando se trata de modificar conceitos ou práticas populares ligadas à saúde ou à doença. Pelo fato da enculturação ser tão eficiente, o indivíduo reage ativa ou passivamente a tudo que lhe é estranho; por esta razão assistimos, frequentemente, ao fracasso de programas de saúde pública nos quais se procura simplesmente substituir conceitos ou práticas julgadas "erradas", por outros mais convenientes, sem a necessária motivação prévia.

Vejamos, mais detalhadamente, como ocorrem os processos da enculturação e da socialização.

Tanto a enculturação como a socialização se iniciam logo após o nascimento do indivíduo, o qual, nessa oportunidade, ainda não tem personalidade e não sabe a respeito do meio que o cerca; possui apenas aptidão para aprender e um mecanismo biológico que o capacita a responder aos estímulos do seu meio. Através da interação social, isto é, das relações que irá estabelecer com os seres humanos da sociedade onde vai viver, o recém-nascido, de simples organismo animal, vai desenvolver sua personalidade, aprender uma cultura e se integrar em uma sociedade; em outras palavras, de animal que era ao nascer, irá se transformar em ser social.

A aprendizagem da criança tem início, geralmente, dentro de sua família, com sua mãe, pai, irmãos ou outros parentes, onde vai experimentar o amor, a autoridade, a orientação e a proteção; de acordo com sua capacidade de compreender o significado das coisas, os adultos vão-lhe inculcando padrões de cultura, seja pelo castigo ou pela recompensa. Entre os índios Nisenan, da Califórnia, por exemplo, quando existe conflito, este é inculcado nas crianças pela repetição bastante frequente do seguinte comentário, dirigido contra determinado indivíduo: "Aquele homem matou seu tio; tenha cuidado com ele; algum dia ele deve ser morto por vingança". Podem ser inculcadas, do mesmo modo, as pessoas que mais tarde se tornarão desconfiadas, pra

guiçosas, tomadoras inveteradas de empréstimos, ou então, diligentes, corajosas ou portadoras de outras qualidades desejadas pela sociedade.

Posteriormente, ainda durante a infância, o indivíduo recebe instruções sobre as atitudes, padrões e valores fundamentais. Entre os índios norte-americanos é muito comum a utilização de histórias para inculcar atitudes e idéias. Os índios do planalto, por exemplo, exaltam os guerreiros bem sucedidos e preparam a criança para obter êxito na guerra, que é uma das atividades, social e economicamente dominante desses grupos.

George A. Pettitt, em "Primitive Education in North America", citado por Beals & Hoijer, enumera vários mecanismos educacionais:

1. Em questão de disciplina, procura-se apelar, muitas vezes, para os poderes sobrenaturais; ensina-se às crianças que há um ou mais seres sobrenaturais, capazes de ver todas as suas transgressões e puni-las. Algumas vezes, estes seres sobrenaturais são personificados por homens ma scarados, como por exemplo o A'doshlê dos Zuñi. Eis uma narração de Pettitt sobre este personagem:

"O A'doshlê tem olhos e dentes projetados para fora e uma trança de cabelos. O marido de cada casal conduz uma enorme faca para cortar cabeças e a esposa carrega um enorme cesto para roubar crianças e um pau com gancho para apanhá-las. Por ocasião da cerimonia anual, eles fazem uma dança ligeira e começam a procurar as crianças más, sobre as quais foram, presumivelmente, avisados com antecedência. Os pais das crianças más fazem esforços aparentemente hercúleos para repelir o terrível casal. Bloqueiam a porta da casa com barricada e batem tambores e panelas. Recentemente, eles tem encenado ao ponto de atirarem com armas de fogo sobre a cabeça do A'doshlê. Contudo, nada disso adianta, pois os A'doshlê são sobrenaturais. Eles abrem caminho através da barricada - com isso demonstrando a criança que a punição pelo mau comportamento é tão inevitável como o nascimento do sol. A velha mulher, com o pau em cuja ponta há um gancho, apanha as meninas e as puxa para um moedor a fim de tritura-las. O velho homem gira rapidamente sua faca contra a face do mau menino. Há uma ameaça reservada de que eles comerão as crianças más. Eles podem chegar ao ponto de morder a criança no pescoço. Os membros mais velhos da família aumentam o efeito dramático exibindo grande medo. Para demonstrar, posteriormente, que a disciplina vem de fora, o A'doshlê, freqüentemente, censura os pais, as vezes seriamente, se eles forem preguiçosos ou descuidados. Somente quando os disciplinadores visitantes foram contemplados com presentes de carne e comida, eles consentem em reffrear uma punição mais drástica. Enquanto isso, a gritaria já foi ouvida pelas crianças da vizinhança, dos cantos mais escuros de seus respectivos lares."

"Não há dúvida", dizem Beals & Hoijer, "que este tipo de disciplina é altamente eficiente; entretanto, e ele criticado pelos modernos psicólogos de criança."

2. Entre os povos não letrados é muito comum usar-se o elogio e o ri-

dículo como meios de inculcar o comportamento adequado na criança, mais de que habitualmente o fazemos nas nossas sociedades. Por essa razão, muitos não letrados são altamente suscetíveis tanto ao elogio como ao ridículo, de um modo anormal, segundo o nosso ponto de vista.

3. Um aspecto da educação, tanto entre os não letrados como entre nós, que tem sido pouco explorado, é o referente à função dos grupos de idade. Em muitas sociedades, as crianças e os adolescentes passam grande parte de seu tempo com os companheiros de idade próxima à sua; como exemplo podem ser citados entre nós os grupos de brinquedo ou as "gangs". Nestes grupos, que são heterogeneos quanto a: idade, conhecimento e sofisticação, geralmente os mais velhos ensinam aos mais novos, seja pelo exemplo ou dando-lhes ordens. Nas nossas sociedades, onde geralmente os pais se abstem de tratar com os filhos questões sexuais, as crianças recebem dos companheiros mais velhos tais instruções, que são quase sempre erradas e imprecisas.

O início da adolescência (começo da maturidade fisiológica) e da puberdade (entrada em funcionamento dos órgãos sexuais), tanto para os homens como para as mulheres, é acompanhado de numerosas mudanças na personalidade e no comportamento. Nas meninas, a puberdade é definitivamente marcada pelo início da menstruação, aumento das mamas e por outras indicações. Entre os meninos, este período não é evidenciado tão claramente; há apenas uma mudança gradativa, indicada pelo crescimento de pelos no corpo e na face, alteração na voz, no peso e nas proporções do corpo.

Entre muitos não letrados o jovem, por ocasião da puberdade, ou logo após, está preparado para assumir o status de adulto. O rapaz já aprendeu as técnicas necessárias para sua auto-suficiência econômica e, embora possa ainda ser considerado um homem muito jovem, ele é classificado como adulto e não como criança. As moças também já aprenderam as técnicas apropriadas para seu sexo e não raramente se casam logo após sua primeira menstruação.

Nas nossas sociedades, a situação é muito diferente. O adolescente, seja homem ou mulher, ainda não completou seu preparo escolar na ocasião da puberdade e, se almeja aprender uma profissão, como a medicina, deve freqüentar a escola por muitos anos. O casamento para ambos os sexos é geralmente transferido para muito depois da puberdade; o adolescente é desencorajado para o casamento até obter maior ou menor auto-suficiência econômica e é também proibido de experiências sexuais. Este tratamento dispensado ao adolescente é necessário, porque nossa cultura é mais elaborada, o que requer um preparo mais demorado para alcançar a posição de adulto.

É sabido que o período da adolescência se caracteriza entre nós por intensos conflitos emocionais. No entanto, Margaret Lead, com fundamento no estudo que procedeu junto aos habitantes de Samoa, concluiu que as crises emocionais da adolescência não são concomitantes fisiológicos, mas parecem ser determinados pela cultura. As crianças samoanas, desde uma idade bastante precoce, recebem instrução completa sobre sexo e outras questões relacionadas. Na puberdade, os indivíduos de ambos os sexos passam a adotar quase que completamente

As formas adultas de comportamento, tanto do ponto de vista sexual como de outros. Ao adolescente é concedida maior liberdade e responsabilidade do que a criança, mesmo que ele não tenha atingido o estado de adulto. Disto resulta que o adolescente samoano fica livre de dificuldades emocionais.

Beals & Hoijer acentuam que "Nossa sociedade toma pouco ou nenhum conhecimento da puberdade, no sentido de proporcionar qualquer ritual ou cerimônia. Sem dúvida, um adolescente pode ser reconhecido pela mudança da voz, pela barba preta ou por sua atitude modificada frente às moças, mas não há qualquer atividade ritual que marque uma mudança no seu status social. Igualmente, a nossa sociedade não dá ênfase à primeira menstruação da moça, mas considera esse acontecimento antes como um assunto altamente pessoal e, mesmo, como alguma coisa que deva ser escondida ou de que se deva ter vergonha. A coisa mais próxima de um ritual de puberdade na nossa cultura é a festa da debutante, que é mais um acontecimento social do que cerimonial e, assim mesmo, restrito a um segmento relativamente pequeno da população."

Outras sociedades, no entanto, comemoram formalmente o início da adolescência através de certos rituais que podem ser celebrados apenas na família - ritos de passagem - ou ganharem uma amplitude maior, como entre os índios da Califórnia; nesta sociedade, a moça que está menstruando pela primeira vez é segregada em uma cabana especialmente construída para esse fim, proibida de comer certos alimentos e obrigada a atender a outras exigências. A função primária do ritual é salvar a moça numa fase importante de sua vida, e focalizar todo o poder sobrenatural sobre si, com o fim de lhe assegurar uma vida longa, produtiva e feliz. So secundariamente o ritual tem a finalidade de festa debutante.

As cerimônias com os rapazes são também bastante disseminadas, variando o seu aspecto conforme a sociedade. O elemento mais marcante e mais freqüente nessas cerimônias é a idéia de que o menino morre e ressuscita como homem; é evidente o seu significado simbólico: a criança se tornou agora um adulto e, como tal, deve exibir uma personalidade de adulto e assumir comportamento e responsabilidades de adulto.

Um dos aspectos mais importantes destas iniciações formais, é que elas servem de treinamento e educação, seja no campo religioso, mitológico ou outro.

Nas sociedades complexas, como as nossas, a educação geralmente é incompleta na época da puberdade. Devido a educação formal, que pode se prolongar por muitos anos, ou a obtenção de auto-suficiência econômica, o casamento vem se realizando cada vez mais tarde. Com isto ocorrem, como assinalam Beals & Hoijer "distorção da personalidade e dificuldades neuróticas, devidas, freqüentemente, a este retardamento do casamento."

Resumindo este aspecto comparativo da enculturação nas nossas sociedades e nas não letradas, reproduzimos mais uma vez Beals & Hoijer:

"Entre os não letrados, a maior parte da educação preparatória está completa na puberdade e a criança, após uma breve adolescência, casa-se e passa para o estado de adulto. Isto está, naturalmente, em contraste acentuado com a nossa cultura, onde a escolaridade formal continua através de toda a adolescência e não infreqüentemente, estende-se muito adiante, no estado de adulto.

Deve-se notar, também, que, onde as sociedades não letradas são pequenas e a cultura homogênea, a educação é essencialmente a mesma para todas as crianças, excetuando-se apenas a diferenciação devida ao sexo. Os adultos, embora possam ter papéis diferentes no processo educativo, participam, contudo, do mesmo corpo de compreensões e objetivos. A educação nestas sociedades é ajustada, portanto, a alguns alvos mais ou menos bem definidos, e a mesma para todos os membros da sociedade e repetida muitas vezes, por meio de rituais, histórias e inúmeros outros meios.

Na nossa própria sociedade e mesmo em algumas das maiores e mais complexas sociedades não letradas, a situação é completamente diferente." "... a educação é proporcionada por muitas agências - a família, o grupo de idade, a escola, e os meios publicitários de comunicação - cujos esforços, não raramente, são desintegrados confusos e contraditórios. A criança, freqüentemente, faz face a amplas divergências entre ideias e comportamento, como quando lhe são ensinados na escola os ideais de cooperação e serviço público, os quais entram em conflito com os modos competitivos e individualistas de viver. Ruth Benedict assinalou que ensinamos às nossas crianças um conjunto de valores e esperamos que vivam segundo outros. Não é surpreendente, portanto, que a educação em nossas sociedades freqüentemente falhe em alcançar seus fins, ou que as crianças entrem para a vida adulta sem equipamento, seja técnico ou emocional, para desempenhar com sucesso seus papéis de adultos."

Teoria de Mead sobre a socialização - Não é nossa intenção apresentar as várias teorias que existem para explicar o processo da socialização. Parece-nos, entretanto, interessante o ponto de vista de George Herbert Mead, psicólogo social norte-americano, que admite ser a sociedade a responsável pela socialização do indivíduo.

Mead admite que a criança, através da interação social, sofre um processo de socialização, o qual consiste na transformação de um organismo biológico em uma pessoa humana. Como resultado desse processo, que é de natureza social, a criança adquire um "self". Que é self? É a capacidade de uma pessoa ser "objeto" para suas próprias ações. Explicando melhor: o homem é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto; ele é agente e, também, sofre a ação. Ainda mais, é capaz de agir em relação a si mesmo, da mesma forma como age em relação aos outros. Como pode odiar, desprezar e sentir orgulho de outrem, tem a capacidade de odiar-se, admirar-se ou amar-se e orgulhar-se de sua pessoa e de seus atos. A ação do indivíduo em relação a si mesmo, o

seu "self" depende, em última análise, de sua capacidade de tomar o papel dos outros e de ver-se desta perspectiva externa. Que está explícito nas emoções humanas, a vergonha ou o orgulho, senão esta capacidade de sentir os efeitos da nossa conduta nos outros? Seremos capazes de nos colocar na posição dos outros e sentir, de certa maneira, o que eles sentem, é um pressuposto essencial da vida em sociedade.

O "self" é, ao mesmo tempo, agente e objeto. Como todo objeto, o "self" é o resultado de um processo social, pois surge na interação grupal como a pessoa se encara, que atitudes tem para si mesmo, qual a concepção que tem do próprio "eu", tudo isto depende de um longo processo de interação dentro de grupos; dele resulta, para a pessoa, a capacidade de se "ver" com os olhos dos outros.

Mead descreve o desenvolvimento do "self" em três estágios:

1. Estágio imitativo - A criança entra nesta fase quando começa a imitar o comportamento dos adultos, sem ter, porém, compreensão do que está fazendo. Toma, por exemplo, um jornal (às vezes de cabeça para baixo) e o segura como ve seu pai fazer. Com este tipo de ação aparece o processo incipiente de tomar o papel dos outros, processo que, significativamente, principia, por assim dizer, de fora para dentro.

2. Estágio do brinquedo (Play stage) - Neste estágio, a criança já assume o papel de outrem, compreendendo melhor o que está fazendo. Ela, que já fala, brinca consigo mesma, representando o papel dos adultos. Coloca a boneca para dormir, ralha com a boneca, etc., dirigindo-se à boneca como a sua mãe habitualmente se dirige a ela.

Desta forma, a criança age para si mesma como determinadas outras pessoas (o pai, a mãe, a irmã mais velha, etc.) agem em relação a ela. Este comportamento coloca a criança na posição em que pode agir de uma forma reflexiva; além disso, começa a formar-se a concepção que tem de si, influenciada pelo modo como os outros a tratam. Neste estágio, porém, a criança se "ve" de uma série de perspectivas diferentes mas desconexas, oriundas dos papéis diferentes que representa.

3. Estágio do jogo (Game stage) - Neste estágio a criança é capaz de tomar o papel de uma multiplicidade de pessoas; esta capacidade resulta de experiências tais como a adquirida pela participação em jogos. No futebol, por exemplo, o indivíduo é obrigado a ver sua posição da perspectiva de vários jogadores simultaneamente: do companheiro que está em condições de lhe passar a bola, do adversário que está em sua frente para interceptá-lo, dos demais jogadores de seu quadro que o podem ajudar na situação, e assim por diante. Ele vê tudo isto em termos de regras (normas) que governam o jogo; sabe que certas ações são proibidas (tomar a bola com a mão, por exemplo), isto é, ele compreende quais reações provocará seu comportamento ao obedecer ou desobedecer as regras. É deste tipo o comportamento do adulto; ele é capaz de ver sua conduta como a veem, não pessoas particulares, mas os indivíduos em geral. Em outras palavras, enquanto na segunda

fase a criança assume o papel de cada indivíduo separadamente e cada papel por sua vez, neste terceiro estágio, quando o "self" se acha completamente desenvolvido, nos termos de Mead, é capaz de tomar o papel do "outro generalizado". Somente então a pessoa vê a sua ação como parte de um sistema de atividade grupal. O "outro generalizado" para Mead, é uma concepção, uma interpretação derivada da experiência de cada indivíduo. Quando imaginamos o que "diriam" se fizéssemos determinada coisa, ou "o que vão dizer" quando souberem o que fizemos, a referência, muitas vezes, não é a pessoas determinadas mas a representantes de padrões grupais. Os "outro generalizado" são tantos quantos forem os grupos dos quais participamos. Quando entramos em um grupo, na medida que aprendemos as normas, os valores e as atitudes grupais, elaboramos um novo "outro generalizado", tomamo-nos capazes de nos ver sob o ponto de vista deste grupo.

Conclusão, o "self" é o resultado de um processo; nós o adquirimos ao nos tornarmos humanos durante a socialização. O comportamento da criança é inicialmente controlado e guiado pelo comportamento dos outros, mas com o tempo, estas respostas dos outros tornam-se interiorizadas de tal maneira, que a pessoa controla e guia o próprio comportamento. O "self" está em contínua mudança, porque as relações da pessoa mudam: passa a participar de novos grupos e assim adquire novas perspectivas para ver o seu comportamento, do que resulta modificação da concepção que tem de si mesma. O "self" é a base do controle social. Colocando-se no papel de outrem, o indivíduo avalia sua conduta e modifica-a segundo as expectativas dos outros. O controle verdadeiramente social é, em última análise, auto-controle.

Homens-feras - Os homens-feras, também referidos como homens-selvagens, são conhecidos desde há muito tempo. Foi Linnaeus quem, em 1758 deu a denominação de homens-feras as crianças criadas em isolamento ou em contato exclusivo com animais inferiores.

O estudo dos homens selvagens apresenta interesse tanto para o psicólogo, como para o antropólogo, sociólogo ou psicólogo-social, pois que ilustra a importância da ordem social na formação da personalidade, na enculturação e na socialização dos indivíduos. O indivíduo privado da interação social com seus semelhantes, deixa de receber a estimulação para desenvolvimento mental e social, em consequência do que passa a exibir características de comportamento que mais o aproximam do animal.

Mais de 40 casos já foram descritos, embora as informações para a maioria deles sejam escassas; para outros, o isolamento fora apenas parcial. Entre as crianças selvagens, algumas haviam sido abandonadas ou se perderam, sobrevivendo na selva apenas com a utilização de seus próprios recursos, enquanto outras crianças foram criadas por animais como o lobo, urso, cabra, porco, carneiro, boi e leopardo; são também incluídas no grupo dos homens-feras as crianças que foram isoladas do contato humano, embora não na selva.

Zingg, que fez um estudo exaustivo desses casos, conclui que as crianças selvagens são, sem nenhuma exceção, mudas e quadrúpedes, isto é, não há nenhuma vocalização que lembre a linguagem humana e não se encontra a locomoção ereta. Todas desenvolveram alguma forma de locomoção sobre as mãos e pés ou sobre as mãos e joelhos, tendo havido modificação correspondente da estrutura física, como o desenvolvimento de calosidades, a fim de permitir a locomoção quadrúpede eficiente.

Aparecem também modificações sensoriais, principalmente do olfato, audição e visão - especialmente visão noturna -, freqüentemente alcançando a mesma agudeza da dos animais. Os hábitos alimentares são marcadamente diferentes daqueles dos homens: as crianças criadas por animais carnívoros se alimentam de carne crua, enquanto que as crianças que tiveram vida selvagem apreciam casca de árvores, raízes, ervas e folhas. O modo de comer é também semelhante ao dos animais inferiores, consistindo em cheirar o alimento antes de comê-lo, em abaixar a boca até o alimento, aguçar os dentes sobre os ossos, etc. Não há evidência de qualquer tendência de cobrir o corpo ou imitar uma "roupa", parecendo haver insensibilidade ao calor e ao frio; do mesmo modo, não há nenhum "senso de vergonha" pelo corpo desnudo. Não se observou em nenhuma dessas crianças, choro, gruto ou qualquer expressão de raiva ou impaciência. Também não se constatou nenhuma "consciência de espécie" ou instinto gregário, sendo que, pelo contrário, as crianças fugiam dos homens, preferindo a companhia dos animais inferiores. As expressões de interesse ou de atividade sexual estavam completamente ausentes ou, então, presentes sob a forma de atividade difusa, geral e não dirigida.

Existem muitas interpretações e muitas críticas também, sobre os casos de homens-feras, as quais não cabe aqui apresentar. Em geral, esta falta de uniformidade de pontos de vista decorre da escassez e mesmo da precariedade das informações que se possui de cada caso, sem contar a interferência de possíveis "bias" dos observadores.

Preferimos dedicar nossa atenção para quatro casos autênticos, genuínos, de homens-feras, em que ocorreu prolongado isolamento do contato humano. Passemos em revista estes casos; os três primeiros são reproduzidos de Anastasi e o último, de Maciver e Ogburn & Nimkoff.

1º caso - Victor, o Menino Selvagem de Aveyron - Em setembro de 1799, três caçadores encontraram um menino de 11 a 12 anos em uma floresta na França. O menino estava nu, despenteado, marcado por cicatrizes, era incapaz de falar e aparentava estar levando uma vida selvagem semelhante à dos animais. Foi capturado pelos homens quando subia em uma árvore, tentando fugir; foi levado para a civilização, onde ficou sob a orientação e observação de um médico francês, Itard. Este médico, através de uma descrição primorosa do caso, imortalizou o Menino Selvagem de Aveyron.

Quando encontrado, o menino aparentava deficiência em todas as formas de comportamento, incluindo o desenvolvimento sensorial, motor,

intelectual e emocional. Isto é clara mente demonstrado pela descrição de Itard, aqui transcrita:

"Seus olhos eram instáveis, sem expressão, vagando de um objeto para outro sem parar sobre nenhum; eles eram tão pouco experimentados a respeito de outros comportamentos e tão pouco treinados pelo sentido do tato, que nunca distinguiam um objeto em relevo num quadro. Seu órgão de audição era também insensível igualmente aos barulhos mais ruidosos e à música mais tocante. Sua voz estava reduzida a um estado de mutismo completo e somente um uniforme som gutural escapava dele. Seu sentido de olfação era tão completamente rústico que lhe era indiferente o odor dos perfumes e a exalação fétida dos excrementos de que sua cama estava cheia. Finalmente, o órgão de tato estava restrito a função mecânica de apanhar objetos.

Referindo-se, então, ao estado das funções intelectuais desta criança, o autor do relatório apresentou-a a nós como sendo totalmente incapaz de atenção (exceto para objetos de que necessitava) e, conseqüentemente, de todas aquelas operações da mente que envolvem atenção. Era destituído de memória, de julgamento, de aptidão para imitação e tão limitado nas suas ideias, mesmo em relação aquelas coisas de sua necessidade imediata, que nunca tinha sido bem sucedido em abrir uma porta ou subir em uma cadeira para apanhar um alimento que havia sido elevado e que estava fora do alcance de suas mãos. Em resumo, ele estava destituído de todos os meios de comunicação e, em conexão, não havia nenhuma expressão ou objetivo nos seus gestos ou movimentos de seu corpo. Ele passava rapidamente e sem nenhum motivo aparente, de uma melancolia a patica à mais imoderada e estrepitosa gargalhada... Sua locomoção era extraordinária, literalmente pesada após o uso de sapatos, mas que sempre era notada, devido à sua dificuldade em ajustar-se aos nossos passos moderados e medidos, e pela sua constante tendência a trotar e galopar. Tinha um hábito obstinado de cheirar tudo que se lhe dava, mesmo as coisas que consideramos desprovidas de cheiro; sua mastigação era também assombrosa, executada como se fosse feita exclusivamente pela ação dos incisivos, o que, devido à sua semelhança com certos roedores, era uma indicação suficiente de que os nossos selvagem, a exemplos destes animais, veriam mais comumente de produtos vegetais."

Após cinco anos de treinamento inteligente, cuidadoso e metódico, Itard abandonou a tarefa porque falhou em conduzir o rapaz a uma condição normal. No entanto, o próprio Itard reconhece a grande melhoria obtida: "Mas, se nos limitarmos aos dois termos de comparação oferecidos pelos estados passado e presente do jovem Victor, ficamos perplexos com o imenso espaço que os separa; poder-se-á perguntar se Victor não é tão diferente do Menino Selvagem de Aveyron que chegou a Paris, quanto o são os outros indivíduos da mesma idade e espécie." Além de aprender muitas atividades de rotina de uma comunidade civilizada, incluindo hábitos de comer, vestir, cuidados pessoais e o uso adequado de utensílios comuns, Victor mostrou considera-

ve progresso na identificação e discriminação de objetos, na formação de conceitos abstratos simples e em outros trabalhos intelectuais. Embora fosse incapaz de articular sons, foi bem sucedido na aprendizagem de se comunicar por meio da linguagem escrita.

2º caso - Kamala, a "criança lobo" de Midnapore - Trata-se de duas meninas descobertas na Índia em 1921 e que viviam numa caverna com lobos; uma tinha aproximadamente de dois a quatro anos e a outra de oito a nove anos de idade. Existe um diário completo das duas crianças, inclusive com comentários de diversos psicólogos, um sociólogo, um antropólogo e um geneticista. Foi difícil mantê-las em boa saúde, principalmente porque o reajustamento a uma dieta humana normal fez com que se debilitassem e tivessem graves reações dermatológicas. A mais jovem, Amala, morreu dentro de um ano e a mais velha, Kamala, viveu durante oito anos após sua descoberta.

Kamala, como também Amala, mostraram forte preferência por carne crua, atacando a qualquer animal morto recentemente, que encontrassem. Possuindo um aguçado sentido de olfato, eram capazes de reconhecer o cheiro de carne a uma grande distancia. A audição era também muito aguda. Seus olhos são descritos como tendo um brilho peculiar, a semelhança dos olhos dos cães e dos gatos no escuro. Parece que Kamala enxergava mais à noite que durante o dia, e raramente dormia após a meia noite. Para comer e beber tinha que abaixar a boca até o recipiente. Servia-se mais da boca que das mãos como órgão de apreensão. A locomoção era quadrúpede. Kamala se apoiava sobre as mãos e joelhos quando caminhava vagarosamente e sobre as mãos e pés para correr. Somente seis anos após conseguiu adotar a marcha ereta. Na época em que foi descoberta só conseguia gritar e uivar com certa semelhança ao grito do lobo. Sob treinamento prolongado conseguiu dizer cerca de 45 palavras e formar sentenças simples de duas a três palavras.

3º caso - Kaspar Hauser - Trata-se de um caso célebre e misterioso, a respeito do qual muito se tem escrito. Alguns relatórios sugerem que esse rapaz era herdeiro de uma casa principesca e que fora raptado por inimigos políticos. Ficou, ao que parece, confinado desde o início da infância em uma cela escura, de tamanho insuficiente para que se mantivesse de pé. Não lhe forneceram roupa ou outra cobertura, a não ser uma camisa e calça. Quando acordava, estava acostumado a encontrar pão e água, mas nunca viu a pessoa que lhe levava esses alimentos e nem outra pessoa qualquer. Foi posto em liberdade em 1828, quando tinha cerca de 17 anos de idade. Nessa ocasião, quando foi descoberto, vagava pelas ruas de Nuremberg, não sabia falar, mas pronunciava repetidamente certas frases sem sentido. Tinha um olfato notável e uma surpreendente capacidade de ver no escuro. Quando caminhava, lembrava a criança nos seus primeiros esforços para gatinhar. Depois de muito trabalho habilidoso de seu instrutor, Kaspar Hauser fez rápido progresso na escola e logo aprendeu a falar. Por esse meio, ele pode comunicar o que se lembrava de sua vida na cela. Contrariamente aos outros casos de indivíduos que são postos tardiamente em contato com a civilização, Kaspar Hauser aproveitou o sufici

ente de sua educação, havendo mesmo possibilidade de ter ultrapassado a produção normal. Kasper contou que no início de sua liberdade era incapaz de distinguir entre uma paisagem real e uma paisagem pintada, ou o que era realmente redondo ou triangular, do que era pintado como redondo ou triangular.

Deve-se notar que há versões diferentes deste caso.

4º caso - Anna - Trata-se de um caso muito recente, estudado por sociólogos e psicólogos. Anna era uma menina que foi colocada em um quarto quando tinha seis meses de idade, e isolada até sua descoberta cinco anos mais tarde, em 1938; seu quarto ficava no sótão de uma casa distante 30 quilômetros da cidade de Pensilvânia. Quando foi descoberta, estava extremamente enfraquecida; com as pernas esqueléticas, abdome inchado, não podia falar e nem andar, nem alimentar-se ou vestir-se por si própria, era completamente apática e indiferente às pessoas ao seu redor. Uma investigação pós a descoberta que era filha ilegítima e por causa da desaprovação de seu avô, ficou na casa deste, esquecida, recebendo o estritamente necessário para permanecer com vida.

Retirada da casa de campo foi levada a um estabelecimento de crianças retardadas, onde recebeu a atenção e os cuidados necessários. Ao ocorrer a sua morte aos dez anos e meio de idade, Anna havia aprendido a andar corretamente, a comer sozinha e a cuidar de si e de sua roupa; contudo, estava atrasada principalmente na fala, expressando-se de modo entrecortado. Este rápido progresso de Anna deve-se provavelmente ao fato dela ter tido contatos humanos, embora em número muito limitado.

Todos os casos apresentados ilustram a importância da estimulação social para que o homem adquira as características que nos chamamos humanos; a criança que fica privada do convívio com outros seres humanos, deixa de exibir essas características. Quando o indivíduo cresce em contato com animais, isolado dos outros homens, seu comportamento passa a se assemelhar muito ao dos animais com que conviveu; tal comportamento, quando firmemente estabelecido, dificilmente poderá ser erradicado, donde se conclui que os esforços educativos são inadequados para remover os efeitos do meio.

A conclusão última que se pode tirar dos casos de homens-ferras é que nos nos tornamos humanos somente pela interação com aqueles indivíduos que já se tornaram humanos dentro de uma sociedade. Se é verdade que o homem nasce com capacidade de aprender, também é verdade que esta capacidade de nada lhe adianta se não contar com a ajuda dos outros para lhe ensinar.

CULTURA E PERSONALIDADE

Vimos, na parte referente à aprendizagem da cultura, que a criança ao nascer não possui personalidade e que esta é formada no decorrer de sua socialização. De outro lado, sabemos que o processo enculturativo procura plasmar o indivíduo no tipo de pessoa que seu grupo considera desejável; no entanto, o êxito do processo enculturativo nunca é completo, tanto que os indivíduos de qualquer sociedade diferem entre si.

Entre cultura e personalidade passa-se uma relação bilateral, ou seja, elas se influenciam reciprocamente:

Cultura \longleftrightarrow Personalidade

Já descrevemos a influência de certas personalidades sobre a cultura quando estudamos o processo de mudança cultural; lembraremos apenas que, por conta das diferenças de personalidade, surgem as invenções, isto é, as inovações culturais, responsáveis pela modificação tanto da ordem social como da cultura.

Neste capítulo estamos interessados no outro sentido da relação, a influência da cultura sobre a personalidade. Este estudo está em foco no momento, sendo que várias pesquisas vêm sendo realizadas neste campo, tanto por antropólogos como por psicólogos. A relação Cultura \rightarrow Personalidade se apresenta como um dos problemas críticos da Antropologia, a qual poderia ser representada pela seguinte indagação: Como e em que grau a enculturação afeta o desenvolvimento das personalidades?

Sabemos, por exemplo, que:

- a criança ao nascer tem enorme plasticidade, aprendendo a cultura que lhe for ensinada, independentemente de sua origem racial, do seu sexo ou de outras características biológicas;
- a personalidade que a criança irá desenvolver dependerá não apenas de sua base biológica mas também, e principalmente, dos cuidados que tiver recebido em sua primeira infância; tal conclusão é fundamentada pela teoria psicanalítica;
- as observações dos antropólogos, concernentes às culturas dos não letrados, têm assinalado a íntima relação entre seus padrões de cultura e as manifestações da personalidade de seus membros; os Zuñi, do sudoeste americano, são controlados e pacíficos; os Kwakiutl, do noroeste, imoderados, individualistas e competidores; os Dobu, da Nova Guiné, desconfiados e hostis; os Comanche são trabalhadores, corajosos e democráticos.
- em todas as sociedades há um tipo básico de personalidade, que é o mais freqüente; em torno dele se distribuem outros tipos de personalidade, cada vez menos freqüentes quanto mais distantes, sendo que os extremos são considerados anormais;

-2-

- personalidades normais e anormais são relativas a cada sociedade.

Apesar de já se possuir um bom acervo de material etnográfico e algumas pesquisas sobre personalidade, muitos aspectos desse problema ainda aguardam esclarecimentos mais satisfatórios. É necessário que se destaque a grande influência das obras de Freud para o estudo antropológico. A ênfase que Freud e seus seguidores deram ao papel efetivo das experiências durante os primeiros anos de vida na formação da personalidade, fez com que os antropólogos centrassem seus estudos na vida das crianças entre os povos não letrados. Os estudos sobre as personalidades, levados a efeito geralmente com utilização de técnicas projetivas, quando interpretados no seu contexto cultural, têm fornecido uma das melhores contribuições para esclarecer a relação entre a cultura e personalidade.

Os antropólogos têm examinado o impacto da cultura sobre a personalidade, de dois ângulos diferentes: (1) Abordagem cultural configuracional, que procura conhecer as orientações psicológicas da cultura e daí tirar inferências sobre o tipo de personalidade dos indivíduos que compõem a sociedade; é uma orientação essencialmente etnológica. (2) Conceito de personalidade modal ou básica, cuja orientação é fundamentalmente psicológica e conduzida geralmente por antropólogos e psicanalistas. As pesquisas realizadas com esta orientação mostraram que a cultura tende a criar um tipo básico de personalidade, que é o que mais convém à sociedade; a uniformidade que encontramos em cada cultura relativamente ao tipo mais frequente de personalidade é devida, principalmente, às maneiras próprias de cada sociedade de inculcar, nos seus novos membros, os tipos de comportamento desejáveis ou aprovados pela sociedade. A psicanálise mostra mesmo que a saúde mental dos indivíduos depende dos cuidados que recebe nos primeiros anos de vida.

Em conclusão, entre cultura e personalidade passa-se uma inter-relação, na qual (1) a cultura determina a base da personalidade e (2) os indivíduos, cujas personalidades diferem, são responsáveis pela mudança cultural. Não se passa entre ambas uma relação mecânica ou rigidamente determinada, tanto que os indivíduos não são autômatos de sua cultura.

Antes de estudarmos mais detalhadamente a influência da cultura sobre a personalidade, faremos uma revisão de algumas noções sobre personalidade.

Personalidade

Vimos que a criança ao nascer não tem personalidade e que suas características nesta fase a aproximam mais do animal que propriamente do "ser humano" como o conhecemos quando na plenitude de sua maturidade física, psíquica e social. Assim é que, no início de sua vida, o indivíduo não fala, não pode cuidar de sua roupa, não tem "bons modos" e nem moral. Entretanto, o homem possui um traço que o distingue dos animais inferiores:

seu sistema nervoso é mais complexo, mais desenvolvido, o que lhe dá possibilidade muito mais ampla de aprendizagem.

Conceito de personalidade. Personalidade é uma expressão que encontra larga utilização na linguagem comum. Nos domínios da ciência, esse termo tem recebido diferentes definições, mais de 50 ao todo. Vejamos alguns desses conceitos:

- (1) Conceito popular: Geralmente usado no sentido de personalidade marcante. Diz-se que tem personalidade a pessoa capaz de agir de forma excepcional ou que se destaca por uma característica qualquer (personalidade das finanças, da moda, do futebol etc.). Quase sempre a pessoa "com personalidade" causa boa impressão nos seus primeiros contatos, seja pela boa aparência, maneiras agradáveis, atitude de consideração para com os outros, ou pelo seu vigor e vivacidade. Indivíduo "sem personalidade" é o que não possui as características apontadas. Esta maneira de considerar a personalidade não nos interessa, apresentando vários inconvenientes, cuja discussão não cabe aqui ser apresentada.
- (2) Mac Iver: Personalidade é tudo que um indivíduo é e tem experimentado, tanto quanto esse "tudo" possa ser compreendido como uma unidade.
- (3) Linton: Personalidade é o conjunto das qualidades mentais do indivíduo, isto é, a soma de suas faculdades racionais, percepções, idéias, hábitos e reações emocionais condicionadas.
- (4) Gillin & Gillin: Personalidade é a organização das ações e tendências para agir (atitudes) do indivíduo, acompanhada das emoções e tendências para as emoções.
- (5) Sartain & Col: Personalidade é a organização de traços inter-relacionados e de outros aspectos do comportamento de um indivíduo.
- (6) Allport: Personalidade é o conjunto de dinamismos psico-físicos que diferenciam um indivíduo de outros e servem para ajustá-lo a seu ambiente social.

Esta definição, que parece uma das melhores, apresenta os seguintes pontos fundamentais:

- Toma o aspecto funcional do comportamento (dinamismos psico-físicos) e afirma que tanto os mecanismos constitucionais ou físicos como os psicológicos influem na maneira do indivíduo agir.
- A personalidade permite diferenciar um indivíduo dos outros. Torna possível o "eu" ser diferente de todos os "eus" da terra.
- Chama atenção para o ajustamento do indivíduo ao seu ambiente social.

Toda a personalidade apresenta dois aspectos, do conteúdo e da organização.

Durante o processo de enculturação o indivíduo adquire o conteúdo de sua personalidade através da aprendizagem dos costumes, da comunicação, das atitudes e dos valores que a sociedade lhe inculca. A organização da personalidade diz respeito ao modo pelo qual seus elementos estão integrados, os quais, por sua vez, de vez estar de acordo com a configuração cultural. Esclarecendo melhor: as qualidades constitucionais, que os indivíduos possuem desde o nascimento, vão inter-agir com os elementos aprendidos da cultura e formar um conjunto funcional reciprocamente ajustado, o qual apresenta características distintivas para cada ser humano; daí a explicação de não haver duas personalidades coincidentes. Pois bem, os elementos que integram esse complexo "constituição-cultura" são dispostos em certa ordem, coordenados e organizados de tal modo a haver (1) uma coerência interna desses elementos e (2) uma orientação condizente com a configuração cultural. (1) Em razão da coerência interna dos elementos integrantes da personalidade é possível prever o comportamento ou a reação de cada indivíduo quando colocado em determinada situação (Vide mais adiante, "traços de personalidade"). (2) Os indivíduos, cuja configuração psicológica coincide com a configuração cultural, apresentarão a personalidade modal da sua sociedade. A saúde mental e adaptação de cada indivíduo aos demais componentes do grupo vão depender da eficiência com que está organizada sua personalidade. As psicoses são doenças mentais que retratam a desorganização da personalidade, enquanto que neuroses são entendidas geralmente como distorções da personalidade.

Embora não apresentem maior interesse para a discussão que temos em vista, parece-nos conveniente abordar o conceito de três outros termos, os quais, muitas vezes se prestam à confusão com o que conhecemos sob a denominação de personalidade. São eles: caráter, temperamento e traços de personalidade.

- (1) Caráter e temperamento. Não há uniformidade no conceito desses dois termos, sendo mesmo considerados sinônimos por muitos. Para alguns, temperamento seria o fundamento fisiológico, o alicerce da personalidade, enquanto que caráter corresponderia a uma faixa da personalidade, ao aspecto afetivo e ético desta.

Respondendo pela base fisiológica da personalidade há entre outros, o equilíbrio endócrino. Sabe-se que várias glândulas endócrinas afetam as reações individuais e, por extensão, sua personalidade; isto pode ser demonstrado experimentalmente e mesmo na patologia e terapêutica humanas. Pode-se afirmar, com segurança, que as glândulas endócrinas têm influência sobre o potencial emotivo e, portanto, sobre a personalidade; não se pode, entretanto, avaliar o grau desta influência sobre o temperamento, uma vez que as manifestações deste são consideravelmente afetadas pela situação sócio-cultural e pelo treinamento. Para exemplificar estas considerações, vejamos a questão sexo-temperamento. Diz-se que as mulheres são, inata ou constitucionalmente, submissas, não autoritárias, verdadeiros anjos solícitos. É muito

razoável admitir-se diferenças emocionais entre os sexos, ligadas ao funcionamento glandular; mas, como a cultura atua intensamente no sentido de modificar o temperamento, torna-se impossível avaliar, mesmo grosseiramente o grau com que este elemento participa na formação da personalidade. Margaret Mead relata que a mulheres Tchambuli, da Nova Guiné, são autoritárias, agressivas práticas e "masculinas" (segundo a definição na nossa sociedade) e os homens são artistas, submissos e "femininos". Que este comportamento não é determinado por fatores genéticos foi demonstrado por Mead, ao encontrar que as tribos dos Arapesh e Mundugumor, vivendo a alguns quilômetros dos Tchambuli e, portanto, do mesmo estoque físico, apresentavam temperamentos fortemente contrastantes em relação a estes e entre si. Na sociedade Arapesh, os homens e as mulheres coincidiam nos seus traços pessoais de passividade e mansidão; em Mundugumor, pelo contrário, tanto os homens como as mulheres eram altamente agressivos. Entre nós, são as mulheres que usam cosméticos, mas isto é feito pelos homens em muitas culturas. Mesmo na nossa sociedade, a mulher atual é muito diferente da dama obediente, paciente e delicada do século XIX.

- (2) Traços de personalidade. Os traços de personalidade são características que abstraímos do comportamento das pessoas. Em termos dos traços de personalidade, nos referimos frequentemente aos indivíduos como sendo honestos, inteligentes, agressivos, usurários, paranóides, irritáveis, perspicazes, dominantes, agradáveis, loquazes etc. Isto significa que o indivíduo colocado diante de situações semelhantes vai reagir de maneira semelhante, o que torna possível prever sua conduta. A agressividade, como qualquer dos outros traços, não existe; o que existe é o indivíduo que age agressivamente em certas condições. Do mesmo modo o usurário sempre age como tal na mesma situação. Não há sujeito honesto ou desonesto do ponto de vista de descrição da personalidade, tanto que uma pessoa pode agir honestamente ao não "colar" no exame e agir desonestamente ao não fazer declaração exata do seu rendimento para efeito de imposto sobre a renda.

Concluindo, (1) existe uma coerência interna dos traços de personalidade, isto é, uma homogeneidade, o que faz com que possamos prever a conduta das pessoas em determinadas condições, (2) nenhuma dessas qualidades ou características são absolutas, variando conforme as situações e (3) a personalidade não é apenas a soma desses traços, mas sim um conjunto interrelacionado e integrado deles, do mesmo modo que "um automóvel não é simplesmente a soma das partes que o constituem, mas sim um conjunto organizado de peças", no dizer de Sartain e Col.

Outro modo de descrever a personalidade, muito usado pelos psicólogos e que também é do conhecimento popular, chama-se teoria dos tipos de personalidade. Trata-se da classificação apresentada pelo psicólogo suíço Carl G. Jung, que divide os indivíduos em introversos e extroversos. O introvertido, principalmente quando há um impacto emocional ou conflito, tende a se voltar para si mesmo; suas características são a timidez, preferência para trabalhar só (bibliotecas e labo

ratórios) ao invés de com pessoas. O extrovertido, ao contrário, tem o seu interesse dirigido para o meio, daí ser muito sociável, procurar ocupações como a de vendedor. Esta classificação não satisfaz, pela sua excessiva simplificação; na realidade, nós sabemos que a população apresenta uma distribuição normal com relação às tendências gerais de introversão ou extroversão, sendo que os tipos introvertidos e extrovertidos devem ser encarados como extremos nessa escala e não, como dois tipos distintos e únicos.

A personalidade pode também ser descrita em termos da teoria psicanalítica, um resumo da qual apresentaremos a seguir.

Teoria psicanalítica da personalidade. Quem fala em psicanálise deve obrigatoriamente fazer referência ao fundador dessa doutrina, o médico nascido na Morávia Sigmund Freud (1856-1939). O termo psicanálise tanto pode indicar (1) um método de tratamento de certas perturbações neuróticas, (2) uma técnica para examinar o inconsciente ou (3) uma teoria explicativa dos sonhos, de certos "esquecimentos" e de "pequenas falhas" que todos os indivíduos apresentam. A grande contribuição de Freud foi o desenvolvimento da noção do inconsciente dinâmico e da estrutura da personalidade em três níveis.

O ponto de partida para construção da psicanálise foi essencialmente clínico. Entre os anos de 1.880 e 1.882, por orientação de seu colega Breuer, Freud passou a tratar pacientes histéricos pela hipnose. O paciente, durante o sono hipnótico, contava vários episódios de sua vida e depois deste desabafo sentia-se aliviado de seus sofrimentos. Daqui Freud concluiu que os sintomas histéricos podem desaparecer depois que fôrem trazidos à luz da consciência os fatos causais não mais lembrados pelo indivíduo. Desta observação e de outras similares, construiu todo o edifício da psicanálise. Apenas para ilustrar o fenômeno do hipnotismo suponhamos a seguinte situação: O indivíduo A vai hipnotizar B; o indivíduo C assiste a cena. Depois de B ter sido colocado em transe hipnótico, A vai dizer a B: "Quando eu passar o lenço na testa você vai abrir a janela e não se lembrará de nada". B acorda, a seguir. Quando A passa o lenço na testa, B abre a janela?", B vai responder: "Havia fumaça", "Fazia muito calor", ou outra resposta qualquer. Portanto, B abriu a janela, ignorando a verdadeira razão porque assim procedeu. C, que a tudo assistiu, sabe que B obedeceu a uma ordem de A. Em conclusão e, generalizando, os indivíduos podem agir em determinada direção por uma razão que eles próprios desconhecem. O que os levou a agir foram elementos inconscientes com poder dinâmico. Para a psicanálise, o inconsciente não é passivo mas, ao contrário dinâmico, como o demonstram os casos de sugestão pós-hipnótica, dos quais o acima é um exemplo.

Logo depois dos seus primeiros trabalhos com a hipnotização, Freud abandonou este processo e decidiu analisar o doente acordado, através do estudo das "associações livres"; este método consiste em pedir ao doente que diga tudo e que lhe vem à mente. Utilizando

-7-

Este método durante várias sessões sucessivas, Freud logo percebeu que o padecimento dos doentes estava sempre relacionado com a esfera erótica. Daí a enorme importância que a sexualidade assume em psicanálise, embora Freud lhe dê um conteúdo muito lato, de mera tendência ao prazer, que não pode caber na acepção estrita da genitalidade.

Para Freud, toda a conduta humana está baseada em forças biológicas profundamente situadas, cuja base é sexual; inicialmente, deu o nome de libido a esta força fundamental, modificando-a, mais tarde, para duas, o "instinto de vida" e o "instinto de morte".

O libido varia na sua localização conforme o desenvolvimento da criança, do nascimento à puberdade. Inicialmente, há uma fase auto-erótica ou narcísica, durante a qual a criança sente prazer com o próprio corpo, gosta de se ver ao espelho, de se ver nua, etc. Mais tarde ocorre a fase alo-erótica, em que o seu objeto de amor deixa de ser o próprio corpo, para ser um objeto exterior, a mãe, o pai ou outro.

Nos primeiros meses a criança passa por um período de sensualidade difusa, espalhada por todo o corpo, para a seguir se concentrar nas chamadas zonas erógenas: primeiro, a zona buco-labial, em que leva tudo à boca, tem o prazer de chupar, etc.; depois, a zona anal, em que o prazer decorre da passagem das fezes e, a seguir, a zona genital dos 3 aos 5 anos, ou período fálico, em que a criança mostra grande prazer em tocar e brincar com os genitais. Mas, logo a seguir, o instinto sexual da criança vai satisfazer-se fora do próprio corpo, vai procurar um objeto de aplicação no mundo exterior. O objeto sexual normal de cada criança é o pai do sexo oposto. O menino terá amor por sua mãe e um sentimento misto, ambivalente, de respeito e ódio para com o pai. Freud chamou a isto de complexo de Édipo e à atitude equivalente da menina, de complexo de Electra.

Freud criou o complexo de Édipo estabelecendo um paralelo com a tragédia grega de Édipo, narrada por Sophocles: Na história antiga, Édipo era um príncipe que foi abandonado logo ao nascer, a fim de evitar se efetivasse a profecia de um oráculo de que ao crescer mataria o rei, seu pai. Entretanto, foi salvo e adotado por um pastor. Ao se tornar jovem, Édipo matou seu pai sem o saber, após altercação em uma encruzilhada; ainda mais, também sem o saber, casou com a rainha, sua mãe. Ele foi um rei, marido e pai próspero até saber sua identidade. Enlouquecido pelo horror e aflição em virtude do seu pecado inconsciente, furou seus olhos com um breche.

Esta foi a descrição primitiva de Freud mas, como aconteceu com várias de suas concepções, que foram modificadas nos escritos posteriores, esta também foi paulatinamente abandonada e substituída pela noção de super-ego, o qual realizaria a maior parte das funções do complexo de Édipo.

Prosseguindo na descrição das fases porque passa ^a libido infantil, segue-se um período de latência. Agora, a criança tem de adaptar-se ao princípio da realidade e vai suportar toda a sorte de proibições; proibem-na de mostrar-se nua, de mexer nas fezes, de morder, de chupar o dedo. A criança passa, então, a recalcar esses desejos, a esquecê-los. Aprende ela própria a proibir sua satisfação. Assim, se formaria nela uma nova instância psíquica, a censura ou super-ego, que corresponde mais ou menos à velha noção de consciência moral. Finalmente, a criança entra na puberdade, no período genital definitivo, quando então todas as fases anteriores são suplantadas por esta.

Já dissemos que uma das noções fundamentais desenvolvidas na teoria psicanalítica é a do inconsciente. Muitos atos de nossa vida são realizados sem sabermos o motivo real que nos impeliu; são, portanto, inconscientes. Quando esses impulsos ou tendências inconscientes são contrários à orientação da consciência, aos seus princípios, não chegam a realizar-se abertamente porque a "censura" os repudia, os recalca, obrigando-os a permanecer inconscientes. Mas as forças instintivas, pelo fato de serem recalçadas, não são para sempre esquecidas ou destruídas. Continuam em tensão no inconsciente, prontas a realizarem-se, a surgirem na consciência, aberta ou disfarçadamente; os conflitos que estas tendências instintivas podem provocar são equilibrados de certa maneira pelo que se denominou mecanismos de compensação do ego (vide adiante), numa tentativa de restabelecer a harmonia entre as forças psicológicas, conscientes e inconscientes.

Para Freud, se a libido, por uma questão constitucional ou, então, por um fator de ambiente que frustre a criança, parar na sua evolução (fixação de libido) ou, mesmo, voltar a uma fase anterior (regressão da libido), a pessoa terá traços neuróticos. Do modo pelo qual cada um de nós conseguiu atravessar a situação edípiana, vai depender em grande parte a nossa saúde mental. A situação edípiana se estabelece principalmente aos 3-4 anos e dura 2 anos aproximadamente.

Nas suas primeiras esquematizações da mente humana, Freud estabelecia três níveis: consciente, pré-consciente e inconsciente. O primeiro não necessita de esclarecimento. Pré-consciente seria um estágio do inconsciente, no qual os processos conscientes se tornaram latentes por um certo tempo, podendo se tornar novamente conscientes. No inconsciente estariam os poderosos impulsos da libido, os quais, por não serem aprovados pela sociedade e nem pelos indivíduos são controlados de modo tal que sua satisfação seja feita apenas pelos meios socialmente aceitáveis. A evidência de que as forças da libido, reprimidas no inconsciente, estão ativas, é dada pelos sonhos e neuroses. Durante os sonhos as forças repressoras não atuam com tanta intensidade como durante o dia, de modo que os atos reprimidos têm maior possibilidade de aparecer.

Nos seus últimos trabalhos, em 1.927, Freud reviu este quadro do aparelho psíquico do homem, substituindo-o pelos conceitos de id, ego e super-ego. Por serem conceitos de grande importância, serão eles aqui apresentados mais detalhadamente. Id. O id é a obscura parte inacessível de nossa personalidade e o pouco que sabemos

-9-

dêle decorre do estudo dos sonhos e da formação dos sintomas neuróticos. Para Freud, o id estaria ligado a processos somáticos que são básicos para as necessidades instintivas. Esta parte totalmente inconsciente da personalidade é o reservatório de energias que procura apenas satisfazer às suas necessidades, sem medir as conseqüências para o indivíduo ou para a sociedade. O id não conhece os valores, nem os bons e nem os maus, é completamente ineducado, sem noção de espaço e tempo, e sem moral. Procura apenas atender ao Princípio do Prazer.

Ego (ou Eu), O ego, de acôrdo com Freud é "dirigido para o mundo externo, medeia as percepções dêste e nêle são gerados, enquanto está funcionando, os fenômenos da consciência". Recebe as excitações internas, do id, e as externas. O id, que obedece somente ao princípio do Prazer, é induzido pelo ego a substituí-lo pelo Princípio da Realidade, o qual está relacionado com as condições do mundo exterior. O ego adapta o indivíduo à realidade; domina os mecanismos de ação e ajusta o comportamento à realidade das coisas.

Freud apresenta a relação entre o id e o ego como sendo similar àquela do cavaleiro e seu cavalo. A função do ego é a do cavaleiro que monta o cavalo, que é o id. A exemplo do cavaleiro, o ego algumas vezes é incapaz de conduzir o cavalo como deseja e acaba indo para uma direção um pouco diferente.

A tarefa do ego é muito difícil, pois tem que atender às três fôrças, o melhor que pode. Fica entre o id, representando as paixões incontroladas, e o mundo externo da realidade; além disso, deve atender também ao super-ego. Nem sempre o ego pode conciliar o interêsse dessas três fôrças, principalmente quando são conflitantes; lança mão, nestas situações, de alguns recursos para preservar sua integridade, conhecidos como mecanismos de compensação do ego, dos quais adiante apresentaremos os mais importantes.

Super-ego. A terceira região do equipamento mental, o super ego, deve "preservar certas normas do comportamento, sem consideração a quaisquer dificuldades vindas do id e do mundo externo" e "obrigar à obediência destas normas, punindo o ego com sentimentos de tensão manifestados por um sentimento de inferioridade e culpa".

De onde o super-ego obtém essas normas? Este é o ponto capital, para nós, da doutrina de Freud, pois explica o significado da socialização. Para compreendermos melhor o super-ego, acompanhemos a sua formação. Ao nascer o indivíduo não possui super-ego; cabe aos pais tomar o papel de super-ego enquanto êste ainda não se desenvolveu na criança. O super-ego se forma pelo mecanismo da introjeção, ou seja, os pais geralmente, através da afeição ou do castigo, inculcam na criança as normas da sociedade ou, mais especificamente, os seus próprios padrões. Estas normas que são introjetadas, passam a ser aceitas pela criança como sendo as suas próprias, "Observando, guiando e ameaçando o ego, do mesmo modo que seus pais agiam antes em relação a ela". Esta aceitação das

-10-

normas de conduta, obrigada pelos pais, se realiza pelo que Freud chamou "identificação", isto é, pelo estabelecimento do super-ego através de um processo pelo qual a criança se identifica com os pais. Exemplificando: uma criança de 2 anos de idade sobe em uma cadeira e cai. A mãe lhe diz que para não fazer mais isso; se fizer, bate-lhe. Depois desta experiência, se perguntarmos à criança por que ela não sobe à cadeira, dirá "mamãe não quer". Mais tarde, quando tiver uns 7 anos de idade, se lhe repetirmos a pergunta responderá "não se deve fazer isso". Esta modificação da resposta indica uma transformação muito importante: antes a ordem vinha de fora da criança, da mãe; agora, parte da noção do dever que pertencia à mãe, se projetou na criança, passou a integrar sua personalidade. A partir daí, deixa de fazer uma série de coisas, não porque a mamãe não quer ou a polícia não quer, mas porque tem a noção de que não deve ser feito. Como se depreende do exposto, o indivíduo se identificou com a cultura do seu meio; sabe o que deve ser feito e o que não deve. Assim sendo, o super-ego reflete a cultura da sociedade em que o indivíduo vive. Aos 7 anos, o super-ego está quase completamente formado.

Deve-se notar, entretanto, que o super-ego representa, principalmente, a cultura daquelas pessoas com as quais a criança esteve em contato mais íntimo. Estas pessoas, que geralmente são os pais, exercem a influência mais importante sobre o comportamento da criança nos seus primeiros anos de vida, determinando o caráter do super-ego, que é a região da mente que pressiona mais vigorosamente o indivíduo no sentido de aceitar as normas de comportamento.

Esta análise de Freud é interessante para se compreender não apenas o processo da socialização mas também o do ajustamento ou falta de ajustamento dos indivíduos às exigências sociais. Como vimos, os pais representam a sociedade no início da socialização e, nesse sentido, funcionam como agentes de frustração; não nos esqueçamos que a socialização produz um impacto entre as tendências do id e o ambiente social. Da maneira como os pais cuidam da criança, agindo com maior ou menor severidade, vai se desenvolver um certo tipo de personalidade.

Concluindo, o super-ego é uma parte geralmente inconsciente do ego, que representa dentro do indivíduo o ideal social e que é constituído principalmente de padrões morais, valores e princípios que o indivíduo aprendeu na sua interação social, sendo formado no decorrer do processo enculturativo, decorre que indivíduos participantes de culturas diferentes têm super-egos diferentes. Qualquer que seja a sociedade, o tipo de personalidade que irá se desenvolver, dependerá dos cuidados que a criança recebeu nos primeiros anos de vida; em decorrência destes, o indivíduo poderá ser ajustado ou não à sua sociedade. Nas sociedades altamente dinâmicas, como as nossas, em que não há uma cultura homogênea, é possível o indivíduo se ajustar à cultura do grupo onde se desenvolveu (sub-cultura) e não se adaptar à cultura da comunidade; daí, a razão de certos grupos de delinquentes, vagabundos, apesar de estarem em conflito com a sociedade, encontram-se ajustados aos grupos a que pertencem.

-11-

Mecanismos de compensação do ego. Vimos que o ego fica comprimido entre o id, super-ego e o mundo exterior; tem, então, que estabelecer um ajustamento entre os três, quando seus interesses não coincidirem. Para conseguir alcançar esse fim, o ego lança mão de vários recursos chamados mecanismos de compensação. Passaremos a examinar alguns destes mecanismos:

1- Compensação. É o processo pelo qual o indivíduo adota um papel substituto ou uma série de respostas em lugar de alguma outra que sente ser inadequado realizar. Exemplos:

- O indivíduo baixo e magro faz pose, enche o peito e grita, para impor respeito; como tem certa inferioridade física, diz, para valorizar seu "eu": "sou magrinho mas sou mais forte que qualquer outro", ou "tamanho não é documento". Desse modo compensa sua inferioridade por uma agressividade maior.
- As mulheres altas são menos consideradas que as outras; daí, procuram se curvar para diminuir de tamanho.
- As mulheres não atraentes procuram compensar essa deficiência através de realizações "intelectuais".

2- Sublimação. É o processo mais salutar de compensação do ego. Consiste na transferência da energia psíquica para uma atividade socialmente aceitável. A agressividade, que é um impulso normal na criança, e que pode permanecer no adulto, é sublimada no trabalho. Todo trabalho consiste em agredir alguma coisa. É a melhor forma de compensação do ego; ninguém consegue completa sublimação, daí certo grau de ansiedade que todos nós apresentamos. Exemplos:

- O lenhador descarrega sua agressividade na árvore, o médico contra a doença, o juiz contra o crime etc.
- O rapaz tímido que quer se declarar a uma moça manda-lhe flores. Estas, em si, nada significam, mas para ele, substituem, até certo ponto, a declaração que não tem coragem de fazer.
- A homossexualidade é uma atividade mal vista em nossa sociedade. O indivíduo homossexual deriva esse impulso para outro campo, e vai se interessar, por exemplo, pelo bem estar social.

3- Formação de reação. É uma reação de defesa que vai além do necessário e o indivíduo acaba assumindo uma atitude oposta ao estímulo que o está impelindo. Exemplo:

- Uma mulher deseja que seu filho morra, mas recalca tanto esse impulso, que se torna zelosa e excessivamente preocupada com tudo que lhe possa acontecer.
- O célebre "D. Juan" seria um homossexual frustrado; para negar sua homossexualidade procura muitas mulheres.

4- Racionalização. É o processo de justificar-se a si próprio, em termos socialmente aceitáveis e permissíveis à sua consciência. O indivíduo cria uma boa razão para si mesmo. Lança mão da inteligência para compensar a frustração. Exemplos:

- Fábula da raposa, em que este animal quer apanhar uvas mas, como não consegue, acaba desistindo. Ao invés de dizer "ten-tei apanhar as uvas e não consegui" diz "eu não quis apanhar as uvas porque estavam verdes". Deve-se notar, como ponto importante: em lugar de dizer "não posso" diz "não quero".
- O indivíduo se convence que vai assistir determinado filme, não para ver as pernas das garotas bonitas, mas pelas composições musicais.
- O indivíduo que antes manifestou enorme interesse para comprar algum objeto um carro por exemplo, mas que, não podendo, passa a achar defeitos no que antes apreciava.

Este é o mecanismo mais usado pelas pessoas normais.

5- Projeção. É o mecanismo pelo qual uma pessoa atribui a outra suas próprias idéias, emoções ou atitudes. Exemplos:

- Na escola primária, a criança que furta a companheira e vai se queixar à professora que a chamaram de ladra. Neste caso, a criança ficou com sentimento de culpa pelo roubo que cometeu e, ao deparar com outras crianças que confabulam entre si, projeta, isto é, transfere para o exterior um sentimento que é seu.
- O indivíduo que só pensa em ganhar dinheiro, atribui a todos os outros a mesma intenção.
- Indivíduos que confiam nos outros, não acreditam que há pessoas desonestas.

Este mecanismo é muito comum no "desconfiado"; seria o equivalente ao "quem usa cuida".

Muitos outros mecanismos de compensação existem; os que estiverem interessados devem procurar obras de psicanálise. Esses mecanismos de defesa do ego são encontrados tanto em pessoas normais como em muitas manifestações patológicas, na dependência da intensidade com que são utilizados; o único mecanismo que é sempre normal é o da sublimação.

A psicanálise desenvolvida por Freud e por seus seguidores é conhecida como psicanálise ortodoxa. No entanto, existem hoje muitas correntes psicanalíticas que se distanciaram, umas mais outras menos, da de Freud, sendo conhecidas no conjunto, como escolas não ortodoxas. Entre elas, e vamos nos limitar a duas apenas, há as correntes iniciadas por dois grandes colaboradores de Freud, nomes que alcançaram bastante evidência, Carl G. Jung e Alfred Adler.

- (1) Jung. Jung chama a atenção, mais do que qualquer outro, sobre a influência da atitude dos pais na formação da personalidade da criança, influência essa realizada de modo consciente ou inconscientemente. Assim, se os pais forem agitados os filhos também o serão, se forem angustiados os filhos também serão angustiados, mesmo que saibam, através de leitura, como educar seus filhos.

Jung rejeita a idéia do impulso sexual na infância, atribuindo aos pais a responsabilidade na formação da personalidade da criança.

Deve-se também a Jung a descrição dos tipos psicológicos introvertido e extrovertido. Extrovertido é o "homem de ação", a pessoa orientada para o mundo, para os negócios, para as pessoas; é o tipo dominado pelo poder. Introvertido é o "homem de pensamento", tímido, sensível, dando mais atenção às suas próprias idéias que aos acontecimentos do mundo exterior. Estes tipos puros são raros, sendo que os indivíduos podem ser introvertidos em determinados momentos e extrovertidos em outros.

- (2) Adler. O conhecimento de Adler, um dos mais antigos discípulos de Freud e que logo se separou de seu mestre, é importante para os que se interessam por educação. Enquanto para Freud, a força básica da dinâmica do indivíduo era representada pela libido, Adler a atribui à "força para o poder"; essa "força" levaria o indivíduo a dominar seu ambiente, físico e social. Quando não pode conseguir este domínio, surgiria o "complexo de inferioridade", um dos conceitos mais interessantes da Psicologia adleriana e amplamente conhecido em todo o mundo.

O complexo de inferioridade aparece ante a um problema para o qual o indivíduo não está adequadamente adaptado ou equipado; nestas condições, o indivíduo geralmente expressa sua convicção de que é incapaz de solvê-lo, mas procura resolver ou superar esta inferioridade, perante si mesmo e os outros, adotando uma das seguintes soluções: (1) fazendo grande esforço no sentido de corrigir sua deficiência (Ex.: caso de Demóstenes que, de gago passou a grande orador), (2) tornando-se superior em outra esfera de atividade (Ex. menino com defeito físico, que se torna o primeiro aluno da classe), (3) adotando atitude de orgulho ou de cinismo diante das coisas e (4) desenvolvendo um "complexo de superioridade" para si e para os outros (Ex.: o indivíduo tímido responde com turbulência, o cauteloso e medroso com agressividade, o sensível com grosseria). Estas formas de compensação são benéficas para o indivíduo, mas a super-compensação pode trazer-lhe certas dificuldades em relação aos outros indivíduos, pois o bom ajustamento de cada um está na dependência de uma personalidade equilibrada.

-14-

O complexo de inferioridade existe na base de todos os neuróticos não resolvidos.

Para o fim que temos em vista, Adler nos é sobretudo interessante porque dá ênfase à influência do ambiente na formação da personalidade, ponto aliás aceito por todos; decorre daí a importância dos fatores educativos.

Para finalizar este rápido bosquejo da teoria psicanalítica julgamos serem oportunas algumas considerações sobre as críticas a ela apresentadas. Para tal fim, permitimo-nos reproduzir as opiniões de Martindale & Monachesi, em "Elements of Sociology" e Beals & Hoijer, em "An Introduction to Anthropology".

Dizem os primeiros:

"Vimos que a psicanálise era uma variedade da psicologia dos instintos. O perigo fundamental das psicologias instintivistas é buscar explicar as características até através das células germinativas, quando elas estão realmente na cultura". "Nenhuma das psicologias instintivistas têm sido capazes de resistir à enorme quantidade de críticas lançadas contra elas, pois que são baseadas num conceito inexato e inadequado de instinto". "As críticas também apontam que, ao destacar o papel predominante do pai na determinação da personalidade, Freud simplesmente reiterou as características da sociedade européia ocidental, com sua família de organização patriarcal. A suposição de Freud, de que todos os homens do mundo são determinados da mesma maneira, foi atacada diretamente por Malinowski, que experimentou aplicar os conceitos Freudianos à sociedade Trobriand, onde o tio materno ao invés do pai é o que exerce predominantemente a disciplina na vida da criança, sendo negada a paternidade ao pai; além disso, provou, sem qualquer dúvida, que os fatores culturais ao invés dos biológicos, determinam a psicologia da criança. O ponto de vista de que a personalidade é a mesma em todas as culturas foi abandonado".

De Beals & Hoijer destacamos:

"Os conceitos psicanalíticos estão ainda no estágio clínico, onde têm produzido resultados notáveis no tratamento de pacientes de nossa cultura. Contudo, os conceitos são ainda empíricos e lhes falta, em grande parte, confirmação científica. Em certo sentido, a psicanálise está no estado em que esteve a medicina há várias centenas de anos, antes do desenvolvimento da medicina científica".

Se, de um lado, há críticas severas à psicanálise como doutrina, de outro, os seus numerosos adeptos, não escondem seu entusiasmo por ela e contribuem cada vez mais para difundí-las no nos meios leigos.

Para nós, que não somos especialistas nesse campo, continuamos a nos orientar pela interpretação psicanalítica da personalidade, porque os antropólogos que têm estudado o problema da

cultura-personalidade continuam a fazer uso desse instrumento interpretativo.

Se tivermos o cuidado de aplicar a teoria psicanalítica dentro dos limites estritos de cada contexto cultural, isto porque não podemos compreender nenhuma reação de nenhum ser humano se não nos reportarmos à sua cultura, seus resultados serão bastante valiosos para descrição e interpretação da personalidade. Dentre os postulados de Freud ficou provado, mesmo após os trabalhos etnográficos, que a estrutura da personalidade é dinâmica e não fixa, e que é o resultado da experiência total do indivíduo.

Devemos esperar que o grande progresso conseguido na teoria da aprendizagem e as recentes mas importantes contribuições dos psicólogos sociais como Kurt Lewin e seus seguidores, possibilitem um melhor conhecimento da personalidade e dos fatores que concorrem para sua formação.

Formação da personalidade. São reconhecidos três tipos de fontes ou fatores que concorrem para a formação da personalidade, tanto no seu conteúdo como na sua organização:

- 1- Fatores biológicos
- 2- Experiência pessoal
- 3- Fatores culturais

Discutiremos cada um isoladamente e, a seguir, suas interrelações.

- 1- Fatores biológicos. São também chamados fatores constitucionais. Não cabe aqui apresentar uma discussão ampla sobre esse assunto, de modo que vamos nos limitar a considerar alguns dos seus aspectos.

Ainda não se conhece como e em que extensão atuam os determinantes biológicos da personalidade. É possível que esses fatores sejam transmitidos hereditariamente mas é pouco provável que possam ser relacionados diretamente com a personalidade. Nesse sentido, os fatores biológicos agiriam como capacidades ou potencialidades sobre as quais a cultura plasmaria a personalidade no tipo "desejável"; em outras palavras, o indivíduo teria certas capacidades inatas, mas o seu nascimento em determinada cultura é que determinaria o modo pelo qual essas capacidades seriam expressas.

Entre esses fatores destacaremos alguns:

- a- Inteligência ou capacidade mental. A inteligência é um dos aspectos mais importantes pois dela vai depender a aprendizagem do indivíduo; os idiotas são incapazes de desenvolver uma personalidade que faça sentido para nós.

A inteligência, em si, é um dos traços da personalidade; no entanto não se deve pensar que ela seja diretamente responsável pela maioria dos outros traços, em relação aos quais teria uma distribuição completamente independente.

-16-

b- Fatores endócrinos. Sabe-se, por meio da patologia humana e de experimentos com animais, que as glândulas endócrinas são responsáveis por manifestações emocionais e afetivas. Presume-se, pois é difícil a comprovação experimental, que para os indivíduos normais, as glândulas endócrinas possam ter uma influência similar. É preciso se considerar também (1) que as várias glândulas não funcionam isoladamente, sendo que os aspectos afetivos e emocionais da personalidade vão ficar na dependência do equilíbrio que entre elas se estabelece e (2) que os fatores endócrinos não são totalmente hereditários, sofrendo a influência da cultura e do meio ambiente.

c- Constituição corpórea. Cada sociedade tem um ideal cultural a respeito dos tipos físicos. Em nossa sociedade, por exemplo, os homens baixos e magros, e as mulheres gordas não se conformam com os tipos físicos aprovados e desenvolvem certos traços de personalidade que servem como "compensações" psíquicas e sociais para as suas "deficiências". Os aspectos físicos dos indivíduos, favoráveis ou desfavoráveis, poderão ajudá-los ou dificultá-los na luta por um status social, o que repercute na formação de sua personalidade. Estas considerações são aplicáveis também aos indivíduos com defeitos físicos ou dos órgãos sensoriais.

2- Experiência pessoal. Na vida de toda a pessoa ocorrem dois tipos de experiências: (1) Não padronizadas pela cultura: são acidentais, não previsíveis e muito conhecidas sob o nome de "experiências pessoais-sociais", nome dado por Kimball Young. (2) Padronizadas pela cultura.

Geralmente, as experiências do primeiro tipo são de importância secundária na formação da personalidade mas, em alguns casos, podem ter influência destacada, como nos episódios dramáticos ou violentos: participação em um incêndio, acidente grave com o indivíduo ou pessoas íntimas, punição severa em casa ou na escola, episódio de medo durante a infância etc. Outros acontecimentos, embora não tão drásticos, podem causar alguma influência, desde que tenham continuidade, isto é, efeito cumulativo. Conforme a sociedade, vai ter importância para a vida do indivíduo, pelos cuidados ou atenções diferentes que a ele serão dispensados, o fato de ser membro de uma família excepcionalmente numerosa, ou de ser o filho mais velho, ou o mais novo, ou ainda, de ser filho único, de ter pais briguentos ou alcoólatras etc.

3- Fatores culturais. Já mostramos que a cultura é imposta aos indivíduos desde seu nascimento, do que resulta uma experiência fundamentalmente comum a todos e a formação de tipos básicos de personalidade. Atribui-se especial significação, na formação dos tipos básicos de personalidade, às experiências que as crianças têm principalmente nos seus primeiros anos de vida, como decorrência do sistema de recompensas e punições

que são padronizados e comuns para o grupo como um todo; este conhecimento devêmo-lo principalmente à Freud e seus colaboradores. São palavras de Gillin & Gillin: "Desde que o ser humano é extremamente maleável e capaz de aprender (ou ser afetado) pela experiência e, desde que o grande volume da experiência humana é culturalmente padronizado ou estruturado, parece razoável concluir-se que, salvo exceções, a cultura é a fonte mais importante, pelo menos, da personalidade manifesta. Desde que as culturas variam na padronização da experiência, segue-se que, as pessoas acostumadas a uma cultura mostrarão personalidades manifestas que, em média, as distinguirão de pessoas que são produto de outras culturas, e que estas diferenças pessoais variarão com a extensão das diferenças culturais".

A influência da cultura sobre os indivíduos faz-se sentir de dois modos diferentes: há as de caráter geral e as específicas, as primeiras exercidas sobre todos os indivíduos de uma sociedade e as outras, a determinados grupos de indivíduos ou a certas categorias sociais. Linton diz, a este respeito: "Assim, entre os norte-americanos, meninos e meninas estão sujeitos às mesmas influências gerais que provém de viver em casas do mesmo tipo, frequentar as mesmas escolas, tomar refeições às mesmas horas e receber a mesma instrução, com as mesmas idéias éticas. Cadaum destes grupos, porém, está além disso sujeito a uma série de influências específicas que não são nos provenientes da cultura que as influências gerais. Assim, meninos e meninas vestem-se de maneira diferente quase desde a mais tenra infância; aprendem a desempenhar tarefas diferentes e são estimulados para comportar-se de maneiras diferentes em muitas situações iguais".

Vejamos um e outro tipo de influências.

Influências gerais. Neste grupo de influências culturais inclui-se todas aquelas que são exercidas sobre todos os indivíduos da sociedade, mas que variam de sociedade para sociedade. Embora as influências gerais possam atingir o indivíduo durante toda sua vida, não há dúvida que têm participação muito mais decisiva na formação da personalidade das crianças nas primeiras idades.

Ultimamente os antropólogos e psicólogos têm dado muita ênfase ao estudo da alimentação e dos cuidados com o infante. Tem-se observado que as sociedades se comportam muito diferentemente sob esses aspectos, distribuindo-se dentro de uma escala cujos extremos são caracterizados (1) por um excessivo rigor no trato com as criancinhas, forçando-as a um comportamento apropriado para a sociedade e punindo-as pelas menores faltas, ou (2) por uma frouxidão relativamente às normas educacionais.

Cora Du Bois estudou minuciosamente o período da infância dos habitantes da ilha de Alor, nas Índias Orientais Holandêsas. Apresentaremos um resumo do que se encontra referido no livro de Beals & Foijer.

Entre os aloreses, a mãe permanece acamada de 4 a 6 dias após o parto, proporcionando, ela própria, alimentação e carinho à criança.

Dez dias ou 2 semanas após o nascimento, se é estação de trabalho, a mãe começa a trabalhar no campo. A criança é deixada com algum irmão mais velho, avós ou pai; conseqüentemente, fica quase sempre privada de alimentos, embora possam lhe ser oferecidas bananas pré-mastigadas ou mingaus, ou ainda, muito raramente, ser amamentada por outra mãe.

Raramente a criança é deixada a sós. Quando a mãe retorna do campo ela cuida da criança e faz-lhe carinhos, dando-lhe o peito quando está inquieta.

Nêste primeiro período de vida da criança destacam-se os seguintes pontos: (1) o mais significativo é o fato da criança nem sempre ser alimentada quando está com fome ou inquieta, devido à ausência da mãe; (2) outro aspecto incomum é o da precoce alimentação com mingaus e alimentos pré-mastigados, embora outros povos não letrados comecem até mais cedo que neste caso; (3) ponto também importante é a relativa liberdade de movimento da criança, pois que esta é carregada em chales, os quais não lhe restringem a atividade. Em relação a êste último ponto, é interessante se assinalar o contraste apresentado por muitos índios norte-americanos, os quais colocam a criança em berços de madeira de molde a tirar-lhe todos os movimentos; se esta chora excessivamente, pode ser pendurada em uma árvore, em seu berço, até que esgote sua raiva e fique quieta.

Os aloreses adultos são geralmente desconfiados reciprocamente, falta-lhes iniciativa e aspiração, manifestam ansiedade sobre a mútua exploração e apresentam, habitualmente, violenta agressividade. Tais traços de personalidade são atribuídos à relativa negligência das mães para com seus filhos; a criança seria forçada a encontrar um "modus vivendi" com sua cultura, plasmando sua personalidade em consonância com esta.

Linton, destaca a extensa variação, entre povos diferentes, de atividades elementares como a amamentação e cuidados com as crianças. "Assim, em algumas sociedades, as criancinhas são amamentadas sempre que pelo chôro manifestam vontade de mamar; em outras, são amamentadas segundo um horário. Em algumas, são amamentadas por qualquer mulher que casualmente estiver à mão, em outras apenas pelas mães. Em algumas o processo de amamentar permite vagares e é acompanhado de muitas carícias e com um máximo de prazer sensual para mãe e filho. Em outras, é apressado e perfunctório, encarado pela mãe como interrupção de suas outras atividades e apressando-se a criança para que acabe o mais depressa possível. Em alguns grupos o desmame se faz em idade muito tenra; em outros a amamentação prossegue durante anos".

Continua Linton: "Quanto às técnicas para cuidar das criancinhas, existe ainda maior variedade cultural. Pode ser que uma sociedade faça da criança o centro de atenção da família toda, estando vários adultos constantemente carregando-a, brincando com ela e dando-lhe tudo quanto ela quiser; enquanto outra considera as crianças como um aborrecimento e dá-lhes pouca atenção além de satisfazer suas necessidades físicas. Em algumas, a criança está em contato corporal quase constante com sua mãe, durante os dois primeiros anos. Em Madagáscar, as mães trazem seus filhinhos presos à parte posterior de suas vestes, conservando-os ali mesmo enquanto trabalham nos campos. Em outras, não existe este contato corporal constante, mas a criança é freqüentemente carregada ao colo. Ainda em outras, raramente se toca na criança, a não ser nas horas de alimentá-la. Em algumas sociedades dão-lhe permissão para movimentar-se de um lado para outro, sem que ninguém interfira. Noutras, passam os primeiros dezoito meses amarradas numa tábua, tendo às vezes mesmo seus braços confinados".

"Voltando-nos para os efeitos mais diretos dos padrões culturais sobre o indivíduo em desenvolvimento, temos uma amplitude quase infinita de variações, quanto ao grau de adestramento consciente, quanto à disciplina ou falta de disciplina, e quanto às responsabilidades impostas. Pode ser que a sociedade tome conta do indivíduo quase desde a sua primeira infância e deliberadamente o adestre para seu status de adulto; ou que lhe permita viver à solta até a puberdade. Pode ser que receba castigo corporal mesmo pela menor das faltas, ou nunca seja castigado. Como criança, pode ser que tenha direito de reclamar o tempo e a atenção de todos os adultos com quem entrar em contato, ou, inversamente, que todos os adultos tenham direito de reclamar seus serviços. Pode ser que tenha de trabalhar e seja tratado como membro responsável e contribuinte do grupo familiar, quase desde o momento em que aprende a andar, e que constantemente lhe façam sentir que a vida é real e séria. Assim, em algumas tribos de Madagáscar, as crianças não só começam a trabalhar em idade incrivelmente tenra, mas também gozam plenamente o direito de propriedade". "Por outro lado, as crianças de uma aldeia marquesana não trabalham e não assumem nenhuma responsabilidade. Formam uma unidade social distinta e intimamente integrada, que pouco tem a ver com os adultos. Os meninos e as meninas que ainda não atingiram a puberdade estão constantemente juntos e muitas vezes nem mesmo para comer ou dormir vão para casa".

Ainda com relação aos elementos culturais que exercem influência geral sobre a personalidade dos indivíduos, referimos alguns exemplos.

Inventos como o relógio são capazes de fortalecer o hábito da pontualidade. Entre os povos que não possuem relógio pode observar-se variações de hora ou de dias com relação ao tempo que lhes convém; por isso dizemos que o tempo não tem sentido para eles.

Veja-se o contrário nos centros urbanos onde as pessoas possuem um nítido sentido de tempo, chegando mesmo ao absurdo, em alguns casos, de se tornarem "escravos do relógio".

Com referência à relação entre os instrumentos de medida e a exatidão encontra-se situações interessantes. Por exemplo, Sherif, citado por Ogburn & Nirkoff, refere que em uma aldeia relativamente isolada da Turquia, as pessoas designam distâncias inferiores a 3 ou 4 quilômetros com expressões tais como "ao alcance de uma bala", "até onde pode chegar a minha voz" ou "o tempo que leva para fumar um cigarro". Conclui-se daí que onde não se imprega nenhuma unidade de medida, é mais difícil para os indivíduos serem exatos.

No que diz respeito à cultura não material, a linguagem é, sem dúvida, a parte mais importante da cultura em sua relação com a personalidade. Já encarecemos bastante a importância da linguagem; contudo, queremos acrescentar aos elementos já apresentados, um outro aspecto, ilustrado pelo caso de Helen Keller. Trata-se, como todos sabem, de uma senhora ainda viva, que é cega e surda, cuja personalidade se transformou profundamente aos 7 anos de idade, quando descobriu que as coisas tinham nome e que podia compartilhar seu pensamento com outros indivíduos. De Ogburn e Nirkoff são as seguintes palavras:

"Aos dezoito meses de idade perdeu simultaneamente a vista e a audição e, desde então até a idade de 7 anos, em que sua professora miss Sullivan apareceu em sua vida, Helen deu provas de uma personalidade deformada. Era dominante, ciumenta, mequinha e propensa a ataques de cólera quando se sentia contrariada. Ninguém parecia entendê-la completamente e ela, de sua parte, não podia interpretar os movimentos dos lábios e a estranha conduta dos demais. Porém, à idade de 7 anos ocorreu um despertar imprevisto sob a tutela de sua notável professora. Miss Sullivan começou a soletrar palavras na mão de Helen, que Helen repetia e associava com objetos. Ela não tinha a menor idéia de que todas as coisas tivessem nomes e de que, através dos nomes, podia participar da experiência dos outros. Esta súbita revelação produziu uma profunda transformação em sua personalidade. Sua professora assim a descreve:

Esta manhã, enquanto se lavava, queria saber o nome da água. Eu soletrei á-g-u-a e não mais pensei. Nisso até o desjejum. Ocorreu-me, então, que com a ajuda desta nova palavra poderia resolver a dificuldade criada pela identificação com o jarro de leite. Fomos até à bomba de retirar água e fiz Helen segurar o jarro sob a bomba enquanto eu a acionava. Quando a água saiu súbitamente, enchendo seu jarro, eu soletrei á-g-u-a na mão de Helen. Esta palavra se fez tão íntima com a sensação de água fria correndo sobre sua mão, que pareceu comovê-la. Deixou cair o jarro e permaneceu imóvel, como transpassada. Uma nova luz apareceu em seu rosto. Soletrou a palavra água várias vezes. Depois deixou-se cair sobre o solo e perguntou-me meu nome. Soletrei - m - a - e - s - t - r - a. Neste momento, a pagem trazia a irmãzinha de Helen à casinha da bomba, e Helen soletrou b-e-bê e apontou para a pagem. Durante toda a caminhada de volta para casa esteve intensamente excitada e aprendia os nomes de todos os objetos que tocava, de tal forma que em poucas horas havia acrescentado 30 novas palavras ao seu vocabulário.

No dia seguinte, miss Sullivan escreve: "Esta manhã Helen se levantou radiante como uma fada. Foi de coisa em coisa perguntando-me o nome de tudo e beijando-me de pura alegria". Quatro dias mais tarde: "Tudo deve ter um nome agora Ela abandona os sinais e gestos que empregava até agora, tão logo tenha palavras que os substituam, e a aquisição de uma nova palavra produz-lhe o mais vivo prazer. Nós nos damos conta de que seu rosto se torna cada dia mais expressivo".

Um aspecto importante para o desenvolvimento da personalidade é o referente à segurança que os mais velhos asseguram à criança desde tenra idade. A segurança não é um impulso ou necessidade, mas sim um conjunto de impulsos ou necessidades, congênitos ou adquiridos. Logo ao nascer, a criança é incapaz de satisfazer completamente estes seus impulsos inatos e, assim, a cultura passa a assumir importância fundamental para atender a tal fim. O infante, mesmo antes de adquirir linguagem e "consciência", experimenta se as satisfações que sua cultura lhe proporciona são consistentes e seguras. No caso da cultura dos aloureses, as necessidades básicas da criancinha não são consistente e seguramente satisfeitas. Impõe-se daí a conclusão de que as personalidades dos adultos dessa sociedade, mal integradas e um tanto desorientadas e "desviadas", resultam de uma insegurança básica criada durante a infância, pela cultura.

Devemos nos lembrar que as culturas têm também a propriedade (1) de desenvolver impulsos ou desejos nos indivíduos, (2) de selecionar os meios de satisfazê-los e (3) de fixar um conjunto de atitudes e idéias com relação às "necessidades" da vida e sobre o que é "certo" e "errado". Dêste conjunto, que é apreendido pelos indivíduos, vai depender em larga escala a organização de sua personalidade.

Influências específicas. Sobre uma base comum proporcionada pelas influências gerais, desenvolvem-se as influências específicas, as quais variam não só de cultura para cultura como dentro de uma mesma cultura. Tais tipos de influências são determinadas principalmente pelas unidades ou categorias sociais a que os indivíduos pertencem. Vejamos algumas destas influências.

- (1) Família. Este grupo social é um dos que exercem grande influência sobre a criança, tanto que os juízos morais, a conduta e o caráter da criança derivam principalmente de seus pais. Linton escreve: "O filho dum lavrador será desde uma idade muito tenra posto em contato com objetos e técnicas usados na lavoura. Terá uma longa série de experiências que um filho de médico nunca poderá ter, Inversamente, o filho de médico será criado numa atmosfera de conversação técnica inteiramente estranha à casa do lavrador".

- (2) Classe social e status social. A situação de classe ou de status social a que um indivíduo pertence tem importância apreciável na formação de sua personalidade. De Ogburn e Nimkoff transcrevemos as seguintes palavras:

"As crianças das classes inferiores são alimentadas ao peito muito mais frequentemente e durante períodos maiores. O ensino do asseio pessoal começa mais tardiamente. As crianças são menos vigiadas e gozam de maior liberdade. Não se lhes exige que assumam nenhuma responsabilidade de si mesmas ou da casa, a uma idade tão precoce. A expressão das emoções é direta. O sexo encontra uma saída mais precoce e mais frequentemente na atividade heterossexual, enquanto que, na classe média, o tabu contra a direta expressão conduz a práticas auto-eróticas e às carícias. Como as privações se referem mais frequentemente à alimentação e ao conforto material, os sonhos giram em torno destes objetos, enquanto que, pelas mesma razão, os sonhos da juventude da classe média têm um componente sexual muito maior. Nas classes inferiores, a agressão toma a forma de luta, enquanto que as crianças da classe média são educadas na crença de que toda manifestação incontida de ira é inadequada. Os pobres são, por natureza, mais convencionalistas em suas crenças religiosas e mais radicais nos seus pensamentos econômico-políticos. Como era de se esperar, as crianças das classes inferiores são menos equilibradas socialmente. Como resultado de uma formação mais liberal, as crianças das classes inferiores crescem mais livres de obstáculos, enquanto que os da classe média vêm crescer - sua ansiedade por causa da pressão social a que estão submetidas. Pretendeu-se que a neurose das crianças da classe média era principalmente o resultado da grande atenção concedida ao status, porém, a investigação demonstra que as crianças das famílias de trabalhadores semi-especializados têm mais preocupações e menos estabilidade sentimental que as crianças de famílias profissionais. Esta descoberta está de acordo com a conhecida relação inversa em que se encontra a quantidade média de doentes mentais e o nível de renda familiar. Os gráficos indicadores dos desordens mentais nos mostram que, entre os pobres, a formação das crianças não está livre de tensões, apesar de seu caráter liberal. A insegurança econômica e a insegurança afetiva podem ser contrapostos que se compensam reciprocamente".

- (3) Idade. Todas as sociedades classificam os indivíduos segundo a idade, o que constitui um requisito para as posições que assumem dentro da sociedade. O número de grupos formados segundo a idade varia de cultura para cultura. O período da adolescência não se destaca claramente dos demais em algumas sociedades, inclusive a nossa, enquanto que na Polinésia os adolescentes são diferenciados claramente tanto dos adultos como das crianças e são dispensados de todas as responsabilidades domésticas ou sociais, com a finalidade de ficarem livres para cortejar e desenvolver outras atividades de adaptação pessoal. Em resultado, a juventude polinésia consegue adaptar-se muito bem e desconhece a violência dos adolescentes de nossas sociedades.

- (4) Sexo. Todas as culturas distinguem o homem da mulher e têm distintos comportamentos, atitudes e trabalho para cada sexo.

Interessa-nos, neste particular, examinar as diferenças psicológicas entre os sexos. Até há pouco tempo supunha-se que tais diferenças fôsem fundamentais e determinadas biologicamente.

Os antropólogos e, principalmente Margaret Mead, demonstraram que as atividades e os traços de personalidade de cada sexo não são os mesmos em cada sociedade. Não há duas sociedades onde os dois sexos sejam tratados e educados de forma idêntica. Desde a infância, os meninos e as meninas conhecem brincadeiras diferentes, trabalhos diferentes, classes diferentes a incentivo e ideais também diferentes, tudo determinado pela cultura.

Margaret Mead, citada por Otto Klineberg, em "Introdução à Psicologia Social", diz: "Nenhuma cultura deixou de aprender de alguma maneira os visíveis fatos relativos ao sexo, quer seja a convenção de uma tribo Filipina de que nenhum homem é capaz de guardar um segredo, a opinião dos Manus de que somente os homens gostam de brincar com criancinhas, a atitude dos Toda de que quase todos os trabalhos domésticos são demasiados sagrados para mulheres, a afirmação dos Arapesh de que as mulheres têm melhor cabeça do que os homens".

Da mesma obra de Klineberg destacamos:

"O mais completo estudo etnológico das diferenças sexuais é o de Margaret Mead em sua análise da relação entre sexo e temperamento em três sociedades da Melanésia. Ela estava interessada em descobrir se as diferenças em temperamento, popularmente supostas verdadeiras para os homens e as mulheres em geral, seriam também encontradas em sociedades com um ambiente cultural inteiramente diferente. Ela desejava, mais particularmente, pôr em prova a suposição de que os homens são naturalmente mais agressivos e as mulheres mais submissas e passivas em suas reações usuais. Em uma destas tribos, os Arapesh, ela encontrou tanto os homens como as mulheres cooperadores, são agressivos, atenciosos às necessidades e solicitações de outros. Em contraste, entre os Mundugumor, tanto os homens como as mulheres eram desapiedados e agressivos indivíduos, do tipo que em nossa cultura seria encontrado em um indivíduo muito violento e indisciplinado. Em nenhuma dessas tribos há qualquer contraste marcante no grau de agressividade de mostrado pelos dois sexos. Na terceira tribo os Tchambuli, ela encontrou uma completa inversão das atitudes sexuais de nossa própria cultura, com a mulher sendo o parceiro dominante, administrador impessoal, o homem a pessoa menos responsável e a mais emocionalmente dependente. Com a inclusão de nossa própria sociedade, seus dados indicam que a agressividade do homem pode ser igual, maior ou menor do que da mulher, e que ambos os sexos podem parecer-se ou com o tipo masculino ou com o tipo feminino, com os quais estamos acostumados em nossa própria sociedade. Acertando-se seus resultados, parece que pouco se deixa no temperamento que possa ser seguramente atribuído à influência direta, biológica ou física, do sexo".

*opinião corrente dos Manus

"Para resumir, o material indica que a "maioria, senão tôdas as diferenças psicológicas entre os sexos são devidas às condições culturais". "A delicada, frágil senhora do século passado, desmaiando com facilidade, seus melindrosos ouvidos fechados - aos ruídos do mundo exterior, não existe mais".

4- Interrelação dos fatores que concorrem para formação da personalidade.

Nas linhas precedentes procurámos isolar os vários fatores que contribuem para a formação da personalidade e apresentá-las como tal. Na realidade, no entanto, êsses fatores estão indissolúvelmente ligados e se modificam reciprocamente, de modo que qualquer consideração a êles não pode ser feita tomando-os de per si, a não ser para fins de análise.

Outra conclusão que não se deve tirar diante do que foi exposto é a de que todos os membros de uma mesma sociedade tenham idêntica personalidade o que, evidentemente não ocorre.

Examinemos um e outro caso.

É indubitável que os fatores constitucionais desempenham importante papel na formação da personalidade; entretanto, sobre essa base biológica atuam, desde o nascimento do indivíduo, os fatores mesológicos representados, principalmente, pela cultura. Esta ação da cultura visa plasmar a personalidade dos membros de uma sociedade no tipo que mais convém a esta. Contudo, as qualidades constitucionais e a cultura adquirida pelo indivíduo não formam uma simples combinação, mas um todo perfeitamente integrado, em que seus elementos constituintes interagem profundamente. Dêsse modo, diante de uma personalidade adulta, torna-se impossível dizer o que cabe ao aspecto biológico e o que cabe ao cultural. Para exemplificar, reproduzimos de Ogburn & Nimkoff: "O traço de domínio ou chefia pode ser devido a causas hereditárias ou constitucionais de origem glandular. Algumas crianças observadas em escolas de débeis mentais são agressivas desde uma idade muito precoce, muito antes que o meio tenha tido a oportunidade de influir neste sentido. Porém, uma criança que não é dominadora por natureza, pode tornar-se agressiva em consequência de uma excessiva sujeição doméstica, ou por seus amigos, isto é, por causa de fatores inter-pessoais ou de grupo. Igualmente, uma criança que normalmente não é muito autoritária, pode tornar-se mais enérgica devido à pressões ambientais, como a freqüente perspectiva de fome ou o perigo constante de ataque por animais selvagens, caso êste que pode ocorrer na sociedade primitiva. Finalmente, a função ou a experiência cultural podem converter uma criança submissa em autoritária"

Dentro dos limites biológicos, que parecem ser muito amplos, atuam os fatores culturais, os quais nunca são uniformes; a este propósito basta lembrar que em todas as culturas sempre há alguma divisão segundo o sexo, a idade, a ocupação, as funções sociais etc., sem contar as experiências pessoais sociais de características nitidamente individuais. De tudo isto resulta que não há e não pode haver, mesmo para os gêmeos idênticos criados juntamente, duas personalidades idênticas. Concluímos também que, apesar da flexibilidade biológica de adaptação do ser humano às condições do seu meio, alguns indivíduos, aqueles cuja constituição se apresenta mais favorável para determinada cultura, conseguirão uma personalidade mais equilibrada, mais ajustada ao seu meio; outros, felizmente, a minoria, não conseguirão tal ajustamento e serão considerados anormais nessa cultura. Sobre este assunto voltaremos a falar mais adiante.

A fim de ilustrar a interação que se estabelece entre os fatores constituição e cultura, recorreremos ainda a Linton:

"Assim, para citar um caso extremo, um ambiente idêntico dará experiências diferentes ao cego e ao indivíduo dotado de visão. Assim também, o mesmo ambiente pode resultar em experiências muito diversas para o inteligente e para o néscio. É evidente que a mesma escola exercerá influência diversa sobre o menino que aprende com facilidade e está à frente de sua classe e o tolinho que fica sempre em último lugar, por mais que se esforce. Mesmo um certo episódio que constitui experiência importante para uma criança nervosa, agitada, poderia ter pequena importância para outra apática e pouco inteligente. Há em nossa sociedade um pequeno número de pessoas que têm um medo anormal de gatos. Na maioria dos casos, este medo pode ser retrçado até algum episódio passado durante a infância e usualmente esquecido pela pessoa em questão. Em vista da frequência de gatos em nosso ambiente e do pequeno número de indivíduos que desenvolveram este medo anormal, teremos de convir que episódios semelhantes ocorreram durante os primeiros anos de vida de muitas outras pessoas sem produzir resultados semelhantes.

A despeito de sua interação constante com as qualidades constitucionais, o ambiente domina a experiência. O termo ambiente é aqui empregado em seu sentido mais largo, incluindo globalmente tudo quanto cerca o indivíduo - as personalidades, bem como os objetos e fenômenos naturais com que ele entra em contacto. É através de seus efeitos sobre o ambiente, que a cultura pode influenciar a experiência e, através da experiência, a personalidade. Embora nunca inteiramente produto da cultura de seu grupo, o ambiente do indivíduo em muitos pontos é influenciado pela cultura. Mesmo ambiente natural, proporcionado por uma certa área geográfica, só atinge o indivíduo depois de ter sido filtrado pela tela que a cultura interpõe entre o homem e a natureza. Assim, um inverno em Wisconsin resultará numa experiência muito diferente para o menino que mora em casa dotada de aparelhos de aquecimento e vai à escola em carro fechado, e para o menino que é obrigado a passar os meses de inverno numa casa de esteiras, esfumaçada e atravessada pelas correntes de vento".

Cultura e personalidade

Consoante já dissemos no início dêste capítulo, passaremos a examinar agora a influência que a cultura exerce sôbre a personalidade. Os estudos sôbre êste problema ainda não permitem que se tire conclusões definitivas mas, embora fragmentários, já nos fornecem uma contribuição bastante significativa para compreensão de certos aspectos relativos à personalidade.

Quando se procura estudar êste problema depara-se, desde logo, com a dificuldade de descrever em poucas palavras tanto a cultura como um todo, como também o tipo médio ou mais frequente das personalidades de uma sociedade, pois que ambos variam de sociedade para sociedade. Se se vai comparar cultura com cultura ou a personalidade de um conjunto de indivíduos com de outro conjunto, não se pode fugir à necessidade de sumarizar a cultura ou as personalidades através de uma ou de um grupo de características que lhes sejam, representativas.

Desde o tempo de Hipócrates (século V A.C.), considerado o pai da medicina, existe a preocupação de classificar os indivíduos em tipos bem definidos. De acôrdo com a teoria humoral de Hipócrates eram reconhecidas 4 disposições ou caracteres: sanguíneo, flegmático, colérico e melancólico, os quais poderiam ser aplicados tanto no plano individual como grupal. Os francêses, italianos e irlandeses seriam descritos como sanguíneos; os escandinavos, poloneses e talvez os russos, como melancólicos; os espanhóis seriam coléricos, os holandeses, alemães e inglêses flegmáticos.

A essa classificação, muitas outras se seguiram, tôdas carecendo, no entanto, de significação científica. Só ultimamente é que se tem emprestado um caráter de maior precisão às pesquisas efetuadas nesse sentido. Entretanto, é bom que se diga estarmos ainda muito distanciados de um resultado que se possa considerar satisfatório.

Muitas pesquisas vêm sendo realizadas entre os povos não letrados, referentes não apenas à descrição e análise dos tipos de personalidades e das diferentes culturas, mas também ao estudo da correlação entre o processo enculturativo e a personalidade do adulto. A par dêsses, trabalhos equivalentes também têm sido realizados em culturas urbanas, referidos comumente como estudos de comunidades.

Sem homens e sem mentes não pode haver cultura. Cultura, como vimos, é uma abstração e, na realidade, só existe na mente do homem. Mas, a mente do homem não é encontrada num estado de "pureza", sem qualquer condicionamento; pelo contrário, ela é fortemente afetada pela cultura. Por essa razão, se estudarmos a mente dos homens de uma determinada cultura, isto é, se conhecermos suas personalidades, deveremos chegar à

um resultado semelhante àquele que resulta do estudo da cultura, como um todo, da mesma sociedade.

Em consonância com as considerações acima, o problema da relação do indivíduo com sua cultura tem sido abordado de duas maneiras diferentes, já referidas no início deste capítulo:

- Abordagem cultural configuracional: preocupa-se com o estudo dos padrões culturais dominantes que promovem o desenvolvimento de certos tipos de personalidade; é essencialmente etnológica.
- Conceito de personalidade modal: neste campo, os pesquisadores voltam sua atenção para o indivíduo, usando como instrumento de trabalho o esquema conceitual e metodológico de Freud.

Além dos dois citados, mais recentemente um grupo de pesquisadores tem procurado conhecer as estruturas das personalidades através do emprego das técnicas projetivas, das quais, é mais usado o método de Rorschach.

Estas três maneiras de estudar a relação entre a cultura e a personalidade devem ser entendidas apenas como abordagens ou como enfoques que dão ênfase a aspectos diferentes do mesmo problema; por chegarem a resultados muito próximos, são usados simultaneamente por alguns pesquisadores.

a- Abordagem cultural configuracional

Procura descrever as culturas globalmente em termos de sistemas ou configurações, encarando-os do ponto de vista psicológico. Isto não significa que, neste estudo, sejam desprezados os aspectos culturais; pelo contrário, busca-se selecionar todos os elementos culturais que possam ser reunidos em um padrão ou plano coerente, passível de ser expresso em termos psicológicos. Trata-se em última análise, de identificar os padrões representativos da cultura e convertê-los em formulações psicológicas.

Costuma-se empregar o termo *ethos* para designar o sistema de idéias e valores que dominam a cultura e que tende a controlar o tipo de comportamento de seus membros. Essa palavra, que é de origem grega e da qual se deriva o termo "ética", corresponde, aproximadamente, aos "mores", que vêm do latim; daí, a conotação de "certo" e "errado" que derivaram do uso cristão das palavras "ética" e "moral", de uso corrente entre nós. No entanto, quando nos referirmos ao "ethos de uma cultura" seu sentido é bem mais amplo que o referente apenas ao código ético ou moral, correspondendo ao acima enunciado.

Alguns estudiosos usam a expressão "tema" ao invés de configuração cultural, sendo seus conceitos muito próximos entre si.

Este tipo de abordagem cultural-configuracional foi iniciado por E. Sapir, seguido por Margaret Mead, Gorer e Fortune, mas cabe a Ruth Benedict o mérito de tê-lo discutido em bases - mais amplas.

Sapir dividia as culturas em introvertidas e extrovertidas, incluindo entre as primeiras os norte-americanos, esquimós e chineses, e entre as extrovertidas os indianos e índios norte-americanos.

Mead trabalhou principalmente no sudoeste do Pacífico, inicialmente em Samoa, depois em Manus, uma ilha da costa da Nova Guiné e, mais tarde estudou diversos tipos de personalidades de homens e mulheres em sociedades da Nova Guiné, levando em conta os padrões aí dominantes.

Ruth Benedict iniciou seus estudos contrastando duas culturas de índios norte-americanos, aqueles que são do Planalto e caçadores de búfalos com os cultivadores do Sudoeste, os Zuñi e outros Pueblo, atribuindo-os respectivamente aos tipos dionisíaco e apolíneo, comparáveis grosseiramente, aos tipos extrovertidos e introvertidos de Sapir.

O temperamento dionisíaco (Dionysus, deus do vinho) é caracterizado pela livre expansão dos sentimentos, violência e impulsividade. Ao contrário deste, o tipo apolíneo é calmo, equilibrado, comedido, submisso ao grupo, com pouca disposição à cólera e não propenso a crises histéricas em seus ritos religiosos.

Posteriormente, Benedict passou a classificar outras culturas, descritas por diferentes pesquisadores. Entre os dionisíacos incluiu os melanesianos da ilha Dobu, descritos por Fortune, os índios Kwakiutl, da ilha Vancúver, referidos por Boas. Os dobuanos seriam paranóides ou esquizóide-paranóides e os kwakiutl, megalomaníacos com traços de paranóia, quando considerados sob o nosso ponto de vista. Os zuñi, pelo contrário, são tranqüilos e graciosos, com grande auto-domínio, inclusive nas danças rituais e excitantes; se um indivíduo se exaltasse teria contra si todo o grupo.

As investigações de Mead e Benedict podem ser consideradas obras exploradoras, sendo as primeiras que relacionaram a cultura com o indivíduo de acordo com um esquema conceitual e chamaram a atenção para o fato de que as personalidades variam conforme as culturas e são por estas moldadas.

A despeito do valor desses trabalhos, padecem eles de alguns vícios que precisam ser conhecidos:

- (1) A delimitação das culturas, mesmo a dos povos não letrados, segundo distintos tipos psicológicos é simplificação exagerada. É suficiente, por exemplo, classificar os dobuanos como paranóicos quando, ao mesmo tempo se caracterizam por serem econômicos? Como classificar as culturas

mais equilibradas, que não se situam em nenhum dos extremos que se usam para qualificá-las? Poderíamos falar dos ethos de uma cultura heterogênea como a brasileira ou teríamos que nos referir a vários ethos ?

- (2) Não leva em conta a variação da conduta individual respectiva, dentro dos limites estabelecidos pelas sanções da própria cultura.
- (3) Ao ordenar as culturas dentro de um esquema determinado, não haveria possibilidade do juízo do observador influenciar a seleção dos elementos que servirão para caracterizá-las? Esta dúvida é corroborada por vários estudos; entre os quais, o realizado pelo antropólogo chinês Li An-che, cujos traços físicos se assemelhavam ao dos zuñi; sua descrição mostrou que esses índios eram muito diferentes do que se conhecia através dos trabalhos dos "brancos".

Ainda hoje encontramos referência ao termo "caráter nacional", criado no século XVII para caracterizar o tipo de personalidade de cada sociedade. Atualmente, no entanto, essa palavra tende a desaparecer para ser substituída pelos conceitos de ethos ou de personalidade modal.

b- Personalidade modal.

O ponto de vista cultural configuracional teve também o mérito de incentivar a investigação no sentido de serem aplicados conceitos psicanalíticos para explicar as diferenças de personalidades de pessoas que vivem em sociedades diferentes. Foi talvez Malinowski, em seu estudo sobre os habitantes da ilha Trobriand, o primeiro a reconhecer a influência da configuração da família e da organização social sobre as formas de conflito e sobre os "complexos" de personalidade deles resultantes; desde que as estruturas sociais diferem de sociedade para sociedade, difeririam igualmente os complexos psicológicos.

Mais tarde, Abram Kardiner e Ralph Linton formularam uma hipótese que ficou conhecida como "postulado de Kardiner-Linton" sobre a "estrutura básica da personalidade", a qual prevaleceria em cada sociedade. Esta hipótese foi formulada com fundamento em um trabalho de Kardiner, prefaciado por Linton, sobre os habitantes de Madagáscar e das ilhas Marquesas. A abordagem de Kardiner-Linton sobre a personalidade básica se caracteriza pela aplicação da técnica psicanalítica às culturas, modificada ou adaptada às características sociais e culturais. As características da personalidade básica seriam determinadas pela amplitude total dos padrões culturais. Assim, nas ilhas Marquesas, onde o sexo não se constitui na poderosa força instintiva observada em nossa sociedade e que foi interpretada por Freud como base das neuroses, também se observa intensa ansiedade, ou seja, neurose, na linguagem psiquiátrica; esse povo encara o comportamento sexual com um conteúdo muito reduzido, não possuindo mesmo um vocábulo para "virgem". A ansiedade dos habitantes dessa ilha é refe-

rente à escassez de alimentos e ao perigo de serem devorados, o que é compreensível dado que sofrem fome periódicamente e praticam o canibalismo. Correspondentemente, possuem toda a sorte de tabús; em número maior do que criamos para o sexo em nossa sociedade. Para apresentar mais um exemplo, lembramos a personalidade dos aloreses, para nós psicóticos, e que resultariam, segundo Kardiner, da negligência das mães por seus filhos. O tipo básico de personalidade resultaria, assim, das experiências culturalmente semelhantes da primeira infância e não seria o produto de instintos ou outras forças equivalentes.

Cora Du Bois, na pesquisa que realizou na ilha de Alor, procurou obter dados a fim de confirmar a hipótese da personalidade básica. No entanto, a posição de Du Bois não só concorda com a de Kardiner, como também amplia suas bases pois, ao lado das pressões culturais, admite também, a existência de uma estrutura psíquica, congênita e fisiologicamente determinada, sobre a qual as primeiras atuam. Os estudos de Cora Du Bois se caracterizaram pela síntese de duas abordagens diferentes: de um lado, a investigação do conteúdo psicológico da personalidade e, de outro, a pesquisa sobre os detalhes dos cuidados dispensados ao recém-nascido, ao infante, à criança de maior idade, ao adolescente, ao casamento, sexo e certos aspectos psicológicos da religião. A estes dados ainda se juntaram várias auto-biografias e os resultados dos protocolos do psicodiagnóstico de Rorschach elaborado por um pesquisador que trabalhou independentemente.

Com base nestes dados, Du Bois concluiu sobre as personalidades, as quais foram depois comparadas com os resultados do Rorschach. A correlação entre as duas séries de resultados foi tão alta que é possível se prever a possibilidade de um trabalho mais íntimo e mais freqüente entre o antropólogo e o psiquiatra.

Para finalizar, queremos referir a crítica que se faz ao termo personalidade básica e ao mesmo tempo, justificar o título que lhe consignamos neste trabalho.

A palavra "básico" é inadequada porque significa o que é hereditário ou congênito. Por essa razão e, tendo em vista que com esse termo queremos nos referir ao que é típico ou mais freqüente prefero-se hoje falar em "personalidade modal".

c- Psico-diagnóstico de Rorschach e outras técnicas projetivas

Já indicamos a utilidade desta prova para o estudo em aprêço. Além disso, não cabe aqui apresentar maiores detalhes sobre esse instrumento de exame da personalidade. Queremos, apenas, fazer referência a algumas questões que foram levantadas quanto à sua aplicabilidade a povos que não pertencem à cultura euro-americana:

(1) Tendo em conta a linguagem diferente e outras dificuldades, pode-se aplicar o teste? (2) indivíduos pertencentes à cultura euro-americana podem interpretar os resultados dessa prova? (3) pode-se aplicar interpretações padronizadas para protocolo de indivíduos estranhos à cultura euro-americana?

-31-

A concordância entre os resultados a que nos referimos há pouco, corroborada pela experiência de outros autores, autoriza a que se dê uma resposta afirmativa às questões apresentadas.

"Admitida esta aplicabilidade", como diz Herskovits, "cabe esperar que cheguemos a conhecer não apenas as estruturas de personalidade características dos diversos grupos, como também as variações que oferecem a estrutura de cada grupo. Isto é especialmente importante, pois, tendo conhecimento da variedade possível das respostas psicológicas, poderemos fixar com mais segurança o que constitui conduta normal e anormal".

Personalidade-status (ou personalidades de status). Consideramos que o conceito de personalidade-status, introduzido por Linton, representa mais um passo a frente, nos estudos de personalidade. É da observação comum que, dentro de uma cultura, podem se desenvolver sub-tipos de personalidade, em correspondência com os diferentes posições e papéis que cabe aos indivíduos ocupar e desempenhar. De acordo com Linton, as personalidades-status seriam "configurações de respostas vinculadas a um status ou condição social". Para Linton, ainda, seria este o único exemplo de condicionamento consciente, representado pelo esforço da sociedade em adestrar o indivíduo a ocupar uma ou mais posições dentro de seu grupo; a sociedade, conscientemente prepararia os indivíduos para os status que lhes atribuiu.

São palavras de Linton: "... a ocupação de qualquer status impõe ao seu detentor não simplesmente certos deveres, mas também certas atitudes emocionais. Estas últimas proporcionam ao indivíduo o principal incentivo para o desempenho constante e consciencioso de seus papéis, permitindo assim, ao sistema todo, funcionar sem necessidade do exercício de compulsão social direta. Assim, em nossa sociedade, a afeição do marido por sua mulher e seus filhos é uma garantia de que ele se encarregará de sustentá-los. Na realidade, quando a lei tem de ser invocada para assegurar esse encargo, presumimos sem discussão que a afeição desapareceu".

Procurando esclarecer melhor a tese de Linton diremos o seguinte: Todas as sociedades apresentam certas categorias sociológicas chamadas status, como de pai, filho, professor, aluno, engenheiro, motorista, pedestre, empregada doméstica, comerciante, etc. A cada status a sociedade define (1) uma série de papéis que cabe ao seu ocupante desempenhar, e que seriam os deveres dos pais, dos filhos, dos professores, dos alunos etc. e (2) uma certa personalidade a que Linton chama personalidade status; esta personalidade, que corresponde a um determinado status, deve ser

-32-

considerada como ideal e não deve ser confundida com os tipos psicológicos dos quais se distingue. Linton apresenta o seguinte exemplo para diferenciar personalidade-status e tipo psicológico: "Temos uma personalidade-status bastante definida para o homem de negócios. Esta personalidade-status requer certas qualidades tais como energia, astúcia, capacidade de competir, facilidade em estabelecer contactos sociais e em manejar outros indivíduos. Implica também que o indivíduo se interesse profundamente por acumular fortuna e torça todas as suas atividades no sentido de ganhar o máximo. Esta personalidade-status é especialmente afim aos indivíduos do tipo psicológico extrovertido e, em igualdade de outras condições, tais pessoas têm mais probabilidades que os introvertidos de obter êxito como homem de negócios. Ao mesmo tempo, existem muitos indivíduos que na realidade pertencem ao tipo introvertido e que se acham ocupando o status acima referido, talvez por terem herdado um negócio e serem obrigados a continuá-lo por razões financeiras. A maioria destes indivíduos faz por assumir a personalidade-status e por desempenhar passavelmente bem os papéis a este status associados. Ao mesmo tempo, o fato de assumir essa personalidade-status deixa seu tipo psicológico relativamente inalterado e essas pessoas continuam a comportar-se como introvertidos, fora das horas de negócios".

Freqüentemente encontramos acentuadas diferenças nas manifestações individuais das personalidades-status. Assim, por exemplo, ficamos surpresos com o austero diretor de empresa que, em sua casa, no papel de chefe de família é "uma pessoa inteiramente diferente".

Quando tratarmos do conceito de "anormalidade" voltaremos ao presente assunto, para cogitar principalmente do ajustamento ou falta de ajustamento entre a personalidade real e a personalidade-status.

Características psicológicas de algumas culturas

Reproduzimos, a seguir, a descrição de algumas culturas, focalizando principalmente o seu conteúdo psicológico, a fim de melhor ilustrar o assunto de que vimos tratando. Ao lado do nome da sociedade registramos, entre parêntesis, a fonte bibliográfica de que nos valem.

Kwakiutl (Martindale & Monachesi). Descrita por Ruth Benedict em Patterns of Culture. Os Kwakiutl são índios que habitam a costa noroeste dos Estados Unidos e vivem da pesca marítima.

Costumam celebrar um almoço cerimonioso chamado potlatch, cuja finalidade é engrandecer o hospedador e envergonhar o convidado; durante essa cerimonia o hospedador, para mostrar o seu poder, destrói todos os seus bens materiais, queimando-os, o que envergonha o convidado, seu rival, a menos que este passa realizar uma destruição de maior monta. Uma pessoa que não tenha esta capacidade de responder ao ultraje recebido, não tem outro recurso que o de se suicidar ou empreender uma expedição para caçar cabeças a fim de causar a alguém maior mágoa do que ele próprio sente.

-33-

Dentro dêsse esquema, a personalidade favorável é a da pessoa que vence a competição e consegue envergonhar o rival além da sua possibilidade de recuperação. O sucesso de um homem é interpretado como a derrota ou queda dos outros. Tal personalidade é descrita como paranóica, acompanhada de megalomania (mania de grandeza). As características dos homens bem sucedidos são: arrogância, vaidade, escárneo e desprezo. Todas as formas de sofrimento mental (dor, mágua, pesar) são sentidas como vergonha e derrota, que só podem ser reparadas por atos de violência contra si (suicídio) ou contra os outros (caça à cabeça).

Apesar da personalidade mais favorável dos Kiwakiuti ser a descrita, ela é encontrada apenas em um grupo pequeno de indivíduos, constituído pelos mais poderosos, de maior prestígio. A maior parte da população, formada por plebeus e escravos, está fora dêsse processo competitivo, o que faz com que se constituam em elementos estabilizadores da comunidade; de outro modo não poderia subsistir uma sociedade integrada só por paranoicos.

Samoaanos (Martindale & Monachesi). Descritos por Margaret Mead. Sua economia está baseada na agricultura, praticada pelas mulheres, e na pesca, a cargo dos homens. Geralmente há abundância de alimento.

Personalidade favorável nesta sociedade é a que apresenta os seguintes traços: decência, ser próspero dono de casa e chefe de família, cerimonioso nas suas maneiras e nas competições pela posição ou título. A obtenção do status que, em parte é hereditário, depende da capacidade do indivíduo em se ajustar aos outros num sistema de cooperação, e de ganhar boa reputação pelas suas habilidades. As qualidades de personalidade mais apreciadas são a habilidade da conduta sexual e da graça durante a dança.

Tchambuli (Martindale & Monachesi). Descritos por Margaret Mead em "Sex and Temperament in Three Primitive Societies". Os Tchambuli constituem uma pequena tribo de 500 pessoas que vivem em um lago na Nova Guiné. A economia está baseada na pesca e coleta de conchas, e não depende da agricultura.

A divisão do trabalho é feita de modo inverso ao que habitualmente encontramos nas sociedades não letradas: os homens estão preocupados com numerosas cerimônias e atividades artísticas e as mulheres fazem o trabalho manual, como o da pesca. Os homens usam adornos de penas e as mulheres não.

A sociedade é patrilineal e a família poligínica.

Embora a orientação da sociedade seja para cultivo do homem como artista e não para a guerra adotam a prática generalizada na Nova Guiné, da caça à cabeça; dêsse modo, o menino, para entrar completamente na sociedade, precisa matar uma vítima. Este problema é resolvido pela compra, dos bosquimanos, de infantes, crianças bastardos, órfãos e criminosos.

A principal preocupação da tribo é com as intermináveis cerimônias dos homens. O início da vida cerimoniosa dos homens se faz quando o menino tem 7 ou 8 anos de idade. Entre 8 e 12 anos ele é escarificado no dorso, ocasião em que entra em franca competição com outros homens. Os presunçosos jovens aprendem a arranjar seus delicados cabelos ondulados e a se ornamentarem. Adquirem um alto grau de auto-consciência e afetação. Entre os homens desenvolve-se forte sensibilidade e rivalidade, sendo que as mulheres pé que os escolhem.

A atitude das mulheres para com os homens é de uma tolerância indulgente. Enquanto os homens temperamentais estão sempre a brigar e reclamar, as mulheres apresentam um alto grau de solidariedade.

Os Tchambuli são interessantes porque os papéis dos homens e das mulheres apresentam-se curiosamente inversos em relação aos da nossa própria sociedade.

A personalidade favorável para os homens é a de um elegante presunçoso, adornado, fascinado pelas coisas mais delicadas da vida, temperamental, afetado, praticamente ineficiente e emocionalmente dependente.

A personalidade favorável para as mulheres é ser trabalhadora, não afetada e generosa.

Interessante é notar que nesta sociedade os homens exibem uma plêiade de sintomas neuróticos: neurastenia, histeria e violentas crises de fúria maníaca.

Mundugumor (Martindale & Monaches). Discutidos por Margaret Mead em "Sex and Temperament in three Primitive Societies". Vivem ao longo do rio Yuat, na Nova Guiné, em relativo isolamento geográfico. A comunidade toda atinge 1.000 indivíduos, mas o rio os separa em dois grupos que, embora com a mesma linguagem, pouco têm em comum.

O solo de Mundugumor é muito rico e o rio muito piscoso. Apesar da riqueza e dos atrativos da região, as pessoas são excessivamente temerosas, pois os Mundugumorenses são caçadores de cabeça; consideram todos os membros do "out-group" como inimigos que devem ser mortos e devorados, e suas cabeças convertidas em troféus.

Os homens de Mundugumor andam pelo seu território, a fim de comerciar ou de emboscar seus inimigos.

As pessoas vivem juntas, porém num estado constante de mútua suspeita. Não constituem, em conjunto, uma verdadeira comunidade.

A família é poligínica, variando o número de esposas de 2 a 8 ou 9; estas é que realizam a maior parte do trabalho, daí a conveniência de aumentar o número de esposas. Quanto maior o número destas, mais prospera será a plantação domiciliária. Os homens são comerciantes e caçadores de cabeça e, eventualmente, realizam festas orgiásticas.

A unidade da organização social é o "rope". O "rope" é composto de um homem, suas filhas, os filhos de suas filhas, as filhas dos filhos de suas filhas ou, se se começar com sua mulher, de uma mulher, seus filhos, as filhas de seus filhos e os filhos das filhas de seus filhos etc. A organização social é tal que coloca os homens contra as mulheres, e os filhos contra os pais. Um homem obtém uma esposa dando uma irmã. O pai, entretanto, pode preferir manter sua filha para ele, a fim de trocá-la por uma esposa extra e, deste modo, não estará interessado em ter filhos homens. De outro lado, desde que a filha possa ser usada somente para ser trocada por outra esposa, uma mulher não estará interessada em ter filhas. Quando uma mulher conta a seu marido que está grávida, ele se torna muito infeliz. Por estas razões, o infanticídio é muito comum entre os Mundugumorenses. Uma menina tem muito mais oportunidade de ser aceita que um menino.

A criança mundugumorense não é desejada e não é amada, ficando a maior parte de seu tempo aprisionada em um cesto. Da-se-lhe apenas muito alimento para torná-la quieta. O resultado é que a criança, desde o início da vida, desenvolve atitudes e comportamento fortemente agressivos. Somente as crianças mais fortes sobrevivem, as quais devem batalhar por si próprias logo que comecem a andar. Os meninos são psicologicamente fortes, independentes e violentos. Com 7 anos de idade, desafiam seus pais e abandonam o lar.

A menina, desde que é desejada pelo pai, tem o melhor chance de sobreviver que o menino. Os mundugumorenses esperam que suas mulheres tornem tão violentamente agressivas e ciumentas como os homens.

O prestígio e o poder só podem ser conseguidos pela espécie mais intensa de conflito dentro da família e com outros membros da sociedade. Se um homem deseja mostrar sua superioridade sobre um rival deve dar-lhe uma festa, durante a qual o insultará desapiadadamente. Outra maneira de ganhar reputação é organizar uma caçada de cabeças.

Evidentemente, a personalidade ideal de Mundugumor, caracterizada pela arrogância, traição e violência, é incompatível com a sobrevivência da própria sociedade; daí, nem todas as pessoas adotam rigorosamente este padrão.

Chiricahua Apache (Morris Edward Opler, em Donald Pierson, Estudos de Organização Social).

Constituem uma tribo de índios norte-americanos. Essa sociedade é definida pelo tema "os homens são física, mental e moralmente superiores às mulheres". Há muitas "evidências" - dêsse tema, entre as quais citaremos algumas.

As mulheres Chiricahua são acusadas de serem mais excitáveis e instáveis que os homens e mais suscetíveis de dizerem ou fazerem coisas que causem briga doméstica ou entre famílias. Atribui-se-lhes, também, menos força de vontade que os homens e diz-se que são mais facilmente "tentadas", tanto a respeito de feitiçaria como de conduta sexual irregular. Tal julgamento não é feito apenas pelos homens mas, também, pelas próprias mulheres. O homem precede sempre a mulher no andar, no comer, na vida cerimonial etc.

Apesar de ser evidente a superioridade masculina, pode-se dizer que ela é de pouca importância e que as mulheres são relativamente bem tratadas e bem protegidas; cabe a elas o encargo de muitas tarefas essenciais e apreciadas. A mulher chiricahua permanece toda a sua vida com os seus parentes mais próximos ou perto deles, sendo por eles protegidas antes do casamento ou, se se enviuvar ou separar do marido. Não há tendência para o infanticídio relativo ao sexo feminino. O rito da puberdade da menina é motivo de grande rigo sijo público.

Pueblo. (Ruth Benedict, em Donald Pierson, Estudos de Organização Social). No trabalho intitulado "Configurações de cultura", Benedict examinou a cultura dos índios Pueblo, do sudoeste dos Estados Unidos, aos quais deu o ethos de apolíneo, termo este que representa sobriedade, moderação e suspeita quanto ao excesso e à orgia.

Os índios Pueblo constituem uma civilização muito antiga e que marca um acentuado contraste com todas as culturas circunjacentes, caracterizadas pelo tipo dionisíaco, e que se expressam pelo cultivo dos excessos emocionais e psíquicos, e pela embriaguez, sonhos e transes; vivem, os Pueblo, em um verdadeiro isolamento cultural.

A cultura dos Pueblo é uma elaboração completa e institucionalizada do tema de sobriedade e de moderação quanto ao comportamento. Este tema dominante efetivamente evitou o desenvolvimento daquelas situações tipicamente dionisíacas que a maioria das tribos norte-americanas elabora com referência a todas as fases da vida, cultivando os excessos emocionais e a submissão completa aos impulsos, e fazendo do nascimento, da adolescência, da menstruação, da morte, do assassinato e de outras crises da vida, ocasiões ambivalentes carregadas de perigo e de poder.

O homem ideal nessa sociedade evita a autoridade no lar ou na função pública. O "homem bom" nunca se eleva acima do vizinho pelo exercício da autoridade.

Todo o interesse da cultura é dirigido no sentido de prover, para todas as situações, um conjunto de régras e práticas por meio das quais se vive sem recorrer à violência e a outros excessos.

Aloreses (Kroeber). Descritos por Cora Du Bois. Habitam a ilha de Alor, nas Índias Orientais Holandesas e sua personalidade modal é descrita como a de indivíduos medrosos, desconfiados, vingativos e impostores. De acôrdo com Du Bois, são prudentes, agressivos, irritáveis, mas basicamente frustrados e confusos.. São altamente esperançosos em relação às pessoas mas sempre se desapontam com elas, o que é um acontecimento inevitável pois estão sempre a explorá-las. Discutem com aspereza, gritam, empunham armas e se amaldiçoam, mesmo entre esposos e parentes. A seguir ficam mal humorados, mas logo depois passam a comer juntos e removem suas maldições com um sacrifício: eles não têm reserva para um ódio profundo. São muito sensíveis ao ridículo e à vergonha, sendo o rubor a principal sanção social.

Burmeses (Kroeber). Descritos por Geoffrey Gorer. As mulheres são bem humoradas, insensíveis, impessoais, afáveis, firmes eficientes e serviçais. Elas dirigem à casa, fazem a maioria dos negócios, controlam o dinheiro da família e geralmente dominam. Como moças são acanhadas, mas como esposas e mães tomam a iniciativa de importunar, amar e proteger.

Em contraste, os homens são inúteis, preguiçosos, tolerantes com os excessos, tagarelas e vestem-se com gosto; são geralmente passivos e efeminados mas, quando ativos, violentamente destruidores. Tornam-se raivosos incontrolados, cruéis e criminosos. São comuns os atos de incendiar, matar e saquear, e seus autores os confessam livremente pois não são passíveis de punição. Paradoxalmente, os homens insistem em que eles sobrepujam as mulheres numa qualidade: paciência.

Acabamos de apresentar um resumo da situação em que se encontra atualmente o estudo da relação, de ordem psicológica, entre o indivíduo e o sistema de vida da sua sociedade. Com os dados colhidos e com as hipóteses ou conclusões que puderam ser elaboradas, tornou-se possível uma colaboração mais efetiva da Antropologia com outros setores do conhecimento, mormente para a Psiquiatria e campos correlatos. Por essa razão, nas linhas que se seguem, procuraremos abordar alguns temas de interesse para os que se preocupam com um melhor conhecimento do homem, em particular, os psicólogos, psiquiatras e higienistas mentais.

Conceito de normal e anormal

De um modo geral, as sociedades classificam os indivíduos, quanto à personalidade, em "normais" e "anormais", "ajustado" e "desajustado", "integrado" ou "bem equilibrado" e "não integrado" ou "neurótico". Esses julgamentos estariam baseados em algum modelo absoluto de normalidade psicológica ou dependeriam de definição de cada sociedade? Em outras palavras, aplicar-se-ia para as personalidades um conceito equivalente ao do relativismo cultural?

Analisemos melhor este problema.

Em nossa sociedade define-se, geralmente, a personalidade normal como sendo aquela capaz de se conformar com as exigências de sua sociedade; anormal seria a incapaz de conseguir um ajustamento às exigências impostas pela vida social. Embora tais conceitos possam ser válidos em quaisquer sociedades, eles devem ser considerados dentro de cada uma, em termos das suas definições culturais. A se proceder de outro modo, uma pessoa nascida em São Paulo seria considerada definitivamente anormal se julgada pelos padrões da cultura esquimó. Um nobre e bem sucedido kiwakiutl seria encerrado em um manicômio na nossa sociedade. Um bem sucedido homem Tchambuli, famoso na sua sociedade, seria encarado com desprezo na nossa. Mesmo o bem "equilibrado" zuñi seria considerado um excêntrico na nossa cultura. Estes exemplos mostram que uma personalidade bem aceita ou bem ajustada em uma sociedade pode ser rejeitada, como anormal, em outra.

Se não possuímos um padrão absoluto de personalidade, com o qual possamos julgar as personalidades de todas as sociedades, poderemos, então, fazer idêntico julgamento com base nos padrões de cada cultura? Isto é o que geralmente fazemos ao estabelecer que certas pessoas se conformam com os padrões da cultura, enquanto outras são excêntricas, estranhas ou loucas. Ao fazermos este jogo, contudo, estamos apenas deslocando o problema, sem resolvê-lo. Que é personalidade normal em uma sociedade?

Uma melhor aproximação da solução seria referir as pessoas em "quanto" de anormal apresentam em relação ao padrão. Desta maneira estaríamos nos aproximando do relativismo absoluto que consiste em afirmar que qualquer pessoa é normal para ela mesma.

Poderíamos experimentar uma outra posição dizendo que personalidade normal é a que é feliz. Surgem aqui, entretanto, outras dificuldades. Como classificar os sádicos e os masoquistas, cujo prazer é torturar aos outros ou a si próprios, respectivamente? Além disso, os psicólogos destroem esse argumento dizendo que a felicidade não é um objetivo da ação humana, mas um seu produto, isto é, um sentimento acompanhante dos resultados bem sucedidos. Poderíamos, contudo, contornar esta dificuldade, desde que pensássemos em personalidade sadia como sendo

aquela cujas necessidades fossem satisfeitas. Esta seria a resposta à questão, desde que pudéssemos induzir personalidade a um simples sistema de necessidades.

As considerações apresentadas nos levam à duas conclusões: (1) "normalidade" e "anormalidade" são conceitos relativos e, portanto, devem ser definidos em termos de cada cultura; (2) não há separação nítida entre o "normal" e o "anormal", exceto quando definidos arbitrariamente.

Para exemplificar mais vivamente a relatividade dos tratamentos dispensados pelas diversas sociedades ao problema em foco, reproduzimos de Linton as seguintes palavras:

"Algumas sociedades cuidam mesmo, desta maneira, de pessoas que consideraríamos patológicas. Assim, alguns grupos não apenas toleram indivíduos que sofrem de epilepsia, de alucinações ou de ataques histéricos, mas estimulam tais anormalidades e dão aos que as manifestam uma posição de honra. Na literatura árabe pré-islâmica, os maiores heróis eram quase sempre representados como epilépticos, e usualmente tinham um ataque antes de entrar em ação. Esta situação era tão respeitada que mais tarde foi atribuída ao próprio profeta. Num grande número de sociedades, alucinações e ataques histéricos são considerados como indícios de contato íntimo do indivíduo com o sobrenatural". "Muitos dos indivíduos atualmente internados em nossos manicômios estariam não só livres, mas ocupando as mais elevadas posições se tivessem nascido em algumas outras sociedades".

Causas sociais e culturais das psicopatias

Admite-se que as doenças mentais sejam condicionadas tanto pela herança como pelo meio, incluindo-se entre estes, principalmente, os fatores sociais e culturais. Não pretendemos apresentar ou discutir os fatores hereditários ou orgânicos das psicopatias, mas tão só nos limitaremos a considerar o outro grupo de causas.

Dentre os fatores culturais, destaca-se pela importância, o papel da educação na primeira infância. Já dissemos que a base da personalidade é formada nos primeiros anos de vida da criança e dela vai depender, em grande parte, a saúde mental do adulto. Como, em quase todas as culturas, os primeiros cuidados da criança estão afetos aos seus pais, cabe a estes a maior responsabilidade educativa; dos dois pais, destaca-se, ainda, a mãe, pelos seus contatos mais reiterados com os filhos. O amor dos pais é a maior segurança para o desenvolvimento de uma personalidade bem dotada. Pelo contrário, a falta de carinho ou a hostilidade dos pais ou, ainda, o excesso de carinhos podem contribuir para que se forme uma personalidade frágil, incapaz de resistir aos impactos agressivos do meio.

Os transtornos mentais são pouco freqüentes durante a infância, começando a aparecer geralmente na adolescência ou mais tarde. Por que isto acontece ?

Para responder, suponhamos um exemplo, segundo o qual não foram proporcionados cuidados educativos satisfatórios para uma criança, de tal modo que ela se tornou insociável, isto é, com dificuldades para estabelecer boas relações com outros indivíduos. Mas, enquanto criança, o indivíduo é dependente dos seus pais e os traços de personalidade que caracterizam sua insociabilidade são aceitos sem grande reprovação. Contudo, à medida que cresce, sua insociabilidade torna-se cada vez mais aparente e se converte em desvantagem progressivamente maior. Começam a aparecer indícios de que o indivíduo está mal equipado ou mal preparado para a vida em comum. Quando adulto, novos encargos o aguardam, todos exigindo responsabilidade, independência e decisão. Neste momento, deve começar a obter sua auto-suficiência econômica e uma esposa. Fica, então, exposto a novos agravos psíquicos, que podem ser proporcionados pela luta econômica, agudizada eventualmente quando falta dinheiro ou trabalho, pelos conflitos dos seus desejos e aspirações com o código de moral, pelos transtornos sentimentais ocasionados por amores fracassados, pela perda de parentes ou amigos, etc. Pode o indivíduo, dotado de personalidade frágil, não resistir a tais agravos emocionais e sobreviver a doença mental. Durante as guerras, o mesmo na infância destas, é que se põe à prova mais incisivamente, se as personalidades estão ou não bem dotadas.

"O encontro de desejos irreconciliáveis produz o que se conhece com o nome de conflitos mentais. Como os desejos humanos estão, em sua maior parte, determinados socialmente, os conflitos mentais podem ser produto da experiência social. Na realidade, os conflitos mentais não fazem, freqüentemente, senão refletir conflitos já existentes na cultura. No caso da guerra, os fatores culturais são muito claros. Diferentemente do que ocorria em Esparta, nossa civilização econômica educa o homem principalmente para as artes da paz, não para as de guerra. Contudo, lutamos periodicamente e temos a idéia de que um homem é covarde se foge do inimigo que pode feri-lo ou matá-lo. Estamos acostumados a toda a sorte de comodidades materiais que em uma guerra são substituídas pelos mais duros sacrifícios. Em nossa democracia aprendemos a apreciar, acima de tudo, os costumes de independência e liberdade, os quais, nas forças armadas, devem ser relegados em favor dos seus códigos de severa disciplina e autoridade". Tais são as palavras de Ogburn e Nimkoff.

Parece-nos que a ninguém terá passado despercebido que nos desequilíbrios individuais existem, como determinantes, pressões sociais ou culturais. Tanto isto é verdade que os mesmos autores acima citados afirmam: "Sem conhecer a cultura não poderemos compreender porque é maior em umas sociedades que em outras, o número de indivíduos que padece transtornos mentais, ou em algumas comunidades ou classes mais que nas restantes dentro da mesma sociedade". Resultaria bastante elucidativo, então, um estudo comparativo de diversas culturas, do qual nos limitamos a apenas alguns exemplos.

Os Bantú africanos dão grande valor à oratória, de modo que homens e mulheres são fluentes discursadores, fazendo-os mesmo em praça pública. O distúrbio mental prevalente entre os jovens Bantú é a ansiedade decorrente de uma possível incapacidade de se tornar um bom orador.

Faris constatou que os sintomas da esquizofrenia eram desconhecidos dos Bantú, o que o levou a supor ser essa doença muito rara ou mesmo ausente entre esse povo. Faris acredita que isso deva acontecer porque nessa sociedade não há a luta que estamos acostumados a ver entre nós, para os indivíduos conseguirem uma situação social; cada pessoa tem o seu lugar na sociedade e nela se sente seguro.

As vezes, a anormalidade chega a ser um traço característico da cultura como (1) a chamada "histéria ártica" ou pi-blotko, de tribos siberianas, (2) a neurose ou psicose conhecida como windigow, caracterizada por ansiedade obsessiva em relação à fome e ao canibalismo e encontrada entre tribos indígenas do interior do Canadá ou (3) o smok, dos malaio, em que o impacto da cultura sobre certas personalidades desencadeia episódios maníacos.

Certas culturas podem criar não apenas os conflitos que são refletidos no comportamento neuróticos, mas também definem papéis socialmente aceitáveis para os portadores de neurose ou outras doenças mentais. Em outras palavras, a sociedade cria uma personalidade-status para a qual o indivíduo pode fugir se não consegue suportar a carga de ser uma pessoa "normal" segundo a definição da própria sociedade. Assim, entre quase todas as tribos de índios das Planícies norte-americanas, inclusive os Comanche, há pouca escolha para os homens, pois espera-se que todos os meninos se tornem guerreiros. Há assim um só status para os homens, ao qual corresponde determinada personalidade-status. Entretanto, alguns homens não reúnem características de personalidade para assumir o status de guerreiro; não podendo ser homens e nem mulheres, a cultura providenciou para esses casos um status intermediário, o de berdache. Nada mais elucidativo a este respeito que as palavras de Linton:

"Usavam roupas femininas (os berdache) e executavam atividades femininas. Ao mesmo tempo, ocupavam status distinto, não exatamente equivalente ao das mulheres. Continuavam a caçar e tinham ainda, associado à sua pessoa, um pouco do padrão geral de superioridade masculina. Assim, a expectativa era que se saíssem um pouco melhor que as mulheres, mesmo nas tarefas femininas. O mais elevado elogio que se podia fazer a uma mulher era dizer-lhe que seus trabalhos em conta ou seu "tipi" eram tão bonitos e bem tratados quanto os de um berdache.

Alguns berdache eram homossexuais mas parece que não a maioria. Em qualquer dos casos a atitude da sociedade para com eles era inteiramente neutra. Mesmo quando se casavam com outros homens, havia apenas moderada reprovação, que caía sobre o "marido" e não sobre o berdache, pois acusava-se o "marido" de procurar obter um companheiro que não só tomasse conta de sua casa mas também caçasse em seu lugar. Levando em consideração todas as circunstâncias, a posição social do berdache era certamente melhor que a do guerreiro constantemente mal sucedido. Nunca se escarnecia do berdache, o qual poderia mesmo, pela excelência de sua habilidade manual, alcançar certa dose de respeito e de prestígio".

Linhas atrás fizemos referência à personalidade-status. Procuramos agora retornar ao assunto, para focalizar a gênese das psicopatias quando vista em termos de adaptação individual a personalidade-status. Voltemos a Linton:

"Parece provável existir, em alguma sociedade, algum status completamente adequado a qualquer tipo psicológico. Mas muito raramente a personalidade-status e a personalidade real coincidem exatamente para o mesmo indivíduo. Apesar da delimitação dos tipos feita pelos psicólogos, as personalidades individuais variam ao infinito; e os tipos teóricos representam, no máximo, freqüências maiores em certos pontos da amplitude total de variação. Em todas as sociedades o indivíduo médio é capaz de alcançar ajustamento eficiente entre sua personalidade real e sua personalidade-status. O desajustamento, afinal, é uma questão de grau. Nunca se encontrou alguém absolutamente incapaz de qualquer ajustamento. A sociedade elimina antes que chegue a esse ponto. O indivíduo perfeitamente ajustado só aparece na proporção de um para milhões. Entre os inúmeros penitentes e extáticos da Europa medieval, havia apenas um Francisco de Assis; e entre os milhares de cavaleiros, apenas um Bayard. A pessoa em quem, por uma feliz combinação de circunstâncias, a personalidade-status e a personalidade real se adaptam como a mão e a luva, é tão excepcional que quando por acaso aparece se torna santo ou herói de sua sociedade, personificando seu ideal e provando aos outros homens que este ideal é atingível.

Na realidade, tôdas as sociedades consistem, em grande parte, de indivíduos levemente desajustados. Pode ser que os desajustamentos sejam um tanto mais numerosos e mais variados na sociedade norte-americana que em muitas outras, talvez devido às mudanças rápidas que esta cultura está sofrendo. O indivíduo bastante adequado, pelo adestramento recebido, a ocupar determinado status em 1.900, talvez se ache inadequado para o status equivalente de 1.942. É preciso lembrar que o desajustamento não é simplesmente falta de correspondência entre o tipo psicológico do indivíduo e a personalidade-status que a sociedade lhe indica, mas que resulta quando a personalidade real e a personalidade-status deixam de coincidir em relação a qualquer traço existente na personalidade-status. Mas os desajustamentos e o que chamamos de "personalidades atípicas", em relação a uma determinada sociedade, encontram-se também em grupos de cultura quase estática. Ao Autor, parece que este fato tem grande importância para o problema todo dos fatores responsáveis pela formação da personalidade".

Não pretendemos abordar o estudo das diversas psicopatias, mesmo porque não cabe tal matéria num curso de Antropologia; contudo, cremos ser necessário fazer menção a duas entidades cujos nomes são do domínio público, embora quase sempre, erroneamente interpretadas. Referimo-nos às psicoses e às neuroses.

Nas psicoses há um desarranjo ou desorganização da personalidade, de caráter permanente, temporário ou periódico. Nas neuroses há apenas distorsão da personalidade. Os neuróticos estão de acordo com as outras pessoas quanto ao significado do mundo exterior, o que não ocorre com os psicóticos, vulgarmente chamados loucos.

A cultura interfere na determinação ou no agravamento de vários tipos de psicoses mas é, evidentemente, nas psicoses funcionais, como a esquizofrenia e os estados maníaco-depressivos, que ela assume maior importância. A esquizofrenia é caracterizada por uma tendência do indivíduo se retirar da "realidade", "realidade" esta que é definida pela cultura. O esquizofrênico desenvolve um sistema "interno" de realidade e vive dentro dêle. Tem-se constatado que nas culturas onde não há tipos sociais para a segurança de certos indivíduos, há maior prevalência da esquizofrenia. Esta doença é a mais comum dentre as psicoses, em nossas sociedades, enquanto que aparece muito pouco entre os não letrados.

As psicoses funcionais de todos os tipos, assim como outras doenças mentais, mostram coeficientes mais altos em áreas desorganizadas das modernas cidades que nas áreas de boas residências, suburbios ou zona rural. A diferença na prevalência entre as zonas urbana e rural parece refletir uma maior insegurança na vida das cidades.

2,29 cm

As neuroses são menos graves que as psicoses, tanto que apresentam maiores possibilidades de cura. Neste grupo de doenças, como nas psicoses funcionais, além dos fatores constitucionais e outros acidentais, a cultura pode ter uma influência apreciável.

Quase todos admitem hoje, que o conflito emocional esteja sempre presente em tôdas as manifestações neuróticas. Sabe-se também que, geralmente, os conflitos entre os padrões culturais da sociedade onde o indivíduo vive podem produzir neurose. Se a cultura apresenta uma série de padrões que são inconsistentes entre si e se a sociedade espera que os indivíduos os observem, serão criadas certas tensões emocionais que alguns não poderão resolvê-las. Não podendo, a cultura, em muitos casos, atenuar a influência sôbre os indivíduos da contradição de padrões, resulta que alguns passam a manifestar sintomas neuróticas tais como hipocondria, histéria, atividades compulsivas, depressão, ansiedade e tiques.

Aplicações para a nossa situação

Embora, mas nossas considerações anteriores, sempre tivéssemos feito alusão a condições de vida próprias da sociedade onde vivemos, queremos, daqui para a frente, insistir particularmente sob êsses aspectos que mais de perto consultam aos nossos interesses. Os problemas que levantaremos e para os quais procuraremos apresentar resposta girarão em torno das seguintes questões principalmente: Aplica-se às nossas sociedades conhecimentos já obtidos nas sociedades de não letrados? Em comparação com os povos não letrados, oferecem as nossas culturas melhores ou piores condições para formação de personalidades bem ajustadas? Quais as características de nossas culturas que favorecem o aparecimento das doenças mentais? Que se pode fazer para reduzir o número de doentes mentais, cuja responsabilidade na determinação cabe à cultura?

É indubitável que o estudo dos povos não letrados traz muitos esclarecimentos para compreensão do problema nas sociedades urbanizadas, como as nossas. No entanto, devemos ter cuidado em não simplificar em demasia o assunto, transportando as conclusões aí obtidas para as sociedades onde vivemos.

Nos povos não letrados, a cultura é relativamente homogênea e o processo de formação da personalidade pode ser conhecido com mais precisão, porque as diferentes variáveis que atuam são menos numerosas, podem ser melhor individualizadas e seus efeitos avaliados com mais precisão. Assim, as subdivisões sociais aí presentes não poucas, as especialidades de cultura não raras, as classes, sub-classes, castas e categorias, cada uma com sua subcultura, não existem. Nessas condições fica relativamente fácil correlacionar a educação da criança com os traços de personalidade do adulto, bem como conhecer as pressões sociais ou culturais que favorecem o aparecimento dos desvios de personalidade.

Embora o conhecimento do processo da formação da personalidade de entre os não letrados permita que se elabore conceitos que, por sua vez, são válidos para quaisquer sociedades, os detalhes da formação da personalidade e o número excessivo e nem sempre bem conhecido de fatores ou causas contributórias que atuam nas sociedades urbanizadas, fazem com que a configuração do problema se modifique radicalmente.

A êste respeito, assim se expressam Gillin & Gillin: "Em contraste à simplicidade e estabilidade comparativas das comunidades rurais e primitivas, a sociedade que conhecemos como "Norte-América" é grandemente diversificada e sob uma constante força de mudança. Os modos possíveis de participação na vida social são tão numerosos, as oportunidades para os indivíduos são tantas, que as alternativas de cultura para alcançar objetivos similares são tão variados, que os status e papéis que os indivíduos podem assumir na vida adulta são tão multiformes, que está muito longe de ser fácil decidir o tipo de treinamento e condicionamento infantil que podem ser adaptadas ao indivíduo para a interação bem sucedida em uma arena tão diversificada".

Goariam os povos não letrados de uma boa saúde mental ou, pelo menos, melhor que a das sociedades urbanizadas? É difícil e mesmo arriscado responder a essa questão. De um lado, as culturas mais homogêneas são geralmente mais integradas que as culturas mais complexas, o que seria benéfico no sentido de diminuir os conflitos de personalidade. Entretanto, as culturas dos não letrados costumam pressionar mais intensamente o homem para se conformar com o pequeno número de personalidades-status aí existentes, o que pode contrariar suas tendências biológicas; já, nas sociedades urbanizadas, em que a cultura oferece muitas alternativas, o indivíduo teria maior possibilidade de ajustar a sua personalidade real às diversas personalidades-status.

Na realidade, esta questão é muito complexa e o melhor seria aguardarmos uma investigação mais profunda para tirarmos qualquer conclusão. Assim, para as sociedades urbanas, parece que quanto maior sua complexidade mais intensa é a tensão que ela causa, mas também, melhor é a solução apresentada a muitos problemas. Na falta de um conhecimento mais completo do assunto, cada estudioso do problema toma, mais ou menos arbitrariamente, a posição de seu agrado, daí a divergência de opiniões que deparamos aos confrontarmos diferentes autores.

Karen Horney, autor de "the Neurotic Personality of Our Time" e freqüentemente citado nas obras de Sociologia e Antropologia, estudou os conflitos culturais das sociedades modernas.

Horney mostrou que nas nossas sociedades, independentemente de outras causas, há um fator comum na produção de neuroses. Diz êle que os neuróticos se acham divididos em duas classes representadas pelas seguintes alternativas: agressividade e timidez, os que pedem muitas coisas e os que temem o fracasso, os que lutam por uma posição social e os que têm sentimento de inferioridade. Do mesmo modo, a nossa cultura se apresenta contraditória internamente:

- (1) De um lado ensina o valor do amor fraternal, da amizade e do desprendimento; o caminho da felicidade é amar o próximo e não a si mesmo. De outra parte, a nossa cultura obriga a uma competição individual muito intensa. Na Universidade, nos negócios, nos esportes, em tôdas as partes, nos encontramos empenhados em uma luta para conseguir superioridade sôbre os outros. No entanto, o êxito de um homem significa o fracasso de outros. Duas das resultantes de tal competição são a hostilidade crescente entre os indivíduos e o temor ao fracasso, o qual pode se tornar muito intenso devido a uma nossa ideologia equivocada: se um indivíduo fracassa, está êle predisposto a dizer que foi por sua própria culpa e a interpretar como sendo sinal de inaptidão de sua parte. Em geral, não se leva em conta, para explicar o fracasso, o papel que desempenha a sorte, a exploração e as circunstâncias.
- (2) Uma segunda falha de nossa cultura é a intensa estimulação de desejos e a limitação imposta à sua satisfação. Por exemplo, a nossa cultura emprega numerosos métodos, como os anúncios e as vendas à crédito, para excitar os desejos humanos a adquirir um maior número de bens e satisfações, isto é, um padrão de vida mais alto. No entanto, é mais fácil criar desejos que proporcionar os meios de satisfazê-los. Assim, as nossas sociedades, ao aumentarem o abismo entre o que as pessoas desejam e o que possuem no momento ou podem esperar razoavelmente ter, contribuem para aumentar o descontentamento e o nervosismo.

Todos nós estamos expostos às contradições internas de nossa cultura, diz Horney, mas aquêles que, por uma razão ou outra, sentem mais agudamente êsses conflitos da cultura, têm maiores possibilidades de se tornarem neuróticos; êstes seriam, segundo o mesmo autor, os "enteados de nossa cultura".

Os estudos ecológicos de comunidades urbanas quanto à saúde mental ou à distribuição das doenças da mente, têm demonstrado que o número de doentes diminuiu do centro da cidade para a periferia. As zonas caracterizadas por elevada percentagem de transtornos mentais são também as que mostram sintomas mais evidentes de desorganização social; representados, entre outros, por maior proporção de pobreza, mortalidade infantil e doenças.

Tem-se descrito que, para a sociedade norte-americana, da qual a nossa muito se aproxima, o desejo mais difundido dos cidadãos, independentemente da sua classe, casta ou categoria, se relaciona com problemas de segurança pessoal. Dada a importância deste assunto, estudêmo-lo mais pormenorizadamente, recorrendo para tanto a Gillin & Gillin, dos quais apresentaremos uma reprodução.

Segurança pessoal. A não satisfação da segurança pessoal gera, frequentemente, a ansiedade, a qual, agravada, produz as neuroses.

"Na América do Norte, a segurança é comumente definida em termos de amigos, dinheiro ou de ambos. É naturalmente, inevitável que os seres humanos estejam interessados nos problemas de segurança, embora não seja inevitável que eles possam desenvolver ansiedade. Faz parte da natureza humana que o indivíduo comece sua existência desamparado e, portanto, decididamente numa posição insegura do ponto de vista da sobrevivência. Ele depende dos outros e dos recursos oferecidos pelo seu meio sócio-cultural, para manutenção e proteção. Mas, à medida que se torna uma pessoa deve desenvolver um sistema de segurança interna como parte de sua personalidade, um sistema de soluções para os problemas da vida que é construída das possibilidades apresentadas pela sua cultura.

Sabemos que um sistema que proporciona somente satisfações caprichosas e inadequadas às necessidades básicas da criança durante os primeiros dois anos de vida, pode produzir uma insegurança e ansiedade fundamentais, que nunca serão completamente contrabalançadas mais tarde. É essencial que proporcionemos uma firme segurança básica para o infante, que suas necessidades corpóreas sejam satisfeitas consistentemente, que suas necessidades sociais em desenvolvimento recebam resposta sistemática e que tal disciplina social, como é requerida, seja administrada com regularidade.

Mas, além do fundamento básico da segurança na infância, nós estamos mais interessados no desenvolvimento da integração, na pessoa, das técnicas e atitudes de solver os problemas, à medida que ela se torna mais velha e entra no estágio de vida adulta. Aqui, a estrutura da experiência e treinamento infantis tornam-se importantes. Como ela pode ser planejada de modo a produzir um adulto seguro e integrado ?

Há dois polos mais ou menos opostos, ao redor dos quais um sistema de segurança individual pode ser organizado. De um lado, está o tipo de organização de personalidade dependente, que é orientado para as fontes de ajuda de fora. De outro lado, está o tipo de personalidade independente, que utiliza os recursos externos mas que é organizado sobre um firme núcleo de potencialidades internas, calculado para fornecer a base para solução satisfatória de quaisquer problemas com que o indivíduo possa deparar.

Entre os povos primitivos e os núcleos mais simples de nossa sociedade, o princípio do parentesco frequentemente fornece a base externa para a organização segura, do ponto de vista do indivíduo. Há tribos australianas, por exemplo, nas quais seus membros acham impossível entrar em qualquer espécie de interação com um indivíduo cujo posto no seu sistema de parentesco não possam identificar. Os etnólogos que trabalharam nestas sociedades tiveram de ser "adotados" por alguém daí, a fim de estabelecerem contato social com seus informantes. Em tal sistema, o indivíduo tem somente que estabelecer seu parentesco com o indivíduo presente em qualquer situação e, então, acompanhar os padrões de conduta prescritos para tais relações, para se sentir seguro. Ele tem uma justa expectativa cultural de que, mesmo sem nunca ter visto determinado indivíduo, este responderá de acordo com padrões esperados, assim aliviando-o de qualquer ansiedade que, de outro modo, poderia surgir. Assim, se a maioria das ações esperadas envolvem indivíduos que podem ser identificados como parentes, os quais reagem de modos previstos, o indivíduo não sente nenhum medo em relação à sua segurança pessoal.

Outro método "externo" de proteger a segurança pessoal é colocar a segurança de cada um nos artefatos materiais (riqueza), dos quais pode-se esperar um amparo para as situações de perigo e incerteza. À este método de defesa da organização da segurança pessoal se tem dado mais ênfase em nossa própria cultura. Se uma pessoa não tem amigos ou parentes, pode contar, para segurança, com suas posses, como terras, armas de fogo, casas, automóveis, jóias e outras, e com os símbolos materiais de tais artefatos, como dinheiro e crédito no banco.

Finalmente, para mencionar apenas mais uma fonte externa proporcionada pela cultura, o indivíduo pode encontrar segurança no sobrenatural. Contra a desgraça ele pode contar com a boa vontade dos deuses ou do poder mágico dos rituais.

Em certa proporção, tôdas as culturas treinam seus adeptos a recorrer a tôdas estas fontes externas de segurança. Algumas culturas dão ênfase a um tipo de apôio externo à personalidade, outras a outros. De tais apôios externos, a família e suas extensões através do parentesco é, provavelmente a mais satisfatória. Em uma sociedade onde êsse tipo de apôio existe em completo funcionamento, o indivíduo pode recorrer a êle nos casos de êrros, conflitos ou colapsos financeiros. Todos os grupos primários, em alguma extensão, participam desta função de proporcionar segurança. A religião e a propriedade são também fortes sustentáculos mas, em uma sociedade onde o grupo de família e de parentesco está fortemente organizado e funcionando efetivamente, o treinamento do indivíduo pode ser concentrado sôbre os padrões usuais que mantém e consolidam suas relações com tal grupo.

Na nossa própria sociedade, contudo, tanto a família como o sistema religioso estão mudando rapidamente ou, então, isso aconteceu muito antes do aparecimento da presente geração de jovens. O que restou na nossa cultura instável, para garantir a integridade e a segurança do indivíduo, se êle deve depender do exterior? Se os nossos próprios parentes não mostram interêsse por nós e se a nossa dependência de Deus tem sido repelida pela indiferença e ceticismo, o que nos restou?

Sabe-se muito bem que tem havido um aumento na tendência entre os norte-americanos, talvez por causa destas razões, de se agarrarem a coisas como dinheiro, propriedade e materialismo em tôdas as suas formas. A cultura americana, e seus praticantes, têm sido censurada pelos de fora, devido ao seu "grosseiro materialismo", mas dificilmente poderemos responsabilizar os pais e outros agentes da sociedade, pelo treinamento das crianças nos valores materiais, quando êles parecem nada ter para oferecer. Entretanto, a grande depressão e a iminência de colapso que o nosso sistema econômico experimentou durante os 1.930, tornou evidente a muitos membros de nossa sociedade, que o sistema de segurança pessoal dos indivíduos estava longe de ser digno de confiança. Admitindo-se as inconsistências do sistema econômico capitalista como existiram (e existem), nenhum tipo de treinamento para infantes e crianças foram (ou são) adequados para prover segurança em seus próprios termos".

Melhoria da personalidade

Levando-se em conta a grande percentagem de doentes mentais, de maus ajustamentos e de outros problemas correlatos, poder-se-ia perguntar sôbre a possibilidade de ser melhorada essa solução. Esta pode ser considerada tanto no terreno curativo como preventivo e no plano individual ou coletivo.

Plano individualista. A forma geralmente escolhida para resolver o problema em nossa sociedade, é encaminhar o doente mental ou qualquer pessoa com alguma dificuldade psíquica, ao psiquiatra. Um outro tipo de solução, que pode ser bem sucedida, consiste em colocar o indivíduo em uma situação socialmente aceitável e que evite o aparecimento de conflito. Por exemplo, Dollard, citado em Ogburn e Nimkoff, refere o "caso de um homem aterrado pela competência, que não conseguia adaptar-se à nossa sociedade marcadamente competitiva e que, contudo, encontrou a felicidade retirando-se a um mosteiro".

Plano coletivo. Face ao elevado número de doentes mentais existentes em nossas sociedades e prevendo-se que o tratamento dos pacientes individualmente não seja a solução mais eficiente, tem-se sugerido que talvez fôsse mais produtivo atuar sobre as causas sociais responsáveis pelos transtornos mentais. Como vimos, a nossa cultura se caracteriza pela mudança e pela existência de um sistema de segurança pessoal apoiada em padrões, aparentemente instáveis de parentesco, religião ou propriedade.

Poderíamos separar as medidas para melhorar a situação referente aos problemas psíquicos, em dois grupos:

- métodos de educação infantil.
- condições culturais em que se desenrola a vida dos adultos

Métodos de educação infantil. Parece que as crianças de hoje deveriam ser treinadas de tal modo que quando fossem adultos, pudessem estar equipadas com uma integração interna capaz de lhes assegurar adaptabilidade às condições flutuantes e ao sistema de segurança interior. O tipo de pessoa que se imagina ser adequado para o mundo atual é o que goza de flexibilidade, capaz de encontrar o caminho certo ante a pressão e a confusão das condições externas. Não se tem chegado a um acordo sobre como possa ser produzido este tipo de personalidade, mas parece razoável admitir-se que se deva dar especial atenção aos primeiros anos da vida. A fim de que se forme base para uma personalidade integrada é essencial que a criança receba "bons" cuidados, de tal modo a não criar-lhe conflitos não resolvidos.

Observamos, em nossa sociedade, uma tendência para modificar os cuidados e a alimentação da criança, passando de um sistema mais liberal, em que a criança era amamentada quando tivesse fome e no qual a amamentação era natural, para um outro que impõe rigor no horário da alimentação e em que a mãe procura se livrar o mais cedo possível desse dever. Estas e outras práticas atualmente observadas têm se mostrado más para as crianças porque muitos impulsos passam a ser frustrados, resultando daí a insegurança, tensões e mesmo tendências obsessivas.

A medida que a criança cresce, seu treinamento deve ser dirigido no sentido dela aprender a resolver seus próprios problemas, ao invés de esperar que os outros indivíduos lhes proporcionem satisfação para seus desejos ou necessidades; ao mesmo tempo, deve aprender a fazer isto de uma maneira socializada, não as expensas dos outros, não como um "lôbo solitário", mas como um indivíduo que pode viver com os outros, cooperar com os outros e adaptar-se às condições mutantes sem desintegração.

Condições culturais em que se desenrola a vida dos adultos

Neste particular, poderiam ser aplicadas medidas de alcance individual e de alcance coletivo (1) Entre as primeiras se situam as referentes ao treinamento dos indivíduos nos princípios de Antropologia e Sociologia ou, mais explicitamente, consistem em "treinar os indivíduos da próxima geração a confiar nos seus recursos internos para resolver os problemas mas, ao mesmo tempo, desenvolver personalidades capazes de cooperação social e suficientemente flexíveis para apreciar os valores, ou então criá-los, de novos padrões culturais de um valor funcional mais permanente que os que agora possuímos" Estas palavras são de Gillin & Gillin, os quais continuam: "Na ausência de métodos cientificamente determinados, poderíamos, numa tentativa, sugerir que os indivíduos do nosso tempo e da nossa sociedade deveriam estar informados, na extensão mais ampla possível, do conteúdo da nossa cultura, pois este é o material com que eles devem trabalhar seus problemas e é também o material do qual poderá ser constituída uma nova estabilidade social. Eles devem estar cientes dos princípios da cultura em geral, se desjarem evitar, para si e para seus descendentes, um período de desastre pessoal e mau ajustamento social".

(2) Continuando com Gillin & Gillin: "O indivíduo deve saber que os padrões culturais podem ser planejados, que são possíveis de manipulação e que novos padrões e novas configurações podem e deverão ser ensinadas para as gerações vindouras, seja pelo planejamento consciente ou pela tentativa e erro. Dêste modo, podemos apressar o dia em que a cultura proporcionará maior segurança para o indivíduo. Tomando as sociedades humanas como um todo, esta é uma das funções universais dos sistemas culturais. Mesmo o homem comum deve estar informado das funções que os grupos, nos quais ele tem uma parte a desempenhar, podem realizar, a fim de proporcionar paz à mente, e integridade pessoal para si e para seus companheiros. Ele deve compreender que as formas tradicionais do grupo e da vida cultural não são necessariamente sagradas, mas que as novas formas que emergem da mudança devem se conformar com princípios básicos. Em geral, o tipo de vida social que fornece a melhor integração e segurança para os indivíduos é a que, consistentemente, permite-lhes uma grande amplitude de expressão para suas emoções e habilidades, e que, consistentemente, recompensa-os pelo que fazem ou esperam fazer.

Tal tipo de personalidade é, evidentemente, um ideal pragmático. Alguns indivíduos são capazes de se aproximar d'êles mais perto que outros. Mas, aquêles que o conseguirem deverão ter a responsabilidade de cuidar, de planejar e proteger os que forem incapazes de conseguí-lo".

Esta posição está de acôrdo com o pensamento de Horney, o qual admite que a cultura pode não se ajustar às necessidades do homem. Nestas condições, em tôdas as culturas aparecem indivíduos anormais ou desajustados, que deverão ser encarados como vítimas das solicitações culturais e, para êles deveremos dirigir nossas simpatias, procurando ampará-los. Ainda mais, com a finalidade de prevenir a ocorrência, digamos, de agravos culturais sôbre as personalidades individuais, deveríamos pensar em termos de reforma ou planejamento social. Se, como indica Horney, a ansiedade surge nos indivíduos em consequência da ordem econômica, poder-se-ia melhorar a saúde mental estabelecendo salários mínimos, subsídios para os desempregados, pensões para velhice etc. Aumentando a segurança econômica, diminui a insegurança emocional e melhora a saúde mental. Tem-se acusado as fábricas modernas de não darem ao trabalhador a sensação de participar no processo criador, porque, ao contrário disto, têm elas fragmentado e rotinizado o trabalho; o problema seria: como reorganizar o processo industrial, de modo a torná-lo mais satisfatório para o trabalhador? Estes são alguns dos exemplos de como se pode contribuir para corrigir muitos dos desajustamentos existentes em nossa sociedade. A higiene mental será, assim, uma disciplina tanto psicológica como cultural. Aos que tiverem interesse por êstes problemas recomendamos a leitura de Ogburn & Nimkoff, capítulo sôbre "Adaptación de Hombre y Cultura".

Medicina de folk e aplicações da Antropologia à saúde pública

Neste capítulo trataremos inicialmente da medicina de folk e, posteriormente, da Antropologia aplicada à saúde pública.

Medicina de folk

I. Alguns conceitos - Medicina de folk é sinônimo de medicina popular e medicina tradicional.

Quando se fala em medicina, simplesmente, entende-se aquela que é exercida por pessoas com habilitação profissional e legal, que seguiram curso regular e completo numa Faculdade médica. Essa medicina, dado que se fundamenta na relação lógica de causa e efeito, é também referida como científica ou acadêmica.

Contudo, a par da medicina científica existe, em qualquer parte do mundo, inclusive nos grandes centros urbanos, um outro tipo de medicina, a medicina de folk.

Podemos conceituar a medicina de folk como o conjunto de crenças, atitudes e práticas médicas populares relacionadas com a saúde e com a natureza, tratamento e prevenção das doenças.

É muito difícil encontrar pessoa que não tenha pelo menos uma vez na vida, manifestado alguma crença da medicina popular, ou mesmo não tenha utilizado ou recomendado uma de suas práticas, o que justifica o velho adágio "De médico e louco, todo o mundo tem um pouco".

Mas, do mesmo modo que para a medicina científica, há verdadeiros profissionais da medicina popular, cujos os nomes e especializações variam de local para local.

Em certas comunidades, mormente nas não letradas, mas também em muitas zonas rurais da nossa sociedade, a medicina de folk pode ser a única existente. À medida que passamos desses meios para as cidades, constatamos a existência, cada vez mais intensamente, dos profissionais da medicina científica. Não se pense, todavia, que nos centros urbanos mais sofisticados, não seja praticada a medicina popular. Maynard Araújo assim se manifesta a este respeito: "É não se diga que pelo fato de morar na Capital a pessoa não seja "supersticiosa". Há, e muitas. Os operários têm as suas, os funcionários públicos, os estudantes e os granfinos também. Dos granfinos encontramos nomes nas listas dos frequentadores de casas "onde se lê a buena dicha". Frequentam as "madames tiradeiras de sorte" Quando a Polícia raramente dá sua batida, os jornais publicam alguns nomes que trazem os "400 anos" no sobrenome"

Torna-se difícil uma sistematização das várias formas pelas quais se apresenta a medicina de folk, mesmo porque a sua variação regional é muito grande. Maynard Araújo apresenta uma tentativa nesse

sentido; do seu trabalho retiramos alguns termos e conceitos que são válidos para o Estado de São Paulo.

O que se segue não deve ser entendido como classificação mas apenas enumeração de práticas e crenças medicas populares, agrupadas quando isso foi possível.

Dentro do campo da medicina de folk reconhece-se, geralmente, para o Estado de São Paulo, as seguintes formas:

1. Abusões, que Maynard Araújo usa em lugar de superstições, por que "este vocábulo envolve juízos de valor, do ponto de vista científico" "Abusão é a explicação errônea de fatos naturais"

Entre as abusões estariam incluídos os tabus, os quais, segundo Frazer, são preceitos negativos pois envolvem uma proibição. Josué de Castro assim o define: "O conceito nuclear do tabu é o de uma interdição, de uma proibição categórica, sem uma explicação racional."

2. Feitiçaria, Segundo Maynard Araújo, feitiçaria "é a magia positiva por meio da qual se procura produzir um acontecimento que se deseja" "A feitiçaria traz o "atraso", a doença e a morte". Há duas categorias de práticas feitiçarias, para o autor supra referido:

"Mai feito", que é um ritual destrutivo, visando causar a morte ou algum mal a outrem

"Mau olhado, ou quebranto, que é uma forma mais branda, sem necessidade de rituais para a aplicação, mas que também é destrutivo.

3 - Medicina caipira, caracterizada, segundo Maynard Araújo, pela utilização de chazinhos, mezinhas, garrafadas, cataplasmas e emplastos, topicos, banhos, purgantes, vomitórios, suadouros, comidas especiais, transferência, agoterapia, excretoterapia e defumação

4 - Medicina preventiva, formada de "elementos materiais portadores de "virtude", capazes de precaver doenças e perigos" (Maynard Araújo) "Fazem parte do ritual protetivo: relíquia, amuletos e talismã, patuas"

O patuá é uma oração escrita num pedaço de papel, mas que não precisa ser lida; é o suficiente estar em contato com o corpo da pessoa para protegê-la. Enrola-se muito bem o papel da oração; em seguida coloca-se dentro de um saquinho de pano e pendura-se no pescoço. O patuá também é conhecido por "bentinho" e algumas pessoas mais antigas fazem a distinção seguinte: bentinho é o que traz embrulhado oração escrita e relíquia, o que traz embrulhado, pedacinho de guiné, pó de bico de anu preto, lasca de santo cruzeiro, etc. A maioria, porém, não faz distinção entre "bentinho" e "relíquia". Tudo é patuá.

Em geral, os portadores de patuá trazem, também, figas feitas

de guiné ou arruda, que devem ser feitas na sexta-feira santa, antes do sol nascer. São os amuletos. É muito comum na mesma correntinha ou barbante que serve de colar, trazerem, ao lado dos patuás e figas as medalhas dos santos da devoção

Amuletos são objetos portadores de uma "virtude" que traz sorte, evita "mal feito", etc.. O seu uso não requer que o portador o esconda como acontece no caso do talismã que perderá os seus efeitos mágicos benéficos, caso uma outra pessoa o veja ou toque. Desfaça o poder. Aquela que encontra uma bolota no estômago de uma res deve escondê-la para não ser vista por ninguém - é o talismã. as figas e medalhinhas de santos podem ser vistas, pois o uso corrente o trazê-las no pescoço - são os amuletos.

O signo de salomão, - sino sarmão - como dizem, ora é talismã ora é amuleto. Aquela feito antes do sol nascer na sexta-feira Santa, guardado escondido no fundo do bolso ou no coes da calça, é talismã. O carregado num barbantinho encardido amarrado em volta do pescoço, ou pregada atrás da porta é amuleto!

5 - Pingaterapia, é um neologismo criado por Maynard Araújo, ligado as garrafadas, mas que destas difere por não usar água, mas sim, cachaça, aguardente de cana, como veículo para as raízes, frutos ou folhas em curtimento. Os poderes "medicinais" das raízes, ligados ao "poder da pinga", dão sempre remédios para tudo. Acreditamos que a pinga seja a única bebida no Brasil que tenha a virtude de "esquentar" e de "esfriar" No inverno ela aquece e no verão refresca!

6 - Benzeduras. As benzeduras são em geral, executadas por um curandeiro ou curandeira, podendo também receber o nome de benzedor. "Que faz o benzedor? Nada mais do que rezas e orações para curar homens e animais e debelar as pragas das plantas, expulsando os demônios causadores dessas males. Suas orações específicas vem sempre de permeio com outras aprovadas pela igreja, como sejam Padre Nosso, Ave Maria, Salve Rainha e Credo. É (a função do benzedor) um laicato que parasita a autoridade eclesiástica, por causa das orações canônicas. Estas, possivelmente, possam ser deturpações de antigas orações oficiais. Acontece também que no meio rural, em geral, o benzedor é o "capelão-caipira" do bairro, aquele que dirige os ofícios religiosos das rezas, das novenas, dos velórios, das festas, etc.

7 - Simpatias: "Simpatia são o conjunto de atos e palavras com o qual se quer obter algo. Em geral, a simpatia cura, protege e previne. É um ritual protetivo acompanhado de mímica e palavrório especial. Palavras não raro, incompreensíveis, cabalísticas ou frases sem nexo. As simpatias não precisam, como as benzeduras, ser executadas por uma pessoa especializada. Não somente o Benzedor ou a Prática (parteira) as fazem e ensinam. Qualquer pessoa leiga as pode executar. Esta mesmo nisso uma diferença marcante entre benzeduras e simpatias, no fato de que as primeiras não podem ser feitas

por leigos e o benzedor não as ensina, a não ser em dias especiais para uma ou um "iniciado": quando o benzedor apresenta sua morte, na sexta feira santa, dia 25 de março, dia dos Mortos e dia do Natal. Caso ensine noutras épocas, perderá a força para realizá-las. Fica "quebrado".

Como o próprio autor chama atenção as simpatias poderiam ser incluídas entre as "abusões"; se não o fez, foi por interesse didático

II Terminologia médica popular - Reproduzimos aqui algumas denominações de uso frequente no campo da medicina de folk. Aos que tiverem maior interesse podem recorrer aos trabalhos de Alceu Maynard Araujo e, principalmente, ao de Ulysses Lemos Torres.

A	
Afrontação - Sensação desagradável do epigástrico após alimentação, com sensação de respiração difícil e distensão abdominal.	Batedeira - Palpitação, malalta
Aluado - Perturbação mental	Baraba, bareva - Ver Paraba
Amarelão - Anemia por necator	Berna - Larva "Dermobia hominis"
Amorróide - Hemorróides.	Berruga - Verruga
Andaço - Diarréia, disenteria	Bestunto - Cabeça, cérebro
Anjinho - Criança falecida sem batismo	Bexiga - Variola
Apostema - Flictena, abscesso	Bicha, - Sofrer de, Ter, - Ascariis tenia.
Aprisionado - Impossibilidade de evacuar ou urinar	Bichas, Ataque de - Convulsão
Ar - paralisia facial produzida por "golpe de vento"	Bicheira - Miíase.
Arestim - dermatose pruriginosa	Bicho de pé - Tungíase, parasitose produzida pela "Tunga penetrans"
Ataque de bichas - Convulsão infantil.	Biruta - Perturbado mental, alienado
Azedume - Pirose, azia.	Bixiga - Variola.
B	
Barbeiro - Triatomídeo	Bôca do estômago - Epigástrico
Barriga d'água - Ascite por cirrose hepática	Bofes prá fora, Pôr os - Dispnéia de esforço.
	Boqueira - Infecção na comissura labial por cogumelos, estreptococos ou herpes.
	Bucho virado - Enjôo

Bum-bum - Ânus ou nádegas de crianças

C

Cabeça do prego - Furúnculo, f_g liculite.

Cacoete - Tique nervoso.

Cacunda - Corcunda, dorso, gibosidade do dorso.

Caganeira, cagoeira, cagoera, cagüira - Diarreia.

Câimbra do sangue - Puxos da disenteria amebiana.

Campainha - Úvula.

Canal - Uretra

Cancro - Câncer

Cangote - Nuca.

Canseira - Dispneia

Carnação - parte necrosada do furúnculo

Caroco - Tumor pequeno, sem reação inflamatória.

Catapora - Varicela

Catinga - Mau cheiro.

Cavalo - Cancro venéreo luético.

Cavalo de crista - Papiloma venéreo do prepúcio.

Caxumba - Parotidite epidêmica

Chá de bico - lavagem intestinal

Chapa - Radiografia

Chato - "Pediculus pubis".

Cheia - Mulher grávida

Chilique - Ataque de nervos.

Chupança (São Paulo, Minas) - "Triatoma megista"

Chupão - Idem.

Cobreiro, cobreiro - Erupção na pele, do tipo eritematoso, vesiculosa localizada e banal. Às vezes herpes. O povo atribui sua origem ao fato da roupa de uso ter estado em contacto com cobra.

Coceira - Escabiose.

Cocuruto - Epicrânio.

Coisa, Na - Órgão genital.

Comichão - Prurido

Congestão - Indigestão.

Congestão cerebral - Ictus

Corrimento - Gonorréia, leucorréia

Cremação do estômago - azia

Crica - Vulva.

Crista de galo - Papiloma venéreo

Crupe - Difteria

Curso - Diarreia.

D

Dança ou doença de São Guido - Coreia.

Dar ar - Paralisia, principalmente facial.

Deformidade, referindo-se ao órgão genital - Anomalia genital.

Derrame - Ictus, amolecimento cerebral, acidente vascular

Derréia - Diarreia

Desando - Com diarreia.

Desarranjo - Enterocolite, disenteria, diarreia.

Descadeirado - com dores na região lombar

Descascar mandioca - Masturbar-se

Desenvolveu-se aos tantos anos, re-
ferindo-se a moça - Época da me-
narca

Desenvolvido, Pouco, Não - Infanti-
lismo genital

Desmancho - Abôrto espontâneo

Desocupar - Dar à luz

Destemporo - Diarréia

Destilação - Coriza.

Destripar o mico - Vomitar.

Destroncar - Luxar.

Devolver - Vomitar

Doença do macaco - Simioto, dis-
trofia infantil.

Doença do peito - Tuberculose.

Doença feia - Lepra

Doença pagada - Moléstia venérea

Doente, estar - Menstruada.

Doença do mundo - Moléstia vené-
rea.

Dordóio - Oftalmia, conjuntivite,
blefarite, tracoma.

E

Empachamento - Distensão e sensa-
ção de peso no epigástrico e hi-
pocôndrio.

Empanzinado - Estômago muito cheio

Encanar - Redução da fratura.

Encomendar criança - Engravidar.

Endefluxado - Resfriado.

Engalicado - Acometido de moléstia
venérea.

Entalado, entalação - Acalásia do
esôfago.

Entalado - Indivíduo que sofre de
acalásia do esôfago ou indivi-
duo que não consegue evacuar.

Entraz - Antraz.

Entrevado - Impossibilitado de mo-
vimentar as articulações por
dor, inflamação ou paralisia.

Entupido - Prisão de ventre, im-
possibilidade de evacuar.

Enxume - Inchaço, edema.

Espanhola - Epidemia de influen-
za de 1918

Esperando - Estar grávida

Espinhe-la caída - Vômitos, dispap-
sia, astenia com sensação de com-
pressão ao nível do epigástrico

Esquentamento - Blenorragia

Esquentamento de gancho - Blenorra-
gia cuja infecção se estende ao
tecido esponjoso periuretral com
perda da elasticidade, ocasio-
nando encurvamento do pênis duran-
te a erecção, que se torna muito
dolorosa.

Estado interessante - Gravidez

Estambo, estâmigo, istambo ou stam-
bo - Estômago

Estar de barriga - Grávida

Estar de chico - Menstruada.

Estar de visita - Idem

Estômago embrulhado - Ânasia de vô-
mitos, estado nauseoso.

Estômago, Trajeto do - Esôfago

Estrebuchar - Ter convulsão,

Estrepe - Espinho ou farpa na pele

Estupor - Paralisia facial produzi-
da por "golpe de vento"

Expurgar - Purgar, vir a furo, as
correr pus.

F

Fanchona - Pederasta ativo

Faniquito - Crise nervosa

Fazer mal - Deflorar.

Fazer necessidade - Evacuar natu-
ralmente.

Febre de parto - Infecção puerpe-
ral

Febre palustre - malária

Febre, Ter a - Tifo

Ferida braba = Úlcera de Baurú,
"leishmaniose donovani" ou
"brasiliensis"

Ferida feia - Câncer

Ficar moça - Menarca

Flôres brancas - Leucorréia

Fogachos - Ondas de calor da me-
nopausa.

Fogo, Brincou com - ficou grávi-
da

Fogo selvagem - Pênfigo foliáceo

Fôlego curto - Dispeúnia de esforço Hemorragia, estar com - Metrorragia

Fôlego, Puxar o - Respirar fundo

Fraco dos pulmões - Tuberculoso

Fresco - Homossexual passivo

Friagem, Apanhar - Resfriar-se

Frieira - Fissura entre os arte-
lhos por maceração ou intertri-
gem

Frieza - Impotência.

G

Galo - Tumefação serosa na cabeça
provocada por traumatismo.

Galopante, A - Tuberculose pulmonar
caseosa.

Gargumilo ou gorgumilo - Garganta,
glote.

Garrotilho - Difteria.

Gira - Alienado

Goela, güela - Faringe.

Gó-gó - Saliência da cartilagem
tireóide.

Golpe de ar - Nevralgia

Gomitar - Vomitar

Gômito - Vômito

Goto, Cair no - Engasgar

Grão - Testículo

Grêlo - Clitóris

Grosseira - Erupção da pele, urti-
cária

Guri - Criança.

Guspe - Saliva

H

Hemorragia, estar com - Metrorragia

I

Imbigo - Umbigo

Impaludismo - Febre malárica, febre
palustre

Incômodo - Menstruação, perturbação
funcional, distúrbio imprevisto.

Íngua - Tumefação do gânglio linfá-
tico na axila ou virilha.

Intojado - Enjoado nauseoso

Intrais - Antraz

- Ir de corpo - Defecar
- Isipla - Erisipela
- J
- Já começa - Escabiose
- Junta - Articulação
- Junta dura - reumatismo
- L
- Lançar - Vomitar
- Lanço - Vômito
- Lêndreas - Ovos dos "Pediculus capitis"
- Língua enrolada - Disartria
- Língua pregada - Freio da língua muito desenvolvido
- Lobinho - Quisto sebáceo
- Lua, estar de - Nervosismo ou estado de irritação produzido pela menstruação.
- Lumbrigueiro ou lombrigueiro - Ver mifugo.
- M
- Macaxeira - Mandioca
- Macotena, macutena - Lepra
- Madorna - Sonolência
- Mãe do corpo - Útero
- Mal do engasgo - Megaeosôfago
- Mal do moço - Histeria
- Mal de São Lázaro - lepra
- Mal de sete dias - Infecção umbilical, tétano do recém-nascido
- Mareado - nauseado
- Meleca - Secreção nasal ressequida
- Membro - Pênis
- Menina dos olhos - Pupila
- Mensagens - Menstruação
- Mensagens apagadas - Menstruação com fluxo escasso.
- Micuum - Pequeno carrapato, "Acaro trombidium" Larva de carrapato estrela "Ablyomma cayennense"
- Mijo - Urina
- Miolo mole - Encefalopatia involutiva, amalucado
- Miúdo - Visceras
- Modorra - Sonolência
- Moféia - Lepra
- Moleira - Fontanela
- Moléstia pagada - Moléstia venérea
- Moriçoca, moroçoca, muriçoca - Pernilongo, mosquito, anofelino transmissor da malária
- Morróide - Hemorróides.
- Mosquito do mangue - Ver Maruim
- Mosquito pólvora - Ver Birigüi
- Motuca, mutuca - Mósca da família dos tabanídeos.
- Muquirana - "Pediculus vestimenti"
- N
- Na coisa - No órgão genital
- Não ser mais moço - Não ser mais virgem.
- Não vingar - Morrer nos primeiros meses após o nascimento.

Nes Partes - Nos órgãos genitais

Natureza - Referente à potência do homem.

Natureza fraca - Impotência do homem

Nemia - Anemia, fraqueza

Nervo - Tendão, ligamento.

Nervo torcido - Entorse

Nó nas tripas - Volvo

Nó por dentro - Cólica

Novidade, estar do - estar grávida.

Novidade no órgão - Corrimento, infecção venerea

O

Obrar - Evacuar

Olho de peixe - Hiperqueratose, hipertrofia localizada na camada córnea da pele, em geral na planta dos pés.

Olho embaçado - Olho da pessoa inconsciente.

Olho vidrado - Olho da pessoa em estado inconsciente ou de cadáver.

Opilação - Anomía verminótica.

Orvalhos - Ovários

P

Pá - Omoplata.

Panos - Cloasma gravídico ou hiperchromias localizadas atribuídas à insuficiência hepática

Papeira - Caxumba, no Norte - Bócio no Sul.

Papo, papeira, papudo - Bócio

Paquete - Menstruação

Parir - Dar a luz

Partes - Órgãos genitais

Parto a ferro - Parto a fórceps

Peidorroso - Excesso de gases intestinais, muito flatus.

Pejada, prenha - Grávida

Pelamonia - Pneumonia

Penicite - Apendicite

Pentelhos - Pêlos pubianos

Perder o fôlego - Falta de ar

Peraba - Impetigo, furúnculo, ferida.

Pernas presas - Polineurite.

Perrengue - Fraco, alquebrado, arrastando as pernas

Pescoço duro - Torcicolo.

Pescoço grosso - Bócio

Piã - Boubá

Pinguolo - Pênis

Piroca - Pênis

Pium - Borrachudo

Pixaim - Cabelo crespo da cabeça

Pomba - Vulva

Ponta da costela - Reborde costal

Ponta da espinha - Sacro

- Pontada - Dor no tórax, pneumonia
- Por baixo do inferior - Roto
- Postoma - Flictona, abscesso
- Potra - Hérnia
- Previsão - Desejo de evacuar.
- Procotó - "Triatoma magista"
- Punheta, Tocar - Ato de masturbar-se
- Puxar o fôlego - Respirar profundamente
- Puxos - Tenasmos.
- Q
- Quada, Ter - Prolapso uterino
- Quimação - Azia
- R
- Ra nho- muco nazal
- Rasgar - Incisão de abscesso.
- Rebantar - Referente a pele - O aparecimento de erupção na pele
- Rêgo - Praga interglútea, ânus
- Rogras - Catamônios
- Rouma - Fluido, corrimento do ânus ou vagina, crise de hemorróides
- Romela, ramela - Secção amarelada que se acumula no canto dos olhos
- Rondido ou rondidura - Hérnia
- Rosguardo - Dieta pós-parto, até 40 dias após o parto
- Rossacado = Obstipação intestinal prisão de ventre.
- S
- Saboneteira - Fossa supraclavicular
- Sangue desmanchado - Lepra
- Sangue fraco - Anemia
- Sangue grosso - Hipertensão arterial
- Sangue novo = Erupção dérmica urticariforme
- Sangue pelo nariz - Epistaxis
- Sangue pisado - Hematoma
- Sangue que virou água - Anemia, leucemia.
- Sangue sujo - Sífilis, lues
- Sangue vivo - Sangue arterial
- Sapinho - Estomatite por "Monilia albicans", estomatite cremosa
- Sapiranga - Blefarite, com queda dos cílios, foliculite ciliar
- Sarampão - Escarlatina
- Sabinho - Pequeno quisto sebáceo
- Sacou a ferida - Cicatrização
- Secundina - Placenta, caduca
- Sezão - Malária
- Simioto - Distrofia desidratante do lactente
- Sofrer dos peitos - Tuberculose
- Solitária - "Taenia solium" ou "Taenia Saginata"
- Soltura - Diarréia
- Sororoca - Respiração estertorosa dos agonizantes.
- Sovaco - Axila

Sujar - Defecar.	U
Sujaira - Fozas	Unheiro - Periônix
Suspensão - Supressão súbita do fluxo menstrual, amenorria	Úrsula - úlcera gastroduodenal
T	Urina bonita - Urina clara transparente.
Tan-tan - Demente	Urina carregada - Urina concentrada
Ter a galopante - Tuberculosa ca- sosa pulmonar	Urina solta - Incontinência urinária
Ter figo - sofrer do fígado	Utro - Útero
Ter tireóide - Hipertireoidismo	V
Terçol - Hordóolo	Vão da perna - Órgão genital, em geral o masculino.
Tesão - Ereção do pênis, potência	Varajaira, varaja - Mosca azul do gênero "Cachliomyia" hominis"
Tifo - Febre do grupo tífico	Variando - Delirando
Tipóia - Pano ou lenço preso ao pescoco para descanso do braço	Variz - Varizes
Tirar ou operar as glândulas - Amigdalectomia	Veia do coração - Aorta
Tirícia, terícia - Icterícia	Veio prá fora - Mamilo hemorroidário
Tísica, tísiga - Tuberculosa pulmo- nar.	Veia rondida - Hemorróides
Tomado - Demência súbita	Veneta - Pessoa com manias, mal hu- morada
Torcida - Entorse.	Vergonhas - Partes pudendas, órgão genitais
Torcida nas tripas - Cólicas in- testinais.	Vertor água - urinar
Tossã comprida - Coqueluche	Vêsgo - Estrábico
Tossã do cachorro - Laringite estri- dulosa.	Vir a furo - Supurar
Tram - Parte do corpo, em geral na gião inferior e posterior do cor- pô. Perturbação mal definida: ex. ter um tram no cangote.	Visita - Fluxo menstrual
Tripas - Intestinos	Vôito do sangue - Hemoptise
Troço - Perturbação funcional ou organica indefinida, em geral sem dor.	Z
Tutano - Medula óssea.	Zonzeira - Tonitura

III - Alguns exemplos: Os diversos exemplos que coligimos sobre a medicina de folk foram sistematizados, para efeito de apresentação, segundo dois planos diferentes, aqui referidos como grupo I e grupo II. Os que tiverem maior interêsse poderão consultar os trabalhos principalmente de Maynard Araújo; Dornas Filho e Guerreiro Ramos, este último intitulado "Pauperismo e medicina popular".

1. Grupo I

a. Abusões:

- A mulher grávida não deverá sentar-se na soleira da porta, senão padecerá muito ao dar à luz.
- Quando o marido tem dôr de dentes, sem razão de ser, é porque a mulher está grávida.
- A mulher grávida que não quer sofrer as conseqüências da gravidez, enjôos, etc., é fácil livrar-se disso: quando o marido estiver dormindo, soltar o hálito na nuca dêle. O marido é quem terá os enjôos.
- Quando a mulher estiver custando para dar à luz, o marido deve dar um tiro para o ar com a espingarda, lavar o cano e com a água que foi usada para tal mister, dar para a mulher beber. É um porrete! Dará à luz imediatamente.
- A mulher que deu à luz não deve comer carne de animal macho, faz mal; escolher sempre carne de galinha; o melhor é frango.
- Para evitar que a criança tenha dor de barriga, não se deve torcer os cueiros e fraldas.
- Numa brincadeira, caso duas crianças batam as cabeças, devem dar três cuspidas no chão para que seus pais não morram.
- A primeira pessoa que vir o primeiro dente de um bebê deve dar-lhe de presente um objeto de ouro, senão a criança ficará com azar.
- Para curar criança que baba, fazer cachorro lambê-la.
- Criança que dorme com os olhos abertos (semi-cerrados) é porque tem bichas (lombrigas).
- Dá azar comer os pés de galinha. A pessoa fica bisbilhoteira.
- Quem come carne de vaca na Quaresma, vê o cuca, o demônio.
- Na sexta feira não se deve comer com a mão esquerda porque dá azar.
- Não comer sementes de goiaba porque dá nó nas tripas (apendicite).
- Quando lhe derem alguma coisa para comer, sendo dada de mau coração, esse alimento cai no chão.

- A mulher casada que tomar café em xícara sem pires ficará viúva, "desimparcerará" o casal.
- Beber vinagre para emagrecer, pois o vinagre enferruja o sangue.
- Guarda-chuva ou chapéu sobre a cama, chama doença.
- Não se deve chorar a morte de anjinho, pois as lágrimas molharã suas asas e êle não alcançará o céu.
- A pessoa que apaga as velas após a saída do entêrro, morrerá logo.
- Não presta dormir com gato; apanhará asma.
- É sinal de mau agouro entrar borboleta preta em casa. Morte na certa.
- Em agôsto aparecem os cachorros loucos; é mês dêles.
- Sexta feira é dia de mau agouro e perigo.
- Mulher "incomodada" não deve entrar na igreja, principalmente se acontecer isso na Semana Santa.

De Josué de Castro obtivemos os seguintes tabus alimentares brasileiros:

- Alcool com manga mata.
- Alcool com farinha "impanzina a barriga do freguês".
- Leite com manga é uma das proibições mais generalizadas.
- Leite com banana é um tabu que já é desrespeitado.
- A manga é interditada à noite por ser fruta perigosa.
- Fruta verde dá sempre dor.
- Com a laranja, seu perigo aumenta com o progredir do dia:
De manhã a laranja é ouro
De tarde é prata
E de noite mata.
- Manga e banana comidas juntas produzem "estriquinina".
- Mulheres não devem comer frutos gêmeos para que não venham a ter partos duplos.
- Abacaxi é veneno para mulher menstruada.
- O pepino é indigesto.
- Açúcar e doce comidos em excesso dão lombriga na certa.

b. Feitiçaria

(1) "Mal feito"

- Para se fazer o "mal": a gente deve apegar-se com um santo e pro-

- gar um voto em cima do desafeto que se vê apertado. É bater voto em cima dêle até quebrá-lo.
- Para curar o "mal: rezar o "Crendospadre" três vezes por dia, oferecendo-os em benefício da pessoa que está com o "mal". Acender também uma vela. Pelo fato de acender uma vela, a pessoa que fêz o mal atrapalhar-se-á.
- Para liquidar com uma pessoa é só costurar a boca de um sapo, falando o nome da pessoa cada vez que enfiar a agulha.
- Para atrasar a vida de qualquer pessoa é só colocar um pouco de terra de cemitério atrás da porta. Essa pessoa nunca mais progredirá.

(2) Quebranto:

- Os exemplos serão referidos mais adiante.

c) Medicina caipira:

(1) Cházinhos:

- Chá de hortelã para criança que está com bichas.
- Erva cidreira, chá calmante para os nervos.
- Chá de puejo, contra vômitos e tosse.
- Para curar urinas presas, tomar chá de carrapicho.
- Para curar insônia, tomar chá de alface.
- Chá de losna, ou então: amassá-la bem e colocá-la de pouso num copo d'água fria. Ir tomando durante o dia. É o melhor remédio para males do estômago.

(2) Mezinhas:

- A mezinha é remédio caseiro. Faz-se mistura de 9 plantas e dá-se para a criança beber. Não confundir chá com mezinha. Chá é feito de uma planta só, mezinha é a mistura de plantas da horta. Na composição da mezinha entram, por exemplo, estas nove plantas: puejo, erva cidreira, hortelã, macelinha, erva doce, camomila, losna, arruda e guiné.
- Da arruda, alecrim, erva cidreira, tomar três ramos de cada, por tanto nove galinhos, torrâ-los, ajuntando-se um pouco de sene; dá-se para a parturiente beber. É um porrete, ela dará à luz logo.

(3) Garrafadas

- A garrafada é feita com as raízes ou folhas lavadas e levadas ao fogo para cozinhar lentamente até formar um xarope. Costuma-se adicionar água e açúcar prêto; êste é o preferido, mas na falta

é substituído pelo mascavo.

- Garrafada de erva grossa, da raiz, é contra a tosse.
- A fava de Santo Inácio é um remédio contra a mordida de cobra.
- Garrafada de mentrus ou mastreço, para dor de peito, pontadas e tuberculose.
- Garrafada de pariparoba é para o fígado, prisão de ventre e hemorróidas.

4) Cataplasmas e emplastos:

- A massa de pão de sal com azeite doce puxará qualquer tumor ou estrepe.
- Para dor de dente, rosto inchado, para vir a furo, faz-se um emplastro de farinha de mandioca com água fervente. Sobre a massa semoa-se cânfora e azeite, aplicando sobre o inchaço. Faz-se bochecho com o cozimento de fôlha de batata de maravilha (ou batata doce e fôlha de goiabeira).
- Para tumores, emplastro de juá bravo; cozinha-se e coloca-se sobre o tumor, que amadurece e vem logo a furo.

5) Tópicos:

- Para queimadura, besuntar o local queimado com gordura de galinha.
- Para queimadura, colocar o pó de café usado. Tira-se do coador e põe. Alivia imediatamente.
- Para não ser picado por cobra, esfregar alho nas pernas.
- Para curar panarício, enrolar o dedo com cebola.
- Gordura de capivara, esfregar sobre o local afetado pelo reumatismo.
- Para tirar berne que não quer sair: colocar um pedaço de toicinho cru e se ele sai sobre o local onde ele está. Amarrar com um pano, deixar algum tempo e o berne passará para o toicinho.

6) Banhos:

- Para curar frieiras, lavar bem o pé e colocar farinha de milho nos vãos dos dedos.
- Para curar eczema, lavá-lo bem com água e sal e depois dar a salmoura usada para vaca beber.
- Para curar ferida brava, lavá-la bem e colocar açúcar branco em cima. Dói muito mas cura.
- Para curar dor de ouvidos: ferver uma vasilha com água de flôr de monsenhor, da de côr branca. Lavar o ouvido e depois colocar um algodão com azeite da candua ou melhor será sendo azeite de igreja.

(7) Purgante:

- Purgante de primeira ordem é o sal amargo. Desentope tudo. Toma-se em jejum. E em jejum deve ficar até que sinta efeito. Para as pessoas de estômago fraco, faz-se o seguinte: corta-se uma laranja, pelo meio, tira-se o bagaço, deixa-se um pouco de caldo e coloca-se aí o sal amargo. Leva-se ao fogo, isto é, ao borralho. Toma-se quente. Também com a poáia, vomitório, usam o mesmo veículo.
- Quando o purgante demora para fazer efeito, dar um "chá de bico" (clister). Cozinha-se talos de couve, coa-se a água e dá-se o clister, ou "ajuda", como também é conhecido.

(8) Vomitório:

- Para provocar vômito, "lançar", "destripar o mico", dar poáia preparada na casca da laranja.
- Chá de folha de fumo.
- Tomar água morna.

(9) Suadouros

- Chá de jaborandí, melhor a tintura que é comprada na farmácia.
- Faz-se um chá de folhas de laranjeira e adoça-se com açúcar branco. Toma-se e lava-se os pés na água bem quente. Deitar-se sob cobertas pesadas. Dalí a pouco principiará a suar. Trocar de camisa, debaixo das cobertas, evitando tomar vento. Cura todo e qualquer resfriado, "constipado".

(10) Comidas especiais:

- Comer agrião para curar doenças do peito e tosse.
- Para acabar com lombrigas e bichas dar semente de abóbora em jejum para a criança comer. Depois um purgante "em cima".
- Para as pessoas que são muito esquecidas, que têm o "miolo mole" comer cebola crua.
- Para curar lepra, matar uma cascavel, medir um palmo da cabeça para a cauda, cortar e jogar fora; medir outro palmo da cauda para a cabeça e jogar fora. O que sobrar, fritar e comer.
- Comer formiga faz bem para a vista. Na época do içá, comê-las torradas ou fritas.
- Comer anu preto é bom para curar asma.

(11) Transferência:

- Para curar icterícia, coloca-se o pé na figueira e risca-se o contorno do pé. Uma vez sêco o leite que ficou no risco, sarará a icterícia.
- Para curar eczema, colocar um sapo sobre o eczema e soltá-lo. A doença passará para êle.

- Para curar asma ou tosse comprida (coqueluche) ir ao rio, pescar um peixe qualquer, cuspir na sua boca e soltá-lo na água outra vez. Sair dali sem olhar para trás. Não pescar enquanto não sarar bem da asma ou coqueluche.
- Para curar rendidura, colocar os pés na bananeira, riscar com uma faca nova. A hora em que a casca dali cair, a rendidura ficará colada, sã.

(12) Açoterapia:

- Picada de marimbondo: colocando o aço da faca em cima, passará. Corta o veneno.
- Cortar o ar com a faca três vêzes, para curar o "ar". "Ar na cabeça".
- Para curar a doença de urinar na cama, mijar três vêzes sôbre o machado, que cortará o mal.
- Para curar íngua arruinada, a pessoa doente pisa sôbre a cinza quente e outra lhe pergunta: "que corto?". Responde: íngua mesmo eu "corto"; e risca uma cruz com a ponta de uma faca no chão cada vez que pergunta. Faz-se três vêzes em seguida.
- Ao tomar remédio, se tem ânsias de vômito, segurar uma chave na mão esquerda ou um objeto de aço para cortar o mau gôsto.

(13) Excretoterapia:

- Fezes recentes de vaca, colocar em cima de queimadura de água fervente.
- Lavar os olhos com urina humana cura conjuntivite.
- Para curar mordida de cobra beber as próprias fezes dissolvidas na água.
- Para curar tosse comprida, quando a vaca defecar, recolher um pouco de estrume e colocar numa "trouxinha" de pano, fazendo uma "bonequinha" e fervê-la no leite que a criança deve beber em jejum.
- Urina de dois dias, fermentada, para dôres de estômago.
- Chá de cebola branca com urina de mulher feita, para varíola.
- Excremento sêco de cavalo e outros animais serve para secar umbigo de recém-nascido.
- Para icterícia, beber de manhã, em jejum, urina de vaca prêta ou colocar 3 piolhos na comida do paciente, sem que êle saiba.
- Para congestão; também chamada "mofina" ou "ar de fora", uma solução de excremento de pinto bebido às colheradas.
- Para terçol, esfregar no olho afetado o traseiro de uma môsca ou ânus de gato ou gata, conforme o paciente seja mulher ou homem.

(14) Defumação:

- "Para tirar os maus olhados (ou evitá-los), ir defumando e rezar: -"defumo a minha casa e fulano (a pessoa que estiver presente) em louvor a Deus e Santíssimo do altar, sai os mar das portas; assim como são as três pessoas da Santíssima Trindade, que vá esses mal em cima de quem nos poiz, em louvor de Deus e do Santíssimo do Altar, que entrai por estas portas adentro a filicidade, a fortuna, a boa notícia e os amigos e a boa saúde, com o Devino Sacramento. Assim seja."

A defumação deve ser feita cruzando os cômodos a partir da cozinha, saindo-se pela porta da entrada.

Na defumação usa-se: mirra, benjoim, raspa de veado (chifre), alfazema em semente, incenso, arruda, palha de alho, palmabenta e alecrim. Mistura-se tudo e coloca-se sobre brasas.

Uma vez feita a defumação, joga-se o que sobrou por cima dos ombros. Dá-se as costas, sem olhar onde ficaram os restos. A defumação deve ser feita nas horas abertas, isto é, hora em que haja silêncio e em que as pessoas não "boqueje"; isto é, não profiram blasfêmias, asneiras".

- Para espantar o sangue empoçado em qualquer lugar do corpo, o calor da defumação faz espalhar.
- Na defumação contra "ar", para curar as "doenças do ar", usa-se somente a palha de alho. Reza-se e defuma-se.

d. Medicina preventiva:(1) Reliques:

- Quem tiver medo de apanhar maleita, fazer um relique e colocar num colar, o umbigo da criança. Usando-o não apanhará.
- Para curar coqueluche, fazer um relique de 3 sapinhos do brejo (guarú), colocá-los no relique de cabeça para baixo.
- Relique com prêsas de aranha caranguejeira, pendurado no pescoço, para curar dôr de dentes.

(2) Amuletos:

- Para evitar mau olhado, levar uma figa presa ao redor do pescoço, por um barbante ou correntinha.
- Quando entrar no mato, para não ser picado por cobra, levar 3 dentes de alho na algibeira.

(3) Talismãs:

- Matar um gato numa sexta feira, tirar um ossinho da coxa esquerda da perna traseira e guardá-lo na algibeira esquerda, livra de todo e qualquer mal.
- Fazer um Santo Antonio da ponta do chifre de uma vaca preta. Deve-se serrar o chifre da vaca viva. Andar com êle, livra de que nos façam qualquer mal. Nada melhor do que isso contra os "pembeiros" - feiticeiro.

(4) Patuás:

- Oração para acabar com as bichas e lombrigas infantís: "Sete bichas que ezistem no corpo de Maria, das 7 que eziste more 1 fica 6 das 6 que ficou more 1 fica 5 das 5 que ficou more 1 fica 4 das 4 que ficou more 1 fica 3 das 3 que ficou more 1 fica 2 das 2 que ficou more 1 fica 1. Desta 1 que ficou more e fica a mãe do corpo? Padre Filho, Espírito Santo. Digna Mane Sata Anna Santa Anna mãe de Marria SS é mane de Jezus Cristo assim como estas palavras são sertas as bichas morta hão de sair de l en l não hão de ficarem nen as bichas ensacadas virarão em agua com os poderes das treis Peças das sagradas Familia Jezus Maria Jozé. Amém".
- Oração do Justo Juíz: "Justo Juíz de Nazaré filho da Virge Maria, que em Belem foste nascido, entredolatro, vos Pastécula, vós Pastícula, vós Pastícula, Cristo disse vosso discípio, sí meus inimigo veier prá me prendê, terão ôlho, não me verão, te rão ovido, não me ovirão, terão boca não me falarão, ca arma de São Jorge, será armado, e cá espada de Abrão, serei coberto co leite de Virge Maria, serei borrifado com sangue de Nosso Senhor Jezuis Cristo, serei batizado na Atca de Noé, serei recatado com a chave de São Pedro, serão fechado adonde não possa me ver, nem sangue do meu corpo tirarão. Serei guardado as' sim como andô guardado Nosso Senhor Jezuis Cristo nove meis e argum dia no ventre da Virge Maria cá arma de Abrão será armado, com a espada de Triaco serei guardado para sempre. Amém".

e) Pingaterapia(1) Curtimento:

- Raiz de carovinha curtida na pinga, tomar aos cálices às refeições. Remédio para curar sífilis.
- Cipó de lagarto na pinga é remédio "para tudo", desde dor de barriga.
- Remédio contra "mal feito": colocar numa garrafa de pinga, três lascas de guiné, três dentes de alho de réstea, três flôres de monsenhor do branco. Deixa-se curtindo. Tomar três goles na primeira sexta feira da mingunte, depois tomar um gole na segunda feira e outro na quarta feira. Depois ir tomando um gole nas segundas, quartas e sextas. Quando a pinga vai-se acabando, remontar. isto é, colocar nova pinga.

(2) Mistura:

- Para curar resfriado, urucubaca, rebater qualquer mal, nada melhor do que pinga com limão. É uma receita "folclórica":
"O meu boi morreu,
o que será da yaca,
pinga com limão, morena,
cura urucubaca."

- Para curar maus humores (tumores), cozinhar ruibarbo com água e açúcar até o ponto de açucarar. Pela manhã colocar num copo uma colher dêsse açúcar, um gole de pinga e tirar o leite em cima. Dar para a pessoa tomar em jejum. É remédio que surte efeito, sendo o leite tomado "ao pé da vaca".
- Para curar maleita, tomar uma garrafa de pinga "de uma sentada só" (de uma só vez).

3) Massagem:

- Pinga misturada com água raz (de pedreiro) para massagens nos locais atacados de reumatismo. É o melhor remédio para dores nas "cadeiras".

4) Inalação:

- Pinga com alcânfora, para curar dor de cabeça de resfriado, molhar um lenço e amarrá-lo na cabeça. Fazer inalações de pinga alcanforada: "destampar a garrafa e cheirá-la fortemente". Também poner uma narina, ora a outra.

f. Beneduras:

- Contra quebranto, Benze-se primeiramente a frente do paciente depois as costas e por último a sola do pé esquerdo. Reza-se três vêzes, fazendo cruces com o dedo da mão (do benzedor). Sendo três vêzes em cada face perfaz um total de nove vêzes a repetição da seguinte reza de benzimento: "Olhadura com os dois olho te pusero, com os treis eu te tiro, com os poder de Deus Pai, Deus Filio e Deus Espírito Santo. Amém".
- Para dor de dente - Põe-se a mão no alto da cabeça e faz-se 3 cruces. Ao finalizar a terceira, diz: "Tano (estando) São Pedro sentado im riba de uma pedra delas chegô o Senhor e perguntô:- que tem Pedro? - É dor de dente Senhô, si fô de humor cura, si fô de bicho morra, em nome do Pai, do Filio e Espírito Santo. Amém."
- Para curar bicheira:- "Eu, Pedro Argeu, te benzo bicheira, com as palavra de Deus e Nossa Mãi Santíssima. Pois ansim como serviço de domingo não vai pra frente, esta bichêra não há de ir, os bicho que vá pra as areia gorda". Reza-se, um seguir, um Padre Nosso, uma Ave Maria e uma Salve Rainha, que a bicheirinha cai.

g. Simpatias:

- Para curar coqueluche, sair com a criança antes do sol nascer, para apanhar o sereno da madrugada.

- Para curar cachumba: Três pessoas ficam numa sala, ocupando três cantos. A cachumbenta entra, dá três voltas e diz: "Caxumba, caxumba, não te devo nada, portanto, toma uma umbigada". Ao terminar estas palavras, dá uma umbigada no canto livre, onde não há ninguém. Repete três vezes.
- Quando estiver com o pescoço duro (torcicolo) embrulhá-lo com a meia da espôsa, cura na hora. Se fôr mulher, usar as meias do marido. As meias precisam ser já usadas para ter efeito a cura.
- Contar as berrugas, dar tantos nós num barbante. Enterrá-lo. Quando o barbante apodreder, acabam-se as berrugas.
- Para curar berrugas: cortá-las e passar três pedras de sal e colocá-las com as pedras na goteira da casa.
- Para tirar cisco do olho, falar três vezes, fazendo cruz sobre o olho: "Santa Luzia tem três filha, uma que fusa, uma que fia e uma que cura mal de azia, tirai o cisco dos olhos de fulano."
- Criança que mijá na cama, para curar, é fazer sentar-se sobre um formigueiro.
- Para curar "sapinho", passar um paninho branco na boca, jogar no fumeiro.
- Para curar dor de cabeça, colocar um galho de arruda atrás da orelha.
- Para curar maleita, põe-se o umbigo na água. Se fôr homem, umbigo de menina, se fôr mulher a maleitosa, põe-se umbigo de menino.
- Para curar papo (bócio) passar baba de bezerro.
- Quando a criança tem ataque por causa das bichas, fazer-lhe um colar de alho ou de olho de cabra (uma semente bicolor, vermelha e prêta).
- Para curar nó nas tripas, tomar com água três bagos de chumbo usado na espingarda para caçada.
- Santinho numa corrente no pescoço é pra livrar de qualquer doença ou perigo.
- Para curar insônia, virar o travesseiro para o lado dos pés da cama.

2- Grupo II- Neste grupo, a medicina de folk é sistematizada de uma forma diferente da anterior e, como no caso desta, não leva a intenção de representar uma classificação e nem, tão pouco, de focalizar todos os seus aspectos.

a- Etiologia. Na América Latina é bastante generalizada a distinção de dois grupos de causas provocadoras das doenças: naturais e sobrenaturais. As primeiras são simplesmente "naturais" (aparecem espontaneamente e sem qualquer explicação) ou ocasionadas por agentes físicos comuns, facilmente reconhecidos e compreendidos pelas pessoas. As doenças de origem sobrenatural são, do nosso ponto de vista, exóticas. Nesse grupo, os elementos explicativos da doença estão fora de conhecimento empírico, reconhecendo-se como causas importantes a magia, a feitiçaria ou as ligadas à alma (anímicas). Na exposição que se segue procuramos apresentar o que pudemos coligir na bibliografia que conhecemos; embora tais informações possam ser generalizadas para a América Latina, é facilmente compreensível que devam ocorrer variações regionais e locais, pelo que se impõe um estudo pormenorizado em cada caso.

(1) Doenças naturais. As doenças naturais são também conhecidas como empíricas, porque se fundamentam, principalmente, no conhecimento empírico. Devido a esta qualidade é óbvio que as explicações apresentadas quanto à etiologia das doenças, embora possam ser certas, coerentes e consistentes do ponto de vista popular, encerram, muitas vezes, conceitos errôneos quando consideradas cientificamente. Entre as doenças naturais são incluídos, geralmente, os seguintes conceitos:

(a) Quente e frio. Os conceitos de quente e frio - são muito disseminados. Não correspondem necessariamente, como se poderia supor, à temperatura mas antes à certas qualidades inatas que são definidas arbitrariamente pelos indivíduos, tanto que, um alimento considerado frio em uma localidade poderá ser quente em outra. O estado de quente e frio pode ser aplicado tanto às doenças como aos alimentos, às ervas e a vários remédios ou substâncias.

A pneumonia é, por exemplo, classificada como doença fria, enquanto a febre tifóide é doença quente.

Em Santiago Tuxtla, Veracruz, México, Isabel Kelly nos apresenta as seguintes ilustrações.

"Tôdas as doenças do estômago são frias porque produzem "o bradera" (diarréia); contudo, se há febre, então a doença é quente.

O bócio é frio porque doi muito quando faz muito frio ou há umidade.

A dor de garganta é fria porque provém da pessoa molhar-se.

O soluço é frio porque vem do frio ou de molhar-se, ou então, pela ingestão de comida fria.

O paludismo é do calor, como também a dor de cabeça.

Para aumentar a confusão, diz-se que algumas doenças começam como frias e se convertem em quentes".

A lista dos alimentos quentes e frios varia muito de local para local. Em Xochimilco, por exemplo, entre os alimentos quentes são incluídos o açúcar, mel pimenta verde, aguardente, café preto, leite humano, alho, amendoim, cebola e sal; os alimentos frios são: arroz, "spaghette", batata, carnes, feijões, legumes e frutas em sua maioria, café com leite e chocolate (Vide Foster, A Cross - Cultural Anthropological - Analysis of a Technical Aid Program).

Uma relação mais ampla é apresentada no trabalho de Manzanedo e García, "El Bajío", parte I, onde a classificação dos alimentos é também mais elaborada, sendo descritas as seguintes categorias: quente, muito quente, cordial, frio, muito frio e irritante.

Considera-se, geralmente, que os alimentos frios são mais perigosos que os quentes.

Prevalece a idéia de que uma doença quente deve ser tratada com alimento frio e vice-versa. A infração desta regra pode agravar a doença.

- (b) Estômago limpo. Refere-se à noção de que há necessidade de ser feita uma limpeza periódica do estômago e do trato intestinal mediante o uso de "estomacais" ou de fortes purgativos.

(c) Mal de vento ou mal de ar

O mal de vento ou de ar resulta da ação do "frio" sobre uma pessoa que está "quente", como ocorre quando ela sai ao ar livre imediatamente após levantar-se, ou após ter estado em uma atmosfera quente (cozinhando, passando roupa etc.). A inobservância dos preceitos sobre o quente e o frio pode também determinar doença.

Isabel Kelly, no seu trabalho sobre Santiago Tuxtla, declara que ao mal do vento está estreitamente vinculado o "pasmo", termo para o qual não encontramos uma tradução. O pasmo é uma doença mal definida a que reconhece várias causas determinantes, sendo o principal o resfriamento do corpo que estava quente. Algumas pessoas identificam o pasmo com a tuberculose, com o tétano ou com sintomas tais como palidez, inchaço ou rigidez do corpo. O pasmo pode levar a pessoa à morte.

Outro conceito ligado ao mau ar ou mau cheiro, às vezes chamado "ar de câncer", é o de que emanções de cadáveres, de pessoas ou animais, ou outras, podem produzir doença em quem as aspira.

(d) Outros conceitos

O fígado é uma fonte abundantíssima de doenças.

Todas as pessoas "têm um pouco de sífilis", de modo a ser necessária a purificação periódica do sangue.

Omitimos a menção de outros conceitos por terem características mais locais.

(2) Doenças sobrenaturais

Estas doenças incluem dois conceitos fundamentais:

- Intrusão de algum objeto estranho no corpo do doente. Geralmente essas doenças são atribuíveis a práticas feitiçoescas.
- Extravio da alma ou mal da alma, ao qual se associa o susto ou espanto.

Inclui-se neste grupo o quebranto ou mau olhado e as doenças "mandadas por Deus".

Foster chama as doenças sobrenaturais de mágicas e inclui às 2 categorias já mencionadas e uma terceira que denomina doenças psicológicas. Para Foster as doenças psicológicas seriam devidas a "emoções intensas, como uma grande decepção, um forte desgosto, ou ciúmes ou rivalidades entre crianças" (AMS nº 43). Neste grupo estaria incluído o susto: "O "susto" está freqüentemente nesta categoria, interpretando-se então, como doença mortal ocasionada pelo despreendimento da alma e corpo em consequência do impacto da compção ou do susto recebidos".

- (a) Mau olhar, também conhecido como quebranto ou quebrante. É um dos males sobrenaturais mais difundidos na América Latina. Vimos que Maynard Araújo colocava o mau olhar na categoria das feitiçarias. Alguns indivíduos têm o poder, freqüentemente não intencional e algumas vezes desconhecido por eles próprios, de causar doença em crianças pequenas ao dizer-lhes palavras lisonjeiras ou simplesmente olhando-as; em outras palavras, teriam a vista "forte". Os mesmos indivíduos têm a faculdade de evitar que o mau olhar produza efeito se tocarem ou carregarem a criança enquanto estiverem contemplando-a.

Alguns acreditam que o invejoso sempre põe quebranto. É fácil conhecer-se uma pessoa invejosa: quando temos vontade de espirrar e o espirro não vem é porque a pessoa para quem estamos olhando é invejosa. O invejoso até espirro corta.

Uma informante declara: "Para se botar quebranto é o bastante olhar com olhos invejosos. É o suficiente de sejar qualquer coisa, caso não se consiga obtê-la, é mal empregar aquilo ao seu legítimo dono, que já caiu quebranto. Há pessoas que tem o olhar tão forte, que bastam olhar para botar quebranto. Tudo que é novo, tenro, está muito sujeito ao quebranto. Criança nova, muito bonita, é sempre sujeita ao quebranto, maus olhos, olhos grandes" (em Maynard Araújo).

- (b) Espanto ou susto. O espanto ou susto ocorre pelo fato de um ser sobrenatural, um espírito maligno ou um fantasma aderirem ao indivíduo, acompanhando-o como se fôsem sua própria sombra, ou assustando-o, de molde a que sua alma abandone o corpo. Tanto as crianças como os adultos podem padecer dêste mal.

Há vários tipos de espanto: Kelly, no seu trabalho sobre Santiago Tuxtla, descreve os seguintes:

- Espanto da água. Um espírito da água, chamado "chaneque", pode se apoderar da alma do indivíduo quando este vai banhar-se em um riacho. Raramente é mortal.
- Espanto do morto. É o susto que decorre do encontro de um fantasma; a morte do indivíduo que vê o fantasma pode dar-se dentro de pouco tempo.
- Espanto da cobra, em decorrência do encontro inesperado - desse réptil.

Outros tipos de sustos podem ocorrer em consequência de uma forte tempestade, acidente, crime etc.

Os sintomas são muito variados: perda do apetite, sonolência, "olhos quebrados", "pesadez" do corpo, pulso deslocado (em posição mais alta que o normal), pulso "frio" etc. Esta variabilidade e pouca precisão dos sintomas é mesmo uma das características da medicina de folk.

- (c) Feitiçaria e bruxaria. Reveste-se de várias formas ou pode ser causada de diferentes modos. Kelly, em "El Bajio" inclui no conceito de feitiçaria o "mal posto" (seria o mal feito, descrito anteriormente), o qual "provém da ingestão de um alimento onde uma pessoa que quer produzir dano colocou um "mal", que determinará um envenenamento", ou "pode resultar de práticas mágicas". "De outro lado, há casos que a morte das pessoas pode ser atribuída a bruxas que chupam as crianças".

Foster descreve a bruxaria como a prática de se "empregar bonecos ou imagens representativas da vítima, para picá-los com alfinetes ou causar-lhes outros males" (AMS nº 43).

Kelly, em "Santiago Tuxtla, Veracruz" reproduz o depoimento de uma feiticeira, que explica como se pode fazer mal a uma pessoa: "Para fazer mal a uma pessoa, é necessário que a feiticeira conte com uma prenda da vítima. Com a prenda se faz um boneco e se ensalma (ensalmar=fazer bruxaria, encantamento). Pica-se seu corpo com alfinetes, nas partes que se quer afetar da pessoa a quem se quer fazer o mal. Depois, ele é enterrado atrás de alguma cruz de qualquer sepultura".

- (d) Castigo divino. Segundo Kelly, em "El Bajio", a enfermidade mandada por Deus como castigo é mais ou menos desconhecida da maioria das pessoas; é um conceito mais ou menos limitado aos "doutores do campo" (curandeiros). Estes atribuem essa doença à má ação praticada pelo paciente; seria decorrência da infração às normas morais, pelo que o indivíduo se tornaria merecedor do castigo divino. O prognóstico desta doença quase sempre é fatal; por isso, o paciente deixa de

ser atendido, mesmo porque o próprio "doutor do campo" diz que não pode e nem deve ser curado. Se o doente procura o médico, o curandeiro adverte que é inútil qualquer tratamento.

Kelly cita alguns casos, os quais são referidos pelo "doutor do campo":

- "Olha, tua doença foi mandada por Deus e eu não posso curar-te. Vais viver 62 dias e, assim, é melhor que não gastes em remédios. Confie nisto, desfrute os dias que te restam e prepara-te para morrer. Não me acreditou e foi ver outro doutor ... 62 dias depois de haver-me visto, à noite disse à sua mulher que lhe queimava o peito e que estava se afogando. Às 2 da manhã morreu".
- "... vi que era castigo de Deus. Logo ela foi ver um doutor e eu o ouvi dizer que ia lhe dar umas colheradas para que se sentisse melhor. A moça acreditou que estava melhorando Eu entrei com ela no consultório do médico e lhe disse: "Você lhe está dando umas colheradas para que melhore? Pois saiba que este mal foi mandado por Deus e, agora, por pretender melhorar, não vai viver mais; dentro de 3 dias esta moça estará estendida". E deveras, embora o médico não o quisesse, após 3 dias estávamos velando a moça".
- "... vi que podia se curar, mas para isso necessitava mandar dizer uma missa. Curei-o e lhe disse: "Agora ... vai pagar a missa". Foi, e às 6 horas voltou. À noite começou uma dor e logo passou a vomitar muito sangue. Fui lá e lhe disse: "Fizeste o que mandei? Sua mulher disse que não ... (êle) disse que se já estava bem, porque pagar os 3.000 pesos da missa. Disse-lhe: "Pois já estive, agora, arranje tudo, porque não amanheces"; dito e feito, às 2 e meia da manhã era defunto (como castigo por não cumprir a missa que prometeu)".

Outros conceitos existem, mas acreditamos que os apresentados sirvam para dar uma idéia das concepções populares sobre a etiologia das doenças.

Cumpre-nos chamar atenção para um aspecto marcante da medicina de folk, o fato dos sintomas descritos serem amplos e vagos: vômitos, diarréias, febre, dor de garganta, dores etc. Por serem tão gerais estes sintomas e sinais, podem

-28-

conduzir a qualquer tipo de interpretação. Assim, quando ocorre uma situação em que se presume a ação de um agente qualquer determinante de doença (lisonja dirigida a uma criança, "golpe de ar", ingestão de um alimento contra-indicado etc.) cria-se a expectativa para o aparecimento da doença. Se, por exemplo, uma criança cai da cama e chora, espera-se que seja acometida de doença ocasionada pelo susto. Qualquer sintoma que apareça, febre, indisposição, dor de barriga, vômito, tristeza etc., servirá para confirmar o "susto". Da mesma maneira, êsses ou outros sintomas tão vagos quanto êsses, seriam suficientes para confirmar um diagnóstico de mau olhado. Outras vezes, diante de um mal declarado a pessoa procura fazer um retrospecto do que lhe aconteceu, a fim de "descobrir" uma causa explicativa; e, geralmente, encontra. Seria o caso, muito comum entre nós, da pessoa que, ao se iniciar um resfriado, se lembrasse que há dois dias saiu de casa insuficientemente agasalhada.

Tais "confirmações" atuam no sentido de reforçar nas pessoas a crença sobre a validade das concepções da medicina de folk, contra o que não há argumentação "científica" ou "racional" capaz de ser oposta.

Tem-se emprestado grande importância à classificação etiológica das doenças pois, de conformidade com o conhecimento popular a êsse respeito, o médico ou o serviço de saúde pública será ou não procurado. De modo geral, o médico poderá ser consultado no caso das doenças naturais ou empíricas, mas dificilmente o será para os males sobrenaturais, mágicos ou psicológicos.

- b- Tratamento. Os recursos terapêuticos da medicina de folk são múltiplos e, como não poderia deixar de ser, estão condicionados às características da doença, principalmente no que respeita à concepção etiológica. Muitos remédios são preparados na casa da pessoa doente, sendo por isso chamados caseiros; podem ser representados por chás, garrafadas, mezinhas, purgantes, banhos e outros que já foram referidos no Grupo I. Outras vezes são preparados pelos profissionais de medicina de folk ou, então adquiridos na farmácia, por iniciativa própria ou por recomendação do farmacêutico.

- (1) Doenças naturais. É de grande importância o conhecimento das doenças ou das condições conhecidas como quentes e frias e dos medicamentos ou alimentos quentes e frios, para o médico não incorrer no erro de fazer uma "contra-indicação" terapêutica. Prevalece a crença que para as doenças frias, impõe-se um remédio ou alimento quente e vice versa. Às vezes há exceção a esta regra, como no caso citado por Kelly em "Santiago Tuxtla", em que para a irritação dos olhos, que é quente, se deve dar leite humano, que também é quente:

Alguns exemplos de tratamentos para doenças naturais:

- Dores de estômago; urina de dois dias, fermentada.
- Panarício: excremento de galinha.
- Provocação de aborto: chá de pólvora de espingarda.
- Icterícia: chá de piolhos.
- Impingem: urina de ovelha ainda Virgem.
- Faringite: rá assada.
- Para facilitar o parto: beberagem composta de pimenta do reino, sal, alho e água.
- Pleurís: tomar um pinto novo, de 15 dias de idade, pisá-lo vivo num pilão, até que fique "demolido". Fazer um clister.
- Sarampo: chá de lagartixa.
- Terçol: estrume de coelho, ou "pílulas de São Jorge".
- Tosse: chá de alcaçúis.
- Enxaqueca: chá de cravo e noz-moscada.
- Reumatismo: cozinhar três brotos de samambaia e dar para a pessoa ir bebendo como se fôsse água pura.
- Resfriado: mel com água quente. Como o mel é remédio quente, quem tomá-lo precisa ter resguardo para não estuporar, se apanhar friagem.
- Criança que urina na cama: dar-lhe de comer crista de galo.

- (2) Doenças sobrenaturais. Os procedimentos utilizados para a cura dos males sobrenaturais apresentam variabilidade muito grande, não só de local para local, mas dentro de um mesmo grupo social. Poder-se-ia quase dizer que ficam à mercê dos caprichos ou das idéias pessoais.

(a) Mau dhado

- Na Bahia é usada a seguinte reza:

Fulano de tal, com dois te deram
 Com três te tiro
 Deus que te botou no mundo
 Deus que tire todo o mal
 Que em ti entrou
 Se tens olhado, quebranto,
 Ou ramo de assombramento
 Faça um requerimento
 Ao Santíssimo Sacramento
 Para te pôr feliz como batizado
 Na pia de água benta.

-30-

- Ficam na soleira da porta duas pessoas, uma segurando a criança e outra com um machado. Passa a pessoa que está segurando a criança. A que está com o machado pergunta: Que corto? A outra responde: Quebranto. Repetir três vezes e fazer três dias seguidos.
- Bate-se um tomate com a primeira água que se tirou do poço, pela manhã, e adiciona-se um ovo, que também se mistura com a água. Com tal mistura banha-se a criança, recolhendo uma porção da que escorre pelo seu corpo e dá-se-lhe para tomar. Empapa-se a cabeça com clara do ovo, até que não faça espuma. Seca-se a criança que é depois colocada na cama. Até duas horas após o banho, se dá de mamar à criança. O processo é repetido no dia seguinte.

(b) Espanto ou susto. O objetivo do tratamento é "levantar a sombra" ou devolver a alma.

"Segundo um curandeiro", citado em "Santiago Tuxtla, Veracruz, de Kelly", "a gravidade da enfermidade se determina lançando 12 grãos de milho em um vaso com água, ao mesmo tempo em que se pronuncia o nome do paciente. Para um homem usa-se milho preto e para uma mulher, milho vermelho. Se a pessoa está ligeiramente enferma, pelo menos 3 grãos devem subir para a superfície. Se apenas 2 respondem, a enfermidade não é grave. Se se eleva apenas 1 grão, ou se todos permanecem no fundo do vaso, o paciente sofre um caso grave de espanto".

"O tratamento para o espanto é complicado e varia segundo o curandeiro, que o atende segundo a gravidade do caso". Por essa razão, não vamos apresentar os vários procedimentos usados, mas apenas um relato apresentado por Kelly no trabalho supra referido e referente ao tratamento ministrado a dois membros do grupo de estudo.

"Vamos à casa do curandeiro. Ali somos tratados perto do altar familiar, no qual há vários quadros e esculturas de santos e flores vermelhas de tulipa. No altar, um candeieiro está aceso e o curandeiro manda trazer outro, que também acende. Há vários grãos de milho preto e de milho vermelho (usados, respectivamente, para a cura do homem e da mulher).

O curandeiro toca em nossos pulsos e declara que estão muito altos" (não no sentido da pulsação, mas sim da posição na munheca).

Na mão direita toma um ovo e sobre minha cabeça faz o sinal da cruz. Começa a esfregar o ovo, de minha frente para trás, e pela nuca. A seguir, esfrega um pouco mais abaixo, sobre as minhas costas e ombros. Esfrega com mais força nos braços, tocando constantemente os pulsos e, esfregando para baixo desde o antebraço, para fazer o pulso voltar ao seu lugar. A seguir, esfrega-me os músculos para baixo, tocando também as veias principais, até o tornozelo.

Enquanto isso, uma curandeira (que está ajudando) coloca 12 grãos de milho preto em um vaso com água, sussurrando o meu nome. Dois dos grãos de milho se dirigem para o fundo do vaso, o que indica que meu estado não é grave.

O curandeiro toma um feixe de ramos de manjeriço, folhas de pau de colher e uma tulipa vermelha. Volta, de novo, a fazer o sinal da cruz sobre a minha cabeça com as plantas em sua mão, e com elas começa a "limpar-me" na mesma forma com que o fez com o ovo.

A curandeira (ajudante), quebra a casca do ovo e o deixa cair sobre o vaso de água com o milho. A gema está rebentada e ligeiramente cozida, e a clara se eleva à superfície em um fio. Este é outro indício de que meu estado não é grave.

A seguir, minha companheira recebe o tratamento. Para ela se usou 12 grãos de milho coloridos, e nenhum se levanta do fundo do vaso, o que indica que está mais doente. Por isso, a cura se inicia esfregando com um candeeiro, antes de fazê-lo com o ovo, como no meu caso. Quando o ovo está quebrado e colocado no vaso com água, ao rebentar apresenta a gema completa, porém 2 borbulhas de clara formando 3 fios, se elevam à superfície. Também é indício de que ela está mais doente".

(c) Feitiçaria e bruxaria.

Na publicação de Kelly sobre "Santiago Tuxtla", lê-se a respeito do modo de fazer um diagnóstico de bruxaria: "O diagnóstico pode ser feito tocando-se a língua do paciente com um pedaço de chifre; se adere, a enfermidade é atribuída à feitiçaria, se desliza a enfermidade é "boa", quer dizer, não foi causada por bruxaria".

Há muitos outros recursos para diagnóstico, entre os quais, o aparecimento de animais perto da pessoa doente; acredita-se que as bruxas se transformam em animais, e apareçam sob a forma de "má visão": "A mulher de Fulano morreu de tuber-

culose. O médico me disse o que isso era e que fizera o possível para persuadir a família para que deixasse a casa e, especialmente, a cama. Contudo, nada pude fazer. Tinha ocorrido "más visões" e a família ... via um cachorro preto na casa; todos acreditavam que a senhora havia sido morta embruxada".

Muito comum também é a utilização de pós que serão ingeridos pela vítima, a fim de provocar o mal. Nestes casos, a medicação útil se faz através da administração de purgantes ou de eméticos.

Orações e várias outras práticas podem ser utilizadas, a fim de extirpar o mal de que foi vítima a pessoa.

Um tipo de tratamento, citado por Kelly e relatado por uma feiticeira:

"Sopro o rosto do doente com uma erva chamada fôlha de bruxo. Mastigo a erva e a removo com um bochecho de aguardente. Levo o doente aos "4 caminhos" (cruz de caminhos). Ali o sopro outra vez e o ensalmo. De volta, levo-o à minha casa e lhe pico o crâneo em forma de cruz (da frente para trás, e de parietal a parietal), com um dente de serpente já ensalmado. Logo depois cubro a cabeça (do paciente) com uma fôlha de bruxo e fôlha de tigre, não cobrindo o rosto. Amarro com um lenço enrolado na cabeça, para retêr as fôlhas. O doente deve ter uma dieta de carne e de caldo de urubú. Corto as ervas às terças feiras no céuro".

A medicina de folk pode ser ainda vista sob ângulos diferentes, como os que abaixo se seguem:

c- Obstetrícia de folk

- Não presta passar por trás de mulher grávida, pois ela terá mau parto.
- Para evitar que o feto se "desmanche" (abôrto) quando a parturiente se assusta, muitas nordestinas bebem a água com que o marido lavou o rosto.
- Sôbre a identificação do sexo:
 - quando a mulher sofre dor de dentes na última fase da gestação, terá criança do sexo masculino
 - desejo de comer maçã indica o sexo feminino.

-33-

- barriga pontuda: o nascituro será mulher.
 - barriga redonda: O nascituro será homem.
 - se o feto bolir no ventre será homem e se permanecer inerte será mulher.
- Para dar à luz logo, devem dois homens segurar a parturiente pelas axilas e ela ficará de cócoras. O marido deve dar três voltas ao redor da casa, com um pêsso nas costas, para abreviar o parto.
 - Para um parto rápido e feliz há grande número de orações e simpatias, como a de fazer a parturiente riscar no chão uma cruz com o grande artelho do pé direito, murmurando o nome da Senhora do Parto, ou a de colocar na cabeça o chapéu de uso do marido ou, ainda, a de pôr no pescoço um rosário de melão de São Caetano.

Bastante pitoresco é o caso citado no trabalho de Dornas Filho: "É bem conhecida a anedota, nada inverossímil, da quêle viajante que pedira hospedagem numa fazenda, onde a espôsa do fazendeiro sofria há dias as dores naturais ao seu estado, sem que as mezinhas tradicionais a desimpedissem. Para ser agradável ao hospedeiro, o viajante de clarou que sabia de uma oração miraculosa que, escrita num papel e costurada num bentinho, resolveria a situação logo que êste fôsse colocado ao pescoço da paciente.

De fato, a mulher, feito o que propuzera o viajante, em poucos minutos se desfazia do seu encargo, e a fama de tão poderosa oração correu mundo e de longe vinham pedir emprestado o bentinho miraculoso.

Passado tempo, estando bem sujo o pano que envolvia a oração, a mulher do fazendeiro resolveu mudá-lo por outro.

E apesar da recomendação do viajante que ninguém poderia ler a oração sob pena desta perder todo o efeito, por ser a sua receita também uma simpatia, a velha curiosidade feminina não resistiu à tentação e encontrou isto escrito:

Páre se quizer,
 Não tenho nada com o caso,
 O que quero é jantar e dormir
 Porque tenho fome e cansaço.
 Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo.
 Amem!

d- Pediatria de folk

- Para se evitar o mal de sete dias (tétano néo-natal), não tirar a criança do quarto onde nasceu, antes de completar o sétimo dia de vida.
- Para amansar criança recém-nascida, muito chorona, colocá-la numa peneira sob a cama dos pais.
- Para criança falar logo, pegar um pinto no momento em que vai sair da casca do ovo e fazê-lo dar o primeiro pio dentro da boca da criança.
- Não presta deixar criança brincar com vassoura, pois fica teimosa e desobediente.
- Quando a "moleira" não fecha, colocar clara de ovo batida, em cima.
- Muito menino nordestino cura . . . soluço dizendo:

Soluço vai
 Soluço vem
 Vai pra cima
 De quem ?
 De quem me queira bem !

e- Morte

- Derrubar tinta é prenúncio de morte.
- O homem velho que se muda de casa, morre logo.
- Defunto que fica com o corpo mole, é outro parente que vai atrás.
- Não presta tirar fotografia, estando três pessoas, é morte da que está no centro.
- Se acontece de se ouvir barulho à noite, em casa, é que a morte está se aproximando.

f- Saúde. Na América Latina prevalece o conceito de que saúde é o equivalente à ausência de sintoma da doença. A pessoa que se sente bem e não acusa nenhum padecimento está com saúde. Esta atitude em relação à saúde, está em conformidade com o conceito de máquina: se a máquina funciona é porque está ela em perfeitas condições e não necessita de cuidados; quando para de trabalhar é que precisa de conserto.

Tal concepção sobre a saúde, evidentemente, prejudica o sentido dos exames periódicos de saúde; a seguinte atitude, retirada do trabalho de Foster, publicada em AMS nº 57, é bas-

tante típica das nossas populações: "Se me sinto bem, evidentemente estou bem de saúde. Por que razão fazer algo antes de sentir-me doente? Preciso do médico quando não me sinto bem".

Nos Estados Unidos está presente no espírito das pessoas que as máquinas e outras utilidades precisam de conservação, como por exemplo, a lubrificação periódica dos automóveis, pintura da casa de tempos em tempos, a revisão das máquinas em uso. Talvez, possa esta ser uma das razões por que a medicina preventiva é mais eficiente naquele país.

A saúde, como valor, chega a ser, mesmo, determinada pela cultura. Um grupo pode dar grande valor à saúde e, em decorrência, à tódas as atividades a ela ligadas; outro grupo, pode dar-lhe pequeno valor e, do mesmo modo, agir de forma correspondente a êsse pequeno aprêço pela saúde. Aliás, para as pessoas que compartilham destas últimas idéias, subsiste também, muitas vèzes, um conceito fatalístico da doença, como quando dizem "Foi o destino", ou "A doença vem quando tem que vir", ou, ainda, "Ter nascido é para morrer". Daí, ser muito comum entre nós as pessoas encararem a morte do recém-nascido como a coisa mais natural. "É a vontade de Deus" dizem, quando lhes morre um filho; logo depois, uma nova gravidez começa. Há mesmo, com relação às crianças de tenra idade, uma idealização do óbito: o recém nascido morto é o "anjinho", cujo lugar no céu lhe está assegurado.

Para certos povos, que atribuem a doença ao sobrenatural, o tratamento ou a prevenção desta constituem uma ofensa a Deus ou ao Espírito, uma vez que a Ele cabe a causa. Na Índia, por exemplo, a varíola e as febres eruptivas são atribuídas a um ente sobrenatural, ao qual dispensam grande temor - A Deusa da Mata.

g- Medicina preventiva. Como vimos, tanto no Brasil como nos demais países da América Latina, as pessoas não se preocupam com o seu bem estar físico enquanto êste não estiver prejudicado ou ameaçado; daí, a manutenção ou preservação da saúde não é assunto que lhes interessa. Esta falha na compreensão da importância dos exames médicos periódicos, com o fim de promover e preservar a saúde, é uma das causas que limitam profundamente o trabalho preventivo dos centros de saúde. A unidade sanitária que, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, age exclusivamente na área da medicina preventiva, não é procurada na medida desejada,

porque a população está mais interessada no tratamento das doenças, seja pela alta prevalência destas, seja por uma condição cultural. A importância do fator cultural pode ser salientada pela comparação do povo latino-americano com o indiano, pois na Índia as pessoas estão mais interessadas na saúde do que na doença, atribuindo maior importância à prevenção do que ao tratamento das doenças. Nestas condições, um programa sanitário de prevenção teria oportunidade muito maior de sucesso na Índia que na América Latina.

Foster, em *Relationship Between Theoretical and Applied Anthropology*, faz referência a uma pesquisa realizada em 100 famílias na área do Centro Alemão Beatriz Velasco, na cidade do México, que evidencia o pouco interesse pelo aspecto preventivo da medicina: "Metade das pessoas entrevistadas nunca tinham estado no centro. Das 50 famílias, aproximadamente, que tinham ido, 25 o foram por terem uma criança doente que necessitava atenção. Um quarto adicional foi para obter leite fresco. Alguns outros foram porque necessitavam radiografia do tórax ou outros serviços clínicos. Somente 3 ou 4 apresentaram, como razão principal, o desejo de exame rotineiro de um infante. Inversamente, uma das principais razões pelas quais as mães não levaram seus filhos era devido ao fato de que elas estavam passando bem; e, porque levar crianças saudáveis para serem vistas pelo médico?".

Pelo exposto compreende-se, então, que a população da América Latina se mostre tão apática em relação à procura dos serviços de saúde para os exames médico-periódicos, pois não percebem nenhuma razão ou explicação lógica para assim procederem. Consideram, mesmo, que prestam um favor ao comparecerem à unidade sanitária para atender a uma consulta marcada; é muito possível estar implícito nessa atitude, o desejo de ser agradável ao centro de saúde, a fim de assegurar o atendimento no caso de doença.

Parece, portanto, que, na situação atual dos povos da América Latina, os serviços de saúde não poderão produzir um estímulo suficientemente forte para que as pessoas zelem pela sua saúde, a menos que procurem atender às pessoas nas suas necessidades. Se se reconhece que um dos princípios norteadores da ação sanitária é partir da realidade, é também admissível que o processo de educação sanitária deve reconhecer que o indivíduo doente é seu objetivo inicial.

Assim fazendo, o centro de saúde mais facilmente se integraria na comunidade, ganharia a simpatia e a cooperação das pessoas, para outros programas. Felizmente, muitos países latino-americanos já compreenderam esse problema e, nas suas clínicas atendem tanto doente como ao são; é importante, no entanto, que não se acomodem nessa situação e procurem desenvolver as atividades educativas, a fim de mudarem esse aspecto da cultura, tornando as pessoas mais receptíveis à idéia de proteção da saúde. Do mesmo trabalho de Foster há pouco citado, retiramos: "A satisfação do paciente em receber um serviço de saúde pública que ele ou ela deseja, e a satisfação do médico e da enfermeira em oferecer um serviço que o público deseja, parece promover uma atmosfera na qual a suspeita e a tensão são reduzidas a um mínimo, e na qual, como consequência, medidas preventivas realmente boas possam ser aplicadas. No Centro de Cerro Barón, de Valparaíso, Chile, onde há um franco reconhecimento de que a medicina curativa é tão importante quanto à preventiva e onde uma criança doente jamais foi mandada de volta, mais da metade dos comparecimentos é de crianças sadias" ".... deve também ser reconhecido o fato, pelo menos na América Latina, que uma apreciável quantidade de serviços curativos devem ser oferecidos, para desenvolver as condições essenciais para um programa preventivo".

O erro em que incorreram vários países latino-americanos, de prestarem apenas assistência preventiva nos seus serviços de saúde pública, é apenas uma ilustração de um mal muito maior, ainda com raízes entre nós, de copiarmos ou importarmos, ao pé da letra, objetivos e organizações que provaram bem em outras regiões. As ciências sociais indicam que o caminho a percorrer é diverso: as diretrizes sanitárias devem ser formuladas com base na realidade, tomada esta em seu contexto total e nunca num ou noutro aspecto isolado, e com um eventual aproveitamento do elemento alienígena. Crítica no mesmo sentido é feita por Guerreiro Ramos no seu trabalho "O Problema da Mortalidade Infantil no Brasil". Note-se que apontamos as razões culturais apenas para justificar nosso ponto de vista. A elas poderíamos aduzir justificativas de ordem social, econômica, sanitária e política, todas concordes entre si.

IV- Medicina de folk dificultando o trabalho sanitário.

Nosso propósito, no momento, não é discutir este problema, o que faremos mais adiante, mas o de apresentar alguns exemplos que ilustram as dificuldades que os trabalhadores de saúde pública encontram no campo.

Koos, em Some Contributions of Anthropology and Sociology to Public Health, conta o seguinte caso:

"Alguns anos atrás, em uma das nossas grandes cidades, foi feito esforço para se compreender a tremenda resistência de certos grupos estrangeiros, principalmente italianos, para a hospitalização. Concordavam com a internação em hospital somente como último recurso - frequentemente muito tardio para salvar a vida do paciente - e, assim, mesmo com protestos veementes. Feitas entrevistas várias para compreender as causas de tais comportamentos, descobriu-se uma grande variedade de razões. Uma foi frequentemente repetida: "No hospital eles lhe dão a garrafa preta e você morre. Não para mim!" Esta explanação decorreu do seguinte: Nos hospitais da cidade, a morfina foi por longo tempo administrada sob a forma de solução de Magendie, e a droga ia para o quarto em garrafas de cobalto azul. A administração da droga, não rara nas admissões de emergência, foi observada pela família ou pelos amigos; o paciente morreu, portanto, a garrafa preta tinha sido a causa da morte, e perdeu-se a confiança nos hospitais. Nenhum dos entrevistados tinha visto a garrafa preta e, no entanto, a idéia estava constantemente presente e agia compulsivamente, de um modo negativo, após 3 gerações".

Situação bastante próxima desta se verificava até há pouco tempo na cidade de São Paulo, onde corria a versão de que na Santa Casa local era administrado o "chá da meia-noite" para certos doentes, causando-lhes a morte.

De Dorolle, "A Etnologia e os Problemas de Saúde", colhemos alguns exemplos:

"Para uma mentalidade ocidental, haverá coisa mais simples do que a de se retirar uma amostra de sangue, seja uma gota de um dos dedos ou alguns centímetros cúbicos de uma das veias? Há cerca de 25 anos, na cidade asiática de Viet Nam, encontramos, entretanto, grande oposição a esta técnica tão simples, e em muitas de suas localidades rurais os aldeões fugiam até. Seria medo da dor? Seria por temor da visão sanguínea? Por nós, esses fatos seriam razoavelmente compreendidos. Suas razões iam muito mais fundo do que poderia parecer. É que existe a credicie segundo a qual um elemento qualquer do corpo humano - um pouco de cabelo, unha, sangue etc. - em poder alheio, transfere ao seu detentor uma parte da personalidade de seu legítimo dono, além de lhe permitir realizar contra este último feitiços e encantamentos mágicos para abalar sua vontade, sua saúde e seu futuro. Para que este temor se dissipasse foram necessários muitos anos".

"Em Viet Nam, os poços de suas vilas, perfurados com a melhor das intenções por seus administradores, desejosos de encontrar água potável para a população, quantas vezes não permaneceram em desuso? Desculpavam-se a dizer que a sua água não prestava para fazer chá ou para cozinhar arroz. Em realidade, a verdade era, porém, a de que os poços haviam sido perfurados sem uma prévia consulta ao geomanta, único capaz de dizer se o poço havia ou não sido perfurado na veia do dragão que dorme por sob o solo de cada uma das vilas do Viet Nam".

"Outra grande dificuldade que se opõe ao exercício de medidas sanitárias, no seio das populações não mecanizadas, é a rebeldia que as mulheres grávidas têm para com os centros e hospitais de maternidade. Em Quito, no Equador, não se compreendia o porquê deste procedimento, e foi necessário que se fizesse um estudo etnológico para que se aclarasse a situação. Constatou-se, finalmente, que havia sido divulgada, no seio de população, a idéia de que o hospital era demasiadamente arejado, e isto contrariava o conceito reinante de que o ar fresco era considerado prejudicial às parturientes. Estas, diziam ainda, além de serem forçadas a tomar um banho ao se hospitalizarem, uma vez que já fossem mães, deveriam também deixar o hospital num prazo que consideravam muito curto. O banho era tido como sendo grandemente prejudicial a uma parturiente, e, tradicionalmente, estas deveriam se conservar em resguardo interno, durante duas semanas"...".

"Em certas populações africanas, existe o costume de se colocarem as crianças, imediatamente ao virem à luz, sobre o chão de terra pura, sem qualquer proteção semelhantes práticas afugentam as futuras mães dos centros de maternidade, uma vez que estes não as permitem, absolutamente. Um etnólogo, estudioso do problema, sugeriu uma solução para o caso; a principal coisa para o africano é pôr-se em contato com as forças contidas no solo de seus ancestrais. É por esta razão que ao se afastarem de sua localidade natal todas as famílias têm o cuidado de levar consigo um punhado de terra de seu solo de origem. A solução estaria, portanto, em se tocar o recém-nascido com um pouco daquela terra. Isto removeria provavelmente, o obstáculo contra o hospital".

V- Valor da medicina de folk

Qual o valor que a medicina de folk representa para as pessoas?

Do ponto de vista clínico geral, os "medicamentos" utilizados pela medicina de folk são destituídos, em sua maior parte, de qualquer valor terapêutico, quando não, se apresentam, mesmo, como perigosos. Contudo, quando considerada como um todo, a medicina popular desempenha algumas funções favoráveis, cujo núcleo é fundamentalmente de natureza psicológica.

De início devemos reconhecer que os conceitos e práticas médicas populares têm resistido à prova do tempo, a despeito mesmo de sofrer ataques dos médicos e demais profissionais; este é um argumento respeitável e indica que a medicina de folk não é um conjunto bizarro de credulidades e superstições, mas antes um corpo consistente de conhecimentos, de grande vitalidade e bem integrado.

B. Paul, em Contextura Cultural Educação Sanitária, descreve o "sentimento de segurança face à incerteza" proporcionado pelas interpretações populares sobre a doença. Diz esse autor :

"O futuro é um grande desconhecido. Pode trazer-nos boa ou má sorte, boa saúde ou doença. Enfrentar um futuro indefinido é perturbador".

"Um mal estar torna-se definido quando pode ter nome e ser colocado em um esquema de classificação. Assim definido, é de qualquer forma menos horrível e mais manejável. As explicações e as terapias que apoiam podem parecer ilusórias de nosso ponto de vista. Podemos criticá-las, pois oferecem uma "falsa segurança". Mas devemos admitir que a falsa segurança é, às vezes, preferível à verdadeira insegurança".

"A adversidade e o temor da adversidade podem fazer surgir uma ansiedade destrutiva: A teoria popular de doença auxilia a manter esta ansiedade dentro de limites toleráveis, parecendo predizer, explicar ou controlar o capricho. Este é o sentido no qual as fórmulas culturais para explicar a doença oferecem controle psicológico.

"E quem pode contradizer a necessidade da segurança psicológica entre nós mesmos e nossos vizinhos? Não sentimos alívio quando um vazio inquietador é dispersado por uma espécie de ordem e de direção, como quando um médico define a causa de uma inflamação da pele como "dermatite"? Dar nome a alguma coisa muitas vezes significa explicá-la e reduzir seu poder perturbador".

No trabalho intitulado "Anthropology and Its Contribution to Public Health", Murdock, ressalta a função psicoterápica da terapêutica mágica, mostrando a sua estreita similaridade com a moderna psicanálise. Diz: "O sucesso de ambas é atribuível ao fato de que muitos dos males humanos são do tipo chamado "funcional" em lugar de "orgânico", isto é, eles são devidos a causas imaginárias, psicológicas ou neuróticas e não a microorganismos parasitários, desnutrição ou outras causas biológicas. A doença orgânica, naturalmente, não responderá a qualquer tratamento psicológico, mas quando uma queixa é imaginária ou funcional, poderá desaparecer se o doente se convencer de que será curado".

Da mesma forma que a farmacopéia da medicina de folk inclui medicamentos da medicina científica, como a aspirina, penicilina, bicarbonatos de sódio e muitos outros, esta tem se utilizado daquela, ou, melhor dizendo, tem "descoberto", analisado e testado, depois usado sob a forma de medicamentos científicos.

O serpasil, por exemplo, droga tão benéfica no tratamento da hipertensão arterial e das enfermidades psíquicas deriva de uma planta, a Rauwolfia serpentina, empregada há longo tempo pelos povos não letrados. Tiveram origem idêntica a estrofantina, cardiotônico, a emetina, usada contra a disenteria amebiana, a picrotoxina, estimulante da respiração nos casos de envenenamento barbitúrico e outros mais, como o quínino, curare, ópio, cocaína, eméticos, expectorantes e diuréticos. Os cientistas atuais estão reconhecendo as possibilidades dos medicamentos da medicina de folk, tanto que já vêm empreendendo investigação nesse sentido.

Não só as citadas mas muitas outras contribuições, no terreno da terapêutica, têm sido prestadas pela medicina de folk, as quais não cabe aqui pormenorizar.

O intercâmbio dos dois campos da medicina é tão grande que "... não podem ser diferenciados com precisão, desde que muitos elementos são comuns a ambos. O que, provavelmente, os distingue é a ênfase da medicina científica sobre a compreensão das relações de causa e efeito da moléstia e cura, e a relativa falta de tal ênfase na medicina de folk" (Saunders & Hewes; em Folk Medicine and Medical Practice).

Hanlon diz: "Honestamente, deve-se admitir que há muitos pontos de valor que podem ser encontrados na medicina de folk. De fato, podemos considerar a nossa moderna medicina científica como uma extensão natural e elaboração da medicina de folk numa base científica por esse meio representando nossa "medicina de folk científica". O número de drogas eficientes

que tem se originado da medicina de folk é bastante significativo: quínino, ópio, coca, curare e muitos laxativos, para mencionar apenas alguns. Como técnicas físicas, podemos citar massagens, banhos, suadouros, cirurgia e mesmo a inoculação.

No campo da saúde mental e psicoterapia muito pôde ser aprendido do mais simples praticante da medicina de folk".

O valor que se empresta à medicina de folk, seja no seu aspecto psicológico, seja no de se constituir em fonte para a farmacopéia científica, não implica no reconhecimento tácito de que deva ser aceita ou prestigiada integralmente. Pelo contrário, ela é, muitas vèzes, prejudicial, não só pelas práticas lesivas à saúde, mas também pelas concepções que fazem com que os indivíduos retardem a procura do médico, ou mesmo dêle não se socorram, negligenciem sôbre o tratamento recomendado por êste, não dêem à saúde o valor que pretendamos ou dificultem o trabalho do médico e da saúde pública; êstes prejuízos são exacerbados, naturalmente, quando se trata de doenças graves e, principalmente, de natureza "orgânica". É claro, daí, que se, impõe a substituição da medicina popular pela científica, como o desejam todos os profissionais desta última. O que está errado nas nossas condutas é querer simplesmente ignorar a medicina de folk ou, então, atacá-la cegamente, sem antes conhecer o seu lado favorável, as suas possibilidades e o que representa para as pessoas que nela acreditam. Antes de qualquer outra coisa, a medicina de folk precisa ser melhor conhecida, tanto no seu aspecto médico, social e antropológico, como no seu conteúdo psicológico.

VI- Profissionais da medicina de folk

Praticamente em tôdas às sociedades encontramos pessoas que adotam, em maior ou menor grau, crenças e práticas médicas populares. Quem em nossa sociedade, por exemplo, já não recomendou a um parente ou amigo um chazinho para esta doença, um copo de água para uma criança assustada, chá de sabugueiro para "arrebentar" sarampo, ou não tenha algum receio de mau olhado ?

"De médico e louco todos têm um pouco diz, acertadamente, o velho adágio. Flamínio Fávero nos conta, a êsse propósito:

".... É conhecida a anedota que se conta a respeito de Gonnelle, bôbo da corte do Duque de Este. Apostou êle, com seu amo, que todos são médicos. Para demonstrá-lo, saiu certa manhã a percorrer a cidade, tendo amarrado ao queixo um lenço.

E todos que o conheciam lhe indicavam um remédio esplêndido para a sua dor de dentes. Assim, reuniu êle para mais de trezentas receitas. Voltando ao palácio, o próprio Duque, condoído d'êle, lhe deu uma prescrição. Então Gonelle, tirando o lenço do rosto, disse que havia ganho a aposta e que até seu amo era médico.

Há, também, verdadeiros especialistas de medicina de folk, os quais a praticam eventualmente de permeio com outros misteres, ou então, de modo mais efetivo, como profissão ou meio de vida.

Os profissionais da medicina de folk variam de conformidade com a cultura. Entre nós reconhecem-se, habitualmente, os seguintes principais: curandeiro, alguns farmacêuticos, curiosas e benzedeadas.

1- Profissionais da medicina de folk, do ponto de vista legal

Flamínio Fávero descreve "três figuras delituosas do exercício ilícito da medicina: exercício ilegal da medicina, charlatanismo e curandeirismo".

Examinaremos cada um destes tipos, conforme o que refere êsse autor.

(a) Exercício ilegal da medicina. Configura a situação do médico que não tem ou não obteve autorização para exercer a medicina em nosso país.

(b) Charlatanismo. O termo charlatanismo vem de charlar, do italiano, ciarlare, que quer dizer conversar. Com o tempo, os charladores passaram a proceder de maneira desonesta, sempre com o fito de enganar, de iludir.

Segundo o texto legal, charlatanismo se caracteriza da seguinte forma: inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível.

"Podem ser charlatães não só os médicos, como também, os que exercem ilegalmente a medicina e os curandeiros".

"No Segrêdo e na infalibilidade estão os pontos fundamentais do ilícito moral e legal, porque a medicina não pode agir por meios secretos, devendo ser franca e leal em sua atuação e também porque nunca pode pretender a infalibilidade".

Na prática, o charlatanismo pode assumir diferentes feições: médico que faz diagnóstico de moléstia grave, que realmente inexistente, com o fim de simular grande competência com a "cura"; médico que anuncia medicamentos de sua invenção ou que utiliza o termocautério para tocar a mucosa nasal para curar tudo; que faz reclamos espalhafatosos pela imprensa ou por meio de placas enormes; que anuncia cura de doenças incuráveis etc.

- c- Curandeirismo. "Chamam-se curandeiros os indivíduos que exercem a arte de curar, sem habilitação* legal como no exercício ilegal, mas profissional" Em outras palavras, os curandeiros não frequentaram regularmente curso médico.

O curandeirismo é exercido: (a)- prescrevendo, ministrando ou aplicando habitualmente qualquer substância; (b)- usando gestos, palavras ou qualquer outro meio; (c)-fazendo diagnóstico.

Numerosos são os curandeiros que prescrevem, ministram ou aplicam habitualmente remédios, entre os quais se incluem mesmo certos farmacêuticos e enfermeiros que clinicam por conta própria.

Na segunda forma, a do uso de gestos, palavras ou qualquer outro meio, se inclui a utilização de passes especiais, de rezas, de objetos e instrumentos vários.

Flamínio Fávero cita artigo do Prof. Franco da Rocha, intitulado "Psicologia das superstições", aqui reproduzido: "Superstição é a tentativa de curar baseada somente na fé, numa crença ... Em medicina ..., o charlatanismo e superstição se entrelaçam inseparavelmente; o curandeiro nada faz sem o apoio da superstição, do mesmo modo que o charlatão, na esfera da medicina, nada pode fazer sem o meio supersticioso em que ele executa suas proezas Existem superstições em todas as camadas sociais, em todas as condições, em todas as profissões Pode-se definir o homem: um animal supersticioso. O pescador cospe água, quando lhe escapa do anzol um peixe, para que este volte a pegar na isca. O caçador vira a boca da espingarda para o chão a fim de fazer cair o pássaro que, ferido de morte, se agarra com as unhas ao galho da árvore e lá fica pendurado. Há gente que guarda como mascote a ferradura velha, caída do pé de qualquer cavalo. A arte de curar não poderia fugir a essa fatalidade".

* profissional. Note-se bem - não mais habilitação legal como no exercício ilegal, mas profissional". Em outras palavras etc.

Há também, os falsos curandeiros: "Conta-se que, em cidade do interior da França, alguns médicos se apresentaram à autoridade local para queixar-se de um curandeiro que os prejudicava na clínica. Chamado à presença da autoridade, exibiu o acusado o seu diploma de médico perfeitamente em ordem. Mas pediu, com insistência, não fôsse feita pública sua situação legal, porque, assim, perderia os clientes, pois que tinha mais possibilidades fazendo-se passar como curandeiro. Assegura-se que, em nosso país, caso semelhante ocorreu no estado de Minas Gerais. Se a moda pegar, devem os curandeiros de verdade organizar-se em associações para defender seus direitos e enfrentar, pois ... essa concorrência desleal".

Estas palavras, de Fávoro, constantes em livro editado em 1.945, estão, em certo sentido, sendo confirmadas pelas recentes notícias veiculadas pela imprensa paulista.

Assim, em 21 de maio do corrente ano (1.959) a "Fôlha da Tarde" publicou artigo intitulado "Curandeiros francêses reclamam reconhecimento de seus processos", o qual, em resumo, trata do seguinte: Refere que "no primeiro Congresso dos curandeiros realizado recentemente em Paris, foi formada comissão mista e permanente, integrada por cinco curandeiros e cinco médicos diplomados (não representando a classe médica francesa), a qual se incumbirá de examinar os pacientes tratados pelos poprofissionais da medicina livre. O líder dêsse movimento dos curandeiros, que é o presidente do Grupo Nacional de Práticos de Medicina Livre condenou os curandeiros que prometem curar tôdas as doenças por métodos empíricos. Por outro lado, essa entidade estabeleceu uma carta de princípios, a ser obedecida pelos seus membros. São os seguintes os quatro pontos estabelecidos nessa carta: (1) Jamais interromper um tratamento médico em curso; (2) Tratar dos casos de câncer ou tuberculose somente com tratamento médico paralelo; (3) Fazer com que o paciente consulte o médico, pelos menos de três em três meses; (4) Assinar uma declaração pela qual se comprometa a cessar sua atividade no momento em que deixar de seguir os princípios anteriores".

No mesmo jornal, em data de 20.7.59, consta outra notícia intitulada "O curandeirismo francês pleiteia o direito a uma existência legal". "Assinala êsse artigo que os curandeiros atuais da França constituem uma classe organizada em associações e sindicatos, de que há vários; além disso, mantêm cursos para a formação de magnetistas, radiestesistas e outros especialistas. Lutam sobretudo, pelo reconhecimento de seu direito a uma existência legal. A principal

alegação contra os curandeiros é que são charlatões, prejudiciais, não apenas à bolsa, mas também à saúde de seus pacientes; o próprio presidente de uma associação de curandeiros concorda em que 90% de seus colegas são charlatões. Entretanto, admite-se também que nem todos são charlatões. Afirmam que seus métodos de tratamento, particularmente devido à sugestão que exercem sobre os pacientes, podem ser eficazes em muitas doenças de origem nervosa, como certas paralisias, febres sem causa, vômitos, constipação, perturbações gênito-urinárias e impotência.

A verdade é que a situação chegou a tal ponto que já se entrevê a possibilidade de uma conciliação entre o curandeirismo honesto e a medicina oficial".

Evidentemente, ao reproduzirmos tais acontecimentos, não estamos fazendo apologia do curandeirismo no Brasil; nossa intenção, no momento, foi a de apenas trazer a informação para, oportunamente, discutirmos esse assunto.

2- Os mais importantes profissionais da medicina de folk brasileira.

Não há dúvida que, os profissionais da medicina de folk que mais se destacam no Brasil são os curandeiros, alguns farmacêuticos e as curiosas, seja pelo número de seus representantes, seja pela respectiva área de influência.

a- Curandeiros. Quer do ponto de vista geral ou legal, curandeiro é todo aquele que exerce a medicina sem possuir diploma de médico. São curandeiros, portanto, não apenas os que se utilizam exclusivamente de ervas para tratamento, mas também os feiticeiros ou bruxos, os farmacêuticos ou droguistas que fazem diagnóstico e prescrevem medicamentos, os enfermeiros que fazem tratamentos, as curiosas ou aparadeiras, as benzedadeiras, os curadores de picadas de cobras, os osteopatas e outros.

Vamos considerar aqui, no entanto, o curandeiro tomado num sentido restrito, aquele pelo qual é mais comumente conhecido: indivíduo que realiza cura por meio de ervas e que se utiliza de técnicas mágicas e outras de caráter oculto; segue-se, portanto, que o curandeiro é um misto de herbolário e feiticeiro, na maioria das vezes.

Do trabalho de Kelly, Manzanedo e Garcia, sobre Santiago Tuxtla, Veracruz, retiramos algumas informações a respeito da formação do curandeiro, a qual, diga-se de passagem, obedece a rituais extremamente variáveis conforme a localidade.

"Diz-se, em Santiago, que sòmente os valentes seguem essa carreira porque precisam enfrentar, isto é, pôr-se cara a cara como o diabo. Um homem informa ter passado por esta prova decisiva:

"Para aprender a, curar se necessita, em primeiro lugar, ter o "livro negro", depois, ter um mestre.... Em tive um que era de Camoapan. Estive com êle muito tempo, até que me disse que era tempo de me juntar com o diabo. Levou-me a uma caverna muito grande que há perto da Lagoa Encantada. Nesse tempo não havia luz elétrica (nesta região), porém quando entramos na caverna, ela estava tãda iluminada com uma luz vermelha e no centro havia uma rua muito comprida. Quando vi isto, em meu coração recordei-me da Virgem de Carmen ! Isso foi o suficiente para que o diabo não me quisesse e me expulsasse da gruta a pancadas. O culpado foi meu mestre, que não me avisou que ali não deveria me recordar de coisas santas".

De acôrdo com um informante, antes que uma pessoa chegue a ser feiticeiro profissional, necessita "banhar-se no rio e entregar sua roupa". Este, talvez, seja um aspecto do pacto com o demônio, porém, infelizmente, não dispomos de informações adicionais.

Um feiticeiro disse que certo mestre "me ensinou algumas coisas, e outras eu li no livro negro, no livro de São Cipriano e outros. Disse que se pode aprender rapidamente, em uns 6 meses. No início, porém, o moviço precisa ir só ao cemitério, à meia noite, onde "os animais começam a rodeá-lo e a subir em seu corpo. Que animais ? Animais maus de tãdas as classes: texugos, serpentes, animais imaginários".

O curandeiro se identifica muito bem com a maior parte da população, tanto social como culturalmente e, em geral, é um indivíduo modesto, simples e amigo. Contudo, suas maiores qualidades decorrem, talvez, de seu virtuosismo psicológico. Suas técnicas psicológicas e sua habilidade no trato pessoal, tornam-no praticamente infalível na arte de curar. Beatrix Cobb, no seu trabalho intitulado "Porque as pessoas retornam aos curandeiros ?", publicado no livro de Jaco, estuda as razões do sucesso dos curandeiros, observando principalmente os aspectos psicológicos dos motivos apresentados por 20 pacientes com suspeita de câncer.

Diz Cobb: "Os precedentes excertos são indícios eloquentes da habilidade, consideração e reconhecimento do paciente como uma pessoa. A abordagem do curandeiro é positiva. "Eu posso curar o câncer; tudo o que eu quero é oportunidade para prová-lo ! Isto êle proclama pela imprensa e pela palavra oral."Eu desafio qualquer médico do mundo e provo-o, sem qualquer sombra de dúvida, que o câncer não é heretário, mas sim infeccioso". A pessoa que procura por milagre, o curandeiro diz, "Não procure pelo agente funerário se seu médico diagnosticar sua moléstia como câncer. Tome uma passagem de ida e volta a ". Ao que vive de esperanças diz, "você tem que fazer sua parte mentalmente, fisicamente e espiritualmente; é um processo de três aspectos, requerendo a cooperação de você, de seu médico e do Criador. Com esta equipe de trabalho, você pode almejar a ter uma vida feliz".

Ao homem que se torna impaciente com o médico e com sua terminologia médica, que não tem qualquer sentido para êle, o curandeiro parece particularmente lógico. "Os tumores resultam da perda de controle pela inteligência inata, de certas partes e funções do corpo", êles afirmam. "Do mesmo modo que o crime resulta, frequentemente, da perda do controle dos pais sobre as atividades e a índole de seus filhos! Esta especie de explicação parece muito mais lógica ao leigo do que a bárbara linguagem médica utilizada pelo médico que não tem tempo para conversar.

Ao homem prático que pergunta, "Como pode uma forma de tratamento ser tão benéfica para tantos tipos de doenças?" a resposta é simples. "Estes catalizadores não tem nenhuma afinidade especial para certos tipos de tecidos ou formas de moléstias. Quando injetados no corpo, capacitam-no produzir seu próprio mecanismo de defesa e assim, acarretam uma ação curativa". Quando o homem prático volta a perguntar: "Mas, como pode o mesmo tratamento curar tantas doenças?", a resposta ainda é fácil. O tratamento é semelhante ao botão de partida de um automóvel - uma vez que o mecanismo começou a funcionar, não é necessário manter o pé na partida. Assim, por meio de raciocínio simples e lógico, o curandeiro maneja muitos dos seus argumentos.

A esta abordagem tendenciosamente lógica e positiva, o curandeiro alia um elemento muito eficaz, o trato sempre polido e gracioso. Por êste meio, êle liga o paciente a si por meio de vínculo de gratidão e aprêço. Finalmente, quando êle liga seu tratamento com a divindade, o sucesso ou o fracasso torna-se uma parte da crença religiosa do paciente. E o curandeiro se colocou acima da reprovação no coração do paciente".

Foster assinala que "Sua (curandeiros) perspicácia clínica é frequentemente assombrosa - sem qualquer dúvida, eles frequentemente curam a doença e aliviam o sofrimento - e têm considerável conhecimento das ervas, bem como de psicologia. Em geral, são honestos, praticantes sinceros e membros respeitados da comunidade".

Outros aspectos do curandeiro apresentaremos mais tarde, ao compararmos este profissional com o médico. Entretanto, antes de encerrarmos esta descrição, gostaríamos de responder à questão: Por que as pessoas são leais aos curandeiros? Recorreremos ao trabalho já citado de Cobb para atender a essa pergunta:

"Quando o paciente vai ao praticante não médico, procurando por milagres, agarrando-se a qualquer esperança, ação, ou simplesmente porque não sabe a diferença entre a autoridade médica e o curandeiro, é raro que ele fale mal do curandeiro. Contudo, o doente não tem tais escrúpulos para a sua reprovação contra o médico. Esta lealdade para com o curandeiro, mesmo em face do fracasso do tratamento, é assombrosa.

Uma mulher de 56 anos de idade, com um ano de Ginásio a seu crédito, explicou-me com eloquência sua lealdade. Eles foram tão cortezes, que eu estarei com eles, não importa o que possa acontecer comigo. O último médico que me atendeu foi muito brusco comigo. Disse que eu estava em tal estágio do câncer que me assustou com a morte. Agora estes.... dizem as pessoas, "Olhe para o lado, favorável e goze a vida o quanto possa". Este médico retirou-me toda a alegria da vida porque assustou-me com a morte. Agora, com estas... pessoas, eu estou segura e feliz. Eu fui à clínica..., porque eu não tinha nenhuma satisfação com os meus médicos. Bem, como eu disse, eu aderirei a eles mesmo, que seja a última coisa que possa fazer. Eles me ajudaram mais que qualquer outro. Eu me sinto melhor quando tomo aqueles remédios, e quando começa a doer eles fazem alguma coisa para isso. Eles não dizem, "Bem, aquela é uma parte de sua doença, assim, nós não podemos ajudá-la se você está doente do seu estômago". Ou, eles não dizem, "Você imagina que está sofrendo". Eles lhe dão remédio para qualquer padecimento".

Uma jovem e simpática mãe de 23 anos, graduada no ginásio, foi abordada por um adepto do curandeirismo, enquanto esperava pela consulta em uma clínica médica. Ela se referiu a este apêlo de modo muito significativo: Fiquei um pouco nervosa, às vezes. Realmente, fico nervosa antes de vir aqui porque nenhum dos médicos nos dá qualquer esperança

concreta; eles se limitam a dizer que me manterão viva com transfusões de sangue e, então, pode ser que seja encontrada uma cura. Eu não quero apenas me manter viva ... Eu quero viver Eu quero viver normalmente ... Eu quero me sentir bem. Por esta razão eu estava muito tentada a procurar os curandeiros. Eles são realmente interessados e parece que pretendem ajudar muito. E as pessoas que seguem o tratamento são realmente compensadas por isso. Eles não permitem que você siga o tratamento, a menos que realmente tenha fé neles. Você sabe, algumas vezes eu penso que eles trabalham como os hipnotizadores Eles conseguem sua própria aceitação tão eficazmente. Este homem, eu sei, está indo ao curandeiro todas as vezes que ele vai lá, volta todo entusiasmado para pregar sobre isso o resto de sua vida. Eu sei que o tratamento não é responsável, mas ele se sente melhor cada vez que toma um. Eu sei, também, que a fé e a esperança podem fazer com que você se sinta melhor e, algumas vezes, eu penso que é isto o que eles fazem e que os da profissão médica não fazemfaz você se sentir completamente feliz e ter fé no tratamento que estão lhe dando".

b- Farmacêuticos-curandeiros

O problema do curandeirismo farmacêutico foi ventilado recentemente no jornal "Tribuna Médica", pelo Dr. Egberto Elói Santos. Dêsse trabalho, que é uma campanha contra o grupo de farmacêutico ou, os assim chamados, que exercem a medicina, retiramos as seguintes observações:

"O curandeirismo nas farmácias constitui um fato ou uma prática de todos conhecida, a tal ponto que vulgarmente se considera como bom farmacêutico todo aquele que examina, diagnostica e trata de doentes com feliz êxito. O bom farmacêutico de há muito deixou de ser "na boca do povo", o profissional de farmácia diplomado por uma escola oficial, arguto nas manipulações químicas, na confecção das poções, conscienciosos e honesto. Atualmente, qualquer vendedor de remédios, do que aliás se compõe a maioria dos erroneamente chamados farmacêuticos, não se sente bem, não é bem vista pela freguesia se não tem um pouco de fama como curador de doentes".

"Não seria exagero afirmar que todo o médico recebe diariamente, no consultório, assim como encontra em domicílio, a maior parte dos clientes já passados por algum tratamento ou exame feito por farmacêutico".

Na era pré-antibiótica, o curandeirismo farmacêutico era menos freqüente, pois os farmacêuticos não se aventuravam a diagnosticar e tratar de doenças graves. Hoje, no entanto, com o advento dos antibióticos e de outros medicamentos, alastrou-se e intensificou-se muito esse tipo de cu-

randeiragem. "Surgiu o curandeiro estabelecido, com balcão, paramentado de avental branco, comprando, adquirindo livre e diretamente dos laboratórios farmacêuticos essas armas de combate às doenças, mas que agora êle mesmo, o curandeiro - farmacêutico, pode dispor à vontade, aconselhar, indicar, vender e aplicar em qualquer caso. "Venda somente mediante receita médica!" Eis uma legenda que se tornou absoluta e escarnekedora". "... hoje é raro negociante de remédios que não tem um estetoscópio biauricular de boa qualidade, porque já não querem mais fazer a escuta direta; um aparelho de medir a pressão arterial, termômetro, bisturí, abaixador de língua etc."

"Demore o colega uma hora junto a um balcão de farmácia, em qualquer ponto do Brasil e verá que nem 30% das pessoas que estão adquirindo medicamentos, exibem a receita médica".

"É aceitável, em condições de emergência, em lugares onde não haja médicos, ou enquanto se aguarda a chegada deste, que o farmacêutico preste a um doente socorros que souber ou que estiverem a seu alcance mas muita diferença vai disto ao exercício indevido, proposital, calculado da clínica, do curandeirismo, com o fito de usufruir maiores lucros ou de satisfazer uma vaidade pessoal em detrimento da saúde dos incautos".

Para finalizar, apontaremos dois casos, relatados no mesmo artigo:

Um dêles se refere a uma pessoa que chegou ao consultório médico, desesperada:

"Doutor, pelo amor de Deus, ajuda-me! Será que vou ter mesmo um derrame? Tenho mulher e filhos para cuidar e gosto tanto dêles ...

Mas que é que há com o sr.? Por que tem tanto medo? Tinha calma; vamos ver o que é que o sr. tem, primeiro.

É, doutor, sinto-me mal, tenho falta de ar e fui àquele farmacêutico para medir a pressão e êle me disse que estou com 22 e, mais, que isto é efeito daquele remédio composto de vitaminas que o Dr. B. me receitou e eu estava tomando. Hoje, depois que o farmacêutico me disse isso, cheguei em casa e atirei o tal remédio pela janela afora. Será que o Dr. B quer me matar? Será que o farmacêutico me disse a verdade? Será que êle estudou mesmo até o 5º ano de Medicina e é competente tal como qualquer médico? Pelo menos parece, pois êle tem todos êsses aparelhos que os srs. usam para examinar um cliente"

Outro caso: "Certa vez, no interior, numa localidade do Estado de São Paulo, fomos atender ao chamado aflito de um cidadão para socorrer a sua filha, que se achava doente e muito mal. Chegando à residência dêle, vimos logo tratar-se de gente muito pobre e humilde, pois nem cadeira havia para nos sentarmos e a pobre mocinha estava deitada numa cama das mais rudimentares possíveis. Examinamos a paciente. Era um belo tipo de moça, branca, feições aprimoradas, órgãos normais e sadios, a despeito da pobreza, mas estava com uma apendicite supurada. Perguntei: Por que esta moça está assim até agora? Sim, parece-me que esta apendicite não se declarou - hoje nem ontem. Ela, respondeu-me o moço, estava se tratando com o farmacêutico Miro e ontem mesmo êle nos garantiu que ela ficará boa com o tratamento que êle está fazendo nela, que não é preciso chamar médico algum, pois êle sabe o que está fazendo Faz três dias êle receitou um purgante de aguardente alemã. Ela tomou êsse purgante e piorou imediatamente, ficando neste estado que o sr. está vendo aí.

Mas desde que ela adoeceu, o sr. não sabia que existe médico aqui na cidade? Sabia, mas o sr. vê, nós somos pobres e ouvimos a fama do "seu Miro", que é muito grande como de bom farmacêutico e caridoso.

Desde quando êle está tratando dela? - Faz uns oito dias - E quanto está cobrando? - Ele me disse que o tratamento ficará nuns três mil cruzeiros, somente em remédios; êle não cobra consulta".

Esse caso, levado para o hospital e operado, veio a falecer após 48 horas. A cavidade abdominal estava repleta de puz e o apêndice perfurado em consequência do purgativo.

Os dois exemplos aqui transcritos e mais as considerações do Dr. Eloi retratam a situação em que se encontra o curandeirismo farmacêutico no Brasil, o qual, diga-se também, é encontrado mesmo nos grandes centros urbanos, pelo menos nos seus bairros. Outras considerações poderiam ser feitas mas acreditamos que as apontadas aqui são suficientes para dar idéia ao leitor do problema criado pelo farmacêutico-curandeiro, concorrente bem sucedido do médico na função de tratar as doenças.

- c- Curiosas. As curiosas ou aparadeiras são pessoas que atendem à gravidez, ao parto e ao puerpério da maior parte das gestantes de áreas rurais e pequenas comunidades da América Latina. São pessoas leigas que, em geral, aprendem de outras, como atender ao parto, realizar abôrto e outros detalhes. A

seguinte citação, retirada do trabalho de Kelly, Manzanolo e Garcia, sobre "Santiago Tuxtla, Veracruz" ilustra a maneira pela qual êsses profissionais adquirem seu preparo (contado por uma curiosa):

"Nos meus 3 primeiros partos fui atendida pela parteira em pírca (curiosa). Ela me ensinou muito e, posteriormente, aprendi sòzinha. Já não procurei uma parteira; eu mesma me atendi ao dar à luz Gradualmente comecei a atender às minhas parentas e vizinhas".

Kelly, em outro trabalho, "El adiestramiento de Parteras en México, desde el punto de vista Antropológico", aponta que a curiosa mexicana é extremamente hábil no cálculo do mês da gravidez, na posição do feto e em outros assuntos meramente empíricos. Necessitam de ajuda, principalmente, nos seguintes pontos: a) no conhecimento dos princípios fundamentais de higiene que, com freqüência, desconhecem por completo; b) na orientação relativamente aos conselhos e atenções que deve dar antes e depois do parto; c) no reconhecimento dos casos que se encontram além de suas facultades, o que, sendo possível, devem ser encaminhados a um médico.

As curiosas têm conseguido medrar em nosso meio por várias razões, entre as quais, além da sua identificação social e cultural com a maior parte das parturientes, também pela relativa falta de médicos ou enfermeiras nas zonas rurais. As curiosas, além da sua função especificamente relacionada com o parto, exerce uma ação social importante, a de cuidar dos afazeres domésticos e dos outros filhos da parturiente, nos primeiros dias de puerpério.

Mas, a despeito dêstes papéis exercidos pela curiosa de atendimento ao parto e de auxílio no domicílio, é inegável que elas contribuem para elevar o obituario infantil, principalmente, por conta das infecções que carregam.

Aliás, êste, como os demais profissionais da medicina do folk constituem um sério problema para as nossas autoridades, mormente as sanitárias, e o seu perfeito equacionamento longe está de ser encontrado, mormente se se persistir no mero ataque repressivo à curandeiragem, como se vem fazendo até o momento. Esta não existe apenas porque as nossas populações sejam taxadas de "ignorantes". A verdadeira explicação só poderá ser encontrada através do estudo dêsse problema, o qual, uma vez conhecido e evidenciadas as suas causas, poderá ser definida uma solução.

Apesar da resistêcia oposta, principalmente por médicos, que não vêem outra medida que não a policial para "exterminar" a curandeiragem no Brasil, já se começa a dar ouvidos aos cientistas sociais, que apontam outra via para estudo e solução do problema.

ANTROPOLOGIA APLICADA A SAÚDE PÚBLICA

As possibilidades de aplicação dos conhecimentos proporcionados pela Antropologia cultural são enormes. Pode-se afirmar que ela poderá ser útil a qualquer ramo da atividade humana que envolva a participação dos indivíduos para atingir o objetivo colimado.

Contudo, embora potencialmente a Antropologia possa ser considerada recurso de grande valia para o homem compreender e resolver os problemas "humanos", só muito recentemente vem ela sendo utilizada pelos diferentes profissionais. O campo da saúde pública não faz exceção a essa afirmação, pois, a despeito do esforço de alguns e do reconhecimento de outros a propósito da utilização dessa ciência no planejamento e execução das atividades sanitárias, existe ainda muita resistência por parte da imensa maioria dos sanitaristas, o que deve ser ditado, provavelmente, pelo desconhecimento da Antropologia ou pela má compreensão sobre o trabalho do antropólogo.

Nas considerações que a seguir faremos, vamos procurar mostrar o aspecto social da saúde pública, a influência da cultura sobre o comportamento dos indivíduos, algumas dificuldades encontradas na atividade sanitária, a orientação para conduzir com mais eficiência o trabalho e o que a Antropologia tem feito e pode fazer para a melhor direção na programação e execução das atividades de saúde pública.

I- A saúde pública como atividade social

A atividade sanitária, para a grande maioria dos aspectos em que pode ser exercida, envolve, necessariamente, a participação de duas ou mais pessoas, representadas de um lado, por elementos da unidade sanitária e, de outro, por membros da comunidade. Passa-se entre ambos os elementos um processo de interação social, o qual não ocorre no vácuo, mas sim dentro de um sistema social que define os papéis dos participantes, especifica o tipo de comportamento apropriado àqueles papéis e fornece um conjunto de valores e orientações, em termos dos quais os membros inter-atuantes são motivados para a ação.

O sucesso dessa situação interativa, que se traduz na eficiência do serviço de saúde pública, está diretamente relacionado com as atitudes, valores, conhecimentos e expectativas de ambos os participantes dessa relação. Fica assim, desde já, afastada a idéia, muitas vezes manifesta ou implicitamente adotada, de que a população é passiva, e completamente

receptiva, bastando, pois, aos serviços de saúde, apenas tomar as medidas ou fazer as recomendações que julgarem necessárias, e estarão resolvidos automaticamente os problemas de saúde. Este é o tipo, infelizmente muito seguido no Brasil, da solução técnica, sem qualquer consideração aos fatores sociais. À esta conduta errada pode ser atribuída uma grande responsabilidade pelo fracasso de muitos programas.

As ciências sociais nos têm demonstrado que a população não é um elemento passivo nas suas relações com o Centro de Saúde. Cada indivíduo traz algum conceito da unidade sanitária, tem noção das suas necessidades, das soluções que devem ser dadas, critica a ação dos sanitaristas e, em última instância, cabe a ele decidir se apoiará ou não o centro de saúde nos seus programas, se aceitará ou não os conselhos ou determinações que tiver recebido. Com referência, especificamente às questões de saúde e doença, o indivíduo "tem suas próprias idéias sobre até que ponto deve aceitar o conselho ou a orientação dada pelo médico. É o paciente quem faz o primeiro diagnóstico e a primeira conjectura da gravidade de sua condição. É o paciente ou algum membro de sua família que inicia contato com o médico, frequentemente, só depois de terem sido considerados ou experimentados processos alternativos. Assim, o primeiro ponto de referência para identificação de uma moléstia, os primeiros passos para a cura ou alívio e, possivelmente, uma boa parte da atividade subsequente com relação à doença são, provavelmente, derivadas daquele corpo de crenças e práticas que conhecemos como medicina de folk". "As crenças médicas de folk dos doentes, influem, inevitavelmente, nas suas relações com os médicos. Quando estes não reconhecem a existência de tais crenças ou persistem em considerá-las como evidência da ignorância ou superstição, a influência, provavelmente, lhe será adversa. Quando o médico está prevenido das crenças de folk e sensível ao significado que elas possam ter para os doentes, o médico poderá usá-las para alcançar os fins que procura na relação. O reconhecimento e a compreensão, pelos médicos, das crenças e práticas da medicina de folk não significa que tais crenças e práticas devam ser aceitas como cientificamente válidas. Torna-se necessário, apenas, reconhecer que elas existem, que podem influir no sucesso da terapêutica em muitos casos e que podem, algumas vezes, ser usadas para benefício do doente". (Saunders & Hewes, Folk Medicine and Medical Practice).

Quando consideramos a medicina de folk sem referência a mais nada, pode nos parecer desnecessário o seu conhecimento; no entanto, ela não existe isoladamente, mas está intimamente relacionada com outros aspectos da cultura e desempenha uma função importante na vida das pessoas. Por essa razão, a conduta dos indivíduos em questões de saúde e doença é também influenciada por outros fatores, sociais e culturais; um programa de saúde, bem orientado, deve levar em conta a possível influência dos aspectos sociais e culturais da comuni-

-3-

dade onde atua e, especificamente, conhecer aquêles aspectos da medicina de folk que se fizerem necessários. Uma das contribuições trazidas pelas ciências sociais é a de que os indivíduos dificilmente agem em função só do que pensam mas estão sob a pressão social de parentes, amigos, vizinhos e outros, que o influenciam nas decisões a tomar, obrigando-o a se conformar, a aderir, às normas culturais. Este conhecimento nos vai explicar a pouca utilidade de se modificar hábitos individuais relativos à higiene, sem referência à cultura; o indivíduo que, aparentemente, aceitou as recomendações dadas pelo agente da saúde pública, volta, dentro de pouco tempo, aos costumes tradicionais, se estes colidirem com aqueles. Por essa razão, em saúde pública, muitas vezes temos que agir em extensão maior que a simples abordagem individual, com a finalidade de mudar uma cultura por outra mais adequada do ponto de vista sanitário.

Para exemplificar a influência da pressão social e dos padrões culturais sobre as decisões dos indivíduos, a respeito de tratamento médico, permitimo-nos reproduzir Earl L. Koos no seu livro "The Health of Regionville", citado por Lyle Saunders, em "Culture and Nursing Care", editado por Jaco, já referido.

"Uma dona de casa da classe inferior, por exemplo, disse ao entrevistador: Há uma porção de coisas que eu sei que você poderá fazer alguma coisa a respeito delas, mas há muitas razões por que você não pode Eu pareceria imbecil, não pareceria, se fôsse procurar um médico por causa de uma dor nas costas? Minha mãe sempre teve dor nas costas, tanto quanto eu possa me lembrar, e nunca fez nada para ela. Se eu fôsse ao médico por isso, meus amigos me poriam fora da cidade".

Descrevemos a relação do médico com seu cliente como um processo de interação (médico ↔ cliente) ao invés de influência unilateral (médico → cliente), em que o papel de ambos é definido pelos padrões, da cultura. Assim, na nossa sociedade, o médico espera que o paciente escute cuidadosamente e responda às suas perguntas, que tenha confiança no seu julgamento e siga o tratamento que êle receitou. O cliente, por sua vez, espera que o médico seja capacitado: que observe um código de ética, que seja capaz de diagnosticar o seu caso e de receitar o tratamento que lhe restaure a saúde. Na Índia, seja qual fôr a opinião do médico ou "curador", êle deve dizer ao paciente e sua família: "Ele vai ficar bom; vai sarar". Talvez o paciente morra daí a meia hora e talvez a própria família saiba disso. Assim mesmo, as palavras rituais deverão ser pronunciadas, pois provam à família que o médico sabe a sua profissão e que é competente. Um médico de outra cultura, seja qual fôr a sua experiência, que diz à família que se prepare para o inevitável, encontrará poucos pacientes (retirado de Foster, "Trabalhando com indivíduos de diferentes meios culturais, em AMS: XII, 2.301-2.302, 1956)

-4-

Os papéis dos médicos e dos clientes não são estáticos, a exemplo do que ocorre com a cultura como um todo; eles mudam com o tempo. Dêsse modo, se altera também o feitiço da relação médico-cliente. O indivíduo mais idoso, de uma pequena cidade do interior, que concebe a relação médico-paciente em termos do "médico de família", ficará frustrado e insatisfeito com o tratamento impessoal que receberá do médico da capital.

Parece-nos de grande proveito um melhor conhecimento da evolução e da situação atual da relação entre o médico e seu cliente. A esse respeito, resumiremos considerações de Jaco, contidas no capítulo "Medicine and Behavioral Science", de seu livro já citado, em que o autor procura, também, justificar a importância, para o médico, do conhecimento das ciências sociais:

"Em virtude da medicina ter tido uma orientação e base biológica, a entrada do sociólogo, do antropólogo social e do psicólogo social, pode parecer estranha, senão atrevida e aventureira. Entretanto, o paciente, o médico e a doença podem ganhar novos significados e compreensão, quando examinados da perspectiva destas disciplinas que vêm se tornando conhecidas como ciências do comportamento".

A introdução das ciências do comportamento na medicina é recente. Presentemente, a relação entre os dois campos é semelhante ao cortejo, sendo que o casamento e a aceitação por ambas as famílias ainda não está bem estabelecido. Procuraremos estudar as modificações ocorridas, nas últimas décadas, na instituição da medicina, e que têm contribuído para aumentar o hiato entre essas duas disciplinas.

A mudança dos conceitos sobre a doença determinou um impacto sobre as mudanças que ocorreram na prática ou na arte médica. As primeiras teorias da doença, que ainda prevalecem, em extensão variável, em todas as sociedades atuais, foram de origem sobrenatural, religiosa ou mística. Estas primeiras concepções consideravam a etiologia das doenças como sendo devida, essencialmente, à invasão do corpo pelo demônio ou outros tipos de espíritos sobrenaturais, forças ou agentes de todas as espécies. Sob tais condições, era compreensível que as pessoas melhor qualificadas para tratar tais doenças eram o curandeiro e o feiticeiro-médico.

Entretanto, à medida que a doença passou a ser, cada vez mais, considerada como de natureza biológica, o tratamento da doença passou a cair nas mãos dos curadores seculares.

-5-

Com a ocorrência de outros desenvolvimentos na cultura ocidental, como o do Cristianismo e Reforma Protestante, a Revolução industrial e o crescimento das cidades, aumentou-se a fé nas ciências aplicadas, como meio de melhorar a espécie humana.

À medida que as ciências biológicas se expandiram, o desenvolvimento da medicina como ciência aplicada cresceu de modo correspondente. O status do médico tornou-se cada vez mais profissional. Com o aumento da pesquisa laboratorial no campo da biologia e em seus ramos, o médico passou a estar mais relacionado com detalhes do corpo humano, tais como órgãos, tecidos e células. Como resultado, a arte e a ciência da medicina passaram a se deslocar do paciente total e se concentrar na patologia da doença. Este aumento no conhecimento da ciência médica e sua subsequente fragmentação do paciente em artefatos de laboratório e objetos de pesquisa, correu paralelamente com o incremento da especialização da prática da própria medicina.

A especialização da prática médica, por sua vez, tem contribuído para acentuar a fragmentação do paciente e segmentação da relação médico-paciente. O declínio no número de médicos de família ou dos clínicos gerais em relação ao aumento percentual dos médicos especialistas, é uma indicação significativa desta tendência.

Outro desenvolvimento na medicina que tem contribuído para a fragmentação da relação médico-paciente, não muito amplamente reconhecido, foi o deslocamento do lugar de tratamento. Em geral, este deslocamento tem se processado no seguinte sentido: casa do paciente → consultório médico → hospital. Tal fato pode ser atribuído à melhoria da tecnologia médica.

À medida que o padrão relativo ao lugar de tratamento mudou da casa para o consultório e deste para o hospital, é compreensível que a relação médico-paciente tenha também mudado. No domicílio do paciente, o médico podia avaliar este numa situação inteiramente personalizada e significativamente social. Quando o doente começou a ir ao consultório, a sua relação com o médico passou a ser mais formal. A fragmentação desta relação alcançou seu ápice com a entrada do doente no hospital.

Quanto mais fragmentado o paciente se torna para o médico, mais segmentado e fragmentado o médico se torna para ele. Quando o médico visitava a casa, atendendo a um "chamado", o doente e sua família dedicavam-lhe grande admiração e estima. Quando o paciente passou a se dirigir ao consultório, o médico passou a ser um profissional mais formal e menos amigo pessoal. Quando no hospital, o paciente vê o médico como

-6-

um dentre muitos membros da equipe total de tratamento, a qual inclui o staff administrativo, de enfermagem e técnico, além do médico.

Com a intensificação da especialização médica e o conseqüente aumento no custo da educação médica e prática médica, e o aumento do componente técnico do diagnóstico e tratamento, o status da medicina tem mostrado sinais de mudança. Têm aumentado as críticas a respeito do custo da medicina, o que contribuiu para que se fizesse uma reavaliação da prática e da educação médica, e uma recondução dos esforços no sentido de voltar ao "paciente total". Isto fez com que muitos educadores e praticantes da medicina se voltassem para as ciências do comportamento, para ajudá-los a obter conhecimento mais útil a respeito da personalidade humana e do impacto dos fatores sociais e culturais sobre a vida humana.

Outra contribuição das ciências do comportamento para a medicina se refere ao melhor esclarecimento que proporcionam sobre os componentes emocionais e "mentais", da doença, os quais escapam do campo das ciências biológicas. Para compreensão da etiologia de certas doenças ou sintomas, procura-se estudar, então, os aspectos psicológicos e a situação social dos pacientes; surgiu, assim, o conceito de doença psicossomática, com o que se reconhece, como fatores determinantes da doença, o impacto de condições sociais e psicológicas sobre o indivíduo. O paciente começa, outra vez, a ser estudado em sua totalidade.

O reconhecimento da contribuição das ciências do comportamento para a medicina está se fazendo lentamente mas é, particularmente no setor da psiquiatria que ele vem se firmando melhor".

Estas considerações de Jaco são fundadas, naturalmente, nas condições atuais da medicina norte-americana, cujos recursos de material e de pessoal são superiores aos existentes, de modo geral, na América Latina. Essa mesma evolução está ocorrendo nos países latino-americanos, os quais, com exceção talvez dos maiores centros urbanos, ainda não atingiu os estádios finais desse processo, mas é lícito se esperar que venham a ser alcançados no futuro. É justo, portanto, que nos antecipemos em relação aos acontecimentos e cuidemos, desde já e com maior atenção para os aspectos sociais, antropológicos e psicológicos da medicina. A validade dessa apreciação ganha mais ênfase ainda quando considerada para o campo da saúde pública, pois aqui a ação sobre os grupos é a característica predominante.

-7-

Que os problemas, médicos e sanitários comportam uma apreciação sociológica ou antropológica estão aí, para confirmar, as diversas publicações que têm surgido ultimamente. Para exemplificar, queremos reproduzir algumas palavras de Guerreiro Ramos a respeito de seu trabalho sobre "O Problema da Mortalidade Infantil no Brasil". O autor assim define o objetivo desse trabalho: "de um lado, contribuir para o diagnóstico e o tratamento de um problema que até hoje tem sido considerado "médico"; e, de outro lado, mostrar as possibilidades de aplicação prática da sociologia, ciência que, entre nós, tem sido olhada com ceticismo e desdém pelos chamados "homens práticos", em virtude da índole geralmente acadêmica e escolástica dos que a cultivam". "A idéia central deste estudo pode ser assim dita: toda estrutura econômica e sociológica condiciona seu correspondente tipo específico de mortalidade infantil (alto, médio ou fraco) e só na medida em que ela se transforma faseologicamente é possível uma transformação tipológica da mortalidade infantil".

Mais adiante: "Todo este vasto mecanismo se edificou, porém, sobre um falso pressuposto: o de que o problema da mortalidade infantil comporta uma solução médica. Era natural que isto acontecesse. O médico, no exercício de sua profissão, verificava que podia salvar a criança doente aplicando-lhe os remédios adequados. Conseqüentemente lhe parecia lógico que, se se possibilitassem remédios ou assistência médica a todas as crianças doentes, poderia ser salva a sua quase totalidade". "Não há dúvida de que tratar uma criança doente é um problema médico. Todavia, tratar uma população, massas de indivíduos doentes, deixa de ser um problema médico - é um problema social. E se é um problema social, sua solução é social, isto é, implica menos uma distribuição de conselhos, de remédios ou de alimentos, do que a transformação de todo um complexo institucional.

O vício fundamental de nosso sistema administrativo de proteção à infância (aliás de todo nosso sistema sanitário) consiste em que ele aplica no tratamento de um problema de massa os mesmos processos da medicina individual. Os dirigentes desse sistema não perceberam a transmutação que sofre o problema da morte do menor de um ano ou do menor em geral, quando se passa da perspectiva do indivíduo para a perspectiva da massa".

Leavell, citado em Hanlon, tem chamado a atenção para o fato de que, embora o termo "saúde pública" venha sendo utilizado há muito tempo, êle compreende duas palavras, "saúde" e "pública", o significado das quais só recentemente tem sido devidamente apreciado.

Geralmente, o preparo do pessoal da saúde pública inclui um conjunto de informações e treinamento visando contribuir para a melhoria da "saúde". Os vários conhecimentos proporcionados pela biologia, química, física e pelas várias especialidades médicas ajudam os sanitaristas a prevenir as doenças, a curá-las, a melhorar o estado nutritivo das pessoas, a matar mosquitos etc. Os sanitaristas ajustam-se rapidamente às inovações da técnica sanitária, com o que ficam cada vez mais capacitados a controlar os problemas de saúde pública.

- A população, no entanto, não acompanha "pari-passu", a evolução da saúde pública, de modo que cada vez mais se acentua a disparidade de conhecimento das técnicas científicas entre os sanitaristas e a pessoa leiga. O profissional da saúde pública sabe muito bem como erradicar a malária, diminuir a mortalidade infantil ou controlar as doenças infecciosas; possui a técnica e os recursos materiais para tal fim. Contudo, qualquer sanitarista, sabe muito bem como é difícil obter bons resultados mesmo em programas de elementar solução técnica como o da utilização de privadas para controle da ancilostomose ou da esquistossomose, ou para conseguir que as pessoas procurem vacinar-se contra a varíola ou difteria. Por que isto acontece? Por que os serviços de saúde pública não têm alcançado a eficiência que a moderna técnica sanitária poderia proporcionar? Leavell responde: "É na parte "pública" da saúde pública que estamos fracos". Se isto ocorre é porque, de modo geral, os sanitaristas têm poucos ou nenhum conhecimento sobre as ciências sociais e educação sanitária, de modo que falham na aplicação, junto à população, dos seus conhecimentos e recursos técnicos. A solução desse problema estaria, então, condicionada à obtenção de uma fórmula que fizesse com que o povo aceitasse melhor os conceitos e práticas sanitárias que lhes são recomendados; um melhor conhecimento dos fatores humanos trariam, certamente, contribuição para o êxito dos programas sanitários. Entre êsses conhecimentos destacariamos os relativos à medicina de folk. Se o médico se inteirasse melhor sobre o sistema de crenças e práticas médicas populares, poderia delas se utilizar ou delas partir para induzir os pacientes a aceitar outras melhores. "Não é demais esperar", diz Foster em "O Papel da Antropologia nos Programas de Saúde Pública", que com o tempo se possam dominar as credences e costumes populares para que se convertam em aliados ao invés de inimigos da ciência médica".

Continuando com Leavell: "... necessitamos de muito mais pesquisa para nos capacitarmos a transportar os resultados da investigação biológica para a aplicação social. Quando deparamos com um problema sanitário, devemos reconhecer que duas espécies de diagnóstico e tratamentos são necessários. Devemos compreender e tratar do problema sanitário. Devemos, também, compreender e tratar da parte social ou pública da situação. Nossa farmacopéia, em ambas as situações, deve ser forte. Não é mais suficiente prescrever medicamentos e desprezar os fatores sociais em cada caso".

Ainda mais. Os programas de saúde introduzem, quase sempre, mudança na cultura; para que sejam construtivos e não desintegradores, devem levar em conta a estrutura social e a cultura da comunidade onde estão sendo executados.

Concluindo: Se o pessoal que trabalha na saúde pública pretende operar num elevado nível de eficiência deve utilizar, além de bons conhecimentos proporcionados pela epidemiologia, estatística, laboratório e outros, alguma informação sobre a sua comunidade, estrutura social e cultura. Poderá induzir as pessoas a aceitar as novas idéias e práticas sanitárias, integrando-as nos seus modos de vida. Este objetivo não é alcançado quando se pretende apenas destruir o que parece errado, mas sim; após um trabalho cuidadosamente planejado e executado. Hanlon diz: "Há muito tempo aprendemos a inadequacidade de fazer as coisas para o povo. Compreendemos agora, que o melhor meio é fazer as coisas com o povo e, para isso, devemos compreender o quanto nos fôr possível, os fatores culturais, os quais explicam o modo de agir do povo e moldam nossas su gestões e programas ao padrão cultural geral aceito pelo grupo. "Devemos, sempre, relacionar nossos esforços a alguma coisa familiar, a alguma coisa que o povo já saiba, faça e aceite".

Para fazer as coisas com o povo, um dos requisitos necessários é o sanitarista exercer liderança na comunidade ; além disso, deve pensar como o povo e trabalhar com os líderes de fato. Uma ilustração deste aspecto é relatada por Kooš em "Some contributions of Anthropology and Sociology to Public Health", que descreve o trabalho executado em duas comunidades por êle estudadas: "Na comunidade A observei um médico-sanitarista, jovem e esperto que, conhecendo as características estruturais e culturais de diversos grupos, constituiu um Conselho Consultivo em que cada um desses grupos era representado (oleiro, banqueiro, jardineiro etc.). Seu Conselho, que não representava o "melhor" povo, servia bem à comunidade e ao médico. Se o programa era projetado pelo médico, era aceito por todos os grupos e, invariavelmente, saía bem sucedido.

Na comunidade B, o médico-chefe tinha um Conselho equivalente, com exceção dos seus membros, que eram o "melhor" povo da comunidade. Este médico errava constantemente.

A conclusão é óbvia: o primeiro médico usou o conhecimento da motivação e interação humana e obteve bons resultados; o segundo falhou em termos de tais motivações e interações".

II- Influência da cultura sobre o comportamento do indivíduo face à saúde e doença.

Já sabemos que todo indivíduo é produto da cultura onde vive, e, também, que as culturas diferem entre si. Logo, para interpretarmos corretamente a conduta das pessoas devemos entendê-la em termos de sua própria cultura.

Transportando estas idéias para o campo da saúde pública diríamos: O comportamento das pessoas face à saúde e à doença varia de cultura para cultura; a cultura exerce influência compulsiva sobre os indivíduos em questões relativas à saúde e doença; os padrões sanitários da população precisam ser conhecidos para serem devidamente avaliados e controlados; sendo diferentes as culturas entre os que trabalham na saúde pública e a população, surge o problema da comunicação, que precisa ser considerado pelos primeiros.

Nas linhas acima estão definidos os pontos essenciais que serão agora desenvolvidos.

White, citado por Hanlon, define em poucas palavras a condição do homem ser produto da sua cultura: "A evidência dos fatos demonstra que sua cultura determinará o que ele pensará sentirá e agirá. Determinará que linguagem falará, que roupa, se tiver, usará, em que deuses acreditará e, como casará, selecionará e preparará seus alimentos, tratará a doença e dará destino aos mortos. O que mais ele poderia fazer senão responder os estímulos da cultura que o circunda do nascimento à morte ?".

O comportamento em relação à saúde está diretamente relacionado com o sistema de valores da comunidade ou do grupo a que o indivíduo pertence. Conhecendo-se a cultura da comunidade ou a sub-cultura dos diversos grupos que a integram, podemos prever o comportamento das pessoas, com pequena margem de erro.

Cada comunidade ou grupo tem um conjunto de valores, sendo a saúde um desses valores; o lugar que a saúde ocupa no conjunto de valores da vida varia de comunidade para comunidade de grupo para grupo e, mesmo, de família para família. O que o indivíduo pensa sobre a saúde e como age em relação a ela, dependem da posição da saúde na escala de valores.

-11-

Um grupo pode ter pouco aprêço à saúde e, daí, também, sôbre tôdas as atividades relacionadas com ela. São indicativos de tal atitude certas afirmações, tais como "Ter nascido é para morrer" ou "É a vontade de Deus".

Koos, em "The Sociology of the Patient" dá dois exemplos con-
trastantes a êsse respeito; trata-se do relato de duas entre-
vistas feitas com donas de casa para estudo das atitudes e
comportamento em relação à saúde:

"É verdade. Há alguma coisa que me perturba. Com o nascimen-
to de meu último filho (há 5 anos), houve prolapso vaginal. O
médico disse que eu deveria fazer a correção para poder me
sentir bem, e eu sei que é isso mesmo. Eu vivo me arrastando
agora; olhe para esta casa - não sou capaz de fazer tudo que
deveria, de maneira que eu deixo as coisas como estão ... Sim,
eu vou fazer a correção logo que fizermos outras coisas pri-
meiro Bem, uma delas será a compra de um carro novo. O
nosso já tem 4 anos e gostaríamos de ter um mais moderno. Pre-
cisamos também de um aparelho de televisão. A maioria dos
nossos vizinhos tem um e o meu marido não descansará enquan-
to não tivermos um. Eu concordo com êle; o rádio não é tão
bom quanto a televisão ... Há algumas coisas que nós preci-
samos também e se meu marido conservar o emprêgo nós a obte-
remos Quando tivermos essas coisas, eu disse ao Dr. _____
que iria ao hospital para me tratar".

"Eu estava no hospital ---- no mês passado para fazer corre-
ção do prolapso vaginal (para fazer cirurgia plástica, como
se diz) ... Tínhamos planejado mandar nossa filha para a es-
cola de comércio neste outono --- ela se formou no Ginásio,
no ano passado --- mas tivemos que adiar isso. Ela vai tra-
balhar até o próximo ano quando pensamos que teremos dinhei-
ro para isso ... Tivemos que adiar uma porção de coisas que
queríamos fazer, mas na nossa família sempre acreditamos que
a boa saúde é muito importante, e estamos dispostos a deixar
essas outras coisas, de modo que eu possa fazer a operação
e ter saúde outra vez".

Podemos concluir, então, que as atividades sanitárias devem
ser orientadas não apenas tendo em vista o que a cultura pres-
creve ou proíbe mas, também, em função do valor que as pes-
soas dão à saúde.

Koos (Some Contributions of Anthropology ...) cita um exem-
plo em que se constata a diferença nos padrões de comporta-
mento de dois grupos da mesma sociedade, mostrando, para um
deles, os efeitos da coerção social. Koos encontrou em um es-
tudo, que 60% das mães da classe trabalhadora alimentavam -
seus filhos ao peito e que isto ocorria em 25% das mães da
classe média. Recebeu as seguintes respostas justificativas
das mães da classe média: "Mas ninguém do nosso grupo ama-
menta seus filhos!" "Você está vendo ser feito o que justa-
mente tôdas fazem - nenhuma de minhas amigas amamenta seus
filhos e, eu também não". "Pessoas de nosso nível social não

amamentam seus filhos jamais; dão-lhes mamadeiras".

Evidentemente, tôdas as considerações que anteriormente apresentámos, em especial as relativas à medicina de folk, já nos dão uma orientação de como funcionam as fôrças sociais que contribuem diretamente para determinar o comportamento das pessoas face à saúde e doença. Grande parte da aparente falta de lógica e pouca cooperação das pessoas pode ser explicada levando-se em conta as diferenças culturais e sociais.

Alguns exemplos serão citados aqui, para ilustrar a influência que os padrões culturais exercem sobre a saúde. Focalizaremos apenas os efeitos prejudiciais, pois êstes são os que mais nos interessam:

- A família do snr. Boccachi migrou da Itália para os Estados Unidos. Os membros dessa família alimentavam-se muito mal durante a semana toda, passando fome às vêzes; contudo na noite de domingo compensavam o sacrifício feito durante a semana, por meio de um lauto jantar baseado em massas.

O snr. Boccachi contraiu diabetes e, por isso, foi hospitalizado, recebendo alta com a instrução de seguir uma dieta e tomar insulina. Uma enfermeira, que fazia supervisão diária através de visita domiciliária, constatou que as recomendações eram seguidas. Tudo corria bem, até que no domingo à noite o snr. Boccachi teve suas condições súbitamente agravadas, retornando ao hospital. A mesma coisa ocorreu nos dois domingos seguintes. Depois disto, a enfermeira procurou pesquisar a razão destas recaídas aos domingos, quando, nos outros dias da semana, em que acompanhava o doente, tudo era feito corretamente. Soube, então, do fato acima apontado, de que no domingo a família comia "pasta" e "vino", justament e como o fazia há mais de 50 anos. Se o snr. Boccachi comeu "pasta" e "vino" em todos os domingos de sua vida, alguém poderia esperar que êle parasse agora ?

- A mortalidade infantil em Detroit estava em franco declínio; contudo, algumas áreas da cidade não participavam desta melhoria. As análises feitas mostraram que estas áreas eram povoadas, principalmente, por estrangeiros e, em especial, europeus. O estudo de suas culturas evidenciou considerável afeição da família pelo infante e boa limpeza do ambiente; no entanto, as crianças eram desmamadas muito precocemente e logo a seguir, recebiam alimentos usados pelos adultos, o que, certamente, era responsável pelo grande obituario por distúrbios digestivos graves e infecções intestinais.

-13-

- Há grupos em que a mãe tem o costume de mastigar previamente os alimentos sólidos para fornecer aos seus filhos, não levando em conta o risco bacteriológico introduzido com este procedimento.

- É muito comum entre nós, principalmente com o imigrante japonês, a utilização de fezes humanas como fertilizantes; verduras, hortaliças e certas frutas, como morangos, são particularmente perigosos por isso.

Muitos outros exemplos já citamos, principalmente quando fizemos considerações a respeito da medicina de folk.

É importante para os sanitaristas saber que nem sempre as verdadeiras razões são apresentadas pelas pessoas para explicar a sua resistência ou falta de colaboração com os programas de saúde pública. Quando os objetivos da saúde pública contrariam valores importantes do grupo, principalmente os de ordem religiosa ou ética, as pessoas, em geral, não os referem aos sanitaristas. Torna-se mesmo necessário, às vezes, o concurso do antropólogo para obter tais informações. As pessoas que agem em consonância com valores de grande importância para o grupo e que julgam tais valores ameaçados, não só não colaboram com a unidade sanitária como podem chegar a manifestações francas de ataque ao programa que está sendo executado.

- A este propósito lembramos o corrido com o INCAP em trabalhos realizados com populações indígenas da Guatemala, já relatado por nós.

- B. Paul, em "Health, Culture and Community", apresenta o trabalho intitulado "Mental Health Education in a Canadian Community", elaborado por John e Elaine Cumming, no qual é relatado o fracasso de um programa educativo para modificar a atitude popular para com o doente mental. O objetivo visado com esse programa, talvez bastante compreensível e aceitável por nós, contrariava um padrão local chamado de "recusa e isolamento". Esse antagonismo era desconhecido da equipe sanitária e dele resultou não só o fracasso total do programa mas, também, a hostilização da população para com os agentes, culminando com convite para que se retirassem da comunidade, deixando a população em paz.

- Em Chonin, no Brasil, cita-se o caso de uma mulher que se recusava ir ao centro de saúde porque lhe haviam dito que os médicos cortavam as pessoas com faca, sem razão alguma.

- Butterworth, em "Relações Humanas no Campo do Saneamento", cita vários argumentos apresentados pelos comerciantes ao inspetor sanitário, os quais assim procuram fugir ao cumprimento de seus deveres: "Estou muito ocupado; não tenho tempo". "Já temos tentado por vários anos; isto é bom para os grandes laticíneos; nossa situação, porém, é diferente". "Estamos apenas iniciando e devemos esperar, antes de mais nada, que o nosso negócio se desenvolva". "Isto não dá resultado; já o tentei no ano passado". "Se realmente valesse a pena, moço, eu o faria, mas é que não vale; seria apenas um aumento de trabalho". "Gostaria muito, mas este ano não tenho recursos".

- Os esquimó não caçam em certas épocas do ano, mesmo que estejam passando fome, para não infringir certas proibições religiosas.

Para que qualquer situação interativa, inclusive no campo da saúde pública, possa ser realizada com sucesso, uma das condições que deve ser atendida é a compreensão exata, entre os interlocutores, do significado da conversa. Isto, no entanto, nem sempre ocorre e, a observação tem demonstrado que as maiores dificuldades surgem quando pessoas de culturas diferentes entram em contato. O problema da comunicação, que é quase uma constante da interação humana, deve ser sempre considerado pelos sanitaristas. Foster, em "Trabalhando com Indivíduos de Diferentes Meios Culturais" diz: "A proporção que as diferenças nos meios sociais e econômicos se tornam mais pronunciadas, o paciente e o profissional têm cada vez mais dificuldade de "se comunicar", de compreender o que o outro quer, o que está tentando fazer". As dificuldades de comunicação significam muito mais do que simples diferenças de idioma; originam-se das verdadeiras premissas diferentes, nas quais se baseiam a idéia e a compreensão dos indivíduos de meios diferentes".

As ciências sociais, em especial a Antropologia, nos auxiliam a compreender tais problemas, como pode ser depreendido das considerações que apresentamos no desenvolvimento teórico dessa disciplina.

De Foster (Relationships Between Theoretical and Applied Anthropology) são as seguintes palavras:

"Em todos os países, a comunicação entre os médicos e os doentes é um problema de maior ou menor magnitude. Por diversas razões, um significativo número de doentes, após a consulta médica, não compreenderam o que lhes foi dito. Em muitos casos, o doente fica nervoso e inquieto na presença de um homem, principalmente porque ele comumente é de origem humilde e o médico, de um status social muito mais elevado; ele é incapaz de se concentrar e apreender o que foi dito. O desenvolvimento de melhor

relação entre médicos e doentes resolveria parcialmente este problema. Contudo, deve-se saber que é muito importante a maneira pela qual as instruções são verbalizadas. O que parece simples e lógico para uma pessoa instruída, pode não o ser integralmente para outra mais simples e de menor instrução, frequentemente analfabeta. Nos Estados Unidos toma-se como certo que os doentes entendem o significado de "cada três horas". No entanto, em muitos países da América Latina, tais instruções são sem sentido. Por exemplo, em um centro mexicano, o médico disse a uma mãe alimentar seu filho "cada três horas". O antropólogo perguntou à mãe a que horas ela alimentou seu filho. "às seis, sete, oito etc.", respondeu a mãe. O médico, assustado, repetiu suas instruções, mas após nova pergunta, a mãe deu a mesma resposta. Instruções em termos de tempo definido por horas eram sem sentido para essa mulher. Ela não tinha relógio, era incapaz de dizer as horas e, na sua experiência de vida nunca teve necessidade de entender o tempo em termos de horas".

"Quando um número significativo de doentes do centro, providos dos grupos analfabetos e de baixa renda, não usam relógio, é melhor fazer certas adaptações locais com referência ao conceito de tempo, em termos de coisas que têm significado para a população. Em muitas cidades há apitos de fábricas, sirenes municipais, sinos de igreja etc., que soam em horas regulares".

"Um caso similar aconteceu em Temuco, Chile, onde as mulheres grávidas são aconselhadas pelo médico a andarem três quilômetros por dia se se sentissem bem". "Em uma reunião em que as auxiliares de enfermagem estavam sendo treinadas, a enfermeira perguntou "Quanto de exercício uma mulher grávida deve ter por dia?". Todas as que estavam sendo treinadas responderam prontamente "Andar três quilômetros diariamente se você se sentir bem". O antropólogo perguntou, "Quanto distante é três quilômetros?". Isto desencadeou viva discussão: As mulheres lembraram que elas haviam ouvido ambos os números, 9 e 27, e multiplicando cada um por 3, decidiram que uma mulher grávida deveria andar nove, 27 e 81 quarteirões. Contudo, elas não concordavam com tal distância (Aparentemente, elas tinham entendido que um quilômetro é igual a 9 quarteirões de cidade). Como no caso das instruções sobre o tempo, o que pareceu simples e claro ao médico e à enfermeira, foram de nenhuma utilidade, porque as pessoas não foram treinadas para pensar nos mesmos termos que o médico".

III- Algumas dificuldades de natureza social encontradas na execução de programas sanitários.

Os trabalhadores de saúde pública experimentados sabem que nem sempre os programas de saúde pública são bem sucedidos, mesmo quando foram cuidadosamente planejados. Estes fatos ocorrem muito mais freqüentemente quando os sanitaristas imprimem uma orientação exclusivamente técnica aos seus trabalhos; não demonstrando preocupação em obter a cooperação do povo.

Foster, em "O papel da Antropologia nos Programas de Saúde Pública", diz: "Os médicos especialistas revelam freqüentemente uma tendência para supor que é bastante dispor de conhecimentos médicos superiores e de técnicas clínicas aperfeiçoadas para obter automaticamente a cooperação do público. Ao formular a maioria dos programas de saúde pública fica estabelecido que esta hipótese é mais ou menos correta. Entretanto, o pessoal de saúde pública, a quem cabe elevar o nível da saúde mediante contatos diretos com o público ao qual são destinados tais programas, sabe perfeitamente que essa hipótese nem sempre se ajusta à realidade. Se esse fosse o caso como poderíamos explicar o fato de que muitos doentes desconfiam das vacinas, se, opõem à retirada de sangue para análises clínicas, não comparecem às entrevistas dos Centros de Saúde e mostram, de outras maneiras, falta de cooperação com as autoridades?".

Por várias vezes tivemos a oportunidade de nos referirmos a dificuldades encontradas pelos trabalhadores da saúde pública. A elas queremos aduzir mais alguns exemplos ou lembrar outros.

1- Falta de tato e diplomacia. Já nos referimos à impessoalidade do médico e suas conseqüências na relação com os doentes. O mesmo caráter de contato impessoal é comumente observado nas relações entre os servidores do centro de saúde e os clientes. Tal situação é inconveniente para a maioria das áreas da América Latina, cujas populações estão acostumadas ao tipo de contato primário, de relações pessoais e íntimas.

Pior que isso, no entanto, é o tratamento rude e mesmo áspero que alguns funcionários, consciente ou inconscientemente, dispensam à população.

Foster (A Cross-Cultural Anthropological ...) nos apresenta um exemplo elucidativo, retirado de suas notas:

"A maior ênfase desta enfermeira, logo que entra na casa, é perguntar o porquê da família não ter visitado o

Centro, o que coloca o indivíduo na defensiva desde o primeiro momento. Ela nunca olha cuidadosamente para qualquer criança, mantém seu rosto fixado na pasta de família, lê a lista dos nomes e pergunta por que Fulano não tomou a vacina e por que não levou Mengano para ser pesado. A reação comum da mãe é dizer "Eu quis levá-lo mas não tive tempo. Estive pensando em levá-lo a próxima semana". Todas prometem comparecer ao encontro marcado pela enfermeira e, talvez, a terça parte delas faz isso".

Outras vezes, as pessoas, irritadas por alguma observação mais ríspida ou por maus tratos, pedem sua exclusão do Centro de Saúde.

Ainda do mesmo trabalho de Foster: "O máximo em más relações públicas foi relatado por um centro rural; uma jovem começou a sentir as dores de parto e sua mãe foi ao centro em busca da parteira. A moça, como era incapaz de subir na sua cama que era alta, estendeu um cobertor sobre o solo, onde a criança nasceu, antes da chegada da parteira. Esta ficou muito zangada e disse à moça que ela parecia uma cadela por ter tido seu filho no chão! Todas vocês moças são como as prostitutas: não hesitam em ir para a cama dormir com um homem, mas não podem ir para a cama a fim de ter criança".

Felizmente, nem todos os funcionários são deste tipo, tratam seus pacientes com amizade, em favor dos quais chegam mesmo a infringir várias normas de trabalho para questões de menor importância.

Foster, ainda no trabalho ditado, conta-nos mais o seguinte: "O contato da enfermeira com seus pacientes, no Centro de Rimac, é geralmente mais curto e mais rotinizado que o do médico". "... suas atividades no Centro consistem em receber os pacientes, prepará-los para exame, auxiliar os médicos, vacinar e fazer injeções etc. As entrevistas são de 5 a 10 minutos de duração e, de acordo com as enfermeiras, as mulheres raramente fazem perguntas embora sejam solicitadas para isso". "As visitas são feitas por várias razões: indagar a razão do paciente ter parado com o seu tratamento anti-venéreo, persuadir os contatos de venéreas e tuberculose a irem ao Centro saber o destino de uma criança ou adulto no qual se diagnosticou uma ou outra doença, perguntar a uma família porque deixou de comparecer ao Centro, visitar um caso recente de mulher que deu à luz ou visitar uma família que há muito tempo não era visitada". "Durante a visita, a enfermeira geralmente faz perguntas de acordo com o fim da visita, perguntando sobre a saúde de cada-um dos membros registrados no Centro e termina com uma exposição de seu repertório sobre dieta e precauções necessárias de higiene" ... gastam cerca de 30 minutos com a família. Entretanto, na minha opinião, suas técnicas deixam muito a desejar em termos de eficiência da visita.

Elas tendem a colocar a maior ênfase em persuadir as pessoas a comparecer ao Centro ao invés de utilizar a visita como oportunidade para fazer educação sanitária. A maneira de persuadir é geralmente feita por ataque direto, perguntando por que a mulher não compareceu ao Centro... "Ao invés de consultar a mulher sobre a sua dieta e padrões higiênicos, a enfermeira faz um discurso padronizado a respeito da dieta, higiene, precauções e cuidados para cada doença que devem prevalecer na casa. Em resumo, a enfermeira geralmente assume a atitude de um superior em lugar de um igual, nas suas visitas às famílias e emprega uma abordagem padronizada e inflexível, ao invés de se ajustar a uma família ou condição particular".

- 2- Perda de tempo. Foster diz (Influência dos costumes e crenças ...): "Esta foi a queixa mais freqüente que se recebeu sobre os serviços nos Centros. Na maioria deles, as entrevistas eram durante o dia e o paciente tinha de esperar que fôsse chamado. Para uma dona de casa com crianças para cuidar, um marido faminto para alimentar ao meio-dia e fazer as compras matutinas, a perda de uma manhã inteira constitui um desastre. Um dos informantes, naturalmente do sexo masculino, ponderou que lhe convinha mais trabalhar pagando um médico particular, que o atendesse depois das horas de trabalho, do que perder seu pagamento devido ao tempo que se via obrigado a esperar no Centro.

O horário do Centro de Saúde pode funcionar como barreira importante à aceitação dos programas. Além disso, como é excepcional o clínico que trabalhe em regime de tempo integral e, também, por ser muito variável a sua hora de entrada no serviço, os clientes do Centro de Saúde devem esperar muito tempo para serem atendidos".

- 3- Desconhecimento da medicina de folk. Embora haja regular literatura sobre a medicina de folk, o médico possui dela apenas um vago conhecimento, considerando-a como curiosa sobrevivência da medicina mágica e empírica. Sua familiaridade com as crenças de folk está limitada àquelas poucos achados de sua clínica. Alguns médicos percebem o embaraço das pessoas ao se referirem a crenças da medicina de folk, devido ao receio que possam vir a ser consideradas ignorantes por ele.

Foster assinala a existência do mesmo problema com a enfermeira; possui esta um conhecimento limitado da medicina de folk. As vezes entra em contato com alguma crença ao fazer uma visita domiciliária, ou tomar conhecimento que as pessoas estão sendo tratadas por curandeiros. No Centro de Rimac, Foster descreve um caso de diarreia em um infante, cuja mãe insistiu ser devida a um susto. A enfermeira disse à mãe que não havia susto e que a diarreia era ocasionada por micróbios.

- 4- Desprêzo pela medicina de folk. Se o simples desconhecimen-
to pode prejudicar a eficiência dos serviços de saúde públi-
ca, a hostilização ou a manifestação ostensiva contra as pes-
soas que dizem acreditar em crenças de folk, produz resulta-
dos mais desastrosos ainda. Com essa atitude, os médicos da
saúde pública perdem não só a oportunidade de descobrir os
motivos de muitos mal-entendidos, de falta de interêsse e
de resistência, como também dá margem para que as pessoas -
não cooperem ou procurem o curandeiro ou a farmacêutico. Os
médicos tornam-se, então, impacientes e aborrecidos com ês-
ses acontecimentos.

Lyle Saunders & Gordon Hewes dizem (Folk Medicine and Me-
dical Practice): "A atitude prevalente de muitos pratican-
tes da medicina em relação à medicina de folk - quando sua
existência é reconhecida - é, freqüentemente, de ataque por
meios diretos, tais como o escândalo ou ridicularização, ou
recorrendo a medidas "educacionais", para eliminar o que é
considerado ser, principalmente, ignorância médica". "Tal
abordagem ... é mais efetiva em conduzir os pacientes a uma
ligação mais profunda com a medicina de folk do que arrastá-
los para os seguidores iluminados da ciência".

Para Flamínio Fávero, "... Os curandeiros, quais reagentes,
indicam o atraso, o apoucamento mental do meio e, assim,
podem revelar às autoridades competentes o de que carecem
determinadas regiões". Pode-se mesmo dizer ser quase uni-
versal a atitude dos médicos de ridicularizar as pessoas
que acreditam na medicina de folk, o que atribuem à sua "fal-
ta de cultura" ou ignorância.

Flamínio Fávero, para justificar sua afirmação relata o se-
guinte episódio, que consta ser autêntico; "Sydenham, o gran-
de médico inglês, repousava no interior da Inglaterra, quan-
do, numa cidade por onde passeava viu, junto a uma ponte de
grande movimento, fazendo bela figura num coche, pessoa que
lhe pareceu velho conhecido. Certificando-se, identificou an-
tigo criado seu. Este também reconheceu o seu velho amo e
prontamente foi ao seu encontro.

- Que faz você aqui, nessa bela figura, perguntou-lhe Sy-
denham ?
- Clinico e ganho a vida.
- Mas você não é médico.
- E nem preciso sê-lo; com o que vi meu excelente amo prati-
car, ganho a vida.
- É estranho, observou Sydenham, que haja quem se entregue
a você !

-20-

- Quantos indivíduos, dos que passam por essa ponte, disse o antigo criado, pensa o Sr. que são equilibrados e sensatos ?
- 20%, disse o grande médico.
- Pois êsses são seus clientes. Os restantes me pertencem..!"

Já sabemos de outras aulas que, de modo geral, as pessoas atacam as atitudes e crenças que diferem das suas, denominando-as de ilógicas, irracionais ou erradas; às pessoas que nelas acreditam são chamadas ignorantes, supersticiosas, infantis ou estúpidas. É o etnocentrismo.

Cassel, em "Social and Cultural Implications of Food and Food Habits" afirma: "Infelizmente, ainda há muitos de nós que estão convencidos que seu conjunto particular de crenças, atitudes e práticas, é o único modo correto de vida e que deveria ser imitado por tôdas as culturas e tôdas as classes sociais. Tal filosofia de nossa parte, pressupõe que sòmente nós, como trabalhadores sanitários profissionais, conhecemos o que é bom para tôdas as pessoas".

Esta tendência do médico e da enfermeira ignorarem ou atacarem os conceitos de medicina de folk só serve para prejudicar o trabalho da unidade sanitária e reforçar, nas pessoas, sua convicção no próprio conhecimento. Assim, o doente não vai procurar o médico para certas doenças, principalmente, as de origem mágica e psicológica, simplesmente porque aquêle não as entende. Se uma criança tem mau olhado, não é lógico que a mãe vá procurar o médico que não acredita nessa doença. Foster conta que uma enfermeira de Valparaíso, ao fazer uma visita domiciliária, encontrou uma criança doente. Perguntando à mãe porque não havia levado a criança ao Centro de Saúde, teve a seguinte resposta: "A criança está sofrendo de mau olhado e você sabe tão bem quanto eu que o médico nada sabe sôbre mau olhado".

Por êsse meio, concorrem os médicos para manter a dicotomia mais ou menos pronunciada que já existe na mente dos povos latinos americanos: de um lado, doenças de folk e, de outro, as que são reconhecidas pela medicina científica.

A conduta inversa, em que médicos e enfermeiras conhecem certos conceitos de folk, toleram-nos e, até chegam a usá-los, geralmente é bem sucedida; conseguem ganhar confiança das pessoas e obtem sua cooperação. Foster, em "A Cross-Cultural Anthropological ..." conta-nos o seguinte caso:

-21-

"Um exemplo mais notável foi encontrado no Perú. A enfermeira chefe do Centro manifestou a opinião de que era necessário transigir com as crenças da população, que não era possível ser sempre negativista. Ela lembrou um caso em que uma nova mãe deixou de comparecer ao Centro na data marcada. Visitando-a no lar, ela encontrou a mãe sofrendo de grande dor. Estava, disse a mãe, sofrendo de dano, resultado de feitiçaria, e estava se secando. Era incapaz de movimentar os braços e tinha parado de amamentar seu filho com medo que o dano passasse através do leite. A evidência fisiológica estava indicando que a moléstia era grandemente ou inteiramente mental. Como experiência, a enfermeira decidiu adotar uma estratégia provavelmente não aprovada pelo Centro. Ela não negou a feitiçaria, perguntou por outros sintomas e, então, disse simplesmente "parece que lhe fêz dano", "parece que alguma coisa aconteceu a você"; deste modo, nem negou e nem confirmou a opinião da mulher sobre a causa de sua dificuldade. Quando ela voltou, três dias mais tarde, a mulher lhe disse que um curandeiro havia experimentado curá-la esfregando-a com um porquinho da Índia, o qual foi depois aberto para diagnóstico. No entanto, ela não sentiu melhora. A enfermeira disse, então, que sabia um pouco sobre como curar o dano e que ficaria feliz de tentar a cura se os seus serviços fossem solicitados. A mulher perguntou-lhe onde ela havia nascido (Cuzco), em que mês, e se ela sabia como conversar com Montanhas. A resposta aparentemente a agradou pois, na próxima vez que a enfermeira voltou, a mulher informou-a que havia falado com o curandeiro, o qual estava impressionado com o fato da enfermeira conhecer alguma coisa e, aparentemente, acreditar em dano, além de estar satisfeito com o lugar e mês de nascimento, e com o fato de que ela podia falar com as montanhas. A mulher, então, tornou-se completamente confiante da enfermeira. No entanto, ao invés de iniciar seu tratamento imediatamente, ela esperou até a seguinte terça-feira, porque sabia que têrças e sextas-feiras são os dias, que se acredita serem auspiciosos para práticas curativas. Nesta ocasião, a enfermeira falou-lhe de modo suave, sobre qualquer coisa, para obter sua atenção integral. A seguir, tomou a paciente pelo pulso, pediu-lhe para fechar os olhos e começou a esfregar seu braço. Repentinamente, a mulher abriu seus olhos e gritou que seus braços estavam curados, que ela os podia mover. A enfermeira disse-lhe para continuar a mover o braço o dia todo, e que voltaria na próxima sexta-feira para curar o outro, o que fêz do mesmo modo. Neste dia, ela lhe disse para preparar suas roupas para se levantar na sexta-feira seguinte, ocasião em que explicou à mulher que a causa de sua doença era um distúrbio na "alma" - uma explicação simpática à mulher - acarretado pela sua tendência de pensar muito sobre si. Ela agora está curada, disse a enfermeira, e não se prejudicará no futuro pensando a respeito dela mesmo".

A respeito d'êste caso, Foster comenta: "Tal abordagem é, naturalmente, extrema, e não deve ser recomendada em todos os casos. Contudo, é provável que uma paciente tratada de um modo tão compreensível e simpático, aceitará outras formas de tratamento, em que a sugestão não desempenha qualquer parte".

Concordamos com essa observação de Foster. Embora nos seja difícil demarcar o limite da nossa manifestação em relação à medicina de folk, seja quanto à crença ou quanto à sua utilização, parece que o exemplo acima referido não deve, via de régra, ser seguido pelo profissional da saúde pública. Serve êle, contudo, para ilustrar o fato de que quando o sanitaris^{ta} aparenta compreender e respeitar as crenças de folk, ganha a simpatia e a boa vontade das pessoas para as suas recomendações e conselhos.

- 5- Conflito medicina científica x medicina de folk. Os sanitaris^{tas} devem sempre ter presente que, mesmo nos maiores centros urbanos, a medicina científica está em constante competição com a medicina de folk, principalmente entre as pessoas de nível social mais baixo. O médico deve reconhecer esta dicotomia da medicina, pois ela realmente existe e, mais, influi na atitude dos indivíduos face aos programas de saúde pública. De acôrdo com a compreensão que o doente tem de seu mal, procura rá ou não o médico do centro de saúde. Veja-se, por exemplo, o inquérito feito por Erasmus, em 48 escolares de 11 e 12 anos de idade, em Quito, Equador (retirado de Hanlon). A hipótese formulada neste caso é a de que as opiniões manifestadas pelas crianças devem corresponder ao que ouviram de seus pais e outros adultos. Pediu-se às crianças para indicar as doenças para as quais procurariam o médico e aquelas ^{em} que se tratariam com remédios caseiros ou procurariam o curandeiro. Os resultados obtidos estão abaixo reproduzidos, representados em percentagens:

Procuram o curandeiro Consultam o
ou tratam c/remédios médico
caseiros

Susto*	98	2
Ar*.....	93	7
Feitiçaria *	86	14
Cólica	79	21
Mau olhado	75	25
Estomatite	72	28
Pasmo*	66	34
Infecções abertas	66	34
Queixas urinárias	64	36
Doenças da pele	61	39
Diarréia e vômito	58	42
Emagrecimento	49	51
Varíola	31	69
Disenteria com sangue .	25	75
Pneumonia	25	75

Coqueluche	20	80
Males do fígado	16	84
Paralisia	9	91
Febre tifóide	7	93
Bronquite	6	94
Malária	5	95
Tuberculose	4	96

* Doenças de etiologia mágica ou psicológica

Trabalhos realizados no Chile e na Colômbia indicaram resultados similares.

Diz Hanlon: "É muito fácil para aquêles, como nós, expostos ao pensamento científico moderno de nossa cultura, desprezar fluente e arbitrariamente, pôr de lado ou ignorar os práticos da medicina de folk, como se êles fôsem completamente indignos de consideração. A ilogicidade desta atitude é expressa por Elkins:

"Os homens da medicina primitiva, longe estão de serem vagabundos, charlatães ou ignorantes. São homens de alto grau.. homens testados e que ganharam posição nos segredos da vida, muito além do que o homem comum teve oportunidade de aprender. Seu treinamento inclui disciplina, esforço mental, coragem e perseverança. Além disso, são homens respeitados e, freqüentemente, personalidades salientes. Assim, êles são de grande significação social, com a saúde do grupo dependendo grandemente da fé nos seus poderes. Além disso, os vários poderes psíquicos a êles atribuídos não devem ser simplesmente postos de lado como "faz de conta", pois muitos deles têm-se especializado nos trabalhos da mente humana e na influência da mente sôbre a mente e da mente sôbre o corpo. E, o que é mais importante, estão firmemente convencidos de seus poderes e, além disso, desde que êles observem a disciplina habitual da sua "ordem", seu status e prática profissionais, continuam a ser uma fonte de fé e poder de cura, tanto para si próprios como para seus amigos".

Para Foster, o conflito entre a medicina científica e a popular estaria sintetizado nas pessoas do médico e do curandeiro, as duas mais altas expressões nos respectivos campos. Conclui Foster que, "infelizmente, o médico fica quase sempre em segundo plano". Comparemos a situação de ambos, ainda segundo o mesmo antropólogo.

-24-

- (a) O curandeiro ocupa uma posição social e participa de uma sub-cultura que o identifica melhor com a população de baixo nível social; esta condição contribui para que esse profissional seja credor de respeito, fé e confiança. O médico, por ser de classe superior, é também respeitado, mas é olhado com desconfiança ou suspeita.

Além disso, o curandeiro trabalha em condições mais favoráveis que as do médico, no que se refere a impressionar o doente com resultados concretos e êxitos aparentes, tais como os seguintes:

- (b) O curandeiro trata de doenças populares cujos sintomas estão, em geral, tão mal definidos que ele não pode senão atinar com as doenças, aliviando-as. Se os vagos sintomas identificados com o sofrimento persistem ou reaparecem depois da cura, o curandeiro tem sempre a saída de que o caso se complicou e requer outra série de curas ou uma cura nova, ou de que sobreveio outro mal.
- (c) A maioria dos curandeiros não pretende curar todas as doenças e costumam, freqüentemente, recomendar que o paciente consulte um médico. Isto os coloca, de acordo com o conceito do povo, em um plano de justiça, de amplo critério e conscientes de suas limitações. O médico, ao contrário, nunca admite que o curandeiro seja capaz de curar doenças que ele mesmo não pôde tratar, o que o povo interpreta como vaidade do médico, bazófia de quem se considera o único possuidor do dom de curar.
- (d) A técnica de diagnóstico do curandeiro não requer nem interrogatório longos e nem complicados e cansativos para o paciente, sobre sintomas, história clínica e o restante. O curandeiro possui certos dispositivos mágicos e automáticos que aplica a situações específicas e as respostas são quase como relógio. Além disso, há muitos casos relatados pelos observadores de campo, nos quais o médico não pôde curar o paciente e o curandeiro conseguiu ali mesmo um êxito aparente.

-25-

As pessoas racionam: se um curandeiro não faz perguntas, por que um homem que pretende saber muito mais haverá de fazê-las ?

- (e) O médico é vítima da tendência geral que consiste em esgotar todos os remédios caseiros e as artes do curandeiro antes de consultá-lo. Portanto, cabe a êle aceitar casos já sem esperança devido ao tempo transcorrido, ou os que são simplesmente incuráveis. Assim, o médico suporta o fracasso da medicina caseira, além dos fracassos de sua própria profissão.

- 6-- Medicina preventiva x medicina curativa. Ao nos referirmos anteriormente a êste assunto, dissemos que a experiência latino-americana contra-indicada a adoção pura e simples da filosofia norte-americana para os centros de saúde, qual seja, a da prestação de assistência quase que inteiramente de natureza preventiva. Observou-se que a população tem dificuldade de compreender os verdadeiros fins dos centros de saúde e, por isso, quando êstes apenas oferecem programas de medicina preventiva, são criticados pela população; esta situação contribuiu para dificultar sensivelmente o trabalho sanitário. Se atentarmos para as condições de pauperismo em que vive grande parte da população latino-americana e para seu baixo padrão de saúde, para citar apenas dois aspectos, teríamos que concordar com a falta de boa vontade de uma mãe que, tendo levado seu filho doente ao centro de saúde não obteve a consulta desejada mas apenas a recomendação que esperasse pela visita da enfermeira em sua casa ou que voltasse outro dia.

Quando a medicina científica possui recurso bastante eficiente para contrôlê de uma doença é recomendável que o serviço de saúde use essa arma curativa para ganhar confiança junto às populações. A êste respeito, Erasmus, citado em Hanlon, refere que as campanhas contra a bôba realizadas na Colômbia e Equador, cujos resultados foram rápidos e dramáticos, produziram a boa receptividade da população; os próprios curandeiros locais admitiram a superioridade da moderna medicina sôbre os seus tratamentos mágicos. No entanto, a história foi diferente no caso das infecções intestinais, porque muitas pessoas as consideravam como devidas ao mau olhado, portanto, fora da compreensão dos médicos. Dado não ser possível a rápida melhoria das condições de vida dessas populações e, também, pela dificuldade em compreender as razões das medidas sugeridas, fácil é admitir - que um programa com êsse objetivo teria pequena probabilidade de ser aceito rapidamente.

Erasmus chama atenção para um fato aparentemente paradoxal. A população de uma comunidade está preocupada com uma determinada doença e anseia mesmo que lhe seja prestada assistência nesse sentido. Nessas condições seria lícito esperar-se que as pessoas prontamente aceitassem as medidas preventivas preconizadas pelo médico. Contudo, isso pode não acontecer. A população pode resistir às medidas propostas simplesmente por não terem nenhuma significação para si, em decorrência de não se encaixarem no sistema de idéias que possuem sobre causa, prevenção e tratamento daquela doença.

- 7- O problema da comunicação. Já tratamos deste problema anteriormente. Vimos que ele representa uma barreira séria para os serviços de saúde pública. Por isso, o sanitarista precisa estar prevenido contra uma conclusão que geralmente está implícita em nossa conduta: se entendo o que penso e digo, a pessoa com quem falo faz a mesma interpretação. Evidentemente, ninguém concorda com essa afirmação quando assim enunciada mas, infelizmente é muito próprio de nós agirmos em consonância com ela. É necessário que se considere que a possibilidade de diferenças na interpretação sempre existe, inclusive quando duas pessoas falam a mesma linguagem; tal fato ocorre por conta dos regionalismos ou provincialismos, ou das diferenças ocupacionais, de classe, de status ou outras. O pior disto tudo é que nas relações entre o médico e seu cliente, o mais instruído é, geralmente, o menos apto a admitir sua falha em se fazer entender corretamente.

Uma interessante ilustração das dificuldades de comunicação, criadas pela deformação da compreensão nos é referida por Kalervo Oberg e reproduzida no trabalho de Foster, "A Cross - Cultural Antropological ...". Trata-se de fato ocorrido em Cametá, Brasil, e relatado por Oberg:

"O jovem médico sentou-se atrás de sua mesa, enquanto eu fiquei ao seu lado esquerdo. Tomou a pasta que estava em cima da pilha em sua frente e chamou um nome. Após ler o cartão, cuidadosamente passou-o para mim. Notei que se tratava de um homem com 35 anos de idade, classificado como mestiço e que vivia num pequeno povoado rio acima. Era casado mas não tinha filhos. Logo depois aparece um homem andando vagarosamente, vestido com calça e camisa limpas mas rasgadas, descalço e segurando em suas mãos um chapéu de palha de aba bem larga. Senta-se em uma cadeira ao lado direito do médico.

O médico volta-se para ele e pergunta: "Por favor", diga-me qual é a sua queixa?". Não houve qualquer resposta e o homem começou a olhar em torno da sala, para os vários instrumentos e gráficos sobre as paredes. "Você poderia me dizer se sente dores?", o médico pergunta novamente. Ainda, nenhuma resposta. O homem continua a olhar ao redor da sala, como se o médico e eu não existíssemos.

"Você tem diarreia?"; pergunta o médico. A resposta é um simples "não". O médico move-se impacientemente em sua cadeira, olha fixamente a face do homem e pergunta: "Sua cabeça está doendo?" "Tá" (está). Um longo silêncio. "Você tem tremor de frio?" "Sim". Após estas três respostas reveladoras, o médico toma a temperatura do homem, conta seu pulso, ouve seu peito e manda-o para o laboratório para ser feita uma lâmina de sangue, com a recomendação de que ele deve voltar mais tarde quando fôr chamado.

Voltando para mim, o médico diz "Parece outro caso de malária. Saberemos com segurança após o resultado do laboratório". Toma outro cartão e chama o nome. Desta vez, entra um homem com 4 meninos no consultório. O médico pergunta o nome do homem e olha para o cartão outra vez. "Todos estes são seus filhos?"; ele pergunta". Sim "responde o pai": Mas você tem cartão para somente um, acrescenta o médico.

O pai move-se inquietamente e responde, "Todos os meus filhos estão doentes mas eu tinha medo de pedir para os quatro porquê eu pensei que o Snr. pudesse recusar tantos. Contudo, todos eles estão doentes e eu desejo que o Snr. os cure. Eu sai de casa ontem para trazê-los aqui".

O médico pede para o homem se sentar. "Olhe!" ele diz, "Todos nós estamos aqui para ajudar você e sua família de graça. O SESP é para o povo. Você deve trazer seus filhos sempre que se queixarem de doença, entendeu?". Os 4 meninos foram examinados e encaminhados para exame de sangue. Todos os 4 tinham sintomas de malária".

8- Conflitos de padrões culturais. Quando o novo padrão que se pretende introduzir entra em conflito com os prevalentes em determinada cultura, corre êle grande risco de ser rejeitado. Tais situações ocorrem geralmente porque não se procurou conhecer previamente a função desempenhada por um padrão, traço ou complexo cultural, dentro da configuração cultural. Apresentaremos alguns exemplos para ilustrar certas dificuldades surgidas do encontro de padrões conflitantes:

a- Na América Latina são muito comuns as campanhas para a construção de fossas.

Em alguns casos o público as aceitam muito bem, mas muito frequentemente, terminam como galinheiros ou como silos de cereais. Um dos fatores mais importantes para a aceitação ou rejeição das privadas é o que diz respeito à posição habitual de defecar. Muitas privadas do tipo de "sentar" deixam de ser usadas porque as pessoas estão acostumadas evacuar de "cócóras".

Foster conta que um fazendeiro de café em El Salvador, no interesse de seus empregados, construiu uma série de privadas, uma para cada casa, de acordo com padrão norte-americano. Ficou aborrecido quando seus empregados se recusaram a usá-las. Depois de algum tempo, um velho apresentou-lhe uma sugestão, "Patrão, o Sr. não percebe que aqui nós evacuamos de cócoras?" O fazendeiro arrancou o assento, colocou uma chapa perfurada no chão e ficou satisfeito com a aceitação geral do povo. Aliás, via de regra, é este tipo o que mais convém às populações latino-americanas da zona rural.

- b- Outras vezes, mesmo quando se toma a precaução de, ao construir privadas para a zona rural, de atender aos hábitos motores da população e de aproveitar os materiais locais, de custo barato, é possível que surjam dificuldades surpreendentes. Hanlon cita um caso ocorrido com ele na Tailândia; trata-se de uma conversa que ele teve com um habitante da zona rural, na qual este assim se referiu: "Vocês, americanos, são gozados. Antes de vocês virem para cá, eu sabia como evacuar: procurava um lugar sossegado ao ar livre, com uma brisa suave e, freqüentemente, com vista agradável. Então, veio você e me convenceu que este material que vem de mim é uma das coisas mais perigosas com que as pessoas podem ter contato. Em outras palavras, eu deveria ficar o mais longe possível dele. Então, a próxima coisa que você me disse foi que eu deveria cavar um buraco e, não somente eu mas muitas outras pessoas, deveríamos concentrar este material perigoso naquele buraco. Assim, agora eu entro em contato mais íntimo, não apenas com o meu mas com o de qualquer outro, e num lugar escuro, mal cheiroso, sem nenhuma vista". Hanlon conclui: "Francamente, eu ainda hesito, qual de nós é mais lógico!"
- c- É sabido que as pessoas, de um modo geral, têm certa relutância pela hospitalização. Várias causas podem entrar em jogo. Uma delas é a tendência de considerar o hospital como um lugar em que se vai para morrer. Além disso, os antropólogos têm constatado haver um sentimento quase universal que dificulta a hospitalização: o da continuidade com a terra ou, numa situação não rural, com o domicílio. Trata-se de sentimento muito remoto que, em alguns lugares pode assumir a forma seguinte: o espírito reside no lugar onde o indivíduo morre e o lugar certo do espírito é junto à família.

Outra razão comum para explicar a resistência à hospitalização é a reação contra a tendência de se ferir o sentimento de responsabilidade para o membro da família em dificuldade. Outra razão: a hospitalização envergonha o indivíduo porque equivale a admitir que está doente, fraco ou imperfeito. Isto ocorre mais freqüentemente quando há

necessidade de ser feita intervenção cirúrgica, principalmente, se houver remoção de certas partes, como mamas, útero ou testículos. Nas sociedades não letradas há, ainda, o temor de que as partes retiradas, se não forem destruídas, poderão ser usadas contra o indivíduo como feitiço.

- d- Resistências sérias podem ser levantadas no campo da obstetrícia e da ginecologia. Sugestivo estudo a este respeito é relatado por Schneider, citado em Hanlon, com a cultura Yap. A mulher Yap acredita que seus genitais são fonte de poder sobre seu marido. Seus órgãos sexuais têm lhes possibilitado obter e conservar o marido, constituir uma família e têm sido o seu "segrêdo comercial" pessoal, que não deve ser revelado às mulheres rivais. Daí, as mulheres Yap nunca permitem que outras mulheres vejam seus genitais. Portanto, as tentativas de usar atendentes nativas do sexo feminino nas salas de parto, desencadearam forte resistência. A substituição das atendentes locais por outras não indígenas provou ser mais aceitável. Estas eram mulheres, também, mas estranhas ao sistema nativo de poder e competição sexual. O marido pode conhecer os segrêdos de sua esposa, mas esta sabe que nenhum marido Yap respeitador tolera que qualquer homem, inclusive os obstetras americanos, veja ou manipule as partes privadas de sua esposa. A mulher, por si, não julga ser inconveniente sua exposição perante um homem mas fica constrangida de assim fazer, porque sabe que viola os direitos pessoais do marido. A solução encontrada para este caso foi o de obter um compromisso bilateral: utiliza-se as atendentes mulheres não nativas e alia-se a mecânica da antisepsia e o parto, a serem feitos pelo médico, até que a paciente tenha se tornado inconsciente.

Preconceitos, receio e falta de melhor compreensão têm se constituído em barreiras para a aceitação dos exames pré-natais nos serviços de saúde pública. Foster conta que no México, em um grande centro de saúde urbana, 43% das mulheres registradas no serviço pré-natal desistem da assistência antes do parto. O primeiro exame pré-natal torna-se um grande choque para a maioria das mulheres. O exame ginecológico, em si, já é embaraçoso; como é feito por homem, geralmente, essa situação é agravada. Além disso, as mulheres têm vaga idéia do que lhes possa acontecer, o que as intranquiliza ainda mais. Na Colômbia, refere Foster, não há, praticamente, exame ginecológico, o que se deve, em parte à recusa das mulheres a se submeterem a esse exame e, de outro lado, porque o marido sente-se ultrajado com a idéia de que outro homem tenha contato tão íntimo com sua esposa. Mesmo nos grandes centros do Chile foi observado que o exame ginecológico era feito por parteiras.

-30-

Para corrigir tais inconvenientes, seria aconselhável que a enfermeira explicasse à gestante o que será feito, por que será feito, o que acontecerá no curso da assistência pré-natal e, também, que ela estará presente no momento do exame. Naturalmente, o ideal seria que tais exames pudessem ser feitos por médica.

IV-Orientação antropológica para o trabalho de saúde pública.

Embora a Antropologia seja utilizada em extensão muito pequena pelos serviços de saúde pública, o que talvez se deva em parte à pouca divulgação que essa ciência tem entre os médicos e sanitaristas, é inegável a contribuição que pode oferecer no sentido de melhorar a eficiência dos programas de trabalho. Não apenas o corpo de conhecimentos desenvolvidos pela Antropologia mostra a possibilidade de aplicação dessa ciência no terreno da saúde pública, como também, estão aí os fatos para demonstrar sua praticabilidade.

Infelizmente, os antropólogos não podem oferecer ainda ao sanitarista, um guia, prático para orientá-lo na sua atividade. Embora a Antropologia, como ciência que é, possua um conjunto de conceitos aplicáveis a qualquer agrupamento humano, não dispõe de fórmulas para solucionar todos os problemas, em cada situação. Esta limitação, contudo, de modo nenhum diminuiu o valor da contribuição efetiva que pode oferecer ao trabalhador sanitário. Independentemente do trabalho do antropólogo como membro da equipe sanitária, os sanitaristas, em geral, devem ter algum conhecimento de Antropologia, mesmo que elementar, da sua parte teórica e aplicada.

Não encontramos, na bibliografia por nós conhecida, nenhuma sistematização das recomendações que a Antropologia pode oferecer à saúde pública, o que talvez seja impossível mesmo de ser feito no estágio atual de nosso conhecimento. Entretanto, o sanitarista que se valer da Antropologia teórica poderá, aliado ao seu bom senso, ganhar melhor orientação na sua atividade prática. Para facilitar êsse trabalho apresentaremos algumas sugestões, umas de ordem geral e outras mais específicas, que servem para exemplificar e guiar a conduta prática do sanitarista. Aos que tiverem interesse maior, recomendamos em especial as obras seguintes: (1) B. Paul, "Health, Culture, and Community", (2) Jaco, "Patients, Physicians and Illness", além de outras constantes de nossa bibliografia.

Vamos, então, a seguir, lembrar alguns pontos que devem ser considerados na atividade prática da saúde pública.

* fórmulas gerais etc.

1- Os conceitos antropológicos são aplicáveis na prática sanitária. Com fundamento nos trabalhos desenvolvidos por antropólogos no campo da saúde pública é possível afirmar-se com segurança, a aplicabilidade da doutrina antropológica a nessa atividade, seja na interpretação de fatores sociais, seja na orientação programática. Dentre os vários conceitos destacaremos dois:

(a) Relativismo cultural. Já nos referimos a este como sendo um dos mais importantes conceitos para as relações humanas, seja no plano de atividade profissional ou mesmo da vida comum do homem. Queremos chamar a atenção para o fato de que o problema do relativismo cultural não existe apenas para a pessoa que se defronta com uma cultura estranha, mas mesmo para o sanitarista que trabalha na comunidade onde sempre, viveu. Dada as diferenças sub-culturais entre os vários grupos de uma sociedade (ligadas às situações de classe, às ocupações, às etnias, às religiões etc.) e a especialização no campo da saúde pública, ocorre que o sanitarista passa a se comportar como elemento, até certo ponto, estranho, principalmente no que se refere ao centro dos seus interesses. Tal peculiaridade precisa ser conhecida por ele, para não se desapontar, inclusive, com a aparente falta de interesse da população em questões de saúde.

(b) Integração cultural. A cultura não é apenas uma coleção de costumes, mas sim um sistema de costumes, cada um mais ou menos ligado aos outros, de tal modo que a cultura, como um todo, pode ser considerada uma unidade funcional. Isto explica a causa da tenacidade com que as sociedades mantêm sua cultura e, também, a repercussão para o sistema de modificações introduzidas em um de seus aspectos.

Na vida das pessoas, a saúde e a doença constituem um desses aspectos, o qual, não fugindo à regra, está relacionado com os demais aspectos da configuração cultural.

Estes conceitos, transportados para a saúde pública, vão indicar ao sanitarista, que os programas que ele elabora para melhorar as condições de saúde da população não podem ser considerados como peças isoladas na vida das pessoas a quem são dirigidos. Pelo contrário, relacionam-se com o sistema de educação formal, produtividade, distribuição da renda, organização social e muitos outros aspectos.

Na América Latina há, ainda, tendência generalizada de se planejar programas de saúde pública como unidades isoladas, sem levar em conta as limitações impostas pelos outros aspectos da cultura. Foster ilustra um caso em que o programa de saúde pública falhou por inobservância dessas recomendações, apesar de terem sido tomadas certas precauções em extensão muito maior do que a habitual.

O ponto fundamental do projeto consistia numa campanha de construção de fossas. No próprio local foram produzidas lages e entregues a 100 aldeões. Esperava-se que com esta ajuda inicial, dentro de alguns meses, a maioria das lages teriam sido colocadas no fundo do quintal e que os moradores realizassem as despesas com as instalações. Contudo, seis meses mais tarde, menos da metade das lages estavam sendo usadas; a maioria continuava ainda na frente das casas, como foram colocadas, aparentemente esquecidas dos moradores. Quais as razões desta situação ?

Realizou-se um censo entre 600 aldeões, o qual revelou os seguintes fatos: A vila era extremamente instável em termos de organização social, sendo que metade dos habitantes aí viviam há 5 ou menos anos. Eles não se consideravam como membros da comunidade, mas antes como imigrantes, de modo que não tinham interesse em realizar despesa em alguma coisa que poderiam abandonar posteriormente. Além disso, tinham baixo rendimento e o custo das instalações para a fossa representavam de 25 a 50% do valor total de suas casas. Como, então, pretender que essas pessoas realizassem tal investimento nessas condições, quando, ainda, o seu pouco conhecimento de saneamento e a sua cultura não lhes permitia compreender a importância das fossas ? Fica esclarecido, então, que muito dificilmente as famílias de baixa renda poderão fazer investimento de tal magnitude.

- 2- Os nomes dados às coisas têm pequeno valor. Realmente, o que importa na vida são os conceitos fundamentais e a conduta humana em torno deles. Com isto queremos assinalar que, na saúde pública, convém às vezes, deixar de lado certas divergências, de pequena monta, com a população, para serem alcançados objetivos mais importantes.

Uma ilustração a esse respeito trará maiores esclarecimentos que as explicações.

Hanlon relata uma experiência pessoal de quando trabalhava como médico-chefe de uma unidade de município localizada na parte sudeste dos Estados Unidos, que era o quartel general internacional de um grupo religioso muito radical. Essa religião não só negava a origem bacteriana de

certas doenças, mas também recusava admitir a existência de qualquer espécie de doença. Se o indivíduo adoecia, ele não era considerado doente mas sim, Deus estaria descontente com ele ou com alguma coisa do seu meio; só melhoraria quando Deus ficasse novamente contente com ele. Enquanto isto, o doente poderia morrer de uma doença evitável. Estas idéias estavam profundamente arraigadas nas crenças dessa população. Seria fútil, naturalmente, tentar convencê-los do contrário. Em termos de seu credo religioso, no qual tinham fé absoluta, sabiam o que era correto e, no fim de contas, eles tinham o direito de ter a crença religiosa que desejassem. Contudo, esta situação criava um problema muito sério com relação, não apenas ao seu bem estar, mas quanto ao bem estar de todos os que com eles tinham contato.

Hoje, as coisas mudaram completamente, e o problema não mais existe, graças ao trabalho do autor citado.

Hanlon tornou-se amigo do velho bispo, que era o chefe da igreja; o bispo era um homem bom e sincero. No seu modo de pensar, ele e seu povo estavam fazendo as coisas direito. - Quem era eu para dizer que não? refere Hanlon. Um dia, enquanto estavam sentados e conversando informalmente, Hanlon disse: "Olhe aqui, Bispo, você e eu podemos discordar sobre certas coisas, sob base filosófica. Nós, entretanto, temos um interesse comum muito importante - ambos estamos interessados sinceramente no bem estar de seu povo e de todos os povos. Além disso, temos também um ponto muito importante em que concordamos: cada um de nós reconhece que algumas vezes acontecem coisas indesejáveis para as pessoas. Não discutamos sobre as causas daquilo que algumas vezes acontece. Afinal de contas, a causa é incidental para o efeito. Se você deseja dizer que é desagradado da parte de Deus, eu aceito. De outro lado, se fico feliz em pensar que é uma bactéria, não faz mal que eu pense assim. Mas, convenhamos você e eu trabalhamos para fazer alguma coisa sobre os resultados".

Depois disso, Hanlon não teve mais dificuldades. Se desejasse impor o isolamento de um caso de doença transmissível, isso era feito na base de evitar o contato do público geral com influências que tinham descontentado Deus. Se desejasse usar agentes imunizantes, era na base de injetar material inspirado por Deus para afastar fatores desagradáveis - desconhecidos que poderiam prejudicar os indivíduos. Se desejasse prescrever medicamentos era na base de fornecer materiais para auxiliar a remover do corpo as coisas que tinham desgostado Deus. Hanlon se tornou tão famoso que acabou sendo consultado sobre várias questões da igreja.

- 3- O sanitaria é um agente de mudança cultural. Quando falamos no sanitaria como agente de mudança cultural queremos nos referir, praticamente, a todos os que trabalham na saúde pública, porém, em especial, àqueles cuja atividade dá ênfase no trabalho educativo. A não ser em condições muito excepcionais, é impossível haver um serviço de saúde pública que não tenha como finalidade modificar hábitos existentes ou implantar novos. Tal trabalho é de natureza reeducativa, pois visa mudar alguns aspectos da cultura. Dêste modo, os sanitarias, que são os executores da saúde pública, quer admitam ou não, funcionam como agentes de mudança cultural.
- 4- Direito à cultura. Esta questão foi já tratada em outra parte desta postila. Se a apresentamos novamente é com o fim de chamar a atenção para um problema que algumas vezes pode surgir para o sanitaria e que é de grande importância. Embora reconheçamos ser impossível adotar um ponto de vista sobre êste assunto, que não seja, passível de crítica, achamos que ao sanitaria cabe firmar uma só posição, a de concordar com o direito de mudar as culturas. Deixando de assim proceder, não lhe caberá direito de executar nenhuma atividade de saúde pública pois, nestas condições, quase fatalmente estará interferindo na cultura, no sentido de modificá-la. Contudo, a magnitude da questão, serve para acautelar os responsáveis pelos programas de saúde pública para possíveis repercussões desfavoráveis de seu trabalho quando não devidamente planejado e quando elaborado com total desconhecimento dos fatores sociais e culturais. Assim, explicitamos nosso ponto de vista no sentido de julgarmos caber direito ao sanitaria de interferir nas culturas estranhas, desde que procure se limitar a mudar apenas os aspectos que julgar necessário para alcançar seu objetivo e desde que conheça e corrija, se necessário, as repercussões prejudiciais. Esta situação se torna particularmente aguda quando se trata de povos não letrados.

Kelly, no seu trabalho feito em Vila José Cardel, Veracruz, diz o seguinte: "Este assunto é muito delicado, pois no processo de substituição pode-se destruir os valores culturais. Ao mudarmos o processo natural de mudança cultural significa que, em certo sentido, assumimos a responsabilidade de Deus, quer dizer, estamos tão seguros de que nossos costumes e nossos juízos são superiores, que tratamos de impô-los. Uma conclusão é evidente, tenhamos ou não razão na nossa presunção: se tentarmos mudar os costumes atuais, é de bom alvitre conhecer de antemão quais são ditos costumes. De outra forma, estaremos trabalhando às cegas, ainda

mais às cegas que o necessário".

Pierre Dorolle: "Devemos também (quando trabalhamos para a elevação das condições sanitárias de um povo) não lhes invadir os domínios da fé e dos seus conceitos culturais. Todos nós temos o direito de desenvolver a filosofia que nos pertence, e de nos opormos a que nela seja feita qualquer modificação, desde que não brote espontaneamente do íntimo de cada um". "Infelizmente, devemos confessar que muitos de nós já foram ocasionados por meio de inábeis tentativas - inegavelmente bem intencionadas - para o estabelecimento de relações com populações não mecanizadas. Práticas filantrópicas, desastrosamente empreendidas, por pessoas inegavelmente também inspiradas pelas melhores intenções, foram motivos de graves prejuízos".

- 5- O conhecimento deve preceder a ação. É evidente esta afirmação; no entanto, infelizmente, os sanitaristas nem sempre consideram a necessidade de serem conhecidos os fatores sociais para o planejamento dos programas de saúde pública. Assim procedendo, terão maior dificuldade no seu trabalho e menor probabilidade de sucesso. George Rosen assim justifica essa necessidade:

"Esta abordagem implica também em que os programas educativos devem proceder em termos de realidades do comportamento humano e que, portanto, não se deve esperar por milagres, da noite para o dia, de mudança em uma comunidade".

Portanto, sempre é útil e, muitas vezes, necessário mesmo, que se conheça alguns aspectos da estrutura social e da cultura da comunidade onde se trabalha. Começar com as pessoas como elas são e com a comunidade como ela é, é um excelente princípio orientador.

Como as culturas variam de sociedade para sociedade, impõe-se o seu conhecimento prévio, a fim de que o planejamento e a execução de programas sejam, o mais possível, adaptados ao meio para o qual são dirigidos.

Para atingir a êsse objetivo, o sanitarista precisa conhecer razoavelmente bem as crenças, atitudes, conhecimentos e comportamentos das pessoas, antes de introduzir qualquer inovação. Esta recomendação, embora bastante conhecida, é freqüentemente violada na prática.

Para ser elaborado um programa educativo é necessário que se saiba quais as informações que as pessoas têm. Assim, por exemplo, para as que compreendem haver relação direta entre certas infecções entéricas e a contaminação fecal da água, são necessários apenas alguns conselhos técnicos e ajuda para proteger a água de abastecimento e dar destino conveniente aos dejectos. As pessoas que acreditam que essas mesmas doenças estão associadas com as estações do ano, com o crescimento de uma planta ou com as forças da natureza, necessitam de um sistema educativo e de uma abordagem completamente diferente. Neste caso, não somente devem aprender os fatos científicos sobre as causas e prevenção das doenças intestinais, senão também tem que ser encontrado algum meio de adaptar a informação científica ao modo pelo qual percebem a situação (Derryberry).

Há outros aspectos muito mais importantes, que, em geral, são desconhecidos; são os referentes às funções psicológicas e sociais das práticas, crenças e atitudes, as quais precisam ser consideradas e avaliadas. B. Paul, em "Health, Culture, and Community" diz: "É relativamente fácil, perceber que outras pessoas têm costumes e crenças diferentes, especialmente se êles forem "esquisitos" ou "curiosos". É geralmente mais difícil perceber o padrão ou sistema no qual êstes costumes ou crenças estão adaptados".

Paul (Contextura Cultural da Educação Sanitária) traça uma imagem muito adequada sobre a importância deste problema: "A magnitude de um iceberg não pode ser corretamente calculada sem tomar em consideração a massa que flutua sem ser vista, abaixo da superfície. Da mesma forma, a dimensão total do problema da educação sanitária somente pode ser medida tomando em conta as funções ocultas da ideologia da doença".

É justamente nesta área de determinar o padrão ou sistema cultural que os cientistas sociais podem prestar maior contribuição. Este conhecimento ajuda a determinar o porquê de certas práticas serem bem sucedidas, ajuda a prever a dificuldade de modificá-las e dá indicação das técnicas que poderão ser utilizadas com mais proveito.

O estudo da cultura deve levar em conta também as diferenças sub-culturais. Dentro da cultura "americana" é muito comum haver sub-culturas distintas. Um programa bem sucedido em um grupo poderá fracassar num grupo vizinho a êsse, se baseado em características sub-culturais diferentes.

Não podemos e nem é nossa intenção esgotar a lista dos numerosos fatores sociais e culturais que devem ser conhecidos. Gostaríamos de lembrar, no entanto, pela importância, que qualquer estudo nesse sentido deve incluir a determinação dos líderes de fato da comunidade e a estrutura da sociedade. A identificação dos trabalhadores sanitários com certos grupos da comunidade, classes sociais ou bairros, principalmente quando existem divergências entre eles, pode trazer o afastamento da unidade sanitária do grupo ou grupos antagônicos

- 6- Como entrosar novas idéias. O problema fundamental da saúde pública é persuadir as pessoas a trocar concepções e práticas julgadas impróprias para a saúde, por outras mais recomendáveis do ponto de vista científico ou, então, simplesmente aceitar novos padrões sanitários. Sem a participação do povo nesse sentido, muito pouco poderá ser conseguido. Entre os vários problemas com que o sanitarista deve se defrontar para ser bem sucedido, aliás, de grande importância, é o do ajustamento entre a nova idéia e os sistemas de idéias da cultura receptora; dentre estes sistemas de idéias, assume maior importância para os que trabalham na saúde pública, a medicina de folk.

Nunca é demais lembrar o valor da medicina de folk para as pessoas que a adotam, e a resistência que ela pode oferecer à sua modificação. Saunders & Hewes declaram: "Antes de representarem mera ignorância ou uma coleção casual de noções supersticiosas, as crenças médicas de folk constituem uma teoria médica muito bem organizada e razoavelmente consistente. Enraizada no tempo e testada pela experiência de muitas gerações, elas são tenazmente mantidas. O sucesso no tratamento é tomado como prova de sua validade e as falhas são racionalizadas ou ignoradas.

Em muitos aspectos, as crenças médicas de folk são semelhantes às crenças religiosas e são, quase tanto quanto estas, impermeáveis aos argumentos racionais e às demonstrações dos seus erros, ridicularizações ou outras formas de ataque.

Outra premissa que precisa ser conhecida para ser intentado o trabalho de modificação de hábitos sanitários, é a de que êle só pode ser satisfatoriamente executado se envolver tãda a cultura no processo de mudança. Se, como vimos, o indivíduo é produto da cultura onde vive, a mudança eficaz da sua conduta só pode ser feita através da cultura e nunca isoladamente. Por essa razão, é que ganha destaque especial, dentre os métodos educativos, o trabalho de grupo. Este ponto de vista é bem defendido por Rios, em "Ciências Sociais e Saúde Pública":

"Dêsse fato, dessa inteireção indivíduo-grupo-cultura, tera o cientista social duas conclusões sobejamente comprovadas em várias áreas do globo. (1) Não se pode modificar, de forma permanente, um hábito, um tipo de conduta, se não se modificar, ao mesmo tempo, sua valoração pelo grupo. (2) A mudança de um hábito acarreta a de muitos outros; só se efetua, realmente, se todo o sistema de vida do indivíduo fôr modificado, se mudarmos sua mentalidade, ou ainda aquilo que os antropólogos chamam o ethos da cultura. Isso se explica quando aprendemos, com os psicólogos, que tãdas as formas de comportamento se agrupam numa espécie de constelação que é a própria personalidade; e quando ouvimos, dos antropólogos, a mesma lição com respeito aos fatos integrantes de uma cultura".

Um conceito antropológico importante deve ser retido pelos sanitaristas: a aceitação ou réjeição de tãda idéia ou técnica nova depende da maneira pela qual se amolda à configuração de cada cultura. Em outras palavras, os novos padrões de saúde serão aceitos mais facilmente quando:

- a- Não forem impostos e nem contrariarem fundamentalmente a cultura;
- b- A nova idéia ou técnica fôr semelhante ou parecida com algo que já exista na cultura e tenha mostrado a sua superioridade em relação a êste.
- c- Se fornecer às pessoas um padrão substituto igualmente satisfatório ou melhor que o que se pretende eliminar. Do mesmo modo que é impossível remover uma engrenagem de um sistema de transmissão, as pessoas não abandonam, sem grande relutância, um costume, a menos que se lhes propicie um substituto.

Outros pontos precisam ser lembrados quando se pretende modificar a cultura:

- a- A substituição dos padrões deve se processar gradualmente. A mudança rápida pode causar sérios desajustamentos para o próprio grupo.
 - b- É insuficiente apenas enunciar princípios ou objetivos gerais de saúde como se eles fossem um fim e pensar que as pessoas envolvidas são um meio para esse fim. Os programas de saúde pública não devem ser colocados em termos abstratos, como "melhoria da saúde", mas sim em concordância com as necessidades e aspirações das pessoas. Assim, é preciso que os programas de saúde pública sejam adaptados de tal modo à cultura receptora, que as pessoas percebam haver continuidade entre o que as preocupam e desejam, e o que lhes é oferecido, contanto que, naturalmente, se demonstre, praticamente, serem estes melhores que os existentes.
- 7- Como atrair e manter o interesse popular. Conhecida a comunidade nos seus vários aspectos sociais (político, econômico, sociológico, cultural e psicológico), estará o sanitário melhor capacitado para adaptar o seu programa às condições encontradas. A fim de que possa trabalhar com o povo, cabe-lhe agora convencer as pessoas sobre a necessidade delas participarem ativamente das atividades sanitárias. Esta é uma tarefa educativa das mais difíceis, principalmente, na América Latina, cujas populações, seja por uma questão de tradição, seja pelos vícios administrativos seculares, estão habituadas a uma posição inteiramente passiva em questões de saúde pública, esperando pela esmola governamental. Outra "resistência" que o trabalho educativo deve vencer é a referente à oposição que a população oferece a tudo quanto não lhe corresponde a uma necessidade ou que lhe é estranho, principalmente quando contraria crenças, práticas ou valores consagrados.

Evidentemente, o problema máximo para o trabalho educativo é o da motivação, mas este é um assunto que será tratado com mais propriedade na disciplina de educação sanitária.

No entanto, apresentaremos aqui algumas recomendações mais pertinentes ao campo da antropologia.

- a- Deve-se renunciar às próprias concepções e procurar ver os "problemas" segundo o ponto de vista do educando;
 - b- Dentro das possibilidades, procurar satisfazer primeiro as necessidades reconhecidas pela população. Visa-se com isto atrair o público para outros aspectos da saúde pública.
 - c- A demonstração prática conduzida com acêrto pode fazer com que as pessoas aceitem novas idéias, mesmo quando estas contrariem crenças e práticas de folk; uma vez adotadas por alguns, são disseminadas mais facilmente.
 - d- Os centros de saúde da América Latina devem oferecer, a par dos serviços de medicina preventiva, os de medicina curativa.
 - e- Esclarecer as pessoas sôbre a razão das coisas, pois, uma vez que compreendam passam a cooperar muito bem. Um exemplo é relatado por Foster: "Um médico de centro de saúde, obtinha uma percentagem muito baixa de devoluções de latinas que havia fornecido a doentes de disenteria. Resolveu explicar aos seus clientes o porquê do exame e com isto passou a obter um número muito maior de devolução.
 - f- Quando o paciente sente-se compreendido, quando percebe que os médicos e outros profissionais participam de suas próprias idéias sôbre saúde e doença, aprovando-as ou, pelo menos, respeitando-as, é bem possível que tenham maior simpatia pela medicina científica. Foster dá um exemplo bastante eloqüente: "Caso de levasse ao médico uma criança visivelmente enfêrma, com febre, vômitos e dor de cabeça, e sua mãe lhe dissesse sem titubear: "Parece-me que ele tem mau olhado", o médico não veria sua integridade profissionalmente desprezada se respondesse: "Sim, poderia ser; mas há muitas doenças com sintomas parecidos; por meu exame estou seguro de que seu filho sofre de e recomendo o seguinte tratamento". Assim, sem, ridicularizar a credência da mãe, o médico se coloca no plano de um especialista compreensivo e é mais provável que seus conselhos sejam seguidos".
- 8- Que fazer com a medicina de folk? Uma primeira providência é reconhecer sua importância, no sentido de poder influir na conduta das pessoas, nas suas relações com centro de saúde. Se o pessoal da saúde pública está prevenido a respeito da medicina de folk poderá eliminar ou substituir o que fôr indesejável e aproveitar os elementos positivos ou inócuos.

-41-

Assim procedendo, os funcionários trabalharão com maior objetividade, terão, possibilidade de entrosar novas idéias ou técnicas mais facilmente e gozarão da confiança da população que verá, nos técnicos, pessoas competentes nas crenças por ela perfilhada.

Não há nenhuma diminuição para o médico que procura conhecer e respeitar, no que fôr possível, a medicina de folk. Contudo, não deve ele cair no exagero, o que seria ridículo e perigoso, de-se-identificar completamente com as crenças e práticas médicas populares, e tratar as pessoas em termos de seu próprio conhecimento.

Outra objeção que se costuma apresentar a essa orientação é a de que com ela se estaria contribuindo para perpetuar o que é julgado, cientificamente, errôneo. A resposta que se pode dar é a seguinte: Se a troca das concepções de folk pelas científicas fôsse fácil, não há dúvida de que o trabalho educativo deveria ser feito pela via mais rápida. Contudo, a experiência tem demonstrado que o processo educativo só pode ser realizado a longo prazo e, nessas condições, a introdução de novos padrões culturais e a substituição dos antigos deve se processar lentamente e em consonância com os já existentes.

Veja-se o que diz Foster, em "Influência dos Costumes Cren-dices Populares . . .", a propósito do reconhecimento da medicina popular por parte da enfermeira.

"As superstições e práticas populares relacionadas com a doença e a saúde são influências que pesam muito na vida de um povo". "Para ganhar-se a simpatia e a confiança dessa gente, o primeiro passo consiste em reconhecer essas práticas e credices. Negar estas credices é ridicularizá-las aos olhos do povo e esta atitude não ajuda de modo algum a enfermeira. Sua missão consiste em servir à comunidade até o limite de seus conhecimentos e, para êste fim, deve escutar com atenção e tomar parte nos problemas de seus pacientes, sejam quais forem; ao menos, por escutá-los sem criticar, ela conquista certa confiança do povo".

O importante para o sanitarista é quebrar a dicotomia que existe na mente das pessoas sobre a medicina científica e a popular ou, pelo menos, obter melhor oportunidade para o médico demonstrar o quanto pode fazer sob condições favoráveis.

Do ponto de vista prático, três regras podem ser consideradas:

a- Evitar os conflitos desnecessários com padrões culturais existentes.

Na maioria das vezes pode-se, com habilidade, fugir a um confronto direto entre dois padrões culturais antagônicos, de modo a se evitar conflitos entre ambos. Pode-se contornar a situação de molde a se obter os resultados desejados sem os efeitos colaterais prejudiciais. Alguns exemplos:

- (1) Quando a uma gestante se impõe dieta quase de inanição durante os três primeiros dias do puerpério, considerando que os alimentos "frios" são perigosos, é contraproducente recomendar alimentos "quentes". A melhor solução seria indicar a utilização de outros alimentos dentre os que são reconhecidos "frios".

Se a uma criança, a mãe recusa dar suco de laranja ou de outras frutas, que são considerados alimentos "frios" e, por isso, impróprios para consumo nos meses frios, pode-se usar o expediente de "neutralizar" a "frieza" do suco acrescentando-lhe mel, que é um alimento "quente".

Não há necessidade do sanitarista usar a terminologia "quente" e "frio"; é suficiente que conheça a lista desses alimentos e saiba utilizá-los convenientemente.

- (2) Kelly cita a crença de que o tamanho a ser alcançado pelos órgãos genitais de uma pessoa adulta depende do comprimento do coto umbilical. A curiosa consulta a família a respeito do comprimento desejado. Quando o parto ocorre em hospital, a família perde o controle dessa situação que se acredita ser de vital importância para o recém-nascido, quando este chegar a adulto, principalmente no caso das mulheres que desejam ter genitais grandes para evitar as dificuldades do parto. Assim, nas zonas onde prevalecem estas crenças, não há nenhum inconveniente permitir que os pais estipulem o comprimento do coto umbilical.

- (3) Às vezes, costuma-se dar à placenta algum destino como o de pendurá-la em árvore para apodrecer, ou guardá-la no gelo para emprêgo posterior como remédio caseiro, ou enterrá-la em lugar longínquo etc. Quando este costume possa se constituir em embaraço para a hospitalização da gestante, convém entregar a placenta à família.
- (4) Quando as pessoas não costumam banhar-se porque acreditam que o frio faça mal, aconselha o uso da água morna.
- b- Aproveitamento dos elementos da cultura local. Muitas vezes é possível a utilização de elementos da cultura local como veículo dos que se pretende introduzir
- (1) Quando se acredita que a gestante deva beber pouca água, pode-se incrementar o uso desta através da utilização de chás, os quais geralmente são bem aceitos.
- (2) Algumas mulheres consideram desnecessário dar água às crianças durante a lactância. Geralmente esta prática é salutar pois, assim, a criança deixa de correr o risco de beber água contaminada. De outro lado, nada adiantaria recomendar o uso de água fervida. Pode-se sugerir, e isto é bem aceito, que se dê chá à criança, que assim receberia a quantidade necessária de líquido sem correr nenhum risco.
- (3) Em certas regiões, o número cabalístico é 3. Convém não contrariar essa crença. Assim, tanto quanto possível, recomendar que o tratamento se faça durante três dias seguidos ou alternados, ou 3 vezes por dia, ou por 3 semanas etc. Esta conduta traz maior segurança no sentido de que a terapêutica do médico seja seguida.
- (4) Nos lugares onde prevalecem as noções sobre "estômago sujo", como no Perú será conveniente que o médico diga, quando isso fôr possível, que tal medicação servirá para limpar o estômago. Se se pretende que a pessoa mude a dieta, poder-se-ia dizer que os alimentos prescritos são preventivos contra o "estômago sujo".
- (5) Reconhece-se, geralmente, que certas doenças, como o sarampo, venéreas, doenças da pele e varíola, são contagiosas, mas não se compreende ainda, em muitos lugares, a natureza contagiosa de outras doenças, como a tuberculose, por exemplo. Neste caso, a solução consiste em campliar um conceito já existente. O médico poderia dizer: "Você sofre de tuberculose. Este mal se pa-

rece muito com sarampo, que pode passar de um membro da família para outro se não se tomarem certas precauções; o contágio é mais lento, mas de maneira muito semelhante" (Foster).

a- Eliminação das práticas consideradas prejudiciais.

Quando não se pode anular a prática inconveniente através do aproveitamento de outros elementos da cultura local, não há outro recurso senão o de combatê-la. Vejamos alguns exemplos:

- (1) Colocação de estêrco no umbigo da criança.
- (2) Crença de que a mulher grávida deva dormir pouco tempo, para evitar que a criança muito ou adira ao ventre.
cresça
- (3) Falta de uso de certos alimentos na dieta da criança.
- (4) Muitas curiosas usam certos produtos que podem se tornar perigosos, como adrenalina, cápsulas de quínino, ou extrato de pituitária.

Para êstes casos impõe-se um trabalho educativo bem conduzido, não sendo possível, em tese, se dizer qual a orientação cabível. Em todo o caso, quando se dispõe de um recurso bastante eficiente e nitidamente superior ao empregado pela população, a demonstração prática pode ser utilizada como recurso educativo concorrente. Por exemplo, não será muito difícil convencer as pessoas da superioridade do benzoato de benzila sôbre certas ervas, no tratamento da escabiose ou da penicilina, sôbre qualquer outro, na cura da bouba.

- Um exemplo interessante e que ilustra muito bem a importância do senso comum e da capacidade improvisadora com que o sanitarista deve contar para vencer os obstáculos que encontra no seu trabalho: Koos conta que em uma cidade americana, onde a mortalidade materna e infantil era muito grande, as mulheres se recusavam sistematicamente a ter os seus filhos no hospital.

O médico chefe da unidade sanitária, astuto, resolveu empreender uma campanha para mudar êsse padrão de comportamento. Através dos padrões e de outros líderes naturais, difundiu a idéia de que "qualquer mulher que fôsse importante" deveria ter seu filho no hospital. O médico che-

gou mesmo a pagar para que as primeiras mulheres se internassem. Não fez qualquer apêlo com base no saneamento, na redução da mortalidade infantil, ou qualquer outro; foi inteiramente fundamentado no status dentro do grupo. A campanha foi tão habilidosamente conduzida e tão bem sucedida que quase 100% das mulheres do grupo trabalhado iam para o hospital ter seus filhos, pois, do contrário, ficariam com a marca de um status inferior.

Este exemplo, que não pode deixar de ser criticado pelo subterfúgio adotado pelo médico, mostra como sempre é importante se conhecer um determinado problema nos seus aspectos sociais e culturais para ser encontrada uma solução.

9- Alguns aspectos educativos

A educação sanitária é um processo de mudança cultural dirigida por técnicos e que requer a participação ativa dos educandos. Esta participação só pode ser obtida quando os indivíduos sentem a necessidade de agir para solucionar seus problemas. Em outras palavras, para que as pessoas participem efetiva e continuamente de um trabalho qualquer, é necessário que estejam motivadas, isto é, que possuam sensibilidade para reagir ante fatos ou situações.

Na ausência de motivação espontânea é geralmente inútil discutir soluções com os indivíduos; Nesta conformidade, cumpre ao educador, antes de tudo, motivá-los, despertando-lhes a consciência para o problema interessando-os na sua solução.

Fica desde já afastada a idéia, frequentemente adotada por muitos sanitaristas, de que a informação pura e simples seja capaz de suscitar a reação imediata do educando. Salvo raríssimas exceções, o trabalho educativo é muito mais árduo e demorado, e tem que se valer de outros métodos e técnicas.

Como corolário do que dissemos, fica também afastada a idéia, infelizmente bastante arraigada, de que o sanitarista deva formular e executar programa de saúde pública, baseado exclusivamente em sua opinião ou decisão.

A identificação dos problemas sanitários deve ser feita também pelo povo, se é que se procura obter sua participação. Para trabalhar com o povo é preciso que as pessoas tomem parte no planejamento e na execução dos programas. Assim, por exemplo; quando se fala no problema da mortalidade infantil e se traça medidas de ordem sanitária para baixar os "altos" coeficientes, a população precisa estar necessariamente envolvida no mesmo conteúdo conceitual em

mesma disposição mental para reagir aos apêlos formulados; se a população não reconhece a "alta" mortalidade infantil como um problema "coletivo", deve-se antes de qualquer outra medida sanitária, fazer com que o reconheça. Proceder de maneira diversa é pôr em risco o sucesso, o tempo e os gastos relacionados com o trabalho sanitário.

Guerreiro Ramos é rigoroso na crítica que apresenta à conduta dos administradores brasileiros a propósito do "problema" da mortalidade infantil. Diz:

"Quando consideramos nossa mortalidade infantil como um "problema social", estamos, na verdade, importando uma definição ou uma idealização de países mais adiantados do que o nosso, estamos procedendo à transplantação de um traço cultural, sem termos ainda condições para adotá-lo".

"A mortalidade infantil no Brasil rural só é um problema, à luz de um estado de espírito importado".

"Foram os médicos que descobriram ou, até certo ponto, "inventaram" o problema da mortalidade infantil".

- Se o trabalho educativo tem por finalidade introduzir modificações culturais, isto significa que êle deve levar em conta as características culturais da população e que deve proceder em termos de realidades no campo da conduta das pessoas. Por essa razão, todo programa de saúde pública deve ser formulado especialmente para o grupo ao qual se destina. Pierre Dorolle afirma: "Em consequência de fatores psicológicos e sociais é que pode redundar em fracasso total, numa população sem preparação prévia, qualquer método de educação sanitária, cujas bases de divulgação sejam exatas e dos quais já se tenham observado bons resultados em outras sociedades".

- Entre os métodos educativos queremos fazer destaque a um, o da organização de comunidade. Rios, em "Educação dos Grupos", assim o define: "É uma técnica educativa que tem como finalidade principal o levantamento dos níveis de vida de um dado grupo através do planejamento democrático".

Trata-se de uma modalidade do processo educativo, que de nenhum modo se confunde com os serviços assistenciais, pois visa mudar as estruturas sociais e econômicas.

Seu conceito se confunde com o de educação de base ou educação fundamental, da U.N.E.S.C.O.: "é o mínimo de educação geral que tem por objeto ajudar as crianças, adolescentes e adultos a compreenderem os problemas peculiares ao meio em que vivem, a formarem uma idéia exata de seus deveres e direitos individuais e cívicos, e a participarem efi-

cazmente do progresso econômico e social da comunidade a que pertencem; sem ela, as atividades dos serviços especializados (médicos, sanitários, agrícolas) não seriam plenamente eficazes".

Arthur Rios, quando Diretor da "Campanha Nacional de Educação Rural", apresentou relatório ao Ministro da Educação e Saúde, em dezembro de 1.951, em que fez a seguinte afirmação, baseado em levantamento procedido por um grupo de técnicos, visando a reabilitação das populações rurais brasileiras.

"Já não se trata mais de alfabetizar em massa, construir escolas, espalhar postos de saúde e, sim, substituir uma cultura por outra mais adequada às condições atuais do mundo. É, enfim, fazer o que se está realizando em toda a parte, sob o nome de Educação de Base. Só esse tipo de educação será capaz de preparar o caminho à reforma de estrutura de que o nosso meio rural tanto necessita".

Parece-nos, ainda, de muita utilidade transcrever mais algumas palavras de Rios, constantes de seu trabalho "Educação de Base e Missão Rural":

"Educação de base ou educação fundamental é o conjunto de técnicas de levantamento do nível de vida das populações marginais, sejam rurais ou urbanas; deve ser entendida, portanto, como um processo de mudança cultural, um reagente poderoso, capaz de arrancar da inércia e da rotina populações inteiras.

A educação de base não deve ser confundida com serviços assistenciais; enquanto estes procuram o homem para lhe dar uma série de utilidades (assistência médica, distribuição de sementes, de arados ou de formicida), a educação fundamental tem por objetivo próprio ensinar o indivíduo a valorizá-las e a obtê-las por si próprio.

O homem brasileiro vive em tal estágio de cultura que não dá nenhum aprêço aos serviços assistenciais, donde se conclui que a realidade brasileira está com o carro adiante dos bois, isto é, ela fornece o posto de saúde antes de fazer uma educação adequada que ensine o valor da saúde e a importância da assistência médica, fornece estações experimentais e as casas da lavoura antes que o lavrador tenha compreendido o valor da seleção das sementes e a utilidade das técnicas de combate à erosão etc. A principal consequência dessa anomalia é a transformação dessas agências em meras fontes de prestação de serviços.

A solução para tal situação não poderia ser, evidentemente, a de fechar essas agências e nem fazer com que elas mudassem de rumo mas, antes, dinamizá-las através das missões rurais".

V- Utilização da antropologia cultural no campo da saúde pública.

Para elaboração deste capítulo valemo-nos fundamentalmente do trabalho de Richard Adams, intitulado "Notas sobre el uso de la antropologia en el campo de la salud publica". Conforme Adams assinala, as conclusões a que chega refletem, de um modo geral, a sua experiência na América Latina.

As considerações aqui apresentadas, têm por objetivo orientar os administradores sanitários sobre os recursos que a antropologia pode oferecer a fim de melhorar a eficiência dos programas de saúde pública.

Nota: As citações que fazemos sem menção da respectiva referência são trabalhos acima assinalados.

1- A Antropologia e o administrador de saúde pública.

"De seu conhecimento de antropologia e de sua atitude para com ela, depende a decisão do administrador de saúde pública de utilizá-la ou não dentro de sua jurisdição. Pode-se afirmar que, em geral, muito poucos destes administradores têm, desta disciplina, pouco além de conhecimentos os mais rudimentares. Sua atitude para com a antropologia vai desde um entusiasmo excessivo, que o incapacita de estabelecer os limites de suas possibilidades, até uma declarada hostilidade, passando por uma total indiferença. Raramente pode o administrador de saúde pública fazer uma avaliação crítica da antropologia ou definir os limites de sua aplicação, partindo de sua experiência pessoal".

"O entusiasmo exagerado pela antropologia leva, em geral, a supor que se possa conseguir "o impossível", ou que se possa produzir modificações que requerem anos em questão de semanas. A hostilidade se manifesta, de ordinário, no médico ou no trabalhador de saúde pública, que pretende saber mais do que um antropólogo possa saber de determinada cultura. Encontra-se, às vezes, um médico ou um profissional da saúde pública que, pelo fato de ser do país, pretende saber mais sobre o meio cultural em que vive, do que possa chegar a saber qualquer antropólogo estrangeiro. A falta de base de semelhante argumento torna-se evidente supondo que um

doente pretenda saber como tratar sua enfermidade melhor que o médico, já que este, no final de contas, não a padece. Entretanto, a maioria dos funcionários da saúde pública está tão pouco familiarizada com as possibilidades que a antropologia oferece, que não se mostra entusiasta e nem hostil com ela; senão simplesmente curiosa".

Leavell, em "Contribucion de las ciencias sociales a la solucion de los problemas sanitários" apresenta vários motivos para a resistência que algumasvêzes é oposta às ciências sociais pelos trabalhadores da saúde pública. Entre eles está o fato de serem relativamente novas essas ciências; a este propósito cita Linton quando diz que "geralmente, as descobertas e as novas técnicas de uma ciência tardam uma geração para chegar a se tornar parte da equipe regular de trabalho de outras ciências". Além disso, diz Leavell, "As investigações sociais tomam mais tempo e são mais custosas, e seus resultados não podem ser demonstrados fácilmente aos que não se acham familiarizados com a linguagem técnica e com os métodos".

Adams reconhece que o problema de interessar o administrador em antropologia não se resolve pela propaganda. Deve-se, sim, procurar suscitar seu interesse pela matéria, em algum grau e de algum modo qualquer, de maneira que, posteriormente possa buscar, por si próprio, alguns conhecimentos sobre essa ciência. "É indubitável que a melhor ocasião de estimular o interesse pela antropologia é durante o período de formação profissional, durante os cursos de graduação ou doutorado em saúde pública".

"Não obstante, subsiste um problema da máxima importância. A maioria dos atuais administradores de saúde pública não estudaram antropologia durante seus cursos de saúde pública; alguns nunca seguiram cursos de saúde pública e nem de antropologia. Por conseguinte, não apenas agora, mas durante muitos anos, ter-se-á que inculcar as ciências sociais nas pessoas que trabalham em regime de tempo integral na administração de saúde pública".

"A inclinação de utilizar as ciências sociais nas atividades de saúde pública pode suscitar-se de uma ou de ambas as maneiras seguintes: (1) insistindo com administradores até que manifestem suficiente interesse para tentá-lo, e (2) demonstrando na prática, que a antropologia, realmente, pode solucionar problemas difíceis ou impossíveis de serem resolvidos sem ela".

Em qualquer programa de saúde pública há um conjunto de informações sobre a cultura que são de importância primária, enquanto outras apresentam interesse menor.

Foster (A Cross - Cultural Anthropological ...) apresenta uma lista de vários itens de importância primária para os programas de saúde pública:

- a- Medicina de folk. Este conhecimento tem especial importância. Já foi por nós tratado anteriormente.
- b- Economia, principalmente o estudo das rendas e do custo de vida. "A incapacidade de comprar medicamentos é, inquestionavelmente, uma razão porque muitas pessoas deixam de se beneficiar do tratamento no Centro. A possibilidade de obter uma dieta equilibrada é, do mesmo modo, restringida pela incapacidade de adquiri-la. Domicílios inadequados são, do mesmo modo, um grande problema".
- c- Organização social das famílias. As vezes, a mulher vive sob o domínio de sua mãe ou sogra e, por essa razão, pode deixar de seguir as recomendações do centro de saúde, para evitar conflitos com aquelas. A este respeito, podem surgir muitas dificuldades por conta das concepções de folk que contrariam a orientação fornecida pelo centro de saúde. Quando o casal não está legalmente vinculado, pode haver um afrouxamento, por parte do homem, no reconhecimento de suas obrigações para com a companheira e filhos.
- d- Educação e instrução. Já dissemos algumas palavras sobre o problema educativo. Outras considerações, mais completas, serão apresentadas no curso de Educação Sanitária.
- e- Organização política. A par do regime político do país ou da região, o sanitarista precisa conhecer, em especial, as normas da administração pública.
- f- Religião. Não há necessidade de serem conhecidas as doutrinas religiosas mas tão somente alguns aspectos da filosofia religiosa da população. Algumas perguntas podem ser formuladas:

"Há crenças que se opõem ou conflitam diretamente com os programas propostos? A morte em qualquer idade, por exemplo, é considerada um alívio desejado para um mundo de sofrimento? Há tabus alimentares baseados em sanções religiosas que devem ser tomados em consideração no planejamento de dietas?".

- g- Sistema de valores fundamentais. "Quais são os objetivos, aspirações, valores fundamentais e outras premissas culturais importantes, aceitas consciente ou inconscientemente, que dão validade às vidas das pessoas em questão? Qual é a significação prática, por exemplo, de uma concepção fatalista de vida e de morte?" "Quais são os tipos de estímulos e apêlos para os quais as pessoas respondem mais facilmente?".
- Além dessas, outras informações de menor importância precisam ser colhidas pelo sanitarista, mas sua natureza varia de acordo com as características do programa ou da cultura receptora.

2- Funções do antropólogo no campo da saúde pública.

Serão aqui examinadas sob os seguintes aspectos:

- Considerações gerais sobre o trabalho do antropólogo.
- Atividades específicas do antropólogo
 - investigação
 - assessoramento
 - adestramento de pessoal.

a- Considerações gerais sobre o trabalho do antropólogo

Uma das dificuldades encontradas por antropólogos que integram equipes de saúde pública advém do fato dos demais elementos terem um conhecimento tão superficial da antropologia que não sabem dela se utilizar eficientemente; decorre daí que, às vezes, o antropólogo acaba sendo colocado no quadro de pessoal administrativo.

Não se pode julgar, antecipadamente, quais os campos da saúde pública que necessitam do trabalho do antropólogo. Por exemplo, para uma população que sabe ser um determinado mosquito o responsável pela malária, talvez não haja necessidade do concurso do antropólogo num programa de controle dessa doença; no entanto, se a crença é de que se contrai a malária pelo resfriamento do corpo depois de se haver suado, então, é possível que se necessite dele.

Existem algumas indicações que podem auxiliar na previsão da necessidade ou não do antropólogo:

- (1) Quanto maiores forem as diferenças culturais entre o pessoal encarregado do projeto e a população beneficiada, maior será a utilidade da antropologia;

- (2) Quanto maior fôr a distinção de casta ou de classe social entre o pessoal e a população de maior utilidade serão as ciências sociais;
- (3) Para aquêles projetos relacionados com alteração dos hábitos humanos que se adquire nas primeiras fases da vida, os serviços de um antropólogo ou psicólogo social são úteis.

"Estes não são os únicos casos em que o trabalho dos especialistas em ciências sociais tem sido de utilidade, porém, se tais situações existem, é indicação evidente de que os serviços dêsse especialista serão uma colaboração valiosa ao projeto".

Do mesmo modo, é possível indicar certos tipos de populações em que os projetos podem se beneficiar da utilização das ciências sociais:

- (1) Em geral, qualquer setor da população que, em seu conjunto, é de baixo nível econômico e social, posto que, de ordinário, sua cultura varia muito em relação à das autoridades médicas do mesmo país;
- (2) As populações indígenas ou de origem cultural estrangeira;
- (3) Os projetos destinados a melhorar a nutrição e a mudar hábitos fundamentais de higiene e saneamento.

"Em termos gerais, a antropologia pode prestar auxílio específico nos programas de nutrição, educação sanitária, higiene materno-infantil, certas atividades de saneamento do meio e no estabelecimento de programas integrados de saúde pública".

b- Investigação antropológica em saúde pública.

"A antropologia tem sido, tradicionalmente, uma disciplina de investigação". Nesta capacidade, ela pode ser de grande valor para a saúde pública.

Este tipo de contribuição da antropologia para a saúde pública pode ser visto sob diferentes aspectos:

- quanto à natureza da investigação;
- quanto ao objeto de estudo;
- quanto à faseologia do programa de saúde pública.

(1) Quanto à natureza da investigação. Pode ser aplicada na investigação de:

- problemas
- exploração
- aplicação experimental.

(a) Investigação de problemas. Cuida de resolver algum problema específico que está criando obstáculos à execução de um projeto. Ex: falta de colaboração da população e adestramento de curiosas.

(b) Investigação de exploração. Dirigida a populações pouco conhecidas. Investiga os aspectos culturais, sociais e econômicos dos habitantes, a fim de colaborar no planejamento dos programas de saúde pública.

(c) Investigação de aplicação experimental: "Por investigação de aplicação experimental entendemos a destinada a precisar a importância ou o valor de procedimentos, técnicas ou métodos específicos nas atividades de saúde pública, mediante a utilização de determinadas situações naturais como campos de experimentação, e variando certos fatores com a finalidade de observar a maneira em que afetam os resultados". "A educação sanitária é um campo que pode se beneficiar especialmente deste trabalho experimental".

(2) Quanto ao objeto de estudo. Pode ser considerado sob três pontos de vista diferentes:

- Estudo da coletividade;
- Estudo da Organização;
- Estudo das relações entre a Organização e a sociedade que se pretende servir.

(a) Estudo da coletividade. Este tipo de investigação antropológica é o que tem sido mais freqüente e mais eficientemente utilizado na América Latina. São bem conhecidas as contribuições da antropologia para os programas executados junto a populações não letradas. Mais recentemente, contudo, essa ciência tem cooperado com a saúde pública, no estudo das sociedades ocidentais. "Temos visto, muitas vezes, que a pessoa pertencente a uma coletividade pode ser incapaz de compreender a sua própria sociedade, a menos que a estude de um modo mais ou menos sistemático. Talvez 99% das pessoas careçam dos meios, da aptidão ou do desejo de estudar sistematicamente a sua própria sociedade e, por conseguinte, atuam como parte dela sem perceberem os inúmeros fatores que operam em seu seio".

Assim sendo, pode-se dizer que a antropologia pode contribuir para a saúde pública estudando qualquer tipo de sociedade.

- (b) Estudo da Organização. Este é um campo em que os antropólogos pouco têm operado, mas para o qual muito podem oferecer. Diz respeito ao estudo das relações humanas da organização encarregada de executar os programas de saúde pública. Para se equilibrar da importância deste estudo é suficiente dizer que da organização do pessoal de saúde pública vai depender, muitas vezes, o sucesso ou o fracasso dos programas.
- (c) Estudo das relações entre a Organização e a sociedade que se pretende servir. "Quando um projeto de saúde pública começa a funcionar em determinada sociedade, pode-se encontrar, do ponto de vista antropológico, duas concepções diferentes, isto é, pelo menos dois grupos de crenças e hábitos distintos entrarem em contato direto, de pessoa a pessoa, e um desses grupos deseja modificar as idéias e os hábitos do outro".
Tal situação não ocorre apenas quando os grupos em contato pertencem a culturas diferentes; evidencia-se, também, em relação às diferenças sub-culturais.

"Nas relações entre a Organização de um projeto e a sociedade a que se destina, se coloca um problema importante pelo fato de que os membros de cada grupo observam a conduta dos do grupo oposto e os julgam, com fundamento nas características manifestas dessa conduta".

"Isto nos leva a um problema fundamental que se colocou a propósito das relações entre o pessoal de saúde pública e os membros da coletividade: trata-se do problema de prever a conduta. Na medida em que o agente de saúde pública pode prever a conduta dos membros da coletividade, pode adaptar seus métodos com objetivo de alcançar o maior êxito na consecução de seus fins profissionais. Do mesmo modo, na medida em que os membros da coletividade afetada possam prever a conduta do agente sanitário, poderão compreender o que ele deseja e adaptar sua conduta para secundar ditos desejos ou para combatê-los".

(3) Quanto à faseologia do programa de saúde pública.
Podem ser feitas investigações:

- preliminares
- durante o serviço
- de avaliação

(a) Investigações preliminares. São as realizadas antes de se iniciar as atividades de campo de um projeto. Podem ser destinadas a fins de exploração ou de pesquisa; no primeiro caso pretende descobrir, em especial, pontos que possam se constituir em obstáculo ao desenvolvimento do projeto.

"O principal objetivo da investigação preliminar é evitar que se incorra em erros ostensivos desde o começo".

O médico, o engenheiro ou a enfermeira de saúde pública, preocupados com os múltiplos problemas técnicos, em geral não levam em conta os fatores relativos às diferenças culturais, às relações humanas e a outros aspectos do domínio das ciências sociais. Além disso, quando têm consciência da importância dos fatores sociais, não dispõem de tempo ou de conhecimentos para realizarem tal tipo de investigação.

Os serviços do antropólogo podem permitir que o planejamento preliminar seja mais realista e evitar que ocorram, posteriormente, certas dificuldades.

(b) Investigações durante o serviço. São as efetuadas durante o curso do projeto. "A investigação realizada durante o andamento de um projeto pode descobrir pontos de funcionamento deficiente ou pôr em evidência causas ocultas de dificuldades".

Na prática, a maior parte do trabalho antropológico que se efetuou para a saúde pública foi deste tipo.

(c) Investigação de avaliação. B. Paul, no seu artigo "Social Science in Public Health", apresenta algumas considerações sobre o problema da avaliação dos programas de saúde pública.

Três critérios podem ser adotados na avaliação:

- critério do esforço
- critério do efeito
- critério do processo.

(ca) Avaliação pelo esforço. Este tipo de avaliação leva em conta os dados de produção. É o meio mais fácil de avaliação e o mais utilizado pelos serviços de saúde pública mas, infelizmente, o mais precário. Os relatórios das atividades das agências de saúde pública no Brasil e, porque não generalizar, dos órgãos da administração pública, são exuberantes na apresentação de estatísticas sobre o número de clientes matriculados ou atendidos, de visitas feitas, de entrevistas ou palestras, de folhetos distribuídos, de litros consumidos de gasolina etc. O pior disso tudo é que os sanitaristas têm a sensação que a eficiência do serviço é medida pelo volume de trabalho ou pelo esforço despendido. O próprio Governo apoia, frequentemente, esta conduta, quer porque ela atenda a uma tradição antiga, quer porque sirva a fins demagógicos. Se os números são altos, é porque tudo vai bem com o Centro de Saúde. Este é o conceito que prevalece e, por isso, os dirigentes se preocupam em demasia com a elevação dos números representativos da produção.

(cb) Avaliação pelo efeito. Enquanto o primeiro tipo de avaliação responde à pergunta "Que você fez?", a segunda atende à questão "Fiz alguma diferença?".

O critério do esforço mede os resultados do esforço ao invés do esforço em si mesmo. *trabalho realizado no trabalho.*

Este, como também a avaliação do processo, não são habitualmente realizados pelos serviços de saúde pública da América Latina.

Para que o método do efeito possa ser aplicado torna-se necessário que haja um programa de saúde pública *cuja educação em saúde* que nêlesse faça referência clara e precisa sobre os seus objetivos, para que se possa, posteriormente, através de outra medida, avaliar a modificação dos valores encontrados. Como na saúde pública estamos interessados primariamente na modificação dos hábitos e atitudes sanitárias da comunidade, devemos procurar, neste tipo de avaliação, responder às seguintes questões: "Ocorreu alguma modificação?". "A mudança ocorrida foi a que se pretendeu?". "Foi o programa a causa da mudança?".

Para responder a essas perguntas deve-se procurar conhecer os padrões sanitários de uma comunidade, o que pode ser feito, por exemplo, através de entrevistas ou questionários; nestes casos trabalha-se, comumente, *de* com amostras de população para facilitar a tarefa. A fim de se saber se a melhoria encontrada resultou do programa executado, é necessário fazer concomitantemente a mesma avaliação em um grupo controle. Pode suceder, por exemplo, que ocorra em determinado período, uma redução de 30% no coeficiente de mortalidade infantil em

área trabalhada pelo centro de saúde ou, então, que melhore de 20% a estilização das fossas sanitárias. Se idênticos resultados forem encontrados nas comunidades controles, os progressos obtidos não podem, muito provavelmente, ser atribuídos ao programa sanitário.

Uma campanha educativa em higiene mental feita numa comunidade urbana do Canadá, com vistas a modificar a atitude da população relativamente ao doente mental, não produziu nenhum resultado positivo; pelo contrário, a população, de apática no início, passou a uma atitude hostil para com a equipe empenhada no trabalho educativo. Os resultados foram avaliados através de questionários e entrevistas feitos antes e depois da campanha, pelos quais se conheceram as concepções sobre a doença e o doente mental, bem como as atitudes da população em relação ao egresso do hospital psiquiátrico.

Pode-se dizer, então, que do ponto de vista da avaliação da eficiência, os resultados foram nulos.

No entanto, esse método não nos responde a uma pergunta importante: "Por que?" Para respondê-la temos que usar um outro sistema de avaliação, o do processo.

- (cc) Avaliação do processo. No caso canadense, seria necessário conhecer os padrões culturais referentes à doença e doente mental e, principalmente, as funções psicológicas e sociais realizadas pelas crenças e práticas ligadas a tais padrões. Essa tarefa de descobrir as funções implícitas dos padrões culturais, frequentemente inacessíveis à pessoa, não afeita aos métodos antropológicos, cabe principalmente ao cientista social.

No programa de higiene mental no Canadá, uma vez que se conheceu o padrão de "recusa e isolamento", fácil se tornou a interpretação do fracasso da campanha e da reação hostil da população para com a equipe.

- Todas as vezes que se pretender realizar a avaliação dos programas de saúde é bom considerar, pelo menos, os seguintes tópicos:

- O planejamento da avaliação deve ser parte integrante do projeto;
- O objeto da avaliação (o que vai ser avaliado) precisa ser conhecido antes do início da execução do programa; torna-se muito difícil fazer a avaliação quando não se poç-

sui conhecimentos preliminares do que vai ser avaliado;

- a avaliação pode se referir às atividades, técnicas emé todos aplicados no projeto.

- c- O antropólogo como assessor. A função do antropólogo como assessor ou consultor para os projetos de saúde pública, é uma das mais antigas e, talvez, uma das que teve pior utilização. Parte desta responsabilidade cabe aos próprios antropólogos, os quais, às vèzes, têm se oferecido para assessorar a equipe de saúde pública, baseados apenas em seus conhecimentos gerais mas sem experiência no campo em que vão trabalhar.

Outros problemas que têm surgido decorrem da falta de conhecimento dos administradores relativamente à contribuição que a antropologia pode proporcionar à saúde pública; daí, a má utilização do antropólogo.

De outro lado, raramente há condições para o antropólogo trabalhar em regime de tempo integral na equipe de saúde pública; geralmente os seus serviços como consultores são necessários a curto prazo. Por essa razão seria mais indicado, por ser economicamente melhor aproveitado, a integração do antropólogo em nível regional da esfera administrativa.

- d- Adestramento de pessoal. Nem todos os problemas de âmbito de antropologia precisam ser estudados ou resolvidos pelo antropólogo. Os médicos, as enfermeiras e outros profissionais, desde que tenham recebido alguma orientação ou treinamento dessa disciplina, tornam-se capacitados a resolver muitos problemas que se apresentam. Caberia ao antropólogo, neste caso, concentrar seus esforços nas questões mais complexas. Dêste modo, necessitar-se-ia menos do concurso do antropólogo e se proporcionaria ao pessoal do projeto maior satisfação pelo fato dêles próprios resolverem suas dificuldades.

O adestramento do pessoal da saúde pública nos conhecimentos teóricos da antropologia e na sua aplicação prática, seria feito pelo antropólogo e no próprio serviço.

O pessoal que poderá se beneficiar dêsse conhecimento será não apenas aquêle que decide sobre a mudança dos hábitos da população, mas tôdas as pessoas encarregadas da execução dos projetos.

Adams, referindo-se à formação em ciências sociais dos funcionários com capacidade decisória, diz: "Este preparo não é simplesmente para que fiquem em melhores condições de levar a cabo seu trabalho de um modo inteligente, senão também, o que é mais importante, para que percebam melhor o que fazem quando decidem, por uma razão ou outra, a mudar os hábitos de outras

pessoas. Pensando bem, é muita presunção por parte de uma pessoa dizer a outra que não gosta de sua maneira de viver e que vai iniciar um projeto para modificá-la; é isto precisamente o que fazem os trabalhadores da saúde pública. Dizem que os habitantes de determinada população aparecem muito sujos, não comem bem, têm hábitos anti-higiénicos ou algo parecido e que eles (o pessoal da saúde pública) se propõem a modificar tais hábitos".

Adams termina por concluir que, embora seja bastante útil o treinamento proporcionado no campo para o pessoal da saúde, não se deve prescindir do adiestramento que as escolas de saúde pública podem proporcionar mais intensivamente.

3- Considerações finais

A importância das ciências sociais foi reconhecida pela Associação Americana de Saúde Pública, em resolução aprovada por unanimidade na sua 81ª Reunião Anual realizada em Nova Iorque, em 11 de novembro de 1.953:

"CONSIDERANDO, que o campo da educação sanitária está relacionado basicamente com a natureza do comportamento humano e com o modo pelo qual este pode ser alterado para melhoria e promoção da saúde individual e da comunidade,

"CONSIDERANDO, que as ciências sociais contribuem para o conhecimento da natureza humana e do comportamento,

"RESOLVERAM, que a Associação Americana de Saúde Pública deva estimular a colaboração entre os trabalhadores de saúde pública e os cientistas sociais, a fim de melhor promover a utilização dos achados das ciências sociais para a solução dos problemas de saúde pública".

REFERENCIAS *

- ADAMS, R. N. - A Antropologia Aplicada aos Programas de Saúde Pública da América Latina. *Atual. Méd-Sanit.* 9:1602-1611, 1953.
- ADAMS, R. N. - Notas sobre el uso de la Antropología en el campo de la Salud Pública. *Bol.Of.San.Panam.* 38:473-490, 1955.
- ADAMS, R. N. - Notas sobre la Aplicación de la Antropología. *Bol. Of.Sanit.Panam.* (supl.2 - Publ. cient. INCAP), 215-223, 1955.
- ANASTASI, A. & FOLEY, J. P., Jr. - *Differential Psychology.* New York, Macmillan, 1949, revised ed.
- ARAÚJO, A. M. - Alguns Ritos Mágicos; "abusões", feitiçaria e medicina popular. *Rev. Arq. Municipal.* 161: 39-162, 1958.
- BEALS, R. L. & HOIJER, H. - *An Introduction to Anthropology.* New York, Macmillan, 1953.
- BOEK, W.E. & BOEK, J.K. - *Society and Health.* New York, G.P.Putnam's Sons, 1956.
- BROWN, F.J. - *Sociology; with application to nursing and health education.* N.J., Prentice Hall, 1957.
- BUTTERWORTH, T.H. - *Relações Humanas no Campo do Saneamento. Atual. Médico-Sanitárias.* 11: 1971-1980, 1955
- CASSEL, J. - Social and Cultural Implications of Food and Food Habits. *A.J.P.H.*, 47: 732-740, 1957.
- CASTRO, J. - *Fisiologia dos Tabus.* São Paulo, Nestlé, 1938.
- DERRYBERRY, M. - Aspectos de Educación Sanitária de los Programas de Saneamiento en Áreas Rurales y Pequeñas Colectividades. *Bol. Of.Sanit.Panam.* 36: 149-158, 1954.
- DORNAS, J., Filho - *Idéias e Práticas sôbre o Parto e a Criança em Minas Gerais.* *Sociologia*, 12: 247-258, 1950.
- DOROLLE, P. - *A Etnologia e os Problemas de Saúde.* *Atual. Med-Sanit.*, 10: 18-34, 1954.
- FAVERO, F. - *Medicina Legal.* São Paulo, Martins Ed., 1945. Vol. 3 (Deontologia médica e Medicina Profissional).
- FOSTER, G.M., ed. - *A Cross-Cultural Anthropological Analysis of a Technical Aid Program.* Smithsonian Institution, 1951. Sumário de GRANT, M. - *Influência dos Costumes e Crendices Populares nos Serviços de um Centro de Saúde.* *Atual. Med-Sanit.*, 9:1420-1438, 1953.
- FOSTER, G.M. - *Relationships between Theoretical and Applied Anthropology; a public health program analysis.* *Separata de Human Organization.* 11: nº 3, 1952.

* Compreende as obras citadas e as compulsadas.

- FOSTER, G.M. - O Papel da Antropologia nos Programas de Saúde pública. *Atual. Med. Sanit.* 2 : 1572-1574, 1953.
- FOSTER, G.M. - Trabalhando com Indivíduos de Diferentes Meios Culturais. *Atual. Med. Sanit.*, 12 : 3-14, 1956
- GEORGE, T.N. - *Evolution in Outline.* London, Thrift Books, 1951.
- GILLIN, J.L. & GILLIN, J.P. - *Cultural Sociology.* New York, Macmillan, 1948.
- HANLON, J.J. - *Principles of Public Health Administration.* 2ª ed. St. Louis, C.V.Mosby, 1955.
- HERSKOVITS, M.J. - *El Hombre y sus Obras.* Trad. da 1ª edição de M.H.Barroso. México, Fondo de Cultura Económica, 1952.
- HILGARD, E.R. - *Introduction to Psychology.* 2ª ed. New York, Harcourt, Brace, 1957.
- HOOTON, E.A. - *Up From the Ape.* New York, Macmillan, 1946, revised ed.
- HUXLEY, J. - *La Génétique Soviétique et la Science Mondiale.* Trad. de J. Castier. Paris, Librairie Stock, 1950.
- JACO, E.G., ed. - *Patients, Physicians and Illness; sourcebook in behavioral science and medicine.* Illinois, The Free Press, 1958.
- JACOBS, M. & STERN, B.J. - *General Anthropology,* 2ª ed. New York, Barnes & Noble, 1952.
- KELLY, I. - *El Programa de Bienestar Social Rural, con Algunas Referencias Especiales al Proyecto Piloto em Villa Jose Cardel, Veracruz.* Cópia mimeografada do Instituto de Assuntos Interamericanos, México, 1954.
- KELLY, I. - *Notas acerca de la Cultura Lagunera, II (Población y Subsistencia).* Cópia mimeografada do Instituto de Assuntos Interamericanos, México, 1954.
- KELLY, I. - *El Adestramiento de Parteras em México, desde el Punto de Vista Antropológico.* *Sobretiro de América Indígena.* 15: nº 2, 1955.
- KELLY, I., MANZANEDO, H.G. & GARCÍA, C.G.de - *Santiago Tuxtla, Veracruz; cultura y salud.* Cópia mimeografada do Instituto de Assuntos Interamericanos, México, 1956.
- KLINBERG, O. - *Introdução à Psicologia Social.* Bol. LXXV, nº 1, Psicologia, da Fac.Fil. G.Letras da U.S.P. São Paulo, 1946.
- KLINBERG, O. e colab. - *A Psicologia Moderna.* São Paulo, Livraria Agir, 1953.
- KOOS, E.L. - *Some Contributions of Anthropology and Sociology to Public Health.* Cópia mimeografada, 1950.
- KOOS, E.L. - *The Sociology of the Patient.* 2ª ed. New York, McGraw Hill, 1954.,

- 3 -

- KROEBER, A.L. - Anthropology. New York, Harcourt, Brace, 1948; revised ed.
- KROEBER, A.L. ed. - Anthropology Today; an encyclopedic inventory. Chicago, The University of Chicago, 1953.
- LEAVELL, H.R. - Contribución de las Ciencias Sociales a la Solución de los Problemas Sanitarios. Bol.Of.Sanit.Panam. 34: 584-610, 1952.
- LINTON, R. - O Homem: uma Introdução à Antropologia. Trad. de L. Vilela. São Paulo, Livraria Martins, 1943.
- MACIVER, R.M. & PAGE, C.H. - Society. London, Macmillan, 1953.
- MANZANEDO, H.G. & GARCÍA, C.G. de - El Bajío I (Informe cultural y sanitario de Villagrán, Gto.) Cópia mimeografada da Dirección de Estudios Experimentales, da Secretaría de Salubridad y Asistencia, México, 1956.
- MARSLAND, D. - Principles of Modern Biology. New York, Henry Holt, 1954, revised ed.
- MARTINDALE, D. & MONACHESI, E.D. - Elements of Sociology. New York, Harper, 1951.
- MURDOCK, G.P. - Anthropology and Its Contribution to Public Health. A.J.P.H. 42: 7-11, 1952.
- BERG, K. - A Supervisão e o Comportamento Humano. S.E.S.P. (As Ciências Sociais aplicadas à Saúde Pública), pp. 26-37, 1957.
- OGBURN, W.F. & NIMKOFF, M.F. - Sociologia. Trad. da 2ª ed., de J. B. Sanchiz. Madrid, Aguilar, 1955.
- PAUL, B.D., ed. - Health, Culture and Community. New York, Russell Sage Foundation, 1955.
- PAUL, B.D. - Contextura Cultural da Educação Sanitária. Atual. Med.Sanit. 12: 3-15, 1956.
- PAUL, B.D. - Social Science in Public Health. A.J.P.H., 46: 1390-1396, 1956.
- PIERSON, D., ed. - Estudos de Organização Social. São Paulo, Martins Editora, 1949.
- RAMOS, G. - Pauperismo e Medicina Popular. Sociologia 13: 252-273, 1951.
- RAMOS, G. - O Problema da Mortalidade Infantil no Brasil. Sociologia, 13: 1-43, 1951.
- RANDALL, J.H., Jr. & BUCHLER, J. - Philosophy; an Introduction. New York, Barnes and Noble, 1942.
- RIOS, J.A. - Informar e Convencer. S.E.S.P. (As Ciências Sociais aplicadas à Saúde Pública), pp. 6-9, 1957.
- RITCHIE, J.A. - Buenos Habitos en la Alimentación; métodos para inculcarlos al público. FAO, Estudios sobre Nutrición, n.º 6, Roma, 1951.

- ROGERS, J.S., HUBBELL, T.H. & BYERS, C.F. - Man and the Biological World. 2^a ed. McGraw-Hill, New York, 1952.
- ROSEN, G. - The Community and the Health Officer; a working team. A.J.P.H., 44: 14-17, 1954.
- SANTOS, E.E. - O Curandeirismo Farmacêutico no Brasil. Tribuna Médica, 1958. 1^o de agosto a 19 de setembro.
- SARTAIN, A.Q. et al. - Psychology: Understanding Human Behavior. New York, McGraw-Hill, 1958.
- SAUNDERS, L. & HEWES, G.W. - Folk Medicine and Medical Practice. The J. of Med. Assoc., 28(9): 43-46, 1953.
- SCHADEN, E. - Notas sobre o Etnocentrismo. Sociologia, 8: 270-281, 1946.
- SCHEINFELD, A. - The Human Heredity Handbook. Philadelphia, J.B. Lippincott, 1956.
- SIEGEL, B.J. - Social Structure and the Medical Practitioner in Rural Brazil and Portugal. Sociologia 20: 463-476, 1958.
- SIMMONS, L.W. & WOLFF, H.G. - Social Science in Medicine. New York, Russel Sage Foundation, 1954.
- TORRE, U.L. - Alguns Termos e Expressões Médicas Populares. Publicações Médicas, 29: 211-229, 1958.
- VIAUD, G. - L'Intelligence; son évolution et ses formes. Paris, Presses Universitaires de France, 1956.
- WEIMER, B.R. - Man and the Animal World. New York, John Willey, 1951.
- WILLEMS, E. - A Estrutura da Família Brasileira. Sociologia, 16: 327-340, 1954.
- WINICK, C. - Dictionary of Anthropology. New York, Philosophical Library, 1956.

*

A D E N D A

Modifica os conceitos referidos /
nas páginas 31 e 43 da postila de
Antropologia, assim como apresenta
esclarecimentos adicionais.
Janeiro, 1972.

1. CONCEITO DE ANTROPOLOGIA

O conceito de antropologia é magnificamente ilustrado pelas inscrições encontradas à entrada dos seguintes museus:

Universidade de Berkeley, California

The kind of person he is	A espécie de pessoa que êle é
The kind of world that he makes for himself	A espécie de mundo que constrói para si
And how he thinks	E como êle pensa
And feels about it	E sente a respeito dêle (mundo)
Is the concern of Anthropology	É o interêsse da Antropologia

Museu de Antropologia, cidade do México

El hombre creador de la cultura, ha dejado sus huellas /
(rastros) en todos los lugares por donde ha parado. La antropolo-
gía, ciencia del hombre, que investiga e interpreta esas huellas
y a los grupos humanos contemporaneos nos enseña la evolución bi-
ológica del hombre, sus características y su lucha por el dominio
de la naturaleza.

Las cuatro ramas de esa ciencia unica: antropología físi-
ca, lingüística, arqueología y etnologia, nos dicen que, de dife-
rentes modos todos los hombres tienen la misma capacidad para en-
frentarse a la naturaleza, que todas las razas son iguales, que
todas las culturas son respectables y que todos los pueblos pue-
den vivir en paz.

2. CONCEITO DE CULTURA

Sugerimos o seguinte:

Cultura é o conjunto dos artefatos e dos modos de agir, /
sentir e pensar de um povo.

Artefato é qualquer objeto material elaborado pelo homem.

Este conceito de cultura é mais extenso que o referido à
página 31 da postila de Antropologia, permitindo o estabelecimen-
to de uma distinção mais clara e precisa entre cultura material
e cultura não-material:

Cultura material é a totalidade dos artefatos de um povo.

Cultura não-material é o conjunto dos modos de agir, sen-
tir e pensar de um povo.

A tecnologia, entendida como os processos utilizados pelo homem para a elaboração de artefatos a partir de objetos naturais (da natureza), é parte integrante da cultura não-material de um povo, referindo-se especialmente aos seus modos de agir.

Todo artefato tem uma ou mais finalidades, que se relacionam com o uso ou usos que o povo dêle faz. A finalidade atribuída ao artefato (modo de pensar) e o uso que dele é feito (modo de agir) constituem elementos da cultura não-material desse povo.

Exemplo: Um guarda-chuva é um artefato, portanto, um elemento da cultura material de um povo. Esse artefato pode ter a finalidade de proteger a pessoa da chuva ou do sol, mas pode também servir como ornamento ou como símbolo de posição social (cultura não-material: modos de pensar). O uso efetivo do guarda-chuva, seja para a proteção contra a chuva ou contra o sol, seja para ostentação num passeio por uma avenida, constituem manifestações da conduta de determinados povos (cultura não-material: modos de agir). O sentimento de vaidade que pode acompanhar o uso de um guarda-chuva de alto preço ou o sentimento de vergonha motivado pelo fato desse objeto ter-se soltado das mãos de seu portador num dia de ventania, são manifestações emocionais de um povo (cultura não-material: modos de sentir).

Quando se usa o termo cultura, sem menção de tratar-se da material ou da não-material, costuma-se subentender que ela se refira à não-material. Este procedimento se justifica em razão da importância relativamente muito maior que a cultura não-material apresenta para os antropólogos. Conseqüentemente, passa a ser obrigatório o uso da expressão cultura não-material quando se pretende indicar o conjunto dos artefatos de um povo.

3. CONCEITO DE SUBCULTURA

Embora se possa falar em cultura para todo e qualquer povo, não há dúvida de que sempre existem diferenças nas manifestações culturais dos seus vários segmentos sociais. Assim, por exemplo, os interesses de um grupo de meninos não são iguais ao de um grupo de meninas, do mesmo modo que homens e mulheres diferem, em geral, quanto às suas ocupações habituais; ainda a responsabilidade social de um ancião dificilmente será igual àquela do adulto ativo, ou de uma criança.

Pode-se, assim, afirmar que todos os povos demonstram certa variabilidade em suas culturas. No entanto, esta variabilidade intra-cultural pode assumir graus muito diversos. Diremos então, que há culturas mais homogêneas (ex. a dos povos não-letrados) e culturas mais heterogêneas (ex. a dos grandes centros urbanos).

Quando o grau de variabilidade intra-cultural é acentuado, costuma-se distinguir na cultura de um povo uma constelação de subculturas.

Assim, nossas sociedades, de par com certas manifestações culturais comuns e características do povo (Ex. o idioma pátrio, o uso de roupa, ou de certo tipo de moradia, o código ético, o respeito pela bandeira e pelas leis e autoridades do país, etc), costumam identificar certas diferenças nas manifestações dos seus vários segmentos sociais (por ex. grupos de idade, de sexo e profissões, classes sociais, etc), que apresentam importância não só descritiva mas também prática, inclusive para o campo da saúde pública. O conjunto dessas manifestações próprias dos diferentes grupos e categorias sociais é que se denomina subcultura. Propomos o seguinte conceito para esse termo:

Subcultura é cada uma das divisões de uma cultura complexa resultante da combinação de características peculiares e distintas dos vários segmentos em que uma sociedade pode ser definida.

Na cultura brasileira podem ser identificadas categorias / subculturais correspondentes às seguintes características:

Geográficas: região, estado, município, localidade e zona urbana / zona rural.

Biológicas: idade, sexo e raça.

Sociais: classes sociais (nível de renda, escolaridade e ocupação) religião, grupo étnico e profissão.

A maior parte das subculturas mencionadas apresenta relações importantes com fatos relacionados com a saúde/doença, assim como, com a conduta da população em relação à saúde/doença.

4. VARIABILIDADE CULTURAL

Uma constante em relação à cultura é a sua variabilidade. De fato, a cultura varia não só de lugar para lugar, como também ao longo do tempo.

Assim, incluindo-se as subculturas, teríamos os seguintes casos de variabilidade cultural:

- Variabilidade sincrônica, geográfica ou inter-cultural: É a que ocorre entre as diferentes sociedades contemporâneas; de fato, não há, nunca houve e nunca haverá sob a face da terra, duas sociedades com exatamente a mesma cultura.
- Variabilidade diacrônica, temporal ou têmporo-cultural: É a que ocorre em relação a uma mesma cultura em dois ou mais momentos de sua história; em outras palavras, nenhuma cultura é igual a si mesma em dois instantes diferentes, o que vale dizer, toda cultura é dinâmica.
- Variabilidade subcultural ou intra-cultural: É a que ocorre dentro de uma mesma sociedade em relação aos seus diferentes grupos e categorias sociais.

5. ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DA CULTURA NÃO-MATERIAL

a) A cultura é uma abstração elaborada a partir da regularidade / observada nos modos de agir, sentir e pensar dos povos; como / tal, não pode ser percebida pelos nossos órgãos dos sentidos.

Contudo, a exemplo do que ocorre com a força da gravidade e com o campo magnético - igualmente não perceptíveis pelos nossos órgãos sensoriais, mas exercendo sobre eles forte poder de atração - a cultura também apresenta poderoso efeito compulsivo sobre os modos de agir, sentir e pensar dos indivíduos. Daí, a regularidade observada nas manifestações culturais de cada / povo.

b) A cultura serve como um guia para as nossas ações. Sem êsse / guia, podemos ficar desorientados quanto à maneira correta de proceder.

A cultura seria para a vida social o que as regras representam para um jogo: sem conhecermos suas regras, não podemos participar do jogo; do mesmo modo, sem conhecermos a cultura de um povo, não podemos participar de sua vida social.

No Brasil, por exemplo, grande parte da população pode assistir a uma partida de futebol e compreender as ações desenvolvidas pelos jogadores; isto ocorre porque conhece as regras de se jogar. No entanto, essas mesmas pessoas não teriam condições de compreender uma partida de "cricket" ou de "base-ball", por desconhecer suas regras.

Quando um indivíduo entra em contato com uma sociedade de cultura que lhe é estranha, poderá ter dificuldades em entender seus modos de agir, sentir e pensar, ou então, poderá correr o risco de fazer interpretações incorretas sobre o que ouve, ou observa ("bias" cultural).

- c) Não temos o hábito de prestar atenção permanente nos modos de agir, sentir e pensar de nosso próprio povo, do mesmo modo que não costumamos ter nossa atenção constantemente voltada para o ato da respiração. Por isso, é comum dizer-se que a cultura e a respiração tendem a ser inconscientes para os indivíduos.

Isto ocorre porque, a exemplo do ar, a cultura circunda todos os aspectos da nossa vida social e, assim, os modos de agir, sentir e pensar dos que conosco convivem nos parecem óbvios e naturais.

Somente quando entramos em contato com culturas diferentes é que passamos a ter uma consciência mais aguda da nossa própria cultura, percebendo que os nossos modos de agir, sentir e pensar não são óbvios e nem naturais, mas apenas um dentre as numerosas alternativas inventadas pelo homem para a solução dos problemas encontrados na sua vida social e nas suas relações com o "habitat".

Os antropólogos, de outro lado, aprendem a ver a cultura de forma consciente e objetiva, para o que valeram-se do conhecimento, não apenas da sua, mas das demais culturas. O estudo de diversas culturas - servindo estas, no dizer de Clyde Kluckhohn, como um espelho para a nossa própria cultura - daria ao cientista a objetividade requerida pelo seu trabalho.

Há quem compare a nossa posição em relação à cultura como a de quem fala a língua sem conhecer-lhe a gramática.

De fato, só vamos aprender a gramática quando ingressarmos na escola, ocasião em que já falamos a língua há vários anos; do mesmo modo, quando deixamos a escola e esquecemos boa parte da gramática, nem por isso deixamos de nos comunicar com as demais pessoas.

- d) Todos os povos têm cultura, não cabendo, pois, a asserção de "povos cultos" e "povos incultos" ou de "povos com cultura" e "povos sem cultura", quando se usa o conceito antropológico de cultura. Por extensão, também não se usa dizer "indivíduos com cultura" e "indivíduos sem cultura".

Ainda mais, no campo das ciências sociais, é condenável // comparar-se povos ou indivíduos atribuindo-se-lhes os adjetivos "superior" e "inferior", ou seus equivalentes. Dêsse modo, não se dirá "o povo X é mais culto que o povo Y" ou "o indivíduo M tem menos cultura que o indivíduo N".

Este costume de se atribuir graus à cultura teve origem no evolucionismo social, teoria que teve forte influência no pensamento filosófico e científico do século passado. Conquanto / essa teoria já tenha sido superada no campo científico, continua ainda a exercer influência nos modos de pensar dos povos.

Considera-se hoje que a estratificação dos povos em "mais adiantados" e "mais atrasados", "civilizados" e "primitivos", "com cultura" e "sem cultura" traduzem simplesmente uma forma preconceituosa de apreciar os diferentes povos, calcada no sentimento etnocêntrico de superioridade dos modos de agir, sentir e pensar de quem faz tais observações (vide págs. 65/66).

PERCEPÇÃO CULTURAL DOS FATOS SOCIAIS: SUAS
IMPLICAÇÕES NO CAMPO DA SAÚDE PÚBLICA

Armando Piovesan

Rev. Saúde públ., S. Paulo
4(1):85-97, jun. 1970.

RESUMO - Apresenta-se uma teoria explicativa sobre a percepção cultural dos fatos sociais, mostrando-se a influência cultural e subcultural nesse processo. Ao mesmo tempo, procura-se aplicar as idéias expandidas ao campo da saúde pública.

A conduta humana, uma das variáveis de grande influência em saúde, é condicionada primariamente pela percepção que o homem tem de si e do mundo que o cerca. Da maneira pela qual é equacionada depende, freqüentemente, o sucesso ou fracasso dos programas de saúde pública. Nas vezes em que se subestimou sua importância, os insucessos ou deficiências se fizeram sentir de forma mais pronunciada. Em tais casos, apurou-se que o problema costumava decorrer, em sua origem, do fato da população ter percepções diferentes das que haviam sido tacitamente admitidas pelos membros da equipe de saúde, contrariando, assim, suposições freqüentemente aceitas que imputavam à "ignorância", "falta de lógica" ou "pobreza de espírito" das pessoas, as dificuldades encontradas.

Portanto, estaria nas diferenças de percepção, e não na aparente "ignorância", a explicação da forma apática das pessoas reagirem a certos programas de saúde; mesmo as manifestações mais graves, de resistência ativa, ou hostil, teriam a mesma causa.

Interessante é notar-se que estes fatos soem acontecer mesmo com programas considerados tecnicamente bem elaborados, embora falhos ou omissos no que diz respeito ao fator humano.

Os dois exemplos abaixo servirão para corroborar as afirmações feitas. No primeiro caso, trata-se de um programa nacional de erradicação da malária, na Índia. Em vista de terem surgido problemas em várias áreas, foi solicitado ao "Central Health Education Bureau to undertake a study to indicate some of the causes of resistance and to help devise suitable measures to overcome the difficulties that were being faced in those areas". Realizada uma investigação sobre o problema "some of the salient points of the study will show how the people's way of perceiving the problem and their psycho-social background deviated from that of planners and workers of the National Malaria Eradication Programme which was responsible for this problem". "It was also found that people perceived the causative and preventive aspects of malaria in a com-

pletely different way from that of malaria eradication personnel". Após relatar as razões da resistência da população ao programa, identificadas através da pesquisa, os autores afirmam: "This illustration shows that a programme can meet with resistance when the public do not perceive // the problem and programme in the same way as the planners and programme workers do". Numa consideração de ordem geral declaram: "One of the // important variables affecting the success of any public health programme is the "public" at whom the programme is directed. How they perceive the degree to which they share its goals, the extent to which they give or withhold their cooperation can often mean the difference between effective and wasted effort. However well conceived a programme may be // from a technical point of view, there is always the risk of partial failure as a result of non-acceptance or non-cooperation by the public". Aduzem, em outro tópico: "The essential pre-requisite for people's cooperation in a programme against a health problem is, therefore, that the people should first of all see it as a problem. Unless they consider it a problem, the need to cooperate will not be there".

O segundo trabalho, realizado por CUMMING & CUMMING¹ em Prairie Town, uma pequena comunidade canadense, tendo por objetivo modificar a atitude popular em relação ao doente mental, terminou com um resultado desastroso: não só a comunidade deixou de cooperar, mostrando-se indiferente já nas primeiras etapas do programa, como também, a seguir, / desenvolveu franca hostilidade contra a equipe, culminando com um convite do prefeito para que os seus membros se retirassem da cidade. O fato dos responsáveis pelo programa só terem reconhecido tardiamente os motivos da falta de interesse ao programa e, posteriormente, do antagonismo desenvolvido, encontra uma explicação nos pressupostos não-válidos por eles assumidos. Os tópicos seguintes esclarecerão o assunto: "It was // our scope that the net result of our program would be to make people // more accepting of the mentally ill and more willing to act toward them as they did toward "normal" people. It was precisely this result that / the people of Prairie Town seemed determined to prevent. Their ideas / about mental illness and the mentally ill appeared inconsistent and often illogical when judged in term of our ideas; but looked at in their own terms they were consistent, even reasonable and necessary". "It // may now be understood why our educational efforts caused so much disturbance in Prairie Town. In our attempt to produce a more permissive climate for former mental patients, we conveyed the idea that they were // pretty much like every one else, and that there was no sharp line dividing the sane from the insane, but rather a continuous range of behaviour. In stressing this idea we were hammering directly at the core of / the community's own solution to the problem of the mentally ill. Our / problem was not theirs. We were concerned with the cure of the mentally ill, the people of Prairie Town with the stability and solidarity of // their own community. In striving to achieve our purpose we violated the // irs".

* * *

O objetivo deste trabalho é apresentar uma explicação científica do processo da percepção cultural dos fatos sociais, e suas implicações em problemas ou situações de interesse sanitário.

Vejamos, inicialmente, os conceitos dos termos que serão utilizados.

Cultura: refere-se aos modos de agir, sentir e pensar de / um povo, e aos artefatos por ele elaborados.

Subcultura: é cada uma das divisões de uma cultura complexa resultante da combinação de características peculiares e distintivas dos

vários segmentos em que uma sociedade pode ser dividida.

Podemos distinguir, como no caso do Brasil, as seguintes categorias subculturais:

- Subculturas regionais ou estaduais: subcultura nordestina, paulista, gaúcha, etc.
- Subcultura dos grupos etários.
- Subculturas das classes sociais.
- Subculturas dos grupos étnicos: japoneses, italianos, portugueses, // alemães, sírios, etc.
- Subculturas dos grupos religiosos.
- Subcultura dos grupos etários.
- Subcultura relativa aos sexos.
- Subculturas profissionais.

Fato social: refere-se a tôdas as ocorrências da vida em // sociedade, inclusive as atinentes ao meio onde o homem vive e às suas // atividades psíquicas.

Percepção: "Perception denotes sensory experience which has gained meaning or significance".

Dessa definição, depreende-se que dois elementos compõem o processo da percepção:

- sensação: fenômeno de natureza biológica, dependente dos órgãos sensoriais e das estruturas nervosas; através das sensações, sobretudo da visão e audição, o homem põe-se em contato com o meio que o circunda.
- interpretação: fenômeno de natureza psico-social, pelo qual ganham // sentido ou significado os objetos ou fatos captados pelos órgãos sensoriais; influem decisivamente na interpretação, as culturas e subculturas.

Enquanto a sensação é um fenômeno essencialmente constante para a espécie humana ⁽¹⁾, a interpretação é essencialmente variável de sociedade para sociedade (variabilidade sincrônica), de segmento para segmento social, nas culturas complexas (variabilidade subcultural), e ao longo da história de cada cultura (variabilidade diacrônica).

Levando-se em conta que o móvel primário da maior parte das nossas ações é constituído pelas percepções, conclui-se que estas poderão desempenhar importante papel no modo pelo qual os indivíduos procuram resolver os seus problemas de saúde.

Se se considerar, ainda, que as percepções são condicionadas pelas culturas e subculturas, deve-se convir, então, que estas vão influenciar, também, a conduta:

Cultura (ou subcultura) --- Percepção --- Conduta.

Finalmente, em vista da variabilidade cultural e subcultural, pode-se esperar encontrar percepções e condutas diferentes - entre elas, as atinentes à saúde e doença - embora referidas a uma mesma situação ou a um mesmo problema.

(1) A rigor, a cultura e, provavelmente, também a subcultura, influem seletivamente na captação sensorial, conforme o demonstram numerosas verificações empíricas. Vide, por exemplo, trabalho referente à percepção às cores. (Paul⁵, p.468).

Impõe-se, daí, conhecer a cultura ou a subcultura das sociedades ou segmentos sociais com que trabalhamos para compreendermos a // conduta dos indivíduos em relação à saúde e à doença, bem como para nelas podermos influir, modificando-as.

Como exemplo, vou tomar uma entidade da medicina popular, / de natureza sobrenatural, o mau-olhado, que é, frequentemente percebida de modo diferente, pelo médico e pela mãe de uma criança doente, portadora, a seus olhos, desse mal.

Fara o médico, o mau-olhado não teria existência real, ocorrendo apenas na mente de algumas pessoas. Nessas condições, costuma dizer ao doente que o mau-olhado não existe ou que é ridículo pensar-se / "nessas coisas".

Para o doente, o mau-olhado seria algo real, tanto que, diversas pessoas conhecem muitas crianças novas que já padeceram dessa // doença. A "prova" de que o mau-olhado existe poderia ser encontrada no fato de que há pessoas que sabem tirar esse mal com orações, no que são, frequentemente, bem sucedidas.

Desta dualidade de interpretação, resultam pontos de vista diferentes:

- Fara o médico, o doente que compartilha dessa crença é um ignorante.

- Para o doente, o médico não entende de mau-olhado e, portanto, não deve ser procurado nesses casos. Bem pesadas as coisas, também o médico deveria ser considerado um ignorante, pelo menos no que // tange a algumas entidades mórbidas do campo da medicina popular.

Os profissionais experientes nos campos da saúde pública, / medicina, enfermagem e odontologia, geralmente estão familiarizados com fatos como os apontados, e sabem, por conseguinte, avaliar os seus reflexos na determinação do sucesso de um profissional ou da organização para a qual trabalha; provavelmente, devem ter sofrido decepções e colhido insucessos quando, ainda pouco afeitos a esses problemas, menos - prezaram sua importância.

Se, por exemplo, no caso acima referido, o médico se limitasse a negar à mãe que o seu filho fosse portador de mau-olhado, ridicularizando-a, inclusive, o mais plausível que se poderia esperar é que perdesse a oportunidade de tratar o doentinho, sem contar, ainda, com o / risco de perder o cliente.

* * *

As situações encontradas na saúde pública, retratadas no exemplo acima, serão melhor compreendidas se referidas no contexto das ciências sociais. É o que procurarei fazer daqui para a frente, estudando o fenômeno da percepção dentro do referido quadro de referência e tomando por base um padrão da cultura Umutina(1), denominado "saudação-agressiva". A escolha deste padrão, chocante para nós, teve por objetivo principal estabelecer um contraste nítido e preciso nas percepções realizadas por observadores de duas culturas distintas: Umutina(1) e // neobrasileiros.

"Em 1943, um grupo dos Umutina independentes veio nos visitar no Posto Fraternidade Indígena. Encontrávamo-nos no terreiro. Atrás estendia-se uma capoeira, e adiante, a mata que margeia o rio Paraguai".

(1) Umutina, povo não-lettrado brasileiro, que habita uma área da bacia do rio Paraguai.

"Finas colunas de fumaça se levantavam a certa distância. 'São os índios', disse o encarregado do posto, 'anunciando a sua chegada'. Após algum // tempo uma outra coluna de fumaça se erguia na mata. Passadas algumas / horas, lá pelas três da tarde, repentinamente, surgiram da capoeira três vultos, aos saltos, aproximando-se do nosso grupo. Eram os Uautina! Tão diferentes no aspecto dos que conhecíamos do posto indígena, vestidos à moda dos neobracileiros". "Pararam a uma distancia de uns trinta metros. Levantaram o arco pesado em posição de atirar, retezando-o com a flecha apontada para nós. Batiam no solo com os pés, soltando um grito pavoroso. Em seguida ouviu-se o estalar da corda do arco, sem que a flecha // partisse". "Novamente, os três índios saltaram, ora para a frente, ora para os lados, pararam e a mesma ameaça com arco e flecha se repetiu". "Ficaram parados bem à nossa frente, a uns três metros. Arcos retezados, flechas nas cordas, que a cada momento podiam partir em vôo mortífero, e novamente o estalar surdo da corda, sem que a flecha, segura entre o indicador e polegar, se movesse". "Os índios giravam fortemente com o tronco, cochichavam agitadamente em seu linguajar. Estavam todos excitados, tremendo e falando, sem que se ouvissem vogais. Palavras soltas e frases inteiras eram repetidas muitas vezes, e tudo indicava alto nervosismo". "Depois de algum tempo o índio que parecia ser o mais velho pronunciou algumas palavras com vogais perfeitamente audíveis. Mas a conversação com os índios do posto indígena continuava no nervoso cochichar!"

"Fomos, finalmente, apresentados um por um. Os índios diziam o seu nome e queriam saber o nosso, repetindo-o numerosas vezes até memorizá-lo". "Passado algum tempo, surgiu um quarto índio, que repetiu o ritual e parou bem em minha frente. Trazia de excitação e fazia a mesma pergunta a respeito do meu nome: Mistekamé, mistekamé - como te chamam?" "Presenteei-o somente com um punhal, pois já tinha dado todos os machados disponíveis aos outros. Recebeu o punhal, falando baixinho com os outros. Logo se aproximou de mim, erguendo a faca de dois gumes à altura dos meus ombros, como se quisesse fincá-la entre a clavícula e a omoplata, diretamente no meu coração. Automaticamente recuei, rindo. Atukaré baixou a arma e sorriu também".

Segue-se uma descrição do então Coronel Cândido Mariano da Silva Rondon sobre o mesmo episódio:

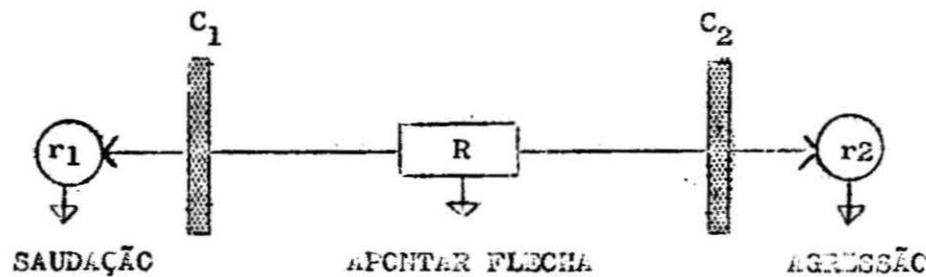
"Imaginemos, por um instante, que nos achamos no acampamento do rio dos Bugres, e que nos vem avisar da aproximação de um troço de guerreiros daquela nação. Movidos pela curiosidade, saímos imediatamente para o terreiro, desejosos de assistir à cerimônia usada por eles, no momento de chegarem a um povoado estranho. Vamos remembering os de outras tribos, já vistas: Os Nhambiquaras, por exemplo, de longe gritam Anauê! ao que logo acodem os da aldeia visitada, Anerá seguindo-se, então, a entrada dos primeiros na maloca cujo terreiro percorrem, em largo círculo, trazendo cada um o seu arco e as suas flechas, nas mãos erguidas para o céu: terminado o circuito, encetam a conversação com o // chefe da maloca. Qual será o ceremonial dos Barbados? Li-los, porém, / que se aproximam. Vêm carrancudos, com aspecto marcial, antes agressivos do que amistosos; todos trazem arco e flechas. Chegados a certa distância, estacam de repente, levantam os arcos em posição de atirar, arnam as flechas, apontadas para nós, retesam as cordas, batem irados o solo com o pé direito, soltam pavoroso grito de guerra; mas tudo isto, num instante tão fugaz, que não tivemos tempo de voltar de espanto da / nossa surpresa! Os arcos, cedendo à forte tensão das cordas, curvam-se e armazenam a força destinada a ser transmitida às flechas! Já soltas / as cordas, os arcos destendem-se; ouve-se o estalo seco do bater daquelas sobre a madeira destes. Se algum de nós, cedendo a um impulso natural e legítimo, fechou os olhos, terá perdido a parte imprevista, e a única plenamente agradável de toda esta cena, a verificação de que as flechas não partiram, mas ficaram retidas entre os dedos que as dirigi-

am e guiavam. As cordas foram sôltas em vão; e tudo, enfim, não passava de mera encenação, destinada, pura e simplesmente, a traduzir os sentimentos de cordialidade e de bons desejos dos que a montaram e executaram".⁸

Como seria de se esperar, a cerimônia da "saudação-agressiva" teria ensejado conflitos entre os Umutina e os neobrasileiros, com queixas de ambas as partes.

Olhando os fatos do ponto de vista dos Umutina, pode-se prever que êles teriam ficado surpresos, aborrecidos ou até irritados com as respostas à bala que os neobrasileiros ter-lhes-iam dispensado à sua intenção de saudá-los.

A cerimônia relatada serve de base para a elaboração do seguinte esquema:



R = Realidade objetiva (objeto de percepção ou sinal). Refere-se à cerimônia da "saudação-agressiva", representada no esquema, de forma abreviada, por "apontar flecha".

C₁ = Cultura Umutina.

C₂ = Cultura neobrasileira.

C₁ e C₂ dão a interpretação a R.

r₁ e r₂ = percepções diferentes da mesma realidade objetiva (percepção do objeto ou símbolo).

Portanto:

- R independe do observador ou dos seus pontos de vista.
- r₁ e r₂ dizem respeito ao modo de descrever ou reagir à R; dependem dos significados (interpretações) culturais dados a R.

Com base nesse esquema, podemos concluir:

Embora a realidade seja uma só, de um ponto de vista objetivo, pode ela se apresentar como se fôsem diferentes realidades para observadores de culturas (ou subculturas) diversas.

Assim, para observadores de culturas diferentes, como C₁ e C₂, r₁ e r₂ é que seriam a realidade, e não R. Dêsse modo, confundiriam a realidade com a percepção da realidade, tomando esta por aquela:

A realidade seria, então, aquilo que é percebido e não aquilo que é.

Temos que convir, portanto, que a realidade não é descrita, porque, nesse caso, deveria haver uma só descrição de determinada reali

dade, mas interpretada cultural ou subculturalmente.

Em outras palavras, em nossa vida social operamos a todo momento com r e não com R.

Alguns exemplos: Uma peça de tecido colorido, que chamamos bandeira, pode ser apenas um pedaço de pano que desperta a curiosidade de um não-letrado, ou pode ser o símbolo da pátria pelo qual o patriota ardente dá a sua vida. Uma figa, um bentinho, um boneco de pano espetado com alfinete, ou uma cruz na encruzilhada da estrada, apresentam um expressivo conteúdo simbólico para certas culturas, conteúdo que de nenhum modo pode ser inferido pelo observador estranho, a partir das características físicas desses objetos.

Por essa razão, cabe fundadas razões a Cassirer quando diz que o homem perdeu o contato direto com a realidade, no sentido de que age em relação a ela de acordo com a interpretação que dá às coisas.

Do exposto até o momento, pode-se concluir:

1. As percepções seriam, afinal de contas, interpretações sensoriais // condicionadas, em grande parte, pela cultura ou subcultura.
2. Como as culturas e subculturas variam dentro de margem muito ampla, haveria um número praticamente infinito de possibilidades de interpretações dadas a um mesmo fato social.

Em relação à segunda conclusão, é necessário que se esclareça que ela está limitada ao contexto da cultura, que é o objetivo deste trabalho. Contudo, como também há um componente psíquico na percepção, as variações perceptuais costumam ser ainda mais profundas e multifárias.

No intuito de ilustrar mais pormenorizadamente as conclusões apresentadas, transcrevo dois tópicos, entre si relacionados, da obra "Sangue sobre a neve", os quais evidenciam com bastante clareza a impossibilidade de comunicação entre os interlocutores, membros de culturas diferentes. Antes da transcrição, contudo, se faz necessário apresentar algumas explicações para compreensão do texto: O casal de Esquimós do norte, constituído de Erneneck, o marido, e de Asiak, a esposa, havia se retirado há pouco do posto de comércio dos homens brancos, situado mais ao sul, quando recebeu a visita de um deles; o hóspede foi recebido com regozijo pelo casal, no iglu onde acabavam de repousar.

"Quando Erneneck empurrou por baixo do nariz dele um pedaço deteriorado de fígado, ele não estalou - como qualquer homem bem educado teria estalado - a língua; nem lambeu os lábios; ao contrário: sacudiu a cabeça para longe daquilo, como se fôsse para recusar a iguaria oferecida; e seu rosto se arreganhou numa careta de desgosto, em presença do oferecimento seguinte, que Erneneck lhe fez: um lindo pedaço de miolo, de mais de um ano de envelhecimento, a formigar de bichinhos.

O bom-humor de Erneneck ia dissipando-se.

- Será que o homem branco deseja insultar-nos? - perguntou ele a Asiak.

- Talvez ele esteja habituado a comidas diferentes.

- Talvez ele tenha deixado longo, atrás de si, as boas maneiras.

- Agora, lembre-se de que ele é nosso hóspede; por isto, // não se transforme em urso, nem lhe quebre alguns dos ossos advertiu-o Asiak: - Ficaríamos desmoralizados se você fizesse isso.

Erneneck fez uma última tentativa, utilizando-se de uma saborosa iguaria que tinha reservado para si próprio: uma mistura totalmente mastigada de olhos de caribus, de dejeção de ptarmiga, lodo de // mergulhão e cérebro fermentado de urso; mas também isto de nada valeu.

- Mas então, por que é que ele entrou na nossa iglu, se não aprecia as nossas comidas? - gritou Erneneck, enquanto o sangue lhe afluía às faces.

- Talvez ele não esteja com fome. Talvez queira apenas rir(1) em companhia de uma mulher sem valor.

- Lembra-se do homem branco, no posto de comércio? Ele não quis rir.

- Alguns querem, alguns não querem. Andei perguntando, em / meio a outras mulheres; e parece que alguns homens brancos gostam muito de rir em companhia das mulheres dos Homens. Eles até lhes dão belos presentes, depois. Dão os presentes também aos maridos delas.

- Talvez seja isso o que ele quer - disse Erneneck, como que iluminando outra vez o próprio rosto: - Faça-se então bonita.

Dando risadinhas à socapa, Asiak desatou os cabelos, deixando-os cair pelos ombros abaixo; arregaçou as mangas; e mergulhou os braços na lata de urina; depois, passou os dedos por entre os cabelos, até que estes ficaram lisos e brilhantes. Espelhando-se na lata, ela, com o emprêgo de uma espinha de peixe, penteou os cabelos, rearranjando-os por uma forma diversa da anterior. A seguir, apanhou uma mancheia de graxa de óleo de baleia; daquela que se encontrava na lâmpada, onde se apresentava já quase derretida, devido ao calor da labareda; esfregou-a no rosto, e sentou-se no beliche, ao lado do homem branco; este homem branco, aliás, lhe havia acompanhado os movimentos esquisitos, com olhar // bastante curioso. Quando ela se sentou ali, ele recuou, com expressão / de espanto no rosto; e ela avançou para ele, oferecendo-se, sorridente e ruborizada.

- Não faça cerimônias - disse Erneneck, sorrindo, ao homem branco: - Um marido está levando as crianças, a fim de que elas dêem / um breve passeio.

Depois, lembrando-se de que o hóspede não conhecia a linguagem dos Homens, fez um sinal, com as mãos, significando que iria sair / dali.

A isto, o homem branco atirou-se ao chão, procurando fugir à investida. Erneneck, porém, com os olhos em brasa, agarrou-o pela parte do assento das calças, no momento em que o homem branco tentava esgueirar-se pelo túnel de saída da iglu; e atirou-o de novo no beliche, onde Asiak, extremamente mortificada, rompeu em lágrimas.

- Filho de uma cadela sem cauda, e de uma morsa sem dentes! - trovejou Erneneck, dirigindo-se ao hóspede renitente:

- Como é que você ousa insultar um homem?

Agarrou-o e ergueu-o outra vez; depois, bateu-o repetidamente de encontro à parede de gelo da iglu, até que a cabeça do explorador ficou bamba, e que o crânio dele produziu um barulho lúgubre, ao dar na aquela parede; na última pancada, a cabeça produziu uma grande mancha de sangue no gelo; somente então é que Erneneck o largou, deixando-o cair no chão; e disse:

- Que isto lhe sirva de lição!

(1) Rir = ter relações sexuais.

O homem branco não iria nunca mais insultar a esposa de ninguém. O homem branco estava morto. Sangue e substância cerebral escorreram do seu crânio fraturado, manchando as peles".

Em razão desse "crime", Erneneck é perseguido e preso por dois policiais. Entretanto, um dos policiais morre durante uma tempestade. O outro, não apenas é salvo por Erneneck, mas, também amparado na longa e acidentada viagem até o iglu onde se encontrava Asiak. Refeitos da viagem, passa-se entre os três a seguinte conversa:

"- Você me salvou a vida, Erneneck - disse o homem branco: - e eu desejo pôr as coisas em pratos limpos, de modo a que você não tenha mais medo nenhum dos meus companheiros. Todavia, você precisará comparecer perante um juiz. Eu o ajudarei a explicar as coisas.

- Você é muito atencioso - disse Erneneck, feliz.

- Você me disse que o sujeito que você matou o provocou, não é verdade?

- Foi exatamente assim.

- Ele insultou Asiak?

- Terrivelmente.

- Presumivelmente, ele foi morto quando você procurou defender sua esposa contra os atrevimentos dele?...

Erneneck e Asiak olharam-se reciprocamente; e romperam em gargalhadas.

- Não foi assim, de jeito nenhum - declarou Asiak por fim.

- Aqui está como a coisa aconteceu - disse Erneneck: - Ele continuou a desprezar todos os nossos oferecimentos, embora fosse nosso hóspede. Rejeitou até a carne mais velha que nós tínhamos em nossa despensa.

- Você percebe, Erneneck: muitos de nós, homens brancos, // não gostamos de carne velha.

- Mas os vermes eram frescos! - exclamou Asiak.

- Acontece, Asiak, que nós, os homens brancos, estamos acostumados a comidas de espécie inteiramente diversa.

- Foi o que percebemos - prosseguiu Erneneck - e esta é a razão pela qual, na esperança de lhe oferecer finalmente uma coisa que ele pudesse aceitar e saborear, alguém lhe propôs que risse em companhia de Asiak.

- Deixe que uma mulher explique - interrompeu Asiak: - Uma mulher lavou seus cabelos, para torná-los macios: esfregou sebo, neles; untou o próprio rosto com gordura de baleia; e raspou-se com a faca, para ser delicada.

- É isso mesmo - gritou Erneneck, erguendo-se: - ela enfeitou-se toda, para esse fim! E que foi que fez o homem branco? Deu-lhe as costas! Isto foi demais! Poderia um marido permitir que sua mulher fosse insultada por essa maneira? Em consequência, alguém agarrou o cano - lha pelos ombros dele; uns ombros pequenos e miseráveis; e sacudiu-o várias vezes contra a parede da iglu... não para matá-lo; o que alguém // queria era apenas quebrar-lhe um pouco a cabeça. Foi uma infelicidade o fato de a cabeça quebrar-se um pouco demais.

- Erneneck já havia feito o mesmo a outros homens - acrescentou Asiak, com a idéia de ajudar e ser útil à explicação:

- mas foi sempre a parede que se quebrou primeiro.

O homem branco recuou:

- Os nossos juizes não demonstrariam compreensão alguma para com semelhante explicação. Oferecer a própria esposa a outros homens!

- E por que não? Os homens gostam disso; e Asiak diz que isso é bom para ela. Faz com que os olhos dela brilhem, e com que as faces dela se ruborizem.

- Vocês, brancos, não pedem em empréstimo as esposas de outros homens? - inquiriu Asiak.

- Não pensemos nisso! É coisa que não está bem; e isto é tudo.

- Recusar não é coisa que um homem deva fazer! - disse Erne neck, indignado:

- Qualquer homem preferiria emprestar sua esposa a emprestar qualquer / outra coisa. Empréstimo o trenó, e recebe-se o trenó de volta quebrado; a gente empresta uma serra, e, na volta, alguns dentes dela estarão faltando; quando se emprestam cachorros, eles são devolvidos quase que a / rastejar de tão cansados. Entretanto, por mais que a gente empreste a / esposa, ela se conserva sempre como nova".

Nos casos relatados, ficou bem ressaltada a extrema precariedade com que se desenvolveu o processo de comunicação, mercê das // profundas diferenças culturais.

Contudo, nem sempre as dificuldades de comunicação se apresentam de forma tão evidente, havendo, mesmo, casos em que elas ocorrem sob a aparência de um perfeito entendimento entre os membros interagentes. Isto é o que se pode observar entre indivíduos de uma mesma cultura, mas de subculturas distintas; a familiaridade cultural, como que embotaria as sutis diferenças subculturais, mascarando interpretações falsas ou errôneas ocorrentes em uma ou ambas as partes. Mas, conquanto // discretas, tais diferenças não devem ter sua importância desmerecida; pelo contrário, sua influência é tão expressiva que chega mesmo a condicionar o sucesso ou o fracasso da comunicação.

Estas considerações são perfeitamente válidas no campo da / saúde pública, conquanto raramente o técnico em saúde se aperceba dos / problemas de comunicação e das suas repercussões no êxito dos programas.

É preciso, pois, que o sanitarista, nas suas relações com o público ou com os demais membros da equipe de saúde, esteja constantemente precavido contra as armadilhas do processo de comunicação. Veja-se, por exemplo, a seguinte ocorrência:

"Outra história ilustrativa de percepção divergente tem sido contada como passada em várias partes do mundo. Possivelmente algumas das histórias são apócrifas, mas o núcleo é verdadeiro. Em uma das versões, a Marinha dos Estados Unidos desembarcou numa ilha do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial. O oficial do serviço de saúde achou / que a presença de moscas constituía um problema de saúde que, com a ajuda dos nativos, poderia ser facilmente resolvido. Pediu ao chefe que reunisse a sua gente, a quem ele fez uma preleção a respeito, ilustrando os horrores das doenças causadas pelas moscas com um modelo de trinta / centímetros da mosca comum. Julgava ter convencido os ouvintes do seu / ponto de vista, quando o chefe observou:

'Consigo compreender bem a sua preocupação com as moscas da América. Nós também temos moscas aqui, mas felizmente são umas coisas / deste tamanho'.

E fez um gesto aproximando o polegar do indicador para mostrar o tamanho insignificante da mosca, e, conseqüentemente, sua impossibilidade de ameaça à saúde".

Acredito, pois, que se o sanitariaista procurar ter sempre em mente o esquema que apresentei, naturalmente adaptado para cada situação, poderá se precatur melhor dessas armadilhas e agir com mais segurança e eficiência na sua interação com o público.

Dentre as numerosas diferenças subculturais que costumam existir entre o técnico de saúde e o público, tôdas podendo se constituir em fonte de dificuldades, destaco três, que me parecem ter influência mais pronunciada e freqüente no campo da saúde pública:

- as condicionadas pela sua formação profissional;
- as ligadas à sua posição social;
- as derivadas da sua vivência em meio urbano.

Tais diferenças podem ocorrer isoladamente ou, como é mais freqüente, de forma associada.

Em relação à primeira, a mais importante em minha opinião, / deve o sanitariaista ter presente as sábias palavras de PAUL⁹.

"Any specialist has a unique point of view which sharpens / his perception within a restricted area of interest. For this benefit he pays a price: he finds it hard to recapture the unspecialized way of // seeing things. The health professional is no exception to this rule. / With health at the center of his perceptual system, he often finds it / difficult to view health as laymen customarily perceive it. This may not matter much if he remains in the laboratory or acts as a technical consultant. But if he wishes to work effectively with groups of people he must overcome his trained incapacity and learn to see health from the / standpoint of the man in the community!"

A "incapacidade treinada" se desenvolve lentamente e, assim, passa geralmente despercebida do profissional; um exemplo, talvez dos mais evidentes, costuma ocorrer com alguns professores universitários, os quais, com o passar do tempo se tornam cada vez mais incapazes de / "compreender" o aluno e de lhes transmitir os conhecimentos que sejam os mais adequados à sua formação. Outro exemplo, não menos importante, é o que se verifica com o médico na sua relação com o paciente.

Pode-se arrolar como "incapacidade treinada" em saúde pública, problemas referentes a terminologia técnica, aos conceitos e aos valores. Quanto a estes, o erro do profissional quase sempre consiste em projetar na população a supervalorização que costuma emprestar ao objeto de seu campo de ação; imagina, então, que a população, tanto quanto ele, coloque em lugar de primazia no seu quadro de interesses quotidianos a saúde, a prevenção da doença, o bom estado dos dentes e da cavidade bucal, a necessidade de exames periódicos, os cuidados de enfermagem, etc. Como isto certamente não ocorre, é freqüente o profissional desampontar-se com as respostas da população em termos de conduta, levando-o a atribuir este fato, muitas vezes, à ignorância.

Deve, pois, o profissional da saúde lutar contra os efeitos distorsivos da "incapacidade treinada", esforçando-se por não perder de vista o modo de ver e reagir popular.

A esse respeito, nunca é demais lembrar a seguinte fábula:

"Certa vez um macaco e um peixe foram colhidos por uma grande enchente. O macaco, ágil e experimentado, teve a boa sorte de trepar a uma árvore e salvar-se. Olhando lá embaixo as águas turbulentas, viu o peixe debatendo-se contra a corrente rápida. Movido por um desejo humanitário de ajudar seu companheiro menos afortunado, estendeu a mão e tirou o peixe da água. Com surpresa para o macaco, o peixe não ficou / muito agradecido pelo auxílio. Dom Adams, num artigo inteligente sobre os problemas de ordem cultural que encontra um consultor educacional na

Coréia, usa esta fábula oriental para ilustrar as armadilhas insuspeitas das que aguardam o técnico mal orientado que exerce seu ofício em outra sociedade que não a sua. 'O conselheiro educacional, a não ser que seja um estudioso atento de sua própria cultura e da cultura em que trabalha, procederá de maneira muito semelhante ao macaco, e, com as intenções // mais louváveis, poderá tomar decisões igualmente desastrosas'."

As diferenças subculturais ligadas à condição de classe social e de vida urbana do profissional da saúde são mais expressivas quando ele interage com indivíduos das camadas sociais inferiores e do meio rural. Tais diferenças podem assumir aspectos os mais variados - por isso, de difícil enunciação - conforme o demonstram as numerosas pesquisas realizadas sobre percepções, atitudes e conduta relativas à saúde e à doença. A título de ilustração, poderei citar alguns exemplos: a definição do estado de doente, a percepção à dor, a decisão de procura do médico diante de determinado sintoma ou sinal, a demanda de serviços de saúde, a imagem dos profissionais da saúde, etc.

É claro que as dificuldades que o sanitarista poderá encontrar no seu contato com o público não derivarão apenas da sua formação profissional, posição social e vida urbana, mas outras mais, condicionadas por diferenças étnicas, religiosas, de procedência, sexo e idade, 7 também poderão ter influência significativa no seu trabalho.

* * *

Das especulações teóricas expendidas a respeito da percepção cultural dos fatos sociais, pode-se identificar uma outra aplicação ao campo da saúde pública.

Partindo-se do fato de que o técnico de saúde e a população têm percepções, atitudes e conduta referidas a contextos diferentes, // contextos estes condicionados pelas respectivas culturas e subculturas, pode-se recomendar ao sanitarista que, na prática, se oriente no sentido de:

- procurar, numa primeira etapa, interpretar os fatos relativos à saúde e à doença de acordo com o sistema de referência da população para, / só a seguir;
- formular uma política de mudança da conduta, a qual deverá tomar como ponto de partida o sistema de referência da população ou do grupo com que vai trabalhar.

Em relação à primeira, é bastante expressiva a mensagem referida em PAUL⁵:

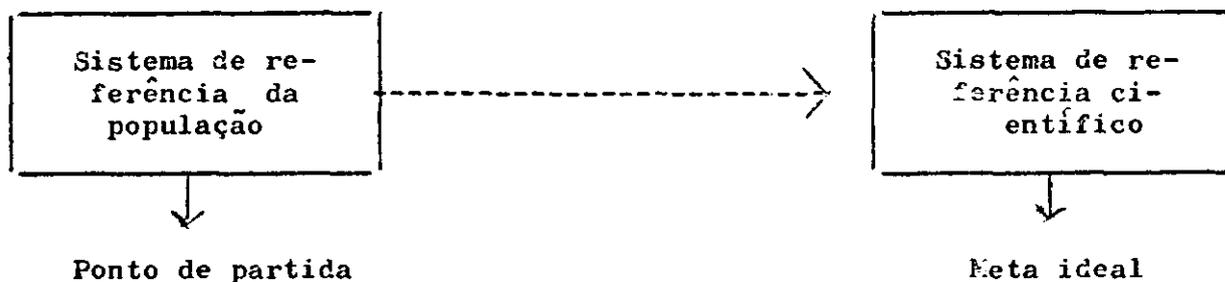
"A celebrated malariologist who worked on the Panama Canal project made a remark lingers in the memory of his public health disciples. 'If you wish to control mosquitoes', he said, 'you must learn to think like a mosquito'. The cogency of his advice is evident. It applies, however, not only to mosquito populations one seeks to damage but also to human populations one hopes to benefit. If you wish to help a / community improve its health, you must learn to think like the people of that community".

Pensar como a comunidade significa estar identificado com o seu sistema perceptual, estar familiarizado com sua cultura ou subcultura. Se não puder realizar estas condições, o sanitarista deve lançar mão da investigação científica; a rigor, melhor⁶ seria que esta fôsse utilizada em saúde como um instrumento de rotina.

Impõe-se, portanto, em saúde pública, adotar como norma a / seguinte linha de ação:

Antes de educar o público, deve-se aprender com ele os seus modos de agir, sentir e pensar.

Com relação à segunda recomendação, creio que se poderia // preconizar uma política de mudança da conduta que assumisse, em termos gerais, as características do esquema abaixo:



Este esquema pode ser interpretado do seguinte modo:

1. Os programas de saúde, quanto ao seu componente "mudança da conduta", devem, no início, se ater, o quanto seja necessário, ao sistema de referência da população.

Realmente, para que o povo coopere ativamente é necessário que os programas sejam compreendidos, e percebidos como vantajosos, segundo seu sistema referencial.

"It was also found that the people perceived the causative and preventive aspects of malaria in a completely different way from // that of malaria eradication personnel. Unless there is harmony of viewpoints in this respect the measures that the planners meant to introduce against the disease will not appear justifiable to the people".

De outro lado, deve o sanitarista sofrer o seu impulso de provocar mudanças totais ou bruscas em certas culturas ou subculturas / que se afastem muito do sistema científico, o que equivale a dizer que deve saber respeitar algumas das manifestações da cultura ou subcultura das pessoas com quem trabalha.

2. Com o tempo, à medida que fôr melhorando o nível de educação em saúde da população e, conseqüentemente, o seu sistema referencial tiver avançado no sentido científico, a política de mudança da conduta deverá ser paulatinamente reformulada, para ser colocada em bases mais consentâneas com os objetivos da saúde pública.

3. O sistema de referência científico foi considerado como u'a meta ideal, portanto, praticamente inatingível mesmo pelos membros da equipe de saúde. Como meta ideal estou entendendo os equivalentes de conduta / necessários para que sejam inteiramente aplicáveis ao homem todos os conhecimentos sobre saúde.

4. O processo de mudança da conduta não está, geralmente, na dependência apenas das ações no setor da saúde, mas também de outros que com ele mantém estreita interdependência, como desenvolvimento econômico, educação e agricultura.

Assim, seria de bom alvitre que nos programas de Governo, / em que os problemas nacionais são equacionados de forma global, não se deixasse de considerar, também, um componente de mudança global da conduta.

* * *

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CUMMING, J. & CUMMING, E. Mental health education in a Canadian community. In PAUL, E. D., ed. Health, culture, and community. New York, Russell Sage Foundation, 1955. p.43-69.
2. DHEILON, H.S. & LAR, S.B. Behavioural science and public health. Indian J. publ. Hlth., 7:19-24, Jan. 1963.
3. FOSTER, G.M. As culturas tradicionais e o impacto da tecnologia. São Paulo, Ed. Fundo de Cultura, 1964.
4. GOULD, J. & HOLE, W.L., ed. A dictionary of the social sciences. London, Tavistock, 1964.
5. PAUL, E.D., ed. Health, culture, and community. New York, Russell Sage Foundation, 1955.
6. PICVESAN, A. Da necessidade das escolas de saúde pública elaborarem métodos simplificados de investigação social. São Paulo, 1966. [Tese de doutoramento - Fac. Hig. Saúde Públ. Univ. S. Paulo].
7. RUEBCH, H. Sangue sobre a neve. São Paulo, Boa Leitura Ed., s.d.
8. SCHULTZ, H. Informações etnográficas sobre os Umutina. Rev. Mus. paul., 13:75-313, 1961-1962.

* * *

Tradução das citações em inglês

Pág. 1

- Departamento Central de Educação Sanitária realizar um estudo para indicar algumas das causas de resistência e ajudar a planejar medidas adequadas para superar as dificuldades que estavam sendo encontradas / naquelas áreas.
- alguns dos pontos destacados do estudo seria o de mostrar como os membros da população perceber o problema, e sua experiência psico-social, divergem daquela dos planejadores e funcionários do Programa Nacional de Erradicação da Malária responsáveis por este problema.
- Verificou-se, também, que as pessoas percebiam os aspectos causais e preventivos da malária de um modo completamente diferente daquele do pessoal da erradicação da malária.

Pág. 2

- Esta ilustração mostra que um programa pode encontrar resistência quando o público não percebe o problema e o programa do mesmo modo que os planejadores e funcionários.
- Uma das variáveis importantes que afetam o sucesso de qualquer programa de saúde pública é o "público" ao qual o programa é destinado. Como ele percebe o grau de sua participação nos objetivos do programa, e a extensão com que coopera ou se recusa a cooperar, pode significar, // freqüentemente, a diferença entre um esforço efetivo e um perdido. Por mais bem concebido que um programa possa ser, de um ponto de vista técnico, há sempre o risco de falha parcial como resultado da não-aceitação ou não-cooperação do público.

- O pré-requisito essencial para a cooperação das pessoas em um programa contra um problema de saúde é, portanto, que as pessoas, antes de tudo, o encaram como um problema. A menos que assim procedam, não sentirão necessidade de cooperar.
- Nosso objetivo em relação ao resultado final do programa era o de tornar as pessoas mais receptíveis ao doente mental e mais dispostas a agirem em relação a eles como o faziam em relação às pessoas "normais". Era precisamente este resultado que as pessoas de Prairie Town pareciam decididas a evitar. Suas idéias sobre a doença mental e o doente mental pareciam inconsistentes e frequentemente ilógicas quando julgadas em termo das nossas idéias, mas, quando vistas em seus próprios termos eram consistentes e, mesmo, razoáveis e necessárias.
- Pode-se agora compreender por que nossos esforços educativos causaram tantos distúrbios em Prairie Town. Em nossa tentativa de criar um clima mais tolerável para os antigos doentes mentais, lançamos a idéia de que eles eram tão bons como os outros e que não havia uma demarcação nítida entre o são e o doente mental, mas / sim uma gama contínua de comportamentos. Ao insistirmos nesta idéia atingimos diretamente o âmago da solução que a própria comunidade deu ao problema do doente mental. Nosso problema não era / o deles. Estávamos interessados na cura do doente mental e a população de Prairie Town, na estabilidade e solidariedade de sua própria comunidade. Ao nos esforçarmos para alcançar nossos objetivos violamos os seus.

Pág. 3

- Percepção denota a experiência sensorial que ganhou significado / ou sentido.

Pág. 11

- Qualquer especialista tem um único ponto de vista que estimula sua percepção dentro de uma área restrita de interesse. Por este benefício ele paga um preço: tem dificuldade de readquirir o modo / não-especializado de ver as coisas. O profissional da saúde não é uma exceção a esta regra. Com a saúde no centro do seu sistema de percepção, ele tem, frequentemente, dificuldade de a ver como o leigo costuma percebê-la. Isto pode não importar muito se ele permanecer no laboratório ou atuar como consultor técnico. Mas se / ele desejar trabalhar efetivamente com grupos de pessoas, deve / superar sua incapacidade treinada e aprender a ver a saúde do / ponto-de-vista do homem da comunidade.

Pág. 12

- Um célebre malariologista que trabalhou no projeto do Canal do / Panamá fez uma observação que permanece na memória dos seus discípulos de saúde pública. "Se você deseja controlar os mosquitos", disse ele, "deve aprender a pensar como um mosquito". O poder de convicção deste conselho é evidente. Ele se aplica, entretanto, / não somente às populações de mosquito, que desejamos exterminar, mas também às populações humanas, que desejamos beneficiar. Se você deseja ajudar uma comunidade a melhorar sua saúde, deve aprender a pensar como as pessoas dessa comunidade".

Pág. 13

- Verificou-se, também, que as pessoas percebiam os aspectos causais e preventivos da malária de um modo completamente diferente daquele do pessoal da erradicação da malária. A menos que haja / uma harmonia de pontos-de-vista a este respeito, as medidas que os planejadores pretendem introduzir contra a doença não parecerão justificáveis para a população.